

OS SENTIDOS DO CORPO

Cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública.

por

FRANCISCO ROMÃO FERREIRA

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
RIO DE JANEIRO, 1º SEMESTRE DE 2006

OS SENTIDOS DO CORPO

Cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública.

por

FRANCISCO ROMÃO FERREIRA

Tese de doutorado em Saúde Pública apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz.

Sob a orientação do Professor Doutor Luis David Castiel.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
RIO DE JANEIRO, 1º SEMESTRE DE 2006

FERREIRA, Francisco Romão.

Os sentidos do corpo: cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública.

Tese de doutorado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP.

Rio de Janeiro, Março de 2006.

220p.

1.Corpo 2.Cirurgia plástica 3.Estética 4.Saúde
4.Bio-poder 5.Ética

BANCA EXAMINADORA

JANE DUTRA SAYD – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO / UERJ

MADREL TEREZINHA LUZ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO / UERJ

EDUARDO NAVARRO STOTZ – ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA / ENSP

FERNANDO SALGUEIRO PASSOS TELLES – ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA / ENSP

LUIS DAVID CASTIEL – ORIENTADOR – ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA/ ENSP

SUPLENTE

PAULO ROBERTO VASCONCELLOS DA SILVA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO / UNIRIO.

JOSÉ WELLINGTON GOMES DE ARAÚJO – ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA / ENSP.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA
RIO DE JANEIRO, 10 DE ABRIL DE 2006

SUMÁRIO

1.0 – APRESENTAÇÃO	01
2.0 – O CORPO NA FILOSOFIA E NAS CIÊNCIAS HUMANAS	08
2.1 – A dualidade corpo-mente na história da filosofia	09
2.2 – Cristianismo e Idade Média	15
2.3 – Período Moderno e Renascimento	18
2.4 – Séculos XIX e XX	26
2.5 – Um novo olhar (?)	36
2.6 – O corpo nas Ciências Humanas	44
3.0 – ESTÉTICA, BELEZA E SAÚDE	65
3.1 – A Estética e as três asas do conhecimento	66
3.2 – História, Estética e Beleza	71
3.3 – Corpo e Beleza no século XX	84
4.0 – O CORPO DA CIÊNCIA	105
4.1 – A estetização da saúde	106
4.2 – O discurso da Ciência	120
4.3 – As racionalidades médicas	128
4.4 – Os sentidos do corpo mais que perfeito	131
4.5 – O corpo, os sentidos e o discurso na medicina estética	138
5.0 – O DISCURSO EM QUESTÃO	147
5.1 – O campo e o discurso – o papel da SBCP	148
5.2 – Resgatando a memória	162
5.3 – A Ideologia, as formações imaginárias e os limites da linguagem	169
5.4 – Os silêncios da Ideologia	185
6.0 – AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
7.0 – BIBLIOGRAFIA	210
8.0 – ANEXOS	221

Resumo

Este trabalho trata da construção dos sentidos e valores acerca do corpo cada vez mais presentes no campo da saúde, influenciando a construção da identidade do sujeito e a percepção que este tem de si mesmo e do que ele entende como saúde. A concepção de Giles Deleuze, segundo a qual a Arte, a Filosofia e a Ciência constituem as três vertentes do conhecimento norteia esta Tese. Investigamos igualmente nosso objeto de estudo a partir dos conceitos de *formação discursiva* de Michel Foucault e de *campo* e *habitus* de Pierre Bourdieu. Com eles, analisamos os *enunciados* e os *discursos* disponíveis no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, instância reguladora do *campo*, que tem o papel de dar o aval aos profissionais e às políticas de atuação do setor.

Palavras chave: CORPO – CIRURGIA PLÁSTICA – ESTÉTICA - SAÚDE – BIO PODER – ÉTICA

Résumé

Cette thèse porte sur la construction de sens et de valeurs concernant le corps, fortement présente dans le domaine de la santé, et influençant la construction de l'identité du sujet, sa perception de soi et sa compréhension de ce que c'est la santé. La conception de Giles Deleuze, selon laquelle l'Art, la Philosophie et la Science constituent les trois versants de la connaissance sert de guide à cette recherche qui se fonde également sur le concept de *formation discursive* de Michel Foucault et sur les concepts de *champ* et d'*habitus* de Pierre Bourdieu. À la lumière du travail de ces théoriciens, sont analysés les discours et les énoncés véhiculés sur le site de la Société Brésilienne de Chirurgie Plastique (SBCP), instance régulatrice de ce champ dont le rôle est celui d'autoriser et d'avaliser les professionnels et les politiques d'action médicales.

Mots-clés : corps, chirurgie plastique, esthétique, santé, bio-pouvoir, éthique.

01 – INTRODUÇÃO

O velho dualismo corpo e alma ou corpo e mente, pensado desde os gregos, ganha nos dias atuais um novo elemento: a questão da imagem do corpo. Ela não é corpo, pois apenas se inscreve nele, tampouco ela é alma, já que está igualmente dissociada desta, mas ela atua como um elo entre ambos, uma ponte que viria a ligá-los, quando na verdade pode separá-los definitivamente. A imagem é vista como fator fundamental na relação corporeamente, mas sua origem se dá fora de ambos, na cultura e nos valores presentes na vida social. Os sentidos atribuídos ao corpo refletem questões que estão fora deste dualismo inicial, mas que vão afetá-los e alterá-los, fazendo com que corpo e mente se construam a partir dessa imagem.

As questões relativas à imagem do corpo estão cada vez mais presentes no campo da saúde e influenciam na construção de sentidos acerca do corpo, na construção da identidade do sujeito, na percepção que este tem de seu próprio corpo ou do que ele entende como saúde ou corpo saudável. Os sentidos utilizados socialmente para compreender os cuidados com a saúde, com o corpo, com o que é considerado saudável sofrem influência crescente de parâmetros estéticos que aparentemente estão fora do campo das ciências da saúde, e a percepção, compreensão e discussão de tais fatores nem sempre estão presentes no campo da saúde pública.

A medicalização da vida cotidiana também impõe, via parâmetros estéticos, uma interferência contínua no corpo por meio de cuidados, escolha de comportamentos “saudáveis”, tratamentos, medicamentos, produtos cosméticos, dietas ou cirurgias. Assim como nas imagens publicitárias, o corpo precisa ser belo e “trabalhado” de acordo com as exigências que o meio social determina. O “*controle disciplinar dos corpos*” demanda não mais um controle moral rígido, sugere agora uma estética hedonista que faz da imagem do corpo o passaporte para a felicidade, desde que este obedeça e se adapte aos valores vigentes. Saúde e Beleza se confundem nos atuais sentidos que são atribuídos ao corpo.

Não é possível compreender a concepção de saúde e os cuidados que ela impõe na sociedade urbana ocidental contemporânea sem dar importância à moda, à sedução, ao

espetáculo e ao consumo. Ética, Estética e Saúde Pública se confundem. O crescimento do número de cirurgias plásticas no Brasil e a expansão da indústria da beleza, dos cuidados com o corpo e da metamorfose corporal fazem parte de um processo mais amplo de medicalização, no qual a tecno-racionalidade médica é levada a novas esferas da vida cotidiana. Segundo dados da Associação Brasileira de Cirurgia Plástica, nos últimos anos houve um número substancial de cirurgias plásticas realizadas no Brasil. Só no ano de 2001 foram realizadas cerca de 350.000 cirurgias estéticas no país, em 2003 o número cresceu para 374.271 cirurgias e em 2004 houve uma pequena oscilação negativa para 365.698 cirurgias estéticas¹. Ou seja, são números expressivos que demonstram a necessidade de ampliação da discussão e incorporação dessa nova questão no campo da Saúde Pública.

Nosso trabalho pretende investigar a construção de sentidos e valores acerca do corpo, a utilização de parâmetros estéticos nessa construção de sentidos e a forma como tais sentidos são apropriados e tratados por representantes do saber médico que atuam nesse processo de transformação dos corpos. Iremos estudar os sentidos atribuídos ao corpo pela medicina contemporânea através dos discursos dos especialistas na metamorfose corporal, os cirurgiões plásticos. Para tal, faremos uma análise dos *enunciados* e dos *discursos* disponíveis no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, que é a instância reguladora do *campo* e tem o papel de dar o aval aos profissionais e às políticas de atuação do setor. Ela, a SBCP, não apenas habilita os profissionais a atuar profissionalmente, como fiscaliza o setor e é a referência principal do público leigo na hora de consultar quaisquer informações acerca das cirurgias, dos profissionais ou locais disponíveis para realização das cirurgias. Ela é a principal fonte de consulta relativa a qualquer assunto que tange às cirurgias plásticas no país e todas as matérias (comerciais ou não) publicadas na grande imprensa colocam a SBCP como o maior árbitro e ator do campo.

¹ Segundo pesquisa da Gallup Organization encomendada pela SBCP (Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica), em 2004, foram realizadas um total de 616.287 cirurgias plásticas (sendo 365.698 estéticas e 250.598 reparadoras) e, em 2003, haviam sido realizadas um total de 621.342 (sendo 374.271 estéticas e 247.071 reparadoras). A região Sudeste responde por mais de 50% das cirurgias realizadas. Em 2004, foram realizadas 212.124 cirurgias no Estado de São Paulo, 87.930 em Minas Gerais e 76.078 no Rio de Janeiro totalizando 376.132 cirurgias apenas nesses três estados. Esses números colocam o Brasil como o segundo mercado em número de cirurgias plásticas no mundo, perdendo apenas para os EUA, onde há cerca de 800.000 procedimentos por ano. Fonte: Pesquisa Gallup Organization. Publicada na *Folha de São Paulo*. Caderno Cotidiano, C3, terça-feira, 15 de Novembro de 2005. Matéria assinada por Paulo Peixoto, da Agência Folha em Belo Horizonte.

O trabalho está dividido em quatro momentos distintos, de modo a trazer para a discussão saberes, conceitos ou discursos acerca do corpo produzidos historicamente em outras áreas do conhecimento, mas que, segundo nossa análise, interferem na construção atual dos sentidos acerca do corpo e na forma como alguns setores de uma determinada *racionalidade médica* percebem a questão do corpo e seus processos de transformação.

No primeiro momento, apresentaremos diferentes pontos de vista filosóficos acerca do corpo e analisaremos a questão da dualidade corpo-mente que é fundadora da racionalidade ocidental e está na base de nossa concepção atual. Faremos um percurso histórico dessa discussão e ressaltaremos o lugar particular atribuído ao corpo no âmbito das Ciências Humanas. No segundo momento, iremos privilegiar a questão Estética, a preocupação com a beleza, com a saúde, a forma como ela é atravessada por saberes e discursos oriundos de outras áreas, e como, atualmente, em nossa sociedade, ela interfere nas questões relativas à saúde pública. A Estética aparece, aqui, como uma síntese semiológica, um amálgama das questões presentes na vida social que atuam na construção de sentidos e valores acerca do corpo e que nem sempre são percebidas como fazendo parte de uma mesma rede discursiva. Neste capítulo, apresentaremos uma perspectiva do corpo nas artes plásticas e em outras correntes artísticas, além de estabelecer ligações dessas correntes artísticas com as questões de seu tempo, fazendo com que o corpo participe tanto como sujeito quanto objeto de reflexão e análise.

No momento seguinte, abordaremos a perspectiva do conhecimento médico e da construção de um olhar que privilegia um tipo de racionalidade médica específica, exercendo grande influência na forma como outros campos da sociedade constroem sentidos acerca do corpo. Finalmente, no quarto momento, iremos analisar os enunciados e discursos sobre o corpo através dos textos disponíveis no site da SBCP, de modo a tentar compreender qual a percepção que tais atores possuem, que sentidos estão sendo (re)produzidos, que valores são difundidos, qual a perspectiva tecnocientífica, quais os esquecimentos e interdiscursos presentes e que análise pode ser feita diante dos dados apresentados.

Após essa apresentação, nos três capítulos iniciais, faremos uma abordagem que privilegiará a percepção do corpo a partir da perspectiva principal que orienta este trabalho, ou seja, a de que Arte, Filosofia e Ciência são as três asas do conhecimento, três formas

distintas de compreensão da realidade que se somam, se misturam e se complementam. Como iremos perceber, a dimensão estética desempenha um papel central na construção de sentidos concernentes ao corpo e em nenhum momento ela se separa das dimensões Ética ou Política. Após a análise do discurso dos cirurgiões plásticos da SBCEP, faremos as considerações finais e abordaremos alguns dos novos desdobramentos que se colocam para o campo da Saúde Pública.

Nos dias atuais, os cuidados com o corpo são atravessados por saberes e discursos oriundos de áreas que se encontram aparentemente muito distantes das questões principais da saúde pública. Os valores e os sentidos que atuam na construção da *individualidade* ou da *singularidade* dos sujeitos são influenciados por parâmetros cada vez mais distantes, voláteis e imprecisos, com *desdobramentos* imprevisíveis. No decorrer do trabalho, veremos que essa construção estética dos sentidos do corpo se confunde com a construção ética e política dos discursos, que, como veremos a seguir, são vários, com perspectivas diferentes, às vezes antagônicas, mas que compõem esse caleidoscópio de imagens, sentidos e valores com os quais os sujeitos hoje pensam a sua dimensão corporal, constroem sua identidade ou singularidade, e quem sabe, no futuro, construirão uma nova corporalidade. Pensar os sentidos atribuídos ao corpo significa pensar nesse terreno, ou seja, nesse universo de questões, nesse continente de conceitos, metáforas e sentidos que constituem a percepção atual do corpo.

Os discursos sobre o corpo se inserem em um processo mais amplo, que possui relação com outros discursos realizados, imaginados ou possíveis. Quando nascemos, os discursos já estão em processo e somos nós que entramos nesse processo, eles não se originam em nós. As palavras e os enunciados não possuem sentido neles mesmos, o sentido é atribuído ou utilizado de acordo com o sujeito que fala, com o contexto da fala, sua situação, a posição que ocupa, sua posição diante dos valores aceitos socialmente, ou seja, os discursos são sempre determinados socialmente, eles não são neutros. Da mesma forma, a construção social de sentidos e valores concernentes ao corpo também está inserida nessa trama discursiva que está além do sujeito que fala.

No percurso histórico que iremos realizar, mais uma vez, afirmaremos que Ética e Estética caminham juntas, são indissociáveis, e os discursos atuais refletem questões e posições políticas, antigas estratégias discursivas que atendem a diversos interesses. Sendo

assim, nosso trabalho comenta alguns saberes e discursos relativos ao corpo não para demonstrar um desenvolvimento linear e progressivo, a partir de uma origem perdida no tempo, ao contrário, nossa perspectiva está muito mais próxima daquela de Gilles Deleuze (1992), que percebe os discursos como seres vivos, que se atualizam conforme os confrontos e questões que se colocam nos dias atuais.

As percepções acerca do corpo relatadas aqui, em suas diferentes épocas, estratégias ou finalidades, permitem perceber as diferentes ordens subjetivas de cada campo de saber, de como essas ordens produzem “verdades”, sempre em nome da razão, da moral ou de outros valores elevados. A ciência, que tradicionalmente é a detentora oficial do discurso “verdadeiro”, com seu discurso normatizado e normativo, se coloca no lugar de instauradora da verdade, perde seu posto na medida em que os discursos nem sempre obedecem às suas regras de forma estrita, apesar de serem influenciados por elas.

Como já salientamos, a perspectiva adotada em nosso trabalho é a de que a Arte, a Filosofia e a Ciência são os principais campos produtores de sentido, por serem as três asas do conhecimento, três formas distintas de produção de conhecimento que se entrelaçam e possibilitam a compreensão da realidade (DELEUZE, 1992). Partindo deste pressuposto, nosso interesse não é encontrar uma verdade única, absoluta, cientificamente verdadeira sobre o corpo. O que nos motiva é o desejo de produzir questionamentos que auxiliem na compreensão desse processo de construção de sentidos nos dias atuais. Ao invés de buscarmos uma “verdade científica”, nosso interesse é produzir um *saber* que nos auxilie no entendimento das questões que estão sendo colocadas hoje para o campo da saúde pública. Acreditamos que o saber é apenas um nível específico de análise, apenas um entre outros, e a nossa perspectiva também é de que o saber constitui uma positividade mais fundamental do que a ciência, possuindo critérios internos de ordenação, independente dos dela e a ela anteriores, a ponto de se poder afirmar que não há ciência sem saber, enquanto que o saber, enquanto saber, tem uma existência independente de sua possível transformação em saber científico (MACHADO, 1981).

Não se trata de fazer uma leitura epistemológica da Estética ou de reconstruir a história dos sentidos do corpo, e sim, de buscar na relação entre Arte, Filosofia e Ciência, e também, junto a outros saberes oriundos da religião, da cultura ou do campo econômico, os rastros, ou como diria Ginzburg (1986), os indícios da construção dos aspectos subjetivos

que possibilitam a criação de discursos e sentidos acerca do corpo e da beleza. Nessas atribuições de sentidos, seja por meio da polêmica entre dualismo, dualidade ou monismo, seja nas questões relativas à Estética, trata-se de perceber os deslocamentos operados pelos discursos em diferentes momentos, ou ainda, de observar a sincronicidade existente entre diferentes discursos em um mesmo momento histórico, de modo a tentar identificar que mecanismos discursivos estão presentes na contemporaneidade, refletindo uma dinâmica de conflitos que aparentemente pertenceriam a uma outra época.

Sem realizar uma investigação histórica minuciosa, mas inspirando-nos na proposta arqueológica foucaultiana, nos remetemos à história para encontrar subsídios que nos dêem base para sustentarmos uma posição crítica frente ao ordenamento introduzido por uma ciência instrumental, mais rígida, trazendo à tona os conflitos e as questões que estão presentes no quadro atual. Não faremos uma descrição linear dos percursos do pensamento, dos sentidos acerca do corpo ou das questões estéticas do Ocidente, tarefa, aliás, impossível de ser realizada. Utilizaremos apenas tais pensamentos, sentidos e questões como referência para perceber a pluralidade de sentidos, os diferentes processos discursivos e sua dinâmica no quadro atual. Com isso, pretendemos abrir caminho para a percepção da multiplicidade de olhares e a pluralidade de saberes que compõem a visão atual do corpo, sem ficarmos presos a uma camisa de força disciplinar, epistemológica, ou qualquer outra forma rígida de conceituação, pois os discursos acerca do corpo são essencialmente fragmentados, díspares e parciais.

Os sucessivos deslocamentos de nossa argumentação não indicam que não existam preocupações metodológicas ou falta de rigor, ao contrário, trata-se de uma posição claramente assumida de crítica a uma racionalidade científica, sistemática, imutável e universalmente aplicável que simplifica e limita a questão.

A construção de sentidos sobre o corpo não cabe em apenas uma disciplina ou em um modelo rígido de análise. A pluralidade de perspectivas que influenciam tal construção é essencialmente inter ou transdisciplinar, ou melhor, o corpo é essencialmente indisciplinado, ele não cabe em disciplinas rígidas ou limitadoras. Os discursos sobre ele traduzem conflitos que a todo o tempo são mantidos, reforçados, ampliados ou reformulados. Tais conflitos revelam a forma como, em diferentes momentos, são produzidos sentidos que visam tanto disciplinar quanto libertar o corpo, tanto ajustá-lo a

um discurso que traduz uma estratégia de poder quanto libertá-lo dessas estratégias. Sabemos que em cada época não há uma produção única de sentidos que traduza todas as formas de discurso em todas as instâncias sociais. Embora existam discursos hegemônicos que aparentemente dominam o campo, há sempre resistências ou mecanismos que levam à transformação. Desta forma, nos dias atuais, há uma multiplicidade de sentidos e estratégias discursivas que nos impedem de adotar uma posição metodológica rígida sem correr o risco de empobrecer a questão.

Sabemos que na construção da racionalidade ocidental, o progresso, principalmente para o campo científico, é uma característica essencial. Ele é sempre um processo em direção a uma “verdade” depurada dos erros iniciais. Entretanto, *compreender* os sentidos acerca do corpo implica em pensá-los a partir de uma outra perspectiva, não mais progressiva e linear, mas por saltos e retomadas, em uma eterna recriação dos discursos.

Os sentidos do corpo não cabem em uma perspectiva linear como a que a ciência impõe, sendo assim, a estratégia adotada neste trabalho atende às necessidades do objeto, percebendo-o em sua complexidade, tentando construir um saber que nos auxilie a perceber melhor o processo atual de estetização da saúde. Nosso interesse é *compreender* as questões que envolvem o corpo, mesmo sabendo que nossa estratégia não corresponde exatamente às regras disciplinares rígidas da academia, pois o corpo, como já assinalamos, é um objeto de estudos transdisciplinar e indisciplinado, ele não cabe nas disciplinas tradicionais e pensá-lo significa enfrentar essa diversidade e multiplicidade de pontos de vista.

Neste sentido, os pensamentos de Gilles Deleuze, Felix Guattari e Michel Foucault se mostraram os mais receptivos a essa riqueza discursiva e essa rebeldia indisciplinada, pois eles também são pouco afeitos a controles excessivamente rígidos, tradicionais de uma racionalidade limitadora. Adotá-los, significa também se colocar voluntariamente frente às críticas que tais formas de pensar suscitam. Para esses pensadores, a “verdade” não é o objetivo a ser atingido e a ciência tradicional com sua racionalidade causal não é seu campo de estudos, pois o saber, a compreensão da realidade não é uma exclusividade da ciência. Os saberes existem independente da ciência, estão presentes em outros tipos de discursos ligados ou não ao campo científico.

2 – O CORPO NA FILOSOFIA E NAS CIÊNCIAS HUMANAS.

Neste capítulo, faremos um percurso histórico de modo a resgatar alguns sentidos atribuídos ao corpo em diferentes momentos da história do pensamento ocidental. Adotaremos como referência principal a questão da dualidade ou do dualismo corpo-mente que é uma das questões fundadoras da racionalidade ocidental e de alguns setores do pensamento médico atual. Iniciaremos nosso percurso no pensamento grego que é o ponto de partida dessa questão metafísica e onde já surgem correntes de pensamento antagônicas representadas por pensadores dualistas (representados principalmente por Platão) e monistas (representados por Demócrito, Epicuro e Lucrecio). A seguir, abordaremos o pensamento de Plotino que retoma e desenvolve a concepção platônica reafirmando a dualidade corpo-mente que vai dar a base de sustentação ao pensamento cristão em sua fase inicial. Veremos que enquanto no cristianismo o corpo é marcado por tensões religiosas, sociais e políticas, que o colocam como a principal fonte de culpa e pecado, na Idade Média, corpo, alma, natureza e sociedade se misturam e se integram em uma mesma cosmovisão, uma unidade orgânica em que cada parte mantinha relação com as demais. Já no Renascimento, veremos que o corpo passa a ser um objeto da ciência, cria-se uma consciência secularizada que se afasta do componente religioso, fazendo com que as noções de corpo e alma ganhem um novo estatuto. Com Descartes, temos o surgimento do corpo-máquina, feixe de músculos, nervos e funções numa estrutura mecânica.

A partir daí, abordaremos diversos pensadores que ampliam essa dualidade corpo-mente e incorporam novas perspectivas à questão, chegando até ao século XX quando perceberemos que a polêmica ainda está longe de ser equacionada. Pelo contrário, com o surgimento das Ciências Humanas, amplia-se a discussão e se introduz uma nova forma de pensar fazendo com que o assunto se torne cada vez mais complexo.

2.1 – A dualidade corpo-mente na História da Filosofia - Na civilização ocidental, a concepção de corpo assume diferentes formas, refletindo correntes de pensamento muitas vezes antagônicas. Na História da Filosofia, o corpo é visto ora como unidade, ora como dualidade, positividade ou negatividade, ônus ou bônus. Tais concepções se alternam, algumas afastam e outras conciliam corpo e alma, algumas condenam, outras exaltam o corpo. Essa discussão, apesar de antiga, se estende até os dias atuais e ainda estamos longe de obter unanimidade nesse assunto. Sendo assim, a dualidade² corpo-mente será o fio condutor da nossa narrativa e, por meio de alguns pensadores, veremos como as noções de corpo-alma e corpo-mente foram sendo construídas ao longo da história do pensamento ocidental, chegando até nossos dias.

A filosofia que nasce na Grécia tem entre suas preocupações os problemas da origem do mundo e da geração das coisas e, também, questões metafísicas como a relação corpo-alma. As especulações filosóficas, nos seus primórdios, se confundem com as cosmologias e cosmogonias míticas, e uma dessas narrativas conta que para os órficos *Chronos*, Deus do Tempo, é o princípio de todas as coisas e faz com que tudo se repita ciclicamente, em ciclos de nascimento e morte. Esses eventos se desenvolvem sob o domínio da Necessidade (*Ananke*), que regula o tempo e com ele a vida cósmica, de modo a regenerar o mundo e resgatá-lo do princípio do mal.

Uma das cosmogonias que tentam dar conta desse processo cíclico é o mito órfico de “Dionísio-Zagreus”. Ele narra que Dionísio é devorado pelos Titãs (elementos do mal) e é regenerado por Zeus, que devora o coração dos seus agressores. Das cinzas dos Titãs, fulminados por Zeus, nascem os homens que trazem, ao mesmo tempo, elementos titânicos (no corpo = mal) e dionisíacos (na alma = bem). O mito retrata um processo cíclico que visa à libertação do elemento do mal que habita o corpo dos homens, e salienta que, por meio de um ritual, acontece a purificação do corpo. Neste rito, os sacerdotes “subtraem” a alma do iniciado da “roda dos nascimentos”, para libertá-la do corpo e purificá-lo. Desta

² A dualidade corpo-mente é um dos principais pontos de discórdia no pensamento filosófico e a partir dela temos concepções de corpo totalmente distintas. Esta dualidade será entendida, aqui, como “*uma característica do que é duplo ou do que contém dois elementos*” (LALANDE, 1999), de modo a diferenciá-la do dualismo, visto como uma oposição declarada, ou “*doutrina que admite dois princípios primeiros irreduzíveis das coisas (por exemplo: Idéia e a Matéria em Platão)*” (LALANDE, 1999). O dualismo é entendido, aqui, também como oposição ao monismo.

forma, a relação corpo-alma é introduzida na história do pensamento ocidental, conciliando cosmogonia, moral e religião. Ela vai ser retomada posteriormente por Platão (SCIACCA, 1962).

Desde Homero, a partir da *Ilíada* e da *Odisséia*, há uma separação entre corpo (*soma*) e alma (*psiche*), sendo que esses conceitos diferem do sentido que lhes foi atribuído a partir do século V a.C. Segundo Reale (2002:19), “*nos poemas homéricos soma e psiche têm um significado exatamente contrário daquele que assumirão a partir do século quinto: soma significa, de fato, não o organismo vivo, mas o morto, ou seja, o cadáver, e psiche significa não o princípio vital do sentimento e do pensamento, mas o fantasma do morto, privado de vida, de sensibilidade e de inteligência*”. Segundo o autor, o homem se representou como corpo só depois de se ter pensado como alma. Só após o surgimento do pensamento filosófico, aprendeu-se a considerar a multiplicidade das coisas e uma união de contrários numa unidade conceitual. Antes, o homem captava e exprimia as coisas e seus aspectos apenas na multiplicidade, ressaltando as diferentes características de cada parte. E só no corpo morto, no cadáver, desaparecem as múltiplas funções da cada órgão, pois ao enrijecer, as partes se confundem na imobilidade da morte. Enquanto está vivo, há uma multiplicidade de órgãos com suas variadas e diferenciadas atividades e funções vitais. “*Homero trata pormenorizadamente de cada um desses órgãos e dessas funções com imagens muito ricas e coloridas, com extraordinários jogos cromáticos, sem jamais chegar a unificá-los com uma representação sintética*” (REALE, 2002:21).

Entre os Pré-socráticos, a relação corpo-alma moveu o interesse de alguns filósofos. Alcmeão de Cróton (séc. V a.C.) ressalta que a multiplicidade das coisas humanas se dá em séries de pares correspondentes (ímpar e par, masculino e feminino, unidade e pluralidade, direito e esquerdo, repouso e movimento, luz e sombra, bom e mau, etc.). Concepção semelhante sobre a alma parece ter tido também Alcmeão que afirma a imortalidade da alma, por sua semelhança com o (ser) imortal, em oposição ao corpo, que é mortal. Isto porque concebe a alma em eterno movimento, e todos os seres divinos movem-se eternamente: Lua, Sol, estrelas e todo o céu. (BORNHEIM, 1997). As idéias de Alcmeão acerca da imortalidade da alma são descritas um pouco mais detalhadamente por Aristóteles em sua obra *Sobre a Alma*. Nela, ele sustenta que, ao contrário da alma, os homens

perecem, pois não são capazes de unir os opostos, não possuem essa habilidade do movimento e semelhança com os entes divinos (BARNES, 2003).

Da mesma forma, Empédocles de Agrigento (495-435 a.C) afirma sua doutrina sobre a inteligência, um dos atributos da alma, que se baseia na velocidade de movimento dos elementos primordiais ao nível do sangue. Esta doutrina explica os graus de inteligência da alma através de ligações que ela estabelece com as sensações do corpo. Empédocles dá mostras de tratar o sangue como o órgão do entendimento: “*o coração, nutrido no mar de sangue que corre em direções opostas, onde reside principalmente o que os homens chamam de pensamento. Pois para os homens, o sangue que lhe flui à volta do coração é o pensamento*” [fragmento 105] (BORNHEIM, 1997:77). Deste modo, “*o pensamento se dá sobretudo através de nosso sangue; pois neste os elementos das partes encontram-se mais bem misturados*”. (BARNES, 2003:222).

Para Platão (427-347 a.C.), a alma (ligada ao intelecto) é superior e o corpo (ligado à animalidade) é inferior, pois nele se manifestam os desejos e o apetite sexual. Um dos dramas do homem seria fazer com que a alma exercesse o domínio sobre as paixões e o desejo, típicos da irracionalidade, de natureza inferior. O dualismo psicofísico de Platão está na origem dessa concepção de corpo (material) dissociado da alma (espiritual e consciente) que vai percorrer os séculos e está na base da racionalidade ocidental.

No *Timeu*, Platão descreve os ciclos fisiológicos da respiração e da nutrição e mostra também como se dá a ligação corpo-alma e onde se ligam os laços da vida. Ele aborda a formação do humano segundo três pontos de vista sucessivos, o da razão demiúrgica, o da necessidade e o da colaboração recíproca. Entende a alma e o corpo a partir da relação entre a razão e a necessidade. Para que o corpo se torne um ser animado, faz-se necessária uma intervenção demiúrgica que organize a matéria, isto é, que relacione a finalidade com a necessidade, ou, dito de outro modo, que ajuste a causa material (que constitui o corpo) à causa final (que justifica a ação) (LEVINE & TOUBOUL, 2002).

Esta razão demiúrgica busca uma organização mais coerente do corpo, sendo a cabeça, o órgão mais elevado, o local do pensamento, um local privilegiado que possui uma forma esférica (perfeita), que reina sobre todo o resto. Ela é a instância de comando, onde habita o pensamento, a pessoa, e é, ao mesmo tempo, o ponto mais importante e mais frágil. E o corpo, concebido como um suporte e um veículo, é quem dá os meios de subsistência,

deslocamento e enfrentamento dos perigos múltiplos. Sendo assim, há uma dupla divisão, que separa a alma imortal do corpo mortal, e dentro dela, uma tripla divisão que vai além dessa primeira separação, pois o corpo é comandado pela cabeça, nela habita o pensamento. Este pensamento é separado do corpo e é ligado à alma, e a alma individual também é separada da alma do mundo. Ou seja, além de alma e corpo serem separados, há ainda duas outras separações, entre a alma individual e a alma do mundo, e entre a cabeça e o resto do corpo.

A alma se estabelece no corpo de forma que cada função se exerça plenamente para que possa haver um equilíbrio possível. O corpo é, portanto, o lugar de organização da alma, ele é um conjunto de espaços, dimensões e estruturas íntimas que são comandadas pela alma. É ela quem domina o corpo que é mortal, enquanto que ela é imortal. Mas essa alma individual, que se liga ao corpo mortal, se liga a uma outra espécie de alma que é a alma do mundo. No entanto, é por meio dessa alma “mortal” que a alma do mundo vive as paixões terríveis e inevitáveis da existência humana. O prazer, que é um prolongamento do Bem, pode também provocar o mal e a dor, numa mistura de paixões e sensações irracionais. No entanto, são essas paixões que se manifestam no corpo mortal que vão alimentar a alma imortal (LEVINE & TOUBOUL, 2002). A parte imortal da alma humana é formada pelo Artífice divino com a mistura dos mesmos elementos dos quais é composta a alma do mundo. Com a queda ao mundo sensível, a alma assume o corpo ao qual estará ligada durante todo o curso terreno da vida. Por sua vez, o corpo possui uma alma irracional dividida em irascível, impulsiva e desdenhosa, e concupiscível, voltada para desejos vulgares. A alma, caída do mundo invisível no corpo, é contaminada pelo irracional e atraída pelo sensório. Mas a alma pode purificar-se pela ascese e pelo aperfeiçoamento moral, podendo assim, voltar a ser pura (SCIACCA, 1962).

Por outro lado, com Demócrito (460 a.C.-?), nasce uma tradição materialista de pensadores que não aceita esta dualidade – corpo e alma - e coloca ambos como manifestações de uma mesma substância, sendo constituídos de átomos fisicamente indivisíveis e indestrutíveis, compostos de uma mesma matéria orgânica, diferentes na forma, na grandeza, na ordem, nas posições recíprocas, em número infinito e deslocando-se num vazio eterno. Esses princípios também se aplicam aos fenômenos orgânicos e psíquicos sem estabelecer fronteiras nítidas na natureza, ao contrário, professando um certo

continuísmo. Para ele, “*a própria alma não foge aos princípios materialistas da explicação atomista: o pensamento é um movimento corpóreo em sua realidade*” (HUISMANN, 2000:258). Para os materialistas, mesmo que a alma seja corpórea, o corpo pode ter uma função instrumental com relação a ela. Assim também pensava Epicuro (341-271 a.C.), que atribuía ao corpo a função de preparar a alma para ser causa da sensação, e assim pensavam também os Estóicos, para os quais a alma é aquilo que domina ou, de vários modos, utiliza o organismo físico (ABBAGNANO, 1999).

Para Lucrecio (98-55 a.C.), espírito e corpo nascem e morrem juntos, são interligados e o espírito é apenas uma extensão do corpo. Em sua obra *De natura rerum* (A natureza das coisas), ele afirma que “*sentimos que o espírito nasce juntamente com o corpo e cresce com ele e envelhece ao mesmo tempo (...) Depois, quando a idade cresce com robustas forças, é também maior a inteligência e aumenta a força do espírito. Em seguida, quando o corpo é abalado pela força do tempo e declinam os órgãos pelo embotamento das forças, o engenho claudica, delira ao mesmo tempo (...) se o corpo contrai por sua parte grandes doenças e uma dor cruel, também o espírito tem cuidados agudos e desgostos e receios; é natural que também participe da morte*” (LUCRECIO, sem data:119). Para ele, o corpo não é obstáculo, túmulo ou prisão, conforme afirmava Platão, ao contrário, corpo e espírito são complementares e indissociáveis.

Demócrito, Epicuro e Lucrecio entendem que a única substância é a matéria, espírito e pensamento são modos da matéria, alma e corpo são inseparáveis, e a matéria é suficiente para explicar os fenômenos vitais e psíquicos. O corpo não é um agregado de substâncias, uma material e outra espiritual. Para eles, “*o universo é feito de partículas inseparáveis, errando num vazio infinito, os átomos: a morte não é mais do que a dissolução desses no corpo*” (BRAUNSTEIN & PEPIN, 1999:102).

Para Aristóteles (385-322 a.C.), o corpo é uma realidade limitada por uma superfície. O corpo tem extensão, tem o seu próprio espaço e é uma substância. Para ele, o corpo “é um certo instrumento natural da alma” (ABBAGNANO, 2000). Ou seja, alma e corpo formam uma unidade. Após opor interior e exterior, Aristóteles distingue três níveis de organização: a composição básica, feita de elementos primordiais (água, terra, fogo e ar), as partes semelhantes (tecidos, sangue, órgãos internos, ossos e carne) e as partes diferentes (o olho, o rosto, mãos, membros, etc.). Cada nível de organização existe para

interagir com o outro, na relação com ele, se integrando a ele, sendo a forma (como o corpo está organizado) e a finalidade (o fim a que se destina) mais importante que a matéria, ou seja, a causa final é mais importante que a causa material. É a forma e a maneira de agir que identifica a pessoa. Para ele, um cadáver, privado da alma, já não é mais um corpo.

Segundo ele, o corpo humano apresenta uma simetria racional, que se estende em três dimensões: acima e abaixo, atrás e à frente e direita e esquerda. Essa disposição manifesta que ele é o único ser que apresenta essas três dimensões dispostas em ordem natural, de modo que o alto do homem se dirige ao alto do universo. O homem é visto, então, como um animal divino, integrado à natureza, dotado de inteligência e perfeição, reproduzindo o cosmos em equilíbrio e harmonia. É o intelecto que o alinha ao alto, simboliza a divindade, a perfeição, a racionalidade, traduz uma comunhão mais estreita com a natureza. Para ele, *“o homem é o lugar privilegiado de afirmação da natureza”* (LEVINE & TOUBOUL, 2002).

Posteriormente, Plotino (205-270 d.C.) retoma e desenvolve a concepção platônica, reafirmando a dualidade alma e corpo e atribuindo à alma uma atividade que só a ela pertence: a contemplação. A alma que conhece a verdade pode escapar da prisão do corpo e do mundo, para encontrar a si mesma e reunir-se com o Absoluto, o Uno. O retorno da alma à sua fonte natural torna-se possível ao passar por três etapas: a ascese, a contemplação e o êxtase (MONDIM, 1980). No entanto, Plotino insiste na harmonia interna de cada um dos entes, na sua unidade intrínseca, que por meio de uma progressão descendente ligam o Uno, a Inteligência e a Alma, até chegar ao corpo, último e inferior estágio da existência.

É a Alma que dá aos corpos forma e harmonia, mas ela desempenha um papel intermediário, ela confere unidade sem ser o Uno, confere vida, mas é testemunha de uma unidade mais profunda, que é a unidade do Primeiro. A alma, sendo iluminada pela inteligência, ilumina, por sua vez, as coisas sensíveis. É voltando-se para si mesma, para pertencer-se a si mesma, que a alma vai produzir o que está abaixo dela, os corpos. Fazendo assim a ligação entre a alma universal e as almas particulares. *“Assim, as almas têm vida dupla, porque podem mover-se ao mesmo tempo no mundo sensível e no mundo inteligível. Se permanecerem no mundo inteligível, compartilharão com a Alma universal a administração do universo, sem sair da calma de que desfrutam. Mas, quando dominadas*

pelo desejo de vida independente, separam-se da Alma universal e descem para os corpos que esta preparou para as receber” (HUISMAN, 2001:790).

2.2 - Cristianismo e Idade Média - Essa retomada do pensamento platônico em Plotino vai dar a base de sustentação ao pensamento cristão que está em sua fase inicial. Nesse mesmo período, o corpo é visto como ligado à animalidade, à culpa e ao pecado. Segundo o historiador Peter Brown, em seu livro *Corpo e Sociedade – O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo* (1990), no período em que há a passagem do mundo pagão ao cristianismo, entre as viagens missionárias de São Paulo, nas décadas de 40 e 50 d.C., até a morte de Santo Agostinho (354-430 d.C), o corpo é submetido a uma prática de renúncia sexual permanente.

O início do cristianismo é caracterizado por tensões religiosas, sociais e políticas que colocam o corpo como fonte de pecado e fazem da renúncia sexual, por meio da continência, do celibato, da virgindade e da total abstinência sexual, uma forma de estruturação da religião, da sexualidade e da sociedade. Renunciando a toda e qualquer atividade sexual, o corpo humano poderia livrar-se do jugo do mundo animal e participar da vitória de Cristo (BROWN, 1990).

No século V, Agostinho dará um novo rumo à questão. Ele inverte os termos do problema ao afirmar que a dicotomia alma e corpo não é essencial, mas contingente, fruto do pecado. Para ele, *“não é o corpo corruptível que tornou a alma pecadora, mas a alma pecadora que tornou o corpo corruptível”* (MAMMI, 2003:113). Ou seja, em vez de elaborar conceitos absolutos de alma e corpo, Agostinho sai em busca de um conceito que resuma a mistura de alma e corpo, que traduza a realidade da natureza humana e o signo de sua imperfeição, para investigar em seguida como essa natureza mista pode ser orientada para seu lado espiritual ou carnal. E este conceito, esta palavra que resume a natureza humana é a *carne*. *Pois o espírito é forte, mas a carne é fraca. “Para Agostinho, não existe no homem uma racionalidade pura, que habita o corpo como um hóspede. A razão está sempre em situação, no entrelaçamento indissolúvel de estímulos corporais e mentais. (...) O conflito entre alma e corpo é fruto do pecado, e da conseqüente corrupção. A verdadeira*

salvação não é o abandono do corpo e a volta da alma para o seu lugar originário, como para os platônicos, mas o retorno da harmonia plena entre a alma e o corpo, após o juízo final” (MAMMI, 2003:114).

No centro da mensagem cristã está o corpo do Cristo. Para o cristianismo, o corpo do Salvador é a ponte entre o humano e o divino. Jesus, o filho, habita o mundo e nesse percurso humano seu corpo retrata ao mesmo tempo a dor, o sofrimento, o sacrifício em nome da salvação dos pecados e, ao mesmo tempo, a ascensão, a elevação ao plano divino. No seu percurso terreno, principalmente na Paixão, há uma construção simbólica na presença e no uso do corpo como um fator essencial na estruturação da religião, e o cristianismo, se institui a partir desse corpo, o corpo do filho, tornado humano e que retorna ao céu para ficar ao lado do seu Pai, fora dessa dimensão terrena.

Para Jacques Gélis (2005), a espiritualidade cristã vai ser profundamente marcada pela Paixão, e as diferentes seqüências de sofrimento e dor conferem ao corpo do Cristo uma presença permanente no imaginário da religião, na qual, o corpo, que sofre os maiores sofrimentos físicos e morais que um homem é capaz de suportar, simboliza não apenas o percurso do redentor, mas também, sua materialidade, sua dimensão humana, e lembra, ao mesmo tempo, o sacrifício que os homens, simples mortais, devem fazer também para alcançar a salvação. Segundo ele, o cristianismo se institui sobre a perda de um corpo, a perda do corpo de Jesus (GÉLIS, 2005), e é importante observar o quanto o culto a esse corpo é essencial na compreensão da construção simbólica do corpo no Ocidente, ou seja, para salvar a alma, o corpo deve pagar um preço.

Para Nicole Pellegrin (2005), o corpo é sistematicamente controlado e ocultado, e só é glorificado quando vai ao encontro do “corpo verdadeiro”, o corpo oração, o corpo da comunidade cristã. Em um mundo imerso na religiosidade cristã, o corpo é apenas o habitat temporário da alma imortal, e apesar de ser sexuado e corrompido pelo pecado original, ele pode salvar-se ao se colocar a serviço da Igreja, que é a representação do corpo do Cristo e a primeira das três ordens do Estado (PELLEGRIN, 2005).

Já na Idade Média, corpo, alma, natureza e sociedade se misturam. A cosmovisão medieval postulava uma integridade absoluta do universo, macro e microcosmo se fundiam, se indiferenciavam. O cosmos constituía, portanto, uma unidade orgânica, em que cada

parte mantinha relação com as demais. Mesmo as cores, as letras e os números eram considerados como dotados de propriedades mágicas. Espírito e matéria não se opunham.

O corpo medieval não era um mero revelador da alma: era o lugar simbólico em que se constituía a própria condição humana. Segundo Rodrigues (1999:57), *“A inseparabilidade entre o corpo e a alma se traduzia de modo vivo na sensibilidade medieval relativa à dor. Ainda hoje, a dor corporal é denominada em muitas línguas européias por termos que designam também amargura, tristeza, punição, aflição, agonia, desânimo, luto, solidão, dificuldade, opressão, ou seja, é associada a sentimentos ou estados não necessariamente ligados à pura corporalidade”*.

Neste período, alguns padres da Igreja estabeleceram uma distinção entre corpo e matéria, sendo a matéria um “mal”, muito afastado, se não infinitamente afastado do “Ser” (MORA, 2000). Na época moderna, persistiram algumas “disputas tradicionais” referentes à relação corpo-alma, oriundas da Escolástica e da Patrística. A ciência moderna traz uma nova concepção de matéria que vai levar alguns autores tanto a uma posição radical no que diz respeito ao dualismo corpo-alma, ou da extensão e do pensamento como atividade mental, como também, em outros autores, dá lugar a várias teses concernentes à identidade “físico-mental”. Mas, de qualquer forma, a questão se desloca para a relação corpo-mente, e não mais corpo-alma.

Mesmo degradado, o corpo é considerado criação divina, o que o envolve num véu de sacralidade. Durante toda a Idade Média, houve proibições expressas da Igreja quanto à dissecação de cadáveres, mas isto não impediu as experiências de Vesálio (1514-1564). Sabe-se também que Leonardo da Vinci (1452-1519) conseguia, às escondidas, cadáveres para os estudos de anatomia que serviam de base às suas pinturas. Esta “profanação” pelo olhar, ilustrada no século XVII por Rembrandt (1603-1669) no quadro “A lição de anatomia”, pode ser inserida nas perspectivas da revolução científica promovida por Bacon (1561-1626), Descartes (1596-1650) e Galileu (1564-1642).

Segundo Rafael Mandressi, apesar da proibição da Igreja, a prática da dissecação de cadáveres humanos existiu desde a Grécia. No entanto, houve uma significativa diminuição dessa prática ao longo de vários séculos, mas não o suficiente para acabar totalmente com ela. No artigo “Dissections et anatomie”, de 2005, Mandressi narra, com riqueza de detalhes, o número imenso de trabalhos produzidos ao longo deste período, descrevendo

todo o percurso desta prática na Europa, principalmente a partir do século X, ressaltando o papel fundamental das traduções de trabalhos de origem árabe. Segundo ele, obras como o *Canon* de Avicena (980-1037) e o *Colliget* de Averróis (1126-1198) desempenham um importante papel no desenvolvimento na evolução do pensamento médico da Europa latina, destacando e resgatando também as traduções de textos autênticos de Galeno (131-210 d.C.).

2.3 - Período Moderno e Iluminismo - Esse novo olhar do homem sobre o mundo é o olhar de uma consciência secularizada, isto é, dessacralizada, de onde se procura retirar o componente religioso. O corpo passa a ser objeto da ciência. Segundo Michel Onfray, *“Não surpreende constatar que a descoberta da estrutura do corpo é contemporânea das descobertas da América e da revolução dos planetas. Vesálio e Copérnico publicam seu livro principal no mesmo ano. Esquadrinhando assim as estrelas do sistema solar ou os segredos contidos na carne, o filósofo se fazia rival dos deuses. Examinar corpos é uma empreitada demiúrgica: o cadáver encerra a verdade que não se encontrará na Bíblia”* (ONFRAY, 1999:26).

O Renascimento italiano ocupa um lugar decisivo na mudança da imagem do homem e do lugar que ele ocupa no mundo. Corpo e alma ganham um novo estatuto e a noção de humanidade cada vez mais se afasta da concepção medieval. A valorização do indivíduo e da subjetividade deslocam o lugar da certeza, da verdade e dos valores, criando uma oposição à tradição, às instituições e à autoridade externa. O Humanismo é um dos aspectos fundamentais do Renascimento, nele se reconhece o valor do homem em sua totalidade e o fragmento de Protágoras (século V a.C.) “o homem é a medida de todas as coisas” marca de forma decisiva essa ruptura entre o medieval e o moderno. O corpo, definitivamente, é dessacralizado, estudado, literalmente dissecado e tornado objeto da ciência.

Desta forma, o Humanismo rompe com a visão teocêntrica e a concepção teológica medieval, cultuando o interesse pelo homem valorizado em si mesmo. O homem passa a ser visto como um microcosmo que reproduz em si a harmonia do cosmos (MARCONDES,

1998). O termo “*dignitas hominis*” (dignidade do homem) adquire um novo sentido, opondo-se ao termo medieval “*miseria hominis*”, enaltecendo a liberdade humana e, ainda, percebendo o homem em sua totalidade, propondo que este está destinado a viver no mundo para dominá-lo; reconhecendo sua historicidade, seus vínculos com o passado; reconhecendo sua “naturalidade”, ou seja, o fato de o homem ser um ser natural, para o qual o conhecimento da natureza não é uma distração imperdoável ou um pecado, mas um elemento indispensável da vida (ABBAGNANO, 1999).

Segundo Sara F. Matthews-Grieco (2005), do século XV até meados do século XVII, a Europa ocidental se esforça para desenvolver uma compreensão do corpo e da sexualidade que seja compatível, ao mesmo tempo, com a ordem social, o respeito à religião e o crescimento da população. Trata-se de um período que concilia a valorização do corpo humano, a instituição dos casamentos e uma preocupação de ordem demográfica, criando-se uma compreensão radicalmente nova no que diz respeito ao corpo e a sexualidade. As fronteiras do que é considerado lícito, aceito ou tolerável, ou do que é considerado ilícito, desviante ou intolerável, se modificam continuamente segundo o contexto sociocultural e os valores da sociedade em cada local. A percepção do corpo, da alma e da sexualidade não pode mais ser dissociada das percepções culturais que determinam a forma como cada comunidade avalia as ações individuais. Aprovando, reprovando ou disciplinando seus atores sociais, a Europa do Antigo Regime trava uma longa batalha contra toda transgressão ou desvio em relação aos princípios de tolerância local, de modo a reprovar ou punir uma conduta inadequada e, na medida do possível, recuperar as divergências com relação à norma (MATTHEWS-GRIECO, 2005). Essa visão dessacralizada da vida cotidiana, da sexualidade e das normas sociais revela um contínuo afastamento do controle religioso acerca do corpo e um deslocamento no sentido de uma valorização de outras dimensões da vida. Segundo ela, “*na Europa, do fim da Idade Média ao Antigo Regime, a percepção médica, moral, social e religiosa do corpo é estruturada em torno das reações às funções biológicas, aos impulsos físicos e aos desejos subjetivos*” (MATTHEWS-GRIECO, 2005:223). Ou seja, há um deslocamento do sagrado ao humano, do divino ao biológico.

O conhecimento biológico e médico acerca do corpo é objeto de pesquisas regulares desde a Antigüidade. Os médicos bem formados, do Oriente ou do Ocidente medieval,

praticam a medicina tendo como referência os textos gregos. No entanto, ao fim da Idade Média, a insatisfação com certas doutrinas, a vontade de ir além das doutrinas antigas, de descobrir novas verdades e de produzir um novo conhecimento a partir da observação ativa faz com que surjam conhecimentos biomédicos inteiramente renovados. Após o Renascimento, a medicina se estabelece a partir de bases mais sólidas, em particular, a partir da revolução científica que apresenta evidentes sucessos nos campos da física, das ciências mecânicas e da química (PORTER & VIGARELLO, 2005).

No século XVII, temos com Descartes o corpo da ciência, o corpo-máquina, feixe de músculos, nervos e funções numa estrutura mecânica. Para ele, alma e corpo, ou mente e corpo, são Substâncias independentes com sensações corpóreas (*res extensa*) e pensamento (*res cogita*) se manifestando de formas distintas. Busca com isso o afastamento da percepção sensória, que pode induzir ao erro e, assim, privilegia a mente na construção do método que vai levar à razão pura. Como ele afirma na *Sexta Meditação*, “*as propriedades de extensão e pensamento são mutuamente incompatíveis: uma coisa extensa é uma coisa não-pensante e uma coisa pensante é uma coisa não-extensa*” (COTTINGHAM, 1995:55).

Descartes estabelece alguns traços do mecanicismo, do dualismo (corpo-alma / corpo-mente / homem-natureza) e do quantitativismo da racionalidade moderna. No artigo seis das “Paixões da alma”, ele afirma que o corpo de um homem vivo “*difere tanto do corpo de um morto quanto um relógio ou outro autômato (isto é, outra máquina que se mova por si mesma), quando está montado tem em si o princípio corporal dos movimentos para os quais é instituído, com tudo que é necessário para sua ação, difere do mesmo relógio, ou outra máquina, quando está quebrado e o princípio de seu movimento cessa de agir*” (DESCARTES, 1998:30).

Para ele, o ponto de encontro entre corpo e alma se dá a partir da “glândula pineal” que seria uma espécie de sede da alma, e através dos “espíritos animais” que funcionariam como transmissores neurais em sua teoria do sistema nervoso. No *Tratado sobre o homem*, Descartes afirma que a alma racional, sediada na glândula como um “zelador de empuxo”, que inspeciona o fluxo de água em sistemas artificiais de condutos e tubulações, é capaz de direcionar o fluxo dos espíritos para um membro ou para outro. Nos artigos 30, 31 e 32 das “Paixões da alma”, ele descreve o papel da glândula pineal, sua localização, porque a alma exerce suas funções neste local específico e não em outra parte, e ainda, como se sabe, essa

glândula é a principal sede da alma. No artigo 34, cujo título é *Como a alma e o corpo agem um sobre o outro*, ele afirma que “a alma tem sua sede principal na pequena glândula que existe no meio do cérebro, de onde ela irradia para todo o restante do corpo por intermédio dos espíritos, dos nervos e mesmo do sangue, que, participando das impressões dos espíritos, pode transportá-las pelas artérias para todos os membros” (DESCARTES, 1998:51). A relação entre essas substâncias que supostamente se excluem – mente e corpo – constitui um enorme problema para Descartes, pois apesar de serem substâncias distintas e incompatíveis, e oriundas de natureza completamente diferente, elas se conjugam e se misturam. Descartes utiliza mais tarde o termo ainda mais forte “unidas” – de modo a constituir uma criatura humana capaz de sentir (COTTINGHAM, 1995).

A perspectiva do dualismo vai ser criticada de forma radical por Julien Offroy de La Mettrie (1709/1751) em sua obra *L’homme-machine* de 1747. Nela, o autor representa a matéria do corpo como algo dotado de uma tendência essencial ao movimento e à organização espontânea, sem recorrer a uma providência organizadora. Desta forma, o corpo humano é uma máquina que monta ela mesma o mecanismo que a faz funcionar. Animismo, finalismo e providencialismo são descartados (LA METTRIE, 1981). O homem seria, assim, uma máquina orgânica, entendida como sistema auto-suficiente, com partes dinamicamente inter-relacionadas, e organizada para cumprir fins por ela mesmo propostos. La Mettrie ataca o dualismo metafísico de Descartes, Malebranche (1638-1715), Espinosa, Leibniz e outros, sustentando a tese de que a alma deriva de formas orgânicas específicas, produzidas por uma força motriz inerente à matéria, da qual dependem as faculdades e operações mentais. Para ele, as funções intelectuais dependem essencialmente do sistema nervoso, sobretudo do cérebro.

Uma das tentativas de conciliar essas duas realidades (corpo-alma) se dá com Leibniz (1646-1716). Para ele, o corpo é um conjunto de mônadas, isto é, um conjunto de substâncias espirituais em torno de uma “enteléquia dominante”. É um agregado de substâncias, e não uma substância ele próprio. Apenas a alma é substância (ABBAGNANO, 1999). Ao contrário de Descartes, Leibniz afirma que os corpos não possuem apenas propriedades geométricas, estáticas, de extensão. O corpo possui também propriedades dinâmicas, “força própria” e capacidade de ação. Segundo ele, “na matéria há algo mais que o puramente geométrico, isto é, algo mais que extensão e pura mudança; e,

considerando o assunto mais de perto, percebemos que podemos acrescentar-lhe alguma noção mais elevada, ou metafísica: a de substância, ação e força. Ainda concordo que todo corpo é extensão e que não há extensão sem corpo. No entanto, não devemos confundir as noções de lugar, espaço ou pura extensão com a noção de substância, que, além da extensão, inclui a resistência, isto é, ação e passividade” (MORA, 2000:1710). Para Leibniz, “o corpo humano possui um estatuto à parte, e confundi-lo com um autômato é um erro, pois essas duas “máquinas” possuem registros discursivos diferentes e a semelhança é apenas aparente. Cada corpo orgânico de um ser vivo é uma espécie de máquina divina, ou de um autômato natural, que ultrapassa infinitamente os autômatos artificiais” (LEVINE & TOUBOUL, 2002:56).

Essas idéias que colocam o corpo como agente da ação vão ser retomadas, de outra forma, por Schopenhauer (1788-1860), que identifica o Corpo com a vontade, ou seja, com o que ele julga ser o númeno ou a substância do mundo, cuja representação é o fenômeno. Para ele, *“meu corpo e minha vontade são uma coisa só”, ou “o que eu chamo de meu corpo como representação intuitiva chamo-o minha vontade enquanto estou cômescio dela, de modo absolutamente diferente, não comparável a nenhum outro”, ou “meu corpo é a objetividade da minha vontade”, ou ainda “prescindindo do fato que meu corpo é representação, ele não é senão vontade” (ABBAGNANO, 2000:212).*

O mundo como representação para o intelecto é estudado por Schopenhauer na sua obra *O mundo como vontade e representação*, de 1819, e nela, o mundo é o objeto de experiência sensível ou objeto da ciência, uma pura representação da realidade presa no âmbito do princípio da razão suficiente. O corpo está ligado ao que existe fora da representação, ou seja, se o mundo enquanto fenômeno é Representação, o mundo enquanto coisa-em-si será Vontade. No humano, no corpo, está a personificação dessa Vontade. *“O homem, submetido como tudo o que vive ao império da Vontade, é o lugar em que a Vontade se objetifica e se revela. O homem descobre, em seu corpo, a imagem de uma vontade cega que compartilha com os outros seres vivos. Essa força obscura vital é o aspecto do mundo que não pode ser reduzido à representação, é o mundo enquanto coisa-em-si, o mundo enquanto vontade” (BRUM, 1998:23).*

Já Espinosa (1632-1677), por seu turno, vai entender essas duas Substâncias (corpo e alma ou corpo e mente) como partes constitutivas do mesmo Ser. A atividade do

atributo Extensão dá origem aos corpos, já o atributo Pensamento dá origem às idéias, de modo que as ações desses atributos produzem regiões diferenciadas de realidade, mas essas regiões exprimem sempre o mesmo Ser. A unidade e a relação entre os entes produzidos pelos atributos são internas à própria Substância, as atividades de ambos são ações da mesma Substância complexa. Desta forma, o corpo humano é uma unidade estruturada, não é um agregado de partes, mas unidade de conjunto e equilíbrio de ações internas interligadas de órgãos. Para Espinosa, o corpo é um sistema complexo de movimentos internos e externos, ele é relacional, forma um sistema de ações e reações centrípeto e centrífugo, é constituído por relações internas entre seus órgãos, com relações externas com outros corpos e por afecções, isto é, pela capacidade de afetar outros corpos e ser por eles afetados sem se fazer destruir, regenerando-se com eles e os regenerando (CHAUÍ, 2000). Corpo e mente se (com)fundem e manifestam a correspondência entre os acontecimentos corporais e psíquicos, manifestando a causalidade única da Substância.

Apoiados em outros pressupostos, os pensadores do materialismo psicofísico dos séculos XVIII e XIX afirmam que a atividade espiritual humana é efeito da matéria, ou seja, do organismo, do sistema nervoso ou do cérebro, e todas as faculdades humanas são modos de ser e de agir que resultam do organismo físico do homem. Pierre Cabanis, em sua obra *Rapports du physique et du moral de l'homme* (1802), afirma que “as atividades psíquicas provêm do sistema nervoso” (ABBAGNANO, 1999), portanto, corpo e mente se confundem. Condillac (1714-1780), no *Tratado das Sensações*, afirma que “todos os nossos conhecimentos e todas as nossas faculdades vêm dos sentidos, ou para falar mais exatamente, das sensações: porque, na verdade, os sentidos não são senão causa ocasional. Eles não sentem, só a alma sente ocasionada pelos órgãos; e é das sensações que a modificam que ela tira todos os seus conhecimentos e todas as suas faculdades” (CONDILLAC, 1979:45).

Segundo ele, é pela sensação que a alma descobre o corpo, principalmente pela sensação do toque, pois a impenetrabilidade é uma propriedade dos corpos e, ao tocar, fazemos a distinção entre o nosso corpo e um outro. Mas a impenetrabilidade não é apenas uma sensação, nós não sentimos apenas que os corpos são impenetráveis, nós julgamos isso, deduzimos isso, e esse julgamento é uma consequência das sensações. É a solidez que nos permite concluir que temos um corpo, pois se fosse possível interpenetrá-lo com outro

corpo, eles se confundiriam, e é justamente o fato de ser impenetrável que o torna único. Sendo assim, é pela sensação que a alma não apenas descobre o corpo como também começa a produzir conhecimento acerca do mundo que o envolve.

Em oposição ao materialismo radical, temos a posição de Hegel (1770-1831) que considera o corpo um “sinal” da alma. Segundo ele, “*A alma, em sua corporalidade, inteiramente formada e constituída como sua, está para si mesma como sujeito singular; e a corporalidade é, desse modo, a exterioridade enquanto predicado no qual o sujeito se reconhece só a si. Essa exterioridade não se representa a si mesma, mas à alma: e é o sinal desta*” (ABBAGNANO, 1999:213). Ou seja, “*o corpo é a ‘manifestação externa’ ou a ‘realização externa’ da alma: exprime a alma na forma de uma exterioridade que não é real como tal, mas tão somente ‘simbólica’*” (idem).

Numa perspectiva crítica diante da racionalidade ocidental, Nietzsche vê o humano a partir de uma perspectiva longínqua, afastada da terra, que para ele, é apenas um planeta entre outros milhares que contém possibilidade de vida, e a vida humana é um episódio efêmero nesse evento maior que é a Vida. O homem não é mais um orgulhoso animal divino, mas um acontecimento contingente, que produz um conhecimento que atende às suas necessidades de conservação, preservação e expansão vital, um instrumento antropomórfico que utiliza a linguagem e da ciência como instrumentos de construção e humanização do mundo, de modo a satisfazer às necessidades de sua perspectiva particular. Através de ilusões e metáforas, o homem constrói o mundo assimilando-o ao seu olhar formador (BRUM, 1986). Desta forma, o conhecimento em geral (percepção, ciência) é uma atividade condicionada pelas necessidades práticas da espécie humana que conhece o condicionado pelos esquemas lógicos/categóricos/lingüísticos. Ou seja, o homem constrói um mundo útil às suas necessidades práticas através de uma atividade formadora de sentidos, utilizando-se de ilusões e dissimulações. Linguagem, ciência, teoria e conceitos não se originam de uma imitação da essência das coisas, elas são uma criação humana arbitrária. Na origem, ela é falsificação. Sendo assim, humanizar o mundo não é transpor docemente as condições subjetivas do pensamento nas coisas. É, ao contrário, assegurar o domínio e a posse da Natureza (BRUM, 1986).

A compreensão do mundo é, então, mediada por essa vontade de dominar a natureza e expandir sua força. O corpo, da mesma forma, não é apenas um conjunto mecânico de

peças estranhas umas às outras, ele é um jogo flexível de peças que se confrontam e estabelecem uma relação dinâmica entre elas (LEVINE & TOUBOUL, 2002). Ele também se insere nessa pluralidade de forças, de pulsões, de paixões, de interesses e vontade de potência que visam construir um mundo de acordo com uma necessidade particular. Ele não é apenas um conjunto, é uma hierarquia de forças “subordinadas” ou “dominantes”, colocadas em relação de comando ou obediência. Tal conjunto reproduz relações de força que lutam entre si buscando obter o comando, mas que falam a mesma linguagem. Isto é, num mesmo corpo, habitam uma pluralidade de espíritos, de vontades ou de consciências, que criam uma hierarquia que, ao mesmo tempo, traduz um conflito interno e uma compreensão mútua entre as vontades. Permitem uma forma de coesão a partir da diferença, são vontades divergentes que se equilibram e se ajustam mutuamente.

Não existe uma alma superior que subordina a verdade, esta é subordinada às paixões do corpo, é integrada a ele numa relação de pura imanência, sem transcendência alguma. Ou seja, o corpo, assim como a razão, o intelecto, a ciência e seus conceitos, são instrumentos colocados à disposição de seu dono, de modo a expandir sua vitalidade e sua potência. Segundo Thomaz Brum, o ponto de partida de Nietzsche é o seguinte: “*O homem é uma determinada espécie de animal com certas capacidades gerais como aquelas de outras criaturas vivas, (...) Entre essas ‘capacidades gerais’ estão incluídas não só nossas funções biológicas básicas, mas também as chamadas ‘faculdades espirituais’*”. (BRUM, 1986:29).

Nietzsche propõe uma reflexão sobre a ciência, ou seja, uma investigação sobre as questões relativas ao conhecimento, às condições de produção do pensamento, da razão, da consciência, do conceito, e, principalmente, da verdade, dos valores que constroem o monopólio da verdade. Para ele, essa busca metafísica dos valores revela uma necessidade humana de segurança e garantia, pois o instinto humano é passivo, fraco e reativo. E o homem não consegue confrontar-se com a crueldade da realidade e nem com a vida enquanto processo de mudança constante. E os valores morais são históricos, são o resultado de uma produção humana, são interpretações produzidas pelo homem para melhor se adequar ao mundo. “*O mesmo acontece com os valores morais. Não existem fatos morais, fenômenos morais, apenas uma interpretação moral*” (MACHADO, 1985:66). Sendo assim, não existem valores morais universais, transcendentais. Os valores devem ser

avaliados a partir de sua força, de sua possibilidade de ampliar ou reduzir a potencialidade da vida. Todos os valores são sintomas que devem ser interpretados a partir dessa pluralidade de forças, e a moral, ao lado da ciência e da religião, é o resultado da necessidade de carregarmos máscaras, da necessidade de mentir, são mentiras sem as quais não podemos viver, mas cujo caráter de mentira é esquecido.

2.4 - Séculos XIX e XX - No século XIX, uma série de desenvolvimentos científicos vai alterar o estatuto do corpo válido até então. Quatro elementos principais vão participar dessa transformação na definição do humano: a biologia com J.B. Lamarck (1744-1824), a evolução com Darwin (1809-1882), a hereditariedade com Mendel (1822-1884) e a vacinação com Pasteur (1822-1895) (ANDRIEU, 1999).

Lamarck cria a primeira Teoria da Evolução, formulada em 1809, na qual ele explicava a existência da evolução por dois princípios fundamentais, a Lei do uso e desuso e a Lei da herança dos caracteres adquiridos. A lei do uso e do desuso concerne às modificações que levam à adaptação, pois a necessidade cria um órgão e a função o modifica, isto é, se um órgão é muito utilizado desenvolve-se, tornando-se mais forte, vigoroso ou de maior tamanho. A lei da herança dos caracteres adquiridos, as modificações que se produzem nos indivíduos ao longo da sua vida, como consequência do uso e do desuso, são hereditárias, originando mudanças morfológicas no conjunto da população. Desta forma, o termo *biologia* inventado por Lamarck em 1796 vai ao encontro de um “projeto filosoficamente materialista na sua etapa posterior, mas cuja ambição fundamental é criar uma ciência universal dos animais onde os mecanismos vitais explicariam tudo, inclusive o que era atribuído tradicionalmente à vontade imediata de um Deus criador ou à atividade de um princípio espiritual” (ANDRIEU apud ROGER, 1981:12).

A publicação do livro *Sobre a origem das espécies* de Charles Darwin, em 1859, torna evidente que a evolução é como um acordo entre os organismos e o meio ambiente, e a vida neste planeta é decorrente desse processo evolutivo. Trata-se de uma mudança

significativa no modo de perceber e interpretar a gênese e o desenvolvimento do corpo e do mundo. As idéias de permanência e previsibilidade que embasavam a compreensão da natureza e da sociedade passaram a coexistir com a concepção de que a matéria, viva ou não, estava em constante transformação. Desse modo, o ideário fixista da imutabilidade das espécies foi colocado em xeque e a formação dos sistemas vivos começou a ser entendida, não como criação simultânea, mas como decorrência de etapas sucessivas, aderindo à noção de variação gradual dos seres vivos graças ao acúmulo de modificações pequenas, sucessivas e favoráveis e não por modificações extraordinárias, surgidas repentinamente. Essa visão transformista, que vinha sendo gestada desde o século XVIII, levou à formulação de novas questões relacionadas à gênese da vida e ao desenvolvimento do corpo humano. A revolução ligada ao pensamento de Gregor Mendel se dá a partir da introdução do acaso como fator estatístico de transmissão da vida. Nada de previsível pode mais estruturar os discursos sobre os seres vivos, ainda que as leis de hereditariedade tivessem introduzido uma probabilidade de organização. Finalmente, a descoberta da vacinação por Louis Pasteur prepara o avanço da medicina na compreensão das reações do sistema imunológico face às agressões do meio. O corpo passa a ser compreendido como um organismo interativo e sua defesa será reforçada pela medicina preventiva (ANDRIEU,1999).

Uma concepção radicalmente diferente de tudo o que foi apresentado até aqui é a do francês Henri Bergson. Para ele, corpo e espírito se distinguem por diferenças de ritmo, natureza e grau e o ambiente onde estas distinções acontecem é o Tempo. Em sua obra *“Matéria e Memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito”* (1939), Bergson afirma que “nosso corpo é um instrumento de ação e somente de ação”. A função do corpo físico é produzir a percepção imediata das coisas, servindo apenas para selecionar imagens com vista à ação, e a consciência, que é memória, independe do corpo. Segundo ele, *“meu corpo, objeto destinado a mover objetos, é portanto um centro de ação; ele não poderia fazer nascer uma representação”* (BERGSON, 1939:14).

Bergson relaciona o corpo à percepção e a consciência à memória, esta sim, ligada ao espírito. Segundo ele, existem dois tipos de memória: a memória pura, que é a memória verdadeira, atividade puramente espiritual, e a memória hábito, que não passa de instrumento motor da primeira. Enquanto a memória pura é uma extensão da consciência e

possui uma duração, a memória hábito é transitória, *“move-se num presente que está sempre recomeçando”*. A memória pura, essencialmente contemplativa e desinteressada, registra o singular em si e por si. A memória hábito, essencialmente motora, serve à ação e, com esse objetivo, converte o particular em geral” (HUISMAN, 2001:139).

Ou seja, a necessidade de agir no mundo material faz com que a percepção trace as ações virtuais ou possíveis do corpo, e o que ele chama de matéria é apenas esse conjunto de imagens captadas pelo cérebro. Segundo ele, *“o cérebro nos parece um instrumento de análise com relação ao movimento executado (...) Equivale a dizer que o sistema nervoso nada tem de um aparelho que serviria para fabricar ou mesmo preparar representações”* (BERGSON, 1939:27). Ou seja, enquanto a percepção é apenas um dado imediato da consciência, é a memória que constitui a subjetividade, enquanto a percepção é efêmera, a memória prolonga uma pluralidade de momentos. *“Mesmo a ‘subjetividade’ das qualidades sensíveis, (...) consiste sobretudo em uma espécie de contração do real, operada por nossa memória”* (BERGSON.1939:31).

Mas a memória não consiste numa regressão ao passado, ao contrário, ela é o passado que se faz presente, que se materializa numa percepção atual, e se torna um estado presente e atuante no nosso corpo. Essa memória agindo no presente resgata a lembrança na percepção, fazendo com que o presente se torne intenso, carregado de planos de consciência diferentes. O presente *“é o que age em nós e o que nos faz agir, ele é sensorial e motor, nosso presente é antes de tudo o estado do nosso corpo. Nosso passado é o que não age mais, mas poderia agir, o que agirá ao inserir-se numa sensação presente da qual tomará emprestada a vitalidade. (...) Compreende-se por que a lembrança não podia resultar de um estado cerebral. O estado cerebral prolonga a lembrança; faz com que ela atue sobre o presente pela materialidade que lhe confere; mas a lembrança pura é uma manifestação espiritual. Com a memória estamos definitivamente no domínio do espírito”* (BERGSON, 1939:281). Uma das conseqüências mais importantes dessa concepção da relação corpo-espírito é que, sem sair do plano filosófico, Bergson torna verossímil e até mesmo provável a sobrevivência da alma após a morte terrena. Se a vida mental está além da vida cerebral, se o corpo só desempenha papel instrumental a serviço do espírito, a decomposição orgânica pode deixar o espírito intacto.

Esta forma de pensar vai de encontro ao “paralelismo” de Fechner (1801-1887), que entendia os eventos físicos e os eventos psíquicos sendo constituídos por duas séries paralelas, que não agem umas sobre as outras, e são causalmente determinados somente pelos eventos homogêneos: os mentais pelos mentais e os físicos pelos físicos (ABBAGNANO, 1999). Essa doutrina constituiu o pressuposto principal da psicologia experimental que vai seguir a tendência naturalista e privilegiar o método das ciências da natureza em detrimento das ciências humanas, abandonando as preocupações metafísicas acerca da questão corpo-mente e do conhecimento, se voltando para os aspectos do comportamento que podem ser verificados experimentalmente.

Wundt (1832-1920) desenvolve um conceito positivista de método, segundo o qual a psicologia imita claramente a fisiologia, voltando-se para a o estudo da percepção sensorial, principalmente a visão, procurando estabelecer as relações entre os fenômenos psíquicos e o seu estrato orgânico, sobretudo cerebral. Pavlov (1849-1936) preocupou-se inicialmente com os fenômenos da digestão e salivação e suas experiências o levaram à explicação da aprendizagem pelo reflexo condicionado. Suas experiências foram importantes para o behaviorismo americano que reproduz o ideal positivista pelo qual a psicologia, para se tornar ciência, precisaria seguir o exemplo das ciências naturais, tornando-se mecanicista, determinista e objetiva. São abandonadas as discussões acerca da relação corpo-mente e da consciência, conceitos impróprios para uso “científico”.

Numa perspectiva diametralmente oposta, Edmund Husserl (1859-1938) vê o corpo como uma experiência viva, uma forma de experiência ou um modo de viver específico, ao lado de outras formas de ser. O corpo é a experiência que se isola ou se individua depois de sucessivos atos de redução epistemológica, sem a necessidade de ser objetivo, nem confundido com um estrato extraído do mundo ou do seu significado imanente. Segundo ele, *“entre os corpos dessa natureza reduzida a ‘o que me pertence’, encontro meu próprio corpo, que se distingue de todos os outros por uma particularidade única: é o único corpo que não é somente um corpo, mas o meu corpo; é o único corpo, no interior do estrato abstraído, recortado por mim no mundo ao qual, de acordo com a experiência, eu coordeno campos de sensação de modos diferentes; é o único corpo de que disponho de modo imediato, assim como disponho dos meus órgãos”* (ABBAGNANO, 1999:213).

Para a fenomenologia, à qual também está ligado Merleau Ponty (1908-1961), o corpo não é apenas um suporte para o sujeito racional, e sua razão de ser não é apenas servir de instrumento para as atividades cognoscitivas e valorativas da razão. Ela entende o corpo (e o sujeito) não como um ser duplo, e sim como uma estrutura única, um sistema integrado em que todas as partes e funções atuam como um todo no movimento geral da existência. Este corpo é um ser-no-mundo que interage com o fluxo dos acontecimentos e faz parte da vida, envolvido e inter-relacionado com outros seres através de modalidades existenciais e sua participação é temporal e finita. Estas modalidades, que se constituem em maneiras de ser, de se relacionar com o mundo são, portanto, maneiras de organização das experiências. Segundo Merleau Ponty, *“tudo o que vejo por princípio está a meu alcance, pelo menos ao alcance do meu olhar, assinalado no mapa do “eu posso”. Cada um dos mapas é completo. O mundo visível e o mundo dos meus projetos motores são partes totais de mesmo Ser... Visível e móvel, meu corpo está no número das coisas, é uma delas; é captado na contextura do mundo, e a sua coesão é a de uma coisa. Mas já que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo em volta de si; elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas na sua carne, fazem parte de sua definição plena, e o mundo é feito do próprio estofado do corpo”* (MERLEAU-PONTY, 1975:278).

O corpo passa a ser, então, o suporte e a garantia de nossa presença no mundo. É através dele que as experiências se cruzam, se articulam, se dão uma ordem e criam uma hierarquia segundo necessidades e circunstâncias que regem o movimento geral da existência. O corpo é a base, é a estrutura que se constitui na própria existência e se manifesta de forma temporal e finita, é a garantia de nossa presença no mundo e é nele que se manifestam todas as atitudes: sensorial, afetiva, emocional, erótica, intelectual ou cognoscitiva, enfim, é no corpo que se dão as manifestações fundamentais da nossa vida.

Para Merleau Ponty, a ação da consciência é uma das modalidades que tem o sujeito para se relacionar com o mundo, mas não é a *conditio sine qua non* da existência do sujeito mesmo e dos seres. A consciência deixa de ser um poder absoluto para passar a ser uma instância fundada na experiência e uma modalidade interdependente com outras potências que conformam a estrutura corporal. Pensar o corpo significa, na filosofia de Merleau Ponty, recuperá-lo na instância que antecede ao mundo objetivo. Isto significa querer assumi-lo como ele se dá na experiência e no mundo natural, como um ser em seu estado

bruto, selvagem, antes que a consciência e o pensamento possam moldá-lo, defini-lo. Recuperar o corpo é localizá-lo, situá-lo e descrevê-lo nas formas primeiras do seu estar, do seu ser no mundo, como sendo prévio da experiência. Vinculada a uma motricidade mais "antiga" que a dirige desde o fundo da sua vida sobre o mundo, como sendo seu motivo, seu destino, sua vocação natural (MERLEAU-PONTY, 1975).

Numa perspectiva existencialista, Sartre (1905-1980) afirma que o corpo é a experiência do que é “ultrapassado” e “passado”. Em cada projeto do *Para-si* (isto é, da consciência), em cada percepção, o corpo está lá: ele é o passado imediato que ainda está vivo no presente que lhe foge. Isto significa que ele é, ao mesmo tempo, ponto de vista e ponto de partida: um ponto de vista, um ponto de partida que sou e que, ao mesmo tempo, ultrapasso em direção ao que hei de ser (ABBAGNANO, 1999).

Mas para conhecer o corpo, e entendê-lo, é preciso tomar um ponto de vista exterior, a perspectiva do Outro, pois o meu corpo é um objeto do mundo, eu não posso entendê-lo da mesma forma que a mão que toca não pode tocar a si mesma. Conseqüentemente, eu não posso entender o “meu corpo” porque todo conhecimento implica em uma posição de exterioridade que é impossível de adotar na medida em que não posso me deslocar para uma outra dimensão externa ao corpo. Se este deslocamento de perspectiva não é possível, essa “proximidade” deixa escapar o que é essencial, visto que sou, ao mesmo tempo, espectador e ator desse/nesse corpo. Se o corpo existe na relação com o Outro, um conhecimento desinteressado com relação a esse corpo, sem um ponto de vista pessoal, totalmente neutro, seria algo absurdo, já que não há consciência pura, desencarnada, sem intencionalidade. Pois, se o corpo existe na relação, e na medida em que ele é visto, sentido e tocado pelo Outro, ele me escapa. A reconciliação entre os dois pontos de vista é impossível, mesmo numa relação de carinho, onde “*eu sinto a carne do outro através da minha própria carne*” (SARTRE, 1997:385).

Por outro lado, para Foucault (1926-1984), o corpo é vítima de mecanismos de controle que o modela, manipula e o adapta às exigências da sociedade, de modo a torná-lo útil. São regulamentos militares, escolares, hospitalares que controlam e corrigem as operações do corpo e permitem o controle minucioso de suas operações, realizando a sujeição constante de suas forças e impondo uma relação de docilidade que ele denomina “controle disciplinar”. Segundo ele, “*o corpo humano entra numa maquinaria de poder*

que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. (...) A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita” (FOUCAULT, 1987:119).

No século XX, a psicanálise nos permitiu superar o divórcio entre corpo e mente, ao incorporar a dimensão da realidade psíquica, tornando-se uma ferramenta importante para o questionamento da dualidade criada pela medicina ocidental contemporânea que tem reduzido o tratamento dos doentes a tratamento de organismos doentes. O corpo humano não se reduz ao biológico, e a construção freudiana da experiência psíquica aponta para a superação da dualidade corpo-mente, na medida em que desfaz a separação entre psiquismo e corpo (BASTOS, 2002). Para Freud, o Eu é uma extensão da superfície corpórea, sua constituição está diretamente ligada à corporalidade. Segundo ele, o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam na superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar as superfícies do aparelho mental (FREUD, 1923). Os processos fisiológicos são a condição de possibilidade dos processos psíquicos, são “concomitantes dependentes”. Na perspectiva freudiana, o humano se funda, de um lado, na ordem da linguagem, constituindo o corpo como corpo simbólico, e, de outro, na ordem da pulsão, portanto, na ordem do corpo (WINOGRAD, 1997).

Das experiências corporais arcaicas surgem as primeiras marcas que vão possibilitar a constituição do processo de subjetivação que vai acompanhar o sujeito em sua relação com o mundo. Os orifícios de entrada e saída de alimentos e de excrementos são zonas privilegiadas dos cuidados e atenções maternas, constituindo-se, então, em locais marcados pela intersubjetividade. A passagem do corpo biológico para o corpo erógeno é marcada pela experiência de satisfação e significação afetiva dada por um outro, a mãe, marcando o corpo para toda a vida por meio dessas relações intersubjetivas. Sendo assim, há um *continuum* entre as necessidades biológicas e o psíquico, numa relação auto-poiética cujos

limites nem sempre se apresentam de forma clara. Este dualismo pulsional marcado pela relação estabelecida entre o biológico e o psíquico vai também ser marcado pela cultura.

A complexidade humana se apresenta como um fenômeno intra e intersubjetivo, no qual o corpo e o inconsciente, o biológico e o psíquico, o individual e o social, a natureza e a cultura se mesclam. Mas o ponto de partida é o corpo. Este e o Id são, originariamente, a mesma coisa, a construção psíquica e a do corpo são processos concomitantes que vão dar origem ao fio que tece a costura da subjetividade.

Contrapondo-se à posição dos teóricos da psicanálise, temos a filosofia analítica que propõe a decomposição das questões e a análise dos elementos que compõem tais questões, de modo a criar a base de uma “análise lógica” que sintetiza e explica como algumas partes essenciais da mente, da linguagem e da realidade social funcionam e formam um todo coerente. Para Searle, *“a psicologia freudiana, qualquer que tenha sido sua contribuição definitiva para a cultura humana, não é mais levada à sério como teoria científica. Ela continua a existir como fenômeno cultural, mas poucos cientistas sérios acreditam que forneça uma explicação cientificamente consistente do desenvolvimento psicológico e da patologia humana”* (SEARLE, 2000:14).

Por sua vez, Searle, que rejeita tanto o materialismo como o dualismo, em sua obra *“Mente, linguagem e sociedade – Filosofia no mundo real”* (2000), pretende fazer um estudo que resgate a tradição iluminista e dê conta de explicar a estrutura geral de várias partes mais enigmáticas da realidade do ponto de vista da filosofia, entre elas, a que trata da relação corpo-mente. Uma tarefa um tanto quanto difícil, mas que ele pretende realizar, e vai viabilizá-la explicando alguns aspectos estruturais da mente, da linguagem e da sociedade, e ainda, demonstrar como tais aspectos se encaixam de modo a ressaltar sua unidade subjacente. Tal tarefa, declaradamente ambiciosa, pretende dar uma *“explicação cientificamente consistente”* para a questão corpo-mente, partindo do princípio de que os estados e processos conscientes são internos em um sentido espacial muito comum, já que acontecem dentro do corpo, e especificamente dentro do cérebro.

Searle parte de uma “posição padrão” estabelecida e afirma que há um mundo real independente de nós, independente de nossas experiências, pensamentos, linguagem, e que temos acesso perceptivo direto a esse mundo por meio de nossos sentidos, especialmente o tato e a visão. Ressalta ainda que nossas afirmações são em geral falsas ou verdadeiras

dependendo da correspondência delas a como as coisas são. Para ele, existe uma causalidade real entre objetos e estados de coisas do mundo, uma relação pela qual um fenômeno, a causa, provoca outro, o efeito. A consciência ocorre necessariamente dentro de um organismo ou de um outro sistema ligado ao organismo e pode ser explicada a partir de enunciados científicos. Essa “verdade” do corpo pode ser captada, analisada e decodificada a partir de um conhecimento filosófico do “mundo real”.

Atualmente, essa tentativa de estabelecer um conhecimento acerca da relação corporeamente segue vários rumos, entre eles, o da tecnologia ligada à neurofisiologia. Para o neurocientista português António Damásio**, a integração corpo-mente, que havia sido intuída por Espinosa no Século XVII, poderá ser comprovada dentro de alguns anos. Por volta de 2050, o conhecimento sobre fenômenos biológicos terá eliminado as separações tradicionais entre corpo/cérebro, corpo/mente e cérebro/mente (Damásio, 2004). Para ele, a máxima cartesiana “*penso, logo existo*”, deveria ser invertida, e o correto seria “*existo, logo penso*”, pois o corpo proporciona uma referência fundamental para a mente. Ambos fazem parte de um mesmo organismo e as alterações decorrentes da interação com o meio ambiente se processam simultaneamente no cérebro e no corpo, não havendo distinção entre cérebro, mente e corpo. As distinções seriam apenas formas didáticas de apresentação do processo de funcionamento mental. Desta forma, o cérebro cria representações do corpo à medida que este vai mudando sob influências de tipo químico e neural, moldando não somente o esquema corporal de acordo com as necessidades de funcionamento do corpo como também os processos mentais decorrentes³.

** António Damásio nasceu em Portugal em 1944. É *Distinguished Professor* e chefe do Departamento de Neurologia da Universidade de Iowa (EUA), professor adjunto do Instituto Salk de Estudos Biológicos em La Jolla, Califórnia, membro da *National Academy of Sciences* e da *American Academy of Arts and Sciences*. Publicou no Brasil *O Erro de Descartes - Emoção, razão e cérebro humano* (1996), *O mistério da Consciência* (2000) e *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos* (2004). Todos pela Companhia das Letras.

³ “Essa idéia encontra-se ancorada nas seguintes afirmações: 1) o cérebro humano e o resto do corpo constituem um organismo indissociável, formando um conjunto integrado por meio de circuitos reguladores bioquímicos e neurológicos mutuamente interativos (incluindo componentes endócrinos, imunológicos e neurais autônomos); 2) o organismo interage com o ambiente como um conjunto: a interação não é nem exclusivamente do corpo nem do cérebro; 3) as operações fisiológicas que denominamos por mente derivam desse conjunto estrutural e funcional e não apenas do cérebro: os fenômenos mentais só podem ser cabalmente compreendidos no contexto de um organismo em interação com o ambiente que o rodeia” (Damásio, 1996).

Mas essa corrente que vê o cérebro como extensão do corpo não é unanimidade. Para Renaud Bárbaras^{***}, a realidade física, assim como a dimensão que trata da vida psíquica, é o ponto de articulação entre alma e cérebro, existindo, ao mesmo tempo, *diferença* e até *irreduzibilidade*, entre o cérebro e a alma, assim como, *articulação* e *união*, de fato, na existência, ou seja, inserção da alma em um cérebro, que desenha os movimentos pelos quais essa alma se exteriorizaria e entraria assim na realidade material. Pois o homem não é apenas uma máquina, a vida espiritual excede infinitamente o cérebro, e a alma ou o espírito não se reduzem a um cérebro. Para ele, *“a função do cérebro é preparar ou esboçar os movimentos pelos quais nossa vida psíquica se exterioriza sob forma de ação: a substância cerebral desenha essas ações, que são como a projeção simplificada de nossos pensamentos, seu esquema motor. Nesse sentido, o cérebro é o órgão de um mímico: seu trabalho são as mímicas da vida do espírito, ou seja, ele extrai dela tudo o que pode se tornar real sob a forma de um movimento e, portanto, tudo o que pode ser inserido na exterioridade. Como escreve Bergson, em relação à atividade mental, a atividade cerebral é como os movimentos da batuta do regente, em relação à sinfonia”* (BÁRBARAS, 2003:74).

Para Bernard Andrieu (1993), a aparição do cérebro como modelo, ou melhor, como ideologia, modifica profundamente a descrição dos fenômenos entre o corpo e o espírito. Para ele, as ciências do cérebro vão se constituir como referência para um materialismo reducionista ao naturalizar as faculdades mentais e as funções neuronais. Da mesma forma, outros autores vão reduzir os aspectos psicossomáticos ao modelo orgânico ou ao modelo psíquico para compreender a produção de sintomas. Para ele, ainda está por se construir uma topologia do espírito e do corpo.

^{***} Renaud Bárbaras é professor titular de história da filosofia da Universidade de Blaise Pascal, de Clermont-Ferrand, e membro do Conselho de Acompanhamento Científico do Centro de Filosofia Clássica de Lisboa. Entre seus livros, destacam-se: *“De l’être du phénomène: sur l’ontologie de Merleau-Ponty”*, *“La perception: essai sur le sensible”*, *“Le tournant de l’expérience”* e *“Le désir et la distance”*.

2.5 - Um novo olhar (?) - A partir dos autores citados, podemos ter uma noção da argumentação acerca da construção de sentidos acerca do corpo e da relação corpo-mente ao longo da história da filosofia. A pergunta principal “O que é um corpo, e como ele se relaciona com a mente?”, longe de ser uma mera questão retórica, metafísica, restrita aos estudiosos da filosofia, é uma das questões mais importantes do pensamento ocidental. Desde sua origem na Grécia, não existe unanimidade, muito pelo contrário, a questão é polêmica, carregada de conflitos e posições radicalmente opostas. Tais posições retratam dissensões teóricas, visões de mundo, concepções religiosas, morais e políticas das mais diversas. A divergência é uma constante e as posições variam entre oposições sistemáticas ou perspectivas complementares. Contudo, todas tratam a questão corpo-alma ou corpo-mente como uma extensão de seus pressupostos teóricos. E o corpo, devido à sua enorme plasticidade, se adapta a cada uma delas, ou se deixa apropriar por cada um desses discursos, sem, no entanto, se deixar aprisionar por nenhum deles.

As posições variam e revelam também os conflitos (dualismos e/ou dualidades) da ciência. A concepção clássica da ciência opta por uma postura reducionista, afirmando ser sempre possível reduzir as propriedades de um todo às suas partes simples, tornando não apenas o corpo, como também o mundo, um grande mecanismo composto de partes simples, identificáveis, possíveis de serem conhecidas. A perspectiva contemporânea incorpora as revoluções científicas ocorridas no século XX e questionam a capacidade da ciência clássica de tudo conhecer ou explicar. Temos ainda a posição de diversos pensadores que recusaram a redução dos organismos vivos a meros sistemas mecânicos e acrescentaram à matéria física, uma substância (ou sopro, ou força) vital, necessária para dar vida ao organismo. Neste conflito entre concepções distintas de matéria e pensamento, a primeira posição é herdeira direta do cartesianismo, e a última recupera uma tradição vitalista que, em sentido mais preciso, “*é a doutrina defendida por filósofos e cientistas entre meados do século XVIII e meados do século XIX, segundo a qual o fundamento dos fenômenos vitais é uma força vital que não depende de mecanismos físico-químicos*” (ABBAGNANO, 1999:1005). Tal doutrina ganha cada vez mais espaço e se hibridiza com outras doutrinas fora do pensamento ocidental.

Por meio dessas divergências, podemos perceber nas concepções expostas os rastros dos interesses de cada campo teórico. Seja nas cosmogonias da mitologia grega, na busca

de uma explicação do mundo natural dos pré-socráticos, no idealismo platônico, no pensamento empírico de Aristóteles, na concepção cristã ou naquela do pensamento moderno, em sua vertente clássica ou vitalista, temos na relação corpo-mente uma extensão e uma posição bem determinada na definição de cada estratégia da produção de conhecimento.

Segundo Mario Bunge (1999:301), podemos identificar entre as concepções atuais de dualismo e monismo pelo menos cinco doutrinas relativas a cada uma delas. Com relação ao monismo podemos citar: 1) o Idealismo monista, ou espiritualismo, que afirma que *“tudo é mental”*; 2) o Monismo neutro, ou doutrina de duplo aspecto, que afirma que *“o físico e o mental são duas manifestações de uma substância neutra incognoscível”*; 3) o Materialismo eliminatório, para o qual *“nada é mental”*; 04) o Fysicalismo ou materialismo reducionista, que afirma serem *“os eventos mentais físicos ou físicoquímicos”*; 5) Materialismo emergentista, segundo o qual *“os processos mentais constituem um subconjunto dos processos neurofisiológicos nos cérebros dos vertebrados superiores, que emergiram no curso da evolução”*.

Com relação ao dualismo, podemos citar: 1) o Autonomismo: *“o mental e o físico não estão relacionados”*; 2) o Paralelismo psicofísico: para o qual *“todo evento está acompanhado de um evento neural, síncrono, mas de outro modo não relacionado a ele”*; 3) o Epifenomenalismo: *“o mental é causado pelo físico”*; 4) o Animismo: *“embora imateriais, os eventos mentais causam eventos neurais ou físicos”*; 5) o Interacionismo: *“os eventos mentais ou são causa de outros eventos neurais ou físicos, ou são causados por eles, sendo o cérebro apenas o instrumento ou “base material” da mente”* (BUNGE,1999:303). Adotando os critérios de inteligibilidade, consistência interna, sistematicidade, literalidade, testabilidade, evidência, consistência externa, originalidade, poder heurístico e solidez filosófica, Bunge afirma que a argumentação dualista possui vários pontos fracos, entre eles o de que o dualismo não é aferível por meios científicos; está *“em desavença com a física”*; não é heurísticamente poderosa, *“pois não sugere novos experimentos nem novas suposições”*, e não é filosoficamente sólido, *“pois coloca entidades fantasmagóricas”*. Por outro lado, *“todas as concepções monistas, exceto o monismo neutro, são razoavelmente claras, consistentes, sistêmicas, ao pé da letra e aferíveis”* (BUNGE, 1999:305).

Cada uma dessas alternativas faz parte de uma das escolas filosóficas citadas anteriormente e, na história recente, esta polêmica extrapola a dualidade corpo mente passando pela fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty, pela psicanálise de Freud, pelo existencialismo de Sartre, pela crítica corrosiva de Nietzsche, pela alternativa “espiritual” de Bergson ou pela perspectiva do controle social em Foucault. Todas retratam os conflitos do pensamento ocidental em sua busca de explicações lógicas, buscando validar as posições teóricas que definem suas posições no campo do saber científico. Tais questões, em sua maioria, retratam os conflitos do campo e utilizam o corpo como instrumento de validação de todo seu arcabouço teórico. A questão corpo-mente se presta a toda sorte de construção teórica e a plasticidade do corpo se adapta a todas as teorias, escolas e paradigmas.

Na história da filosofia, os conceitos de dualismo e monismo são movimentos pendulares que oscilam entre a imanência e a transcendência. O corpo é visto como positividade ou como negatividade, matéria ou espírito. Mas o corpo continua sendo o objeto principal dessa produção de discursos, sentidos e conceitos, que são explicações possíveis, provisórias, e tanto podem traduzir tentativas de aprisionamento quanto libertação. E a partir dessa produção de conceitos podemos perceber as posições e os conflitos no campo. O paradigma científico dominante, que tem sua origem na teoria heliocêntrica do movimento dos planetas de Copérnico, nas leis de Kepler sobre as órbitas dos planetas, nas leis de Galileu sobre a queda dos corpos, na grande síntese operada por Newton e embalada por Descartes, é um modelo totalitário que nega um caráter racional a todas as formas de conhecimento que não operem segundo sua lógica, que não se pautem por seus princípios epistemológicos e por suas regras metodológicas. Ele cria assim uma racionalidade científica que coloca o corpo como objeto, mero instrumento do conhecimento, a mercê de uma racionalidade científica que produz saberes, conceitos e verdades acerca do corpo que, por sua vez, vão se diluir e penetrar no conjunto da sociedade chegando até ao senso comum. Mas esse pensamento, apesar de hegemônico não constitui unanimidade.

Para Deleuze, a filosofia é a arte de formar, de inventar e criar conceitos. (DELEUZE, 1992). Para eles, um conceito é sempre uma interseção, uma articulação de idéias que constitui um todo, mas um todo fragmentário, uma possibilidade de expressão entre várias possíveis. Uma construção que junta partes de outros conceitos, fragmentos de

outras teorias e que sempre buscam a solução de problemas que também são criados, de modo que nem os problemas colocados nem os conceitos são criados do nada, eles obedecem a uma lógica própria e às condições de realidade em que foram criados, formando condensações, reduções discursivas de um plano mais geral. Os conceitos, neste sentido, pertencem à filosofia, pois é ela quem os cria, instaura e articula em seus planos de imanência. Sendo este plano o *locus* onde os conceitos se materializam, adquirem consistência e se enfrentam, sem obedecer a uma historicidade ou desenvolvimento gradativo ou linear. Muito pelo contrário, os conceitos às vezes voltam, reaparecem em outros discursos, são reapropriados, reinventados de acordo com as condições e as necessidades de cada circunstância. Para ele, a filosofia é devir, não história; ela é coexistência de planos, não superposição de sistemas. A história da filosofia é inteiramente desinteressante se não se propuser a despertar um conceito adormecido, a relançá-lo numa nova cena, mesmo a preço de voltá-lo contra ele mesmo (DELEUZE,1992). Desta forma, dualismo e monismo são conceitos que pertencem à história da filosofia, mas a ultrapassam e sempre reaparecem assumindo novas formas. São novas apropriações que não cessam de produzir sentidos, formas de compreensão, conceitos e deslocamentos no plano de imanência.

Apesar das oposições acerca da dualidade corpo-mente, e de toda a diversidade de posições teóricas disponíveis, a lógica de Descartes se impôs e o pensamento cartesiano foi aquele que mais fortemente influenciou a epistemologia hegemônica aplicada na biomedicina, que reproduz um paradigma biomecânico, positivista e representacionista, centrado nas entidades da nosografia médica que, sem generalizar, ainda vêem o corpo e a mente como instâncias dissociadas. Segundo Koyré, a metáfora maquinica que prevaleceu na visão clássica do ocidente tem uma enorme influência de Descartes, mas não podemos menosprezar o papel de Galileu, e, principalmente, o papel de Newton, pois foi ele o grande sistematizador da concepção mecanicista, ao formular suas três leis da mecânica (KOYRÉ,1979)⁴.

⁴ Newton completou a unificação dos espaços celeste e terrestre que Kepler iniciara. A “lei da gravitação dos corpos”, por meio de uma equação matemática, demonstra que a mesma força que faz uma maçã cair no chão podia explicar como a Lua girava em torno da Terra e como os planetas giravam em torno do Sol. Ou seja, uma força física operava em ambos os domínios, o celeste e o terrestre. A essência da Lei de Newton é uma força de atração que se exerce entre duas massas físicas. Onde há gravidade, deve haver matéria física, sólida e bruta, desta forma, o espaço celeste e o espaço terrestre estavam unidos como um domínio físico contínuo.

A cosmovisão clássica que propõe um olhar mecanicista e a dicotomia corpo-mente vão ser questionadas pela psicanálise que, por meio de um longo percurso não isento de impasses e contradições, rompe com as oposições impostas pelo pensamento clássico e passa a perceber o homem enquanto sujeito da experiência e do conhecimento, destituindo a razão (desvinculada do corpo) como instrumento hegemônico da produção do saber. Hoje, essa lógica hegemônica já não dá mais conta de explicar a realidade de forma convincente e, ao mesmo tempo, ainda não temos alternativa disponível que seja aceita por todos para ocupar o seu lugar.

A relação ciência x corpo vem se construindo desde o Renascimento e cada vez mais o corpo está sendo desvelado, dissecado, transformado e tornado conhecido do grande público. Hoje há um senso comum ampliado, informado pelos meios de comunicação de massa, que fala do corpo a partir de um vocabulário que tem sua origem no conhecimento médico. Porém, o senso comum não se dá conta de que o conhecimento acerca do corpo obedece a uma geografia e terminologia médica, sem que se conheça perfeitamente a nosologia oficial e nem mesmo, os interesses, os conflitos, os discursos, o sentido de cada discurso e o papel de cada um dos atores. Há um esquecimento dos conteúdos de cada fala, um desconhecimento do campo da biomedicina e, ao mesmo tempo, há uma reprodução de um discurso acerca do corpo que é oriundo de um dos setores de campo que se torna oficial, naturalizado e “comprovado cientificamente”.

Há uma ciência que “simplifica” o corpo, manipulando-o e reduzindo-o a um amontoado de órgãos que se comunicam da mesma forma que as partes constituintes de uma máquina. O homem é da mesma forma tratado como um objeto manipulável, uma máquina quase perfeita, uma espécie de relógio cujas peças se ajustam perfeitamente de forma mecânica, e basta uma intervenção simples, ou o uso do medicamento correto, e o problema estará resolvido. Esta mesma ciência trata o cérebro e/ou o pensamento com as mesmas ferramentas mecânicas da ciência clássica, como se ela oferecesse todas as respostas e suas respostas fossem as mais eficazes e sem margem de erro. Esquecem que a ciência não possui todas as respostas e que tanto os processos corporais quanto os processos mentais observados isoladamente não obedecem às tentativas de “naturalização”.

Uma mesma lei dá conta de explicar um fenômeno em sua totalidade e possui validade em qualquer ponto do espaço terrestre. Essa idéia de uma mesma lei universal vai influenciar todo o pensamento posterior a Newton, criando um novo patamar epistemológico.

Como se as leis da mecânica determinassem, por meio de um movimento contínuo entre moléculas e átomos, todo o comportamento, afetos, sensações, memória e desejos, e como se uma interferência química ou cirúrgica possibilitasse uma transformação no padrão de comportamento, da mesma forma que uma interferência no código genético possibilitaria uma alteração desses mesmos padrões.

A partir das pesquisas que demonstram que lesões da memória correspondem a lesões localizadas no cérebro, passou-se a deduzir que o espírito se limita a reproduzir o que o cérebro forma mecanicamente. Desta forma, a ciência procura até hoje estabelecer paralelos entre estrutura e função cerebral, tentando “naturalizar” o homem e seu espírito. O que esta ciência esquece, e o que as revoluções científicas e as rupturas epistemológicas teimam em nos lembrar, é que este modelo mecânico e funcional já não é a única resposta possível e que, provavelmente, daqui a alguns anos, todas as “verdades” vigentes podem se revelar insuficientes, equivocadas, limitadas, ou até mesmo “ingênuas”.

Em alguns autores, podemos identificar também os rastros de uma produção de conhecimento mais naturalista, próxima de um saber instrumental, que adota a técnica como padrão e a matéria (Espaço) como referência principal. Por outro lado, encontramos também rastros de uma postura mais humanizadora, mais próxima de um saber crítico, que não aceita os limites rígidos do conhecimento científico e arrisca uma posição que pode ser considerada mais polêmica, já que incorpora uma saída espiritualizada, e vê a memória (Tempo) como referência principal. Enquanto Bergson propõe uma espécie de conciliação entre corpo e espírito, entre matéria (espaço) e memória (tempo), tal afirmação, para os devotos mais radicais da ciência, pode parecer um absurdo, talvez uma piada.

O desenvolvimento da biotecnociência coloca novas questões, e nelas, o corpo está no meio de um conflito epistemológico. O corpo, de objeto do conhecimento passa a ser o sujeito da ação, as razões do corpo saltam à frente da cena. Desta forma, hoje, o conhecimento acerca do corpo não cabe mais nos modelos teóricos disponíveis. Ou seja, o corpo está nessa encruzilhada entre interesses distintos, ele é o lugar dessa dinâmica sutil, dessa luta de escolas e teorias, desse trabalho longo de elaboração de estratégias discursivas. Já que ele não se prende a nenhuma apreensão exclusiva, muito pelo contrário, transita e se adapta a cada uma delas, cabe entendê-lo, compreender sua flexibilidade, sua plasticidade e criar novas formas de entendimento.

A noção de natureza já não é mais a mesma que a produzida pelo pensamento moderno. A história das idéias operou com parâmetros, conceitos e horizontes diferentes dos atuais e mesmo os aspectos mais sólidos do pensamento, sejam os de uma ciência mais dura como a física, ou nas leis do sistema jurídico, já não possuem a rigidez de outrora e hoje já questionam seus próprios pressupostos. As noções de sujeito, sujeito do direito e direito natural começam a ser repensadas pela bioética e pelas biotecnologias, abrindo o caminho para a entrada de novas tecnologias, novos parâmetros e, quem sabe, novas corporalidades. O problema agora é que as novas tecnologias atingiram um desenvolvimento técnico que permite uma alteração na própria ordem da evolução da espécie e tudo caminha, principalmente o corpo, para o artifício. Neste panorama de transformações radicais, que incluem a genômica, a nanotecnologia, as técnicas de fecundação e a hibridização dessas técnicas com ao corpo, as cirurgias plásticas são apenas a ponta do iceberg, apenas a tecnologia mais simples que as camadas médias da população começam a ter acesso. E se o desenvolvimento da biotecnologia é inevitável e a transformação do corpo numa terceira coisa, nem natural nem inteiramente artificial, é irreversível, a questão que fica no ar é: Como vamos lidar com isso eticamente?

A revolução científica contemporânea, iniciada no século XX, não permite mais a adesão simples ao discurso científico clássico, embora o respeite. Não se trata de questionar o saber científico hegemônico em sua totalidade, mas de se dar conta de que a realidade hoje permite visões distintas e ao mesmo tempo corretas, de acordo com a escala e as condições de observação. Em microescala, temos uma natureza, a dos processos ambíguos da física quântica; em megaescala, a natureza inacabada e dinâmica da cosmologia relativista; na antropoescala, a mecânica clássica é apenas uma de suas vertentes, convivendo com as os sistemas não lineares deterministas, mas imprevisíveis da teoria do caos (OLIVEIRA, 1999). A natureza não é mais unânime e uniforme, e sim tríplice, ou triplicada, três naturezas diferenciadas conforme o foco ou a dimensão que se queira investigar.

O corpo é socialmente construído e nele se materializa a relação sujeito x sociedade, tornando-se a arena onde acontecem os conflitos simbólicos que refletem questões de cada época. Se o corpo é o principal elo de ligação entre o sujeito e o mundo, é ele também que traduz o diálogo “natureza e cultura”. Desta forma, o imaginário acerca do corpo vai refletir

os conflitos e as diferentes concepções de corpo, corporeidade, relação corpo-mente ou corpo-alma que foram produzidos no passado e ainda podem ser identificados nos discursos atuais. Uma nova epistemologia deverá encontrar novas alternativas para lidar com as questões levantadas aqui, pois o novo corpo que está se desenhando, o corpo híbrido, que conjuga biotecnologia, subjetividade, discursos científicos, religiosos e políticos, já não cabe nos estreitos manuais de campos teóricos restritos. Não podemos mais pensar “natureza” e “cultura” com as mesmas ferramentas teóricas do século XVII. É necessária uma nova revolução copernicana que retire do discurso racional a primazia sobre o corpo e o deixe falar. Mas como entendê-lo? Como fazê-lo?

Segundo o físico Luís Alberto Oliveira, neste novo milênio, a nova cosmovisão *“fundada nos paradigmas da complexidade implicará a concomitante diluição das antigas distinções que demarcavam as fronteiras entre natureza e cultura (ou criatura e artefato), entre sujeito e objeto (ou corpo e pensamento), entre interioridade exterioridade (ou indivíduo ou meio). Estamos apenas começando a vislumbrar, nos dias de hoje, as amplas repercussões que a dissolução dessas fronteiras que são a nossa herança imediata, o legado com o qual o Ocidente se identificou nos últimos três séculos, haverá de ter. Transformações civilizacionais desse calibre não costumam ser experiências pacíficas e serenas”* (OLIVEIRA, 1999:143). Talvez uma alternativa seja dar ouvidos ao que disse Deleuze. Segundo ele, *“o corpo não é mais o obstáculo que separa o pensamento de si mesmo, aquilo que deve superar para conseguir pensar. É, ao contrário, aquilo em que ele mergulha ou deve mergulhar para, para atingir o impensado, isto é, a vida. Não que o corpo pense, porém, obstinado, teimoso, ele força a pensar, e força a pensar o que escapa ao pensamento, à vida. Não se fará a vida comparecer perante as categorias do pensamento, lograr-se-á o pensamento nas categorias da vida. As categorias da vida são precisamente as atitudes do corpo, suas posturas”* (DELEUZE, 1990:227).

Podemos perceber nas entrelinhas do que foi dito aqui, que o corpo, desde a antiguidade grega e latina, é um dos principais temas de reflexão e discussão da filosofia, e mais recentemente, com o surgimento das ciências humanas na passagem do século XIX para o século XX, o corpo assume também um lugar de destaque na antropologia, na psicologia e na sociologia. Ou seja, o corpo é onipresente na história do pensamento ocidental. Ele é considerado como principal responsável por todos os males, culpas,

pecados e tormentos, amaldiçoado ou louvado por artistas, escritores e poetas, gerando discursos múltiplos em vários campos. Podemos perceber simultaneamente uma produção de sentidos acerca do corpo a partir dos discursos oriundos da religião, da ciência, da literatura erótica, da consciência moral, do discurso médico, das artes plásticas, do pensamento jurídico, da política, do pensamento econômico, social. Em suma, ao mesmo tempo em que o corpo se submete a todas as perspectivas e disciplinas, não se deixa aprisionar por nenhuma delas.

Aprisionar o corpo em um único discurso é limitar a perspectiva de análise, é se isolar em uma abordagem única, empobrecendo e reduzindo a questão, pois a construção de sentidos acerca do corpo incorpora todos os olhares citados aqui, outros olhares que veremos a seguir, e ainda, vários outros dos quais sequer conhecemos a existência.

2.6 - O corpo nas ciências humanas – A antropologia, desde Marcel Mauss (1872-1950), demonstra a diversidade moral e cultural da humanidade, revelando modos distintos de percepção, utilização e relação com o corpo. Marcas corporais e metamorfoses do corpo são comuns em inúmeras sociedades humanas, tais como subtração ritual de fragmentos do corpo (clitóris, prepúcio, dentes, dedos, pêlos), modificações na pele (escarificações, incisões, cicatrizes salientes, modelagem de dentes, etc), inscrições sob a forma de tatuagens definitivas ou provisórias, maquilagem, modificações na forma do corpo (alongamento do crânio, pescoço, deformação dos pés, deformações no tronco), alongamento do lóbulo das orelhas, lábios, mamilos, formas capilares diferenciadas, ou seja, inúmeros tipos de transformação corporal que atuam como formas de distinção do sujeito na coletividade, utilizando o corpo como objeto de interação e adaptação ao meio social (MAUSS, 1950).

O contexto social e cultural modela o corpo em suas diversas maneiras de falar, andar, pular, saltar, dançar, sentar, rir, ficar de pé, dormir, tocar, ver, viver e morrer, ou seja, o indivíduo modela seu corpo no diálogo com a sociedade. As convenções sociais revelam a relação do indivíduo com o seu meio social por meio de ritos, etiquetas, características gestuais, formas de percepção, de expressão de sentimentos, distinção de

classe, códigos culturais e sociais, jogos de aparência, jogos de sedução, erotização, adornos, moda, técnicas corporais, marcas de distinção (como tatuagens e piercings), entretenimento físico, lazer, prazer, sexo, relação com o sofrimento, com a dor, etc. Tudo está inscrito no corpo.

Se o corpo é o principal elo de ligação entre o sujeito e o mundo, é ele também que traduz o diálogo “natureza e cultura”. O corpo é socialmente construído e nele se materializa a relação sujeito x sociedade, tornando-se a arena onde acontecem os conflitos simbólicos que refletem questões do nosso tempo. A cultura não é apenas um agrupamento de complexos padrões concretos de comportamentos (costumes, tradições, usos, hábitos), mas um conjunto de mecanismos de controle (planos, receitas, regras, instruções), ou o que os engenheiros de computação chamam de “programas” para governar o comportamento. Para Geertz (1989), o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar o seu comportamento. Os padrões culturais agem como sistemas organizados de símbolos, e a cultura, vista como totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela, a principal base de sua especificidade. A antropologia cultural tem proporcionado recentemente um intenso debate acerca da produção de significados simbólicos sobre o corpo.

Outros setores das Ciências Humanas também estão atentos às formas de construção social dos corpos. A sociologia, e a sociologia médica acima de tudo, encorajou os historiadores a tratarem o corpo como a encruzilhada entre o ego e a sociedade (PORTER, 2001). Nas tribos urbanas, o corpo tem lugar de destaque, nele são colocados marcas, sentidos e desejos diversos, entre eles, os mais recentes de transformação, adequação e até mesmo duplicação. O corpo torna-se, então, a arena onde acontecem discursos e conflitos simbólicos, políticos, culturais, étnicos, históricos, religiosos e econômicos, refletindo as questões do nosso tempo, refletindo também uma sociedade marcada pela valorização do individualismo, narcisismo, hedonismo e consumo. Ele é um dos elementos fundadores da presença do sujeito na sociedade. A construção da identidade está atrelada a ele, e, em alguns casos, a (re)construção do próprio corpo é um dos mecanismos de reconstrução da identidade, da auto-estima e do estabelecimento da relação com o mundo. As representações do corpo operam de acordo com as representações disponíveis na sociedade,

de acordo com as visões de mundo das diferentes comunidades humanas. O corpo é socialmente construído (LE BRETON, 1992).

Para a psicanálise, desde Freud, o Eu é uma extensão da superfície corpórea e sua constituição está diretamente ligada à corporalidade. Os processos fisiológicos e os processos psíquicos são interdependentes, fazendo com que o biológico e o simbólico dialoguem desde o início da construção da subjetividade. As diferenças surgidas na atividade infantil rítmica e repetida que o bebê faz com os lábios ao mamar, com a finalidade de ingerir alimentos, e ao chupar, que é caracterizada pela ausência de uma finalidade biológica, marcam as características da atividade sexual em geral. O bebê não apenas suga o leite da mãe, ele chupa o peito materno. Os lábios do bebê se comportam como uma zona erógena e podem ser consideradas como ponto de partida para o estabelecimento do auto-erotismo. O engolir e o cuspir fazem parte da função alimentar do corpo biológico. A função alimentar pode ser vista, então, como um processo psíquico, fantasmático, do corpo sexual, que toma a atividade biológica como modelo. As zonas erógenas são, pela proposição de Freud, as fontes da pulsão e a estimulação de tais zonas produzem experiências de satisfação que constituem a base da excitação sexual. No entanto, todo o corpo pode funcionar como zona erógena e qualquer parte do corpo pode ser excitada de maneira autônoma.

A origem deste processo relacional entre o biológico, o psíquico e o ambiente pode ter sua origem anterior mesmo ao nascimento. Segundo Winnicott, *“devemos presumir que, antes do parto, o bebê já seja capaz de reter memórias corporais, pois já existe uma certa quantidade de evidências de que a partir de uma data anterior ao nascimento, nada daquilo que um ser humano vivencia é perdido”* (WINNICOT, 1990: 147). Dessa forma, o processo de construção da psique e do soma tem sua origem nas primeiras experiências de mudança de pressão, temperatura e outros fatores ambientais simples com as quais o feto entra em contato através da mãe, sem contar com as experiências emocionais e vivências afetivas intensas vividas pela mãe, gerando a capacidade de reconhecer tais experiências, organizá-las e dar-lhes valor. No entanto, *“neste estágio tão inicial não é lógico pensarmos em termos de um indivíduo, e não apenas devido ao grau de dependência ou apenas porque o indivíduo ainda não está em condições de perceber o ambiente, mas também porque ainda não existe ali um self individual capaz de discriminar o Eu e o não Eu”*

(WINNICOTT, 1990:153). Ou seja, não é possível, nem necessário, estabelecer objetivamente os limites da origem da relação corpo-mente, porém, mesmo no momento anterior à formação do indivíduo consciente podemos supor que essa relação se manifesta.

No processo de surgimento da consciência individual, essa relação já está presente, mesmo que de forma caótica. A constituição primária da consciência, que é descontínua e atemporal, vai se moldar e criar as condições de desenvolvimento emocional numa tentativa de dar ordem ao caos dominante. Ele (o caos) “*se torna significativo exatamente no momento em que já é possível discernir algum tipo de ordem (...) ele já se transformou numa espécie de ordem, um estado que pode se tornar organizado como defesa contra a ansiedade associadas à ordem*” (WINNICOTT, 1990:157).

No nascimento e nos dias que se seguem, a criança apresenta um esboço do Eu, em virtude das experiências sensoriais realizadas em sua vida intra-uterina e o contato corporal com a mãe é um fator essencial de seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social na fase adulta. Do mesmo modo, a superfície do conjunto de seu corpo com o de sua mãe pode proporcionar ao bebê experiências tão importantes, por sua qualidade emocional, por sua estimulação da confiança, do prazer e do pensamento, quanto as experiências ligadas à sucção e à secreção. Segundo Didier Anzieu (1989), “*Os cuidados da mãe produzem estimulações involuntárias na epiderme, quando o bebê é banhado, lavado, esfregado, carregado, abraçado. (...) O bebê recebe esses gestos maternos primeiro como uma estimulação e depois como uma comunicação. A massagem se torna uma mensagem*” (ANZIEU, 1989:43).

Por meio dessas interações vão ser criadas as bases do comportamento psicomotor que serão os precursores dos modelos cognitivos posteriores. Para Winnicott, o rosto da mãe, o holding, o toque, as experiências sensoriais e as reações do círculo humano fornecem o primeiro espelho à criança, que constitui seu *Self* a partir do que é refletido. Por outro lado, Didier Anzieu evidencia a existência de um equipamento anterior, formado pelas sensações auditivas, que preparam o *Self* para estruturar as dimensões espacial (orientação e distância) e temporal, de modo que o *Self* pode ser constituído pela introjeção do universo sonoro (além do gustativo e do olfativo), paralelamente às sensações táteis. Segundo Anzieu, “*O choro é primeiro pura descarga motora da excitação interna, de acordo com o esquema reflexo que constitui a estrutura primeira do aparelho psíquico.*

Depois, ele é entendido pelo bebê e pelas pessoas que o cercam como uma exigência e como o primeiro meio de comunicação entre eles, ocasionando a passagem à segunda estrutura do aparelho psíquico onde intervém, em uma reação circular, o sinal, forma primária da comunicação. A via de descarga adquire assim uma função secundária de extrema importância, a de compreensão mútua” (ANZIEU, 1989:192).

Estas experiências sonoras, gustativas, táteis ou visuais fundamentam o processo psíquico primário que visa à realização alucinatória do desejo e constitui uma primeira forma de simbolização. Há um conhecimento pré-conceitual anterior à linguagem, permitindo que o corpo se constitua e produza conhecimento a partir das primeiras sensações. Ou seja, a subjetivação é construída numa relação direta com o corpo. Psique e soma interagem para compreender e posteriormente agir no mundo. Dessa forma, a construção do processo perceptivo e cognitivo do sujeito vai estar diretamente ligada à corporalidade. É ela quem fornece os subsídios para a configuração do mundo, a produção de significações e para o estabelecimento de relações objetais. O sujeito age com intencionalidade com relação ao mundo, tentando defini-lo e organizá-lo a partir de sua corporalidade. O sujeito organiza, mas não fabrica o mundo, não dá origem a ele e não nega sua materialidade, porém, as representações que ele cria são parte de um processo perceptivo que podem encontrar no corpo sua origem.

Para Melanie Klein⁵, a experiência original desta unidade e/ou fragmentação corporal se situa no contexto da "fantasia". Esta fantasia inconsciente é a expressão mental dos instintos (pulsões), e existe, como estes, desde o começo da vida. Estas pulsões necessitam de objetos para se relacionar e se projetar. Para cada pulsão, há uma "fantasia" de um objeto ligado a ela, que vai se adequar à sua necessidade, ou seja, para cada impulso instintivo, há uma fantasia correspondente. Para o desejo de comer, corresponde uma fantasia de algo comestível que poderia satisfazer este desejo. É o que Freud descreve como "realização alucinatória dos desejos".

Desde o momento do nascimento, o bebê enfrenta o impacto da realidade, que começa com a própria experiência do nascimento e prossegue com inúmeras experiências de gratificação e frustração de seus desejos. Estas experiências com a realidade influem diretamente na fantasia inconsciente que, por sua vez, também as

⁵ Cf. SEGAL, Hanna. *Introducción a la obra de Melanie Klein*. Buenos Aires: Paidós, 1996.

influencia. A fantasia não é apenas uma fuga da realidade, é uma ferramenta constante e inevitável para enfrentar as experiências reais, em constante interação com elas.

A realidade corporal da criança tem sua estruturação psíquica em relação aos corpos materno e paterno. Depende, porém, primordialmente da existência original das pulsões destrutivas. Para Melanie Klein, esta realidade corporal é fantasmática, pois é através destas "imagens" que surgem através dos desejos violentos de satisfação e destruição, que a criança descobre seu corpo. E também através do corpo da mãe, ao sugar, morder, apertar, etc. O corpo é vivido pela criança como uma força perigosa. Há uma agressividade original que afeta a realidade fantasmática de seu corpo, do outro e do mundo, ao experimentar a divisão sob tensão de frustração e angústia.

Desde o princípio, há tanto uma tendência de integração como uma tendência de fragmentação, e no decorrer do desenvolvimento, incluindo os primeiros meses, o bebê passa por momentos de integração mais ou menos completa. Porém, quando os processos integradores se fazem mais estáveis e contínuos surge uma nova fase de desenvolvimento: a posição depressiva.

Melanie Klein definiu esta "posição depressiva" como a fase do desenvolvimento em que o bebê reconhece um objeto total e se relaciona com ele. Quando um bebê reconhece sua mãe, isto significa que ele já a percebe como um objeto total. Ou seja, cada vez mais o bebê se relaciona não só com o peito, mãos, rosto e os olhos da mãe como objetos diferenciados. Ele começa a perceber a mãe como pessoa total que pode às vezes ser boa, e às vezes ser má, que pode estar às vezes presente e às vezes ausente, e que ele pode amar e odiar ao mesmo tempo.

Este reconhecimento da mãe como uma pessoa total tem muitas conseqüências e abre um mundo de experiências novas. Reconhecer sua mãe como pessoa total significa também reconhecê-la como um indivíduo com vida própria que estabelece e vive relações com outras pessoas. Na medida em que estas experiências se sucedem, o bebê começa a se ver também como uma pessoa independente.

A unidade e a fragmentação corporais presentes no adulto correspondem à memória do corpo. Este só é cindido, ou só é sentido como tal, se já sentiu em algum momento esta cisão. A sensação de fragmentação e/ou desamparo só se tornam ameaçadoras na medida em que elas já foram vivenciadas em um outro momento da história daquele sujeito. O

“medo do colapso”⁶ a que se refere Winnicott só é conhecido por quem já o experimentou em algum outro momento e carrega no corpo esta "lembrança".

Para Anzieu, toda atividade psíquica se estabelece sobre uma função biológica e a pele desempenha um papel fundamental, ela dá limite ao Eu, sendo a base da formação egóica do sujeito. Por meio dela, a partir das primeiras experiências corporais, a criança progressivamente vai criar uma diferenciação entre o mundo interno e o mundo externo, o dentro e o fora, um ambiente no qual ela se sente mergulhada e que lhe traz a experiência de um continente. E a pele é a fronteira que vai delimitar tais mundos. Ela tem as funções de bolsa que contém e retém em seu interior o bom e o pleno aí armazenados com o aleitamento e os cuidados; de interface que marca o limite com o fora e o mantém no exterior; de lugar e meio primário de comunicação; de estabelecimento de relações significantes; de barreiras e de filtro de trocas (com o Id, o Superego e o mundo exterior). Para Anzieu, o “Eu-pele” cria a possibilidade de pensamento e sua constituição é uma das condições da passagem do narcisismo primário ao narcisismo secundário e do masoquismo primário ao masoquismo secundário. *“Assim como a pele envolve todo o corpo, o Eu-pele visa envolver todo o aparelho psíquico (...) Esta continuidade da casca e do núcleo fundamenta o sentido da continuidade do Self (ANZIEU, 1989:115).*

Segundo Lacan (1966), no “estádio do espelho”, a identificação tem sua origem no período infantil de seis a dezoito meses e consiste numa antecipação da aquisição da unidade funcional do corpo pela criança antes que ela utilize a linguagem. Nesse trabalho, ele apresenta o momento genético de identificação afetiva e de unidade que contribuirá para a formação do Eu, porém, antes de afirmar sua identidade, o Eu se confunde com essa imagem que o forma e o aliena. Essa alienação do sujeito pela imagem é a fonte em que se alimentará a agressividade constitutiva da formação ao mesmo tempo do Eu e do vínculo social. *“A partir daí, nesse jogo identificatório onde o sujeito “se vê” captado por uma*

⁶ **O medo do colapso (Breakdown)** - "A palavra "colapso" pode ser tomada como significando o fracasso de uma organização de defesa. (...) é um colapso do estabelecimento de um self unitário. O ego organiza defesas contra o colapso da organização. (...) existem momentos em que se precisa dizer a um paciente que o colapso, do qual o medo lhe destrói a vida, já aconteceu. Trata-se de um fato que carrega consigo, escondido no inconsciente. (...) por que o paciente continua a preocupar-se com isso que pertence ao passado? A resposta tem de ser que a experiência original de agonia primitiva não pode cair no passado a menos que o ego possa primeiro reuni-la dentro de sua própria e atual experiência temporal e do controle do onipotente agora. (...) Em outras palavras, o paciente tem que continuar procurando o detalhe passado que não foi experienciado, e esta busca assume a forma de uma procura deste detalhe no futuro".

Cf. Winnicott, D. W. Explorações psicanalíticas. Porto Alegre: Ciências Médicas, 1994. P71/73.

imagem estranha e ao mesmo tempo sua, detectemos justamente a função do processo de projeção, que organiza o modo de percepção do sujeito e confere à realidade sua aparente estabilidade” (KAUFMANN, 1996:158).

O Estádio do Espelho indica o momento de organização da estrutura do sujeito, tornando clara a referência simbólica que o outro ocupa, o modo como o sujeito, em relação com o outro, regula sua própria imagem (eu ideal), tendo sempre como referência o modelo onipotente do ideal do eu a que o sujeito e o outro estão sujeitos. Esta identificação jamais se tornará completa, não há correspondência possível entre um Eu social e o inconsciente, ela será uma eterna busca por aquele momento em que a criança se volta para o adulto, como que a buscar, de algum modo, seu assentimento. *“Captado por uma imagem para sempre inatingível, o sujeito não cessará, a partir de então, de cobrar a explicação disso a esse outro para o qual dirigiu uma primeira vez seu olhar”* (KAUFMANN, 1996:161).

Para Bernard Andrieu, Lacan entende a questão da pele e da formação psíquica do sujeito de forma bem diferente da exposta anteriormente por Didier Anzieu. Enquanto Anzieu vê o Eu-pele como uma construção teórica pela qual o sujeito elabora seu imaginário, representa seu espaço corporal, organiza sua vida mental, seus investimentos libidinais, estabelece um conteúdo psíquico e um continente, distinguindo um dentro e um fora e estabelecendo uma fronteira tanto psíquica quanto somática para o indivíduo, Lacan exclui a imagem libidinal do corpo para promover, através do Estádio do Espelho, uma imagem mental do corpo. *“Ao invés de considerar a pele como um envelope, ele a considera como o que se encontra no entorno de um buraco”* (ANDRIEU, 2002:111).

O envelope fornece a representação de um espaço interior fechado em torno do nosso corpo, o limite psíquico e físico do sentimento de si. O orifício, ao contrário do imaginário do envelope e da superfície, fornece a representação de uma luva que se pode não apenas penetrar como também trocar de lado, se inverter. A relação deixa de ser topográfica e passa a ser topológica. *“Sendo assim, a pele se organiza entre o buraco de dentro e o buraco de fora”* (ANDRIEU, 2002:112). Para Lacan, o ego é uma figuração imaginária da consciência, é o que articula este espaço topológico do corpo em linguagem.

O Eu é uma forma de totalidade que tenta dar conta da falta originária, do furo, que é passagem de significantes e de fluxos com o mundo, uma espécie de representação mental da imagem do corpo na construção da identidade e sempre vai haver algo da realidade que

não está representado na imagem do corpo. Há sempre algo da ordem do corpo que não se deixa representar, toda idéia de totalidade deixa algo do lado de fora. Para interagir com a cultura, tenho que aderir a uma identidade exterior e preciso abrir mão de parte da sexualidade e da agressividade. Sendo assim, a identidade, para ser reconhecida, precisa do reconhecimento do outro, e o corpo, ao invés de ser agente, passa a ser objeto da cultura. Neste processo de construção da identidade, a imagem corporal assume o papel de principal veículo da identificação***.

A “imagem do corpo” (nos planos fisiológico, psicológico ou social) incorpora sentidos diferentes e pode ser compreendida a partir de leituras distintas, como veremos a seguir. Ela não é mera sensação ou imaginação, é a forma como se estrutura em nossa mente a relação com o próprio corpo e com o mundo, imprimindo no inconsciente contribuições anatômicas, fisiológicas, neurológicas, psicológicas, sociológicas, etc.

A insatisfação com esta imagem pode levar à Dismorfobia, que é uma síndrome psicopatológica que produz a não aceitação do próprio corpo e freqüentemente conduz o portador a procurar um cirurgião plástico, solicitando solução cirúrgica para um defeito que o paciente julga ter. Essa obsessão com a aparência física ilustra um fenômeno reconhecido atualmente como uma categoria diagnóstica da psiquiatria, o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), que traduz uma preocupação exagerada com um defeito mínimo ou imaginário na aparência física trazendo sofrimento significativo ou prejuízo em áreas importantes da vida do indivíduo (MONTEIRO, 2003).

Em termos clínicos, a expressão “imagem do corpo” foi utilizada por Paul Schilder (médico, psiquiatra e filósofo), em 1923, para designar ao mesmo tempo as representações conscientes e inconscientes da posição do corpo no espaço, considerando-se três aspectos: o de um suporte fisiológico, o de uma estrutura libidinal e o de uma significação social. O termo foi inspirado na noção de esquema corporal proposto pelo neurologista inglês Henry Haed (1861-1940). A formação interdisciplinar de Schilder (1886-1940), que articula fenomenologia, psicologia da Gestalt e psicanálise, permite analisar a formação da imagem que cada um tem de si próprio na articulação da realidade biológica do corpo com sua

*** Identificação – *Identifizierung* – Termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam. ROUDINESCO, Elizabeth & PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

realidade erógena e sua projeção no mundo, realizando um estudo minucioso acerca da imagem corporal e do problema psicológico da relação entre as impressões de nossos sentidos, nossos movimentos, nossa motilidade em geral em sua relação com o Outro (SHILDER, 1994).

Segundo ele, postura corporal, percepção, emoção e personalidade se confundem na experiência psicossomática, existindo sempre uma personalidade que experimenta uma percepção mediada por uma emoção. Somos seres emocionais, personalidades que se revelam na ação, somos narcisistas e amamos nosso corpo. Sendo assim, a topografia do modelo postural do corpo será a base das atitudes emocionais para com o corpo. Nosso conhecimento dependerá das correntes eróticas que fluem através do nosso corpo e também as influenciará. As zonas eróticas desempenharão um papel particular no modelo postural do corpo (SHILDER, 1994). Desse modo, as impressões provenientes da postura corporal desempenham importante papel na construção do conhecimento do nosso corpo, mas se confundem também com a estrutura erógena e libidinal, com o suporte biológico e fisiológico, com a projeção da imagem corporal no meio social, a expressão das emoções, a imitação e as identificações e sua relação com o que é considerado Belo. Desta forma, podemos tomar de empréstimo partes do corpo de outra pessoa e incorporá-las à nossa imagem corporal (personalização). Mas também podemos nos identificar com a personalidade de outras pessoas, e isto pode levar a uma atenção e atitude particulares em relação a partes do nosso corpo.

Nas recentes metamorfoses às quais o corpo está exposto por meio de cirurgias e outras formas citadas anteriormente, a relação entre estrutura corporal, estrutura psíquica e a relação do sujeito com a estrutura social se confundem e se transformam mutuamente, fazendo da transformação do corpo uma possibilidade de transformação da saúde mental, e, conseqüentemente, das relações sociais. Trata-se de uma relação topológica que relaciona simultaneamente aspectos das estruturas biológica, mental e social, articulando a relação com o corpo, a concepção de saúde e de bem estar físico. O crescente número de casos de cirurgias plásticas estéticas mal sucedidas, ou tecnicamente bem sucedidas, mas que causam transtornos emocionais nos pacientes, alterando sua relação com o próprio corpo, pode ser um exemplo da utilização de uma racionalidade médica que entende o corpo como máquina e banaliza a substituição das peças da engrenagem que não estejam funcionando

de maneira satisfatória. Como se corpo e mente fossem territórios distintos e alterar uma parte não significasse alterar o todo. Como nos ensina Bernard Andrieu, não podemos esquecer que *“a toda alteração psíquica responde em eco uma alteração física”* (ANDRIEU, 2002:111).

Sem se referir a Schilder, Françoise Dolto (1908-1988) retoma o termo para designar a “encarnação simbólica do inconsciente do sujeito desejante”, ou seja, uma representação inconsciente do corpo, distinta do esquema corporal, que seria sua representação consciente ou pré consciente. Segundo ela, o esquema corporal faz parte de uma forma de percepção neuro-biológica que é a mesma para todos. Já a imagem do corpo é específica para cada um, pois está ligada ao sujeito, sua história e sua relação com o mundo. Ela é eminentemente inconsciente, suporte do narcisismo e encarnação simbólica do sujeito desejante. As imagens que a pessoa faz do próprio corpo são a síntese viva de suas experiências emocionais vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais, sendo também memória inconsciente de todo o vivido relacional. É na imagem do corpo que o tempo se cruza com o espaço e que o passado inconsciente ressoa na relação presente. Para ela, *“o esquema corporal, que é a abstração de uma vivência do corpo nas três dimensões da realidade, estrutura-se pela aprendizagem e pela experiência, ao passo que a imagem do corpo se estrutura pela comunicação entre sujeitos e o vestígio, no dia a dia, memorizado, do gozar frustrado, reprimido ou proibido (castração no sentido psicanalítico, do desejo na realidade)”* (DOLTO, 2001:15).

As tentativas de metamorfose do corpo poderiam ser vistas, então, como uma forma de preencher a lacuna entre a imagem corporal (a que Dolto se refere), com toda a carga de subjetividade construída ao longo da vida, e uma imagem idealizada, fruto das identificações e da projeção narcísica do sujeito no mundo. Seria uma tentativa de subverter a ordem criando uma nova “imagem” para o mundo e para si. O que torna ainda mais preocupante o fato de muitas pessoas não serem bem sucedidas durante suas tentativas de metamorfose. Na medida em que a “imagem antiga” (que já não era a ideal) se transforma em algo insatisfatório, torna-se grande o risco deste problema se ampliar e produzir questões de ordem psíquica mais graves. Se o sujeito já não suportava uma determinada imagem que ele julgava precária, o que fazer quando esta tentativa se frustra de forma irreversível, e ainda, deixando seqüelas nem sempre possíveis de se reverter?

Nos trabalhos de Freud, estão presentes os pressupostos de que o corpo é a fonte básica de toda experiência mental. Ele afirma que não existe descontinuidade na vida mental, nada acontece por acaso (muito menos os processos mentais), existindo sempre uma causa para cada pensamento, sentimento ou ação, e que nos desejos e no corpo ficam rastros dessa "memória" (FREUD, 1977). Esses rastros se cristalizam com o tempo, que para Freud é descontínuo e não obedece à racionalidade. Para ele, existem conexões entre todos os eventos mentais. Desse modo, todos os eventos possuem um "espaço" no inconsciente e podem ser acessados a qualquer momento. Nele se localizam elementos que nunca foram conscientes e que não são acessíveis à consciência. São materiais que foram "excluídos" da consciência, censurados e reprimidos. Mas esse material não é esquecido ou perdido, apenas não é permitido que seja lembrado. Quando o inconsciente libera memórias para o consciente, essas memórias não perderam nada de sua força emocional, pois os processos mentais inconscientes são atemporais e sua estruturação não é racionalizável.

A energia pulsional necessária para administrar as tensões internas obedece às suas próprias leis, portanto, na relação com o corpo e sua "imagem" se materializam desejos e processos mentais que obedecem à sua lógica interna. Esta energia pulsional se manifesta por meio de processos nos quais a energia libidinal disponível na psique é vinculada ou investida na representação mental de uma pessoa, idéia ou coisa. Freud utiliza o termo "catexia", que traduz justamente este processo de investimento. Este conceito é criado para instrumentalizar a teoria psicanalítica que está interessada em compreender onde a libido foi catexizada inadequadamente para poder liberá-la ou redirecioná-la, já que a identificação e a canalização da energia psíquica são fundamentais para a compreensão do sujeito na busca de uma possível administração de conflitos e acordos psíquicos.

A possibilidade da metamorfose corporal vai incorporar e revelar estes investimentos deixando seus rastros no corpo. Desejos conscientes e inconscientes se mesclam na tentativa de viabilização, inscrevendo no corpo uma linguagem simbólica, desejante, que tanto pode solucionar como agravar uma situação anterior complexa e delicada. O desejo de transformação corporal, que é legítimo, pode levar a um distanciamento ou mascaramento de questões de ordem psíquica ou social que poderiam ser resolvidas de outra forma. Segundo o cirurgião plástico Ivo Pitanguy: *“Muitas vezes o paciente transporta para uma parte do corpo – geralmente a face – o cerne de seus*

problemas emocionais. A intervenção cirúrgica pode tirar desse tipo de paciente o suporte ou apoio físico para suas queixas e, como consequência, leva-o a eleger outra parte do corpo ou a um agravamento do seu quadro psíquico” (PITANGUY, 1992:266).

Mas não podemos esquecer que na relação sujeito x sociedade habitam interesses e necessidades (conscientes e inconscientes) do sujeito como também os interesses e estratégias de controle da ordem social. Os códigos de conduta, os interditos e os padrões de comportamento aceitos e valorizados socialmente influenciam o comportamento dos sujeitos com relação aos seus corpos. Como foi dito anteriormente, trata-se de uma relação topológica, não havendo o dentro e o fora. Um influencia o outro simultaneamente.

O corpo também é visto como submisso à ordem política e social e objeto de dominação identificado com o capitalismo, que impõe sua dominação moral e material sobre os usos sociais do corpo, favorecendo a alienação e fazendo da ordem política uma ordem social dos corpos. Para Jean-Marie Brohm (1975), toda ordem política se impõe pela violência, coerção e constrangimento sobre o corpo, de modo que ordem política e ordem social se mesclam ao fazer do corpo seu campo de batalha (LE BRETON, 1992).

Para Boltanski (1979), o uso social do corpo é determinado pelas condutas físicas dos sujeitos sociais, regulados por uma cultura somática que traduz as condições objetivas da ordem cultural. Para ele, a percepção da doença, o recurso ao médico, o consumo de medicamentos, os meios materiais de existência, as condições de existência e a difusão do conhecimento médico vão impor ao corpo um uso adequado aos interesses do sistema produtivo. Utilizando indicadores como hábitos alimentares, relação com a dor, sentidos corporais e critérios de beleza, ele delimita os usos sociais do corpo nas diferentes classes sociais.

Na obra *La distinction*, de 1979, Pierre Bourdieu amplia e torna mais preciso este pensamento que entende o uso social do corpo como objetivação do gosto de classe. Os hábitos corporais corresponderiam ao conjunto de condutas próprias de comportamentos ligados a uma posição de classe, sendo os hábitos sociais e gostos culturais inscritos num comportamento próprio que funcionaria como uma forma de distinção social.

Mas esse controle exercido pela sociedade sobre o corpo não se dá unicamente atendendo aos interesses ideológicos. As estratégias e os interesses são variados. Há uma

multiplicidade de processos, de origens diferentes, que se reproduzem e se distinguem fazendo da metamorfose do corpo, hoje, não apenas uma forma de controle social que se manifesta diretamente, mas algo que atua na produção de subjetividade e também na montagem de uma estratégia de mercado pronto a atender aos desejos de metamorfose corporal. Os interesses individualistas e narcisistas dos sujeitos vão ao encontro dos interesses dos empresários e profissionais responsáveis pela “indústria da metamorfose”.

Ao falar sobre a dominação e o controle disciplinar dos corpos, Michel Foucault (1987) afirma que *“em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (...) Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe”* (FOUCAULT, 1987:119). Entretanto, o corpo escapa às determinações e tentativas de controle impostas pelo poder que, por sua vez, também se metamorfoseia, se adapta, criando novas formas de repressão e controle. Onde antes havia um controle moral, médico ou exploração econômica, hoje há uma erotização que se coloca como uma nova forma de investimento e tentativa de controle sobre o corpo. Segundo ele, *“Como resposta à revolta ao corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “fique nu, ... mas seja magro, bonito, bronzado!”* (Foucault, 1984:147).

Após vencer várias barreiras na estrutura do poder, as mulheres conquistaram liberdade, postos de destaque e reconhecimento, tanto em termos legais como profissionais, mas ao mesmo tempo tornaram-se vítimas dessa ditadura da beleza, magreza e juventude, vítimas também dos distúrbios relacionados à alimentação, dos cuidados obsessivos com o corpo e com a aparência, da necessidade de corresponder a um modelo idealizado de beleza que é estabelecido socialmente, fazendo com que as conquistas das últimas décadas sejam ofuscadas pela luta inglória contra a balança e o tempo. Velhice e obesidade são motivos para estigmatização. Essas tiranias (da beleza, da magreza e da juventude) estão entre as novas formas de controle disciplinar sobre o corpo. Há um emaranhado de relações que atravessa diferentes instituições e interesses, criando novas tentativas de assujeitamento e controle sobre o corpo por meio da moda, da publicidade, do culto ao corpo, ao dietético e à

performance esportiva ou social. Não se trata mais de um controle disciplinar do social por meio de aparelhos repressivos, mas de uma variedade de formas de sedução que fazem da beleza e da juventude o novo conceito que dá sentido ao estatuto do corpo. Para Gilles Lipowetsky, o vestuário foi substituído pela ditadura da magreza e da juventude. A ansiedade que domina as mulheres quando estão gordas ou com celulite mostra essa tirania. Antes, as filhas sonhavam em ser parecidas com as mães, queriam usar roupas parecidas. Hoje, acontece exatamente o contrário, as mães é que desejam ter a aparência mais jovem. Estar em forma e não envelhecer é a obsessão número 1 de hoje (LIPOWETSKY, 2002).

Contudo, para Gilles Deleuze, o corpo não se deixa controlar, ele escapa às tentativas de apreensão e aprisionamento pelos saberes estabelecidos. Segundo ele, o corpo é linguagem. Mas ele pode ocultar a palavra que é, pode encobri-la (DELEUZE, 1998). Ou seja, o corpo oculta suas verdadeiras intenções e desejos, ele encerra uma linguagem escondida, própria, abstrata, que vai se traduzir em atos que alguns poderiam chamar de perversões, mas que podem ser vistos também como “hesitação objetiva do corpo” (DELEUZE, 1998), não sujeição, afirmação de uma vontade própria e legítima. Como se houvesse um “Corpo sem Órgãos” que interagisse com o organismo e o sistema motor e que, às vezes, se opusesse a ele, insatisfeito com aquele conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes que não passam de produção fantasmática objetificada, materializada em partes do corpo. O organismo teria apenas a função de atuar como *“fenômeno de acumulação, coagulação, sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”* (DELEUZE, 1996:15). Para ele, *“o Corpo sem órgãos é o campo da imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior)”* (idem). Ou seja, por mais que a sociedade coloque entraves, barreiras ou formas de cercear a atuação do sujeito, a incapacidade de controlar o corpo faz dele um rebelde que não se deixa aprisionar ou que, pelo menos, subverte a tentativa de controle que vem do mundo exterior.

Para Guattari, deve-se pensar a produção de subjetividade relativa ao corpo como uma produção que envolve instâncias individuais, coletivas e institucionais. E o seu entendimento não se limita a nenhuma disciplina ou instância dominante de determinação

que guie as outras instâncias numa causalidade unívoca (GUATTARI, 1992). Neste sentido, a sociologia, a antropologia, a psicologia, a psicanálise ou a semiologia isoladamente não dão conta de entender e/ou explicar a complexidade de sua (re)produção, não havendo também um pólo único de produção de sentidos, nem uma única forma de produção ou apropriação do que é produzido. As disciplinas se revelam limitadas para dar conta da complexidade e da multiplicidade de abordagens acerca do corpo, ele extrapola as disciplinas, não se deixa aprisionar por nenhuma delas.

Esta abordagem da subjetividade nos distancia cada vez mais das abordagens acadêmicas clássicas, que privilegiam a construção do conhecimento a partir de uma única disciplina tornada a detentora das possibilidades discursivas de entendimento da questão, e nos aproxima do que Guattari chama de *Agenciamentos coletivos de enunciação*, proposto no livro *Caosmose – um novo paradigma estético*, no qual ele define a subjetividade como um conjunto de condições e relações que torna possível o surgimento de uma nova forma de pensar que pode ser auto-referencial, individual, mas também pode ser produzida socialmente, fazendo com que a identidade e a alteridade assumam uma mesma postura, obedeçam às mesmas instâncias individuais e/ou coletivas de produção de desejos e sentidos. Tal produção de sentido tanto pode ir *de encontro* como *ao encontro* da lógica predominante nas sociedades capitalistas, que tenta bloquear processos de singularização e instaurar processos de individualização.

Tal perspectiva sugere uma polifonia conceitual, uma topologia na qual nenhuma instância ou disciplina se sobrepõe à outra, não havendo hierarquia possível. Todas as disciplinas, potencialmente, se equivalem e podem contribuir para o entendimento da questão. A produção de subjetividade nasce então de uma *Heterogênese* (GUATTARI, 1992), na qual a origem se dá na órbita do social, sem privilegiar agentes individuais ou grupais. A compreensão da obsessão com a forma física, por exemplo, não pode ser pensada apenas no âmbito de uma explicação sociológica, antropológica ou psicanalítica, ao contrário, ela passa a ser compreendida a partir da interação dessas disciplinas em um contexto de produção de uma subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, fabricada, modelada, recebida e consumida como a forma preferencial de pensar. Mas sempre lembrando que ela pode trazer positividade ou negatividade, dependendo de como o sujeito vai lidar com a questão.

Tal produção se dá por meio das máquinas tecnológicas de informação e comunicação que atuam na memória, na inteligência, na sensibilidade, nos afetos e nos fantasmas inconscientes, e também se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte, da indústria cultural, da mídia, do cinema e da publicidade, formando uma *dimensão maquínica de subjetivação* que tanto pode trabalhar para o melhor como para o pior. Sendo o melhor, quando a produção de subjetividade potencializa a capacidade de criação dos sujeitos e a invenção de novos universos de referência, e o pior, quando potencializa a mass-midialização embrutecedora e empobrecedora.

A subjetividade é criada no meio social, mas é assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares, e o modo como ela os atinge não é necessariamente benéfico ou maléfico, pois não há o Mal em si nem o Bem em si. Para Espinosa, o que é maléfico é o que diminui nossa potência de agir e leva à tristeza e ao ódio, e tudo o que é benéfico amplia essa mesma potência, levando à alegria e à felicidade. Desta forma, a obsessão com a dieta, a forma física e com os parâmetros estéticos, tornados os definidores da construção da identidade, podem ser citadas como um exemplo desta apropriação negativa e empobrecedora, um investimento que confunde valores egóicos de consumo ou distinção social, apontando para um aprisionamento em um discurso voltado para uma lógica capitalista que pode reduzir a capacidade de criação e expansão dos sujeitos. Por outro lado, a preocupação com a forma física, a dieta e a saúde podem ser benéficas ao sujeito ampliando sua alegria e felicidade, aumentando seu bem estar, sua longevidade, sua capacidade de agir e sua potência no mundo. A questão que se coloca então é: como lidar com esses dispositivos de subjetivação de modo a fazer com que os indivíduos saiam da serialidade e entrem em processos de singularização, que restituam sua potência de existir?

A produção de subjetividade é ao mesmo tempo individual e coletiva, opera no social, mas não se limita a ele. Ela se desenvolve para além do indivíduo, das relações interpessoais ou dos complexos intrafamiliares, mesclando intensidades pré-verbais, afetos e códigos sociais de conduta. Para Guattari, *“a subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogênicas da psicanálise ou dos “matemas do inconsciente”, mas também nas grandes máquinas sociais, mass-midiáticas, lingüísticas, que não podem ser*

chamadas de humanas” (GUATTARI, 1992:20). Desta forma, os aparatos conceituais das disciplinas das ciências humanas se mostram insuficientes quando tomados isoladamente.

Para escapar a essa limitação, Guattari propõe uma estratégia de entendimento por meio de um conjunto de concepções e percepções denominado *Agenciamento maquínico*, no qual ele amplia o conceito de máquina para uma abstração, um conjunto funcional que incorpora planos materiais, energéticos, semióticos, sociais, corporais, informacionais, cognitivos e afetivos, de modo a reunir componentes sociais diversos, informações e representações mentais individuais e coletivas, investimentos de máquinas desejantes, máquinas abstratas se instaurando transversalmente aos níveis maquínicos materiais, cognitivos, afetivos, sociais, anteriormente considerados (GUATTARI, 1992). Segundo ele, essas proposições escapam aos jogos comuns da discursividade, ao aprisionamento conceitual ou disciplinar e às coordenadas estruturais de energia, tempo e espaço. Trata-se de uma essência maquínica que pode se manifestar ao mesmo tempo nos meios técnico, científico, social, cognitivo, teórico ou informacional. “*A máquina abstrata atravessa todos esses componentes heterogêneos, mas sobretudo ela os heterogeneiza fora de qualquer traço unificador e segundo um princípio de irreversibilidade, de singularidade e de necessidade*” (GUATTARI, 1992:51).

Essa abstração teria uma organização *autopoietica*⁷, em constante interação com o meio social, sendo ao mesmo tempo a origem e fruto dele. Uma forma de organização que se auto-engendra, se auto-regula, e se modifica ao se adaptar ao ambiente, reformulando continuamente sua própria organização e seus limites. As máquinas de desejo, as máquinas científicas, as máquinas de produção estética, do mercado, do consumo ou da religião, produzem *Agenciamentos maquínicos* que se alimentam das ações, dos desejos e da inteligência humana para (re)alimentar e renovar sua composição, material, energética e informacional. “*Das máquinas técnicas às máquinas sociais e às máquinas desejantes,*

⁷ *Autopoiesis* – Conceito formulado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela que utiliza conhecimentos da filosofia, biologia e da neurofisiologia. Trata-se de um sistema vivo que apresenta um circuito interno que produz uma interação fechada entre seus elementos constituintes, possibilitando a auto-organização e a auto-produção dos mesmos elementos que produzem o sistema, sua autonomia e formas de relação com outros sistemas. Esta particularidade do sistema representa uma diferenciação entre os limites do sistema e seu ambiente, e a relação entre a especificidade daquilo que está fora e a peculiaridade daquilo que está dentro do sistema. O sistema interage com o ambiente, criando, estabelecendo e mantendo um processo de acoplamento, operando uma “decodificação” das informações vindas do ambiente, efetuadas mediante a utilização de suas próprias interações internas, circularmente organizadas em resposta às mensagens externas, sendo, no entanto, operacionalmente fechado (Maturana, 2001).

uma mesma categoria de máquina abstrata autopoietica engendra as objetividades-sujeitidades de um tempo que se instaura no cruzamento dos componentes engajados num processo de heterogênesse” (GUATTARI, 1992:71).

O capitalismo é visto como uma máquina de produção de sentidos que engendra papéis, desejos, pontos de vista, corporalidades e padrões estéticos variados, utilizando-se de comportamentos que tanto se prestam à submissão como à libertação. A subjetividade dessa máquina se instaura em universos de virtualidade que ultrapassam a territorialidade existencial em todos os sentidos. Tal ordem é projetada na realidade do mundo e na realidade psíquica e produz os modos de relações humanas até em suas representações inconscientes. Ela se manifesta nas relações pessoais, nos códigos de conduta, nas formas de trabalhar, amar, gozar, falar, vestir, nos cuidados com o corpo, com a forma do corpo, com a produção de sentidos, de afetos, nos esquemas de conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentido, de sentimento, etc. *“Ela incide nas montagens da percepção, da memorização, ela incide na modelização das instâncias intra-subjetivas – instâncias que a psicanálise reifica nas categorias de Ego, Superego, Ideal do Ego, enfim, naquela parafernália toda” (GUATTARI, 1999:42).*

Essa forma de produção de subjetividade não só atua individualmente emitindo estímulos diretamente ao inconsciente, produzindo indivíduos normalizados, submetidos a um sistema hierárquico de valores e expostos à submissão, como também atua na produção de uma subjetividade social, que se manifesta na produção e no consumo, produzindo inclusive nossos sonhos, nossas paixões, nossos desejos, referências de mundo e projetos de vida. As máquinas de produção de subjetividade não se reduzem a modelos de identidade familiares ou do meio social e cultural, mas atuam também nos mecanismos de controle social, nos afetos particulares, nos processos cognitivos e interativos e nas instâncias psíquicas que definem as maneiras de perceber o mundo. As formas de construção da identidade, percepção do próprio corpo e construção de um modelo ideal de referência a partir de padrões socialmente definidos não escapa a essa lógica, ou seja, a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social (GUATTARI, 1999) e os cuidados com o corpo e com a saúde estão no centro deste processo maquínico.

Essa produção de subjetividade acerca do corpo, que é construída socialmente, articulando estímulos variados, fazendo com que o indivíduo atue não apenas como

consumidor dos produtos, serviços e desejos, mas também como produtor desse universo de desejos, colocando o próprio corpo como objeto reificado⁸, mercadoria símbolo, tornado ele também, um produto de consumo devidamente inscrito na órbita do fetiche⁹ da mercadoria, colocado na hierarquia dos objetos de consumo cotidiano. A construção da individualidade e da singularidade também dialogam com essa tentativa de cooptação, de adequação aos modelos dominantes de individualização (vista aqui como adequação às normas e valores dominantes) e singularização¹⁰ (vista como tentativa de produção original), produzindo às vezes uma pseudo singularização, que têm como referência modelos pré-fabricados de singularidade. Tornando muito mais difícil escapar a essa lógica social. Uma mulher que voluntariamente não segue o padrão hegemônico, não se preocupa com a dieta, que não pinta seus primeiros cabelos brancos ou que não segue o modelo dominante (que busca prolongar a adolescência) pode ser discriminada e sofrer as sanções cabíveis em função da sua “rebeldia”. Não lutar contra a passagem do tempo passa a ser crime inafiançável, e a tentativa de escapar da individualização e produzir uma singularização nunca é indolor.

As tentativas de singularização, de produção de um devir original e de um existir de modo autêntico vão de encontro à subjetividade capitalista em um primeiro momento, mas com o passar do tempo também podem ser rapidamente cooptados por ela. Mesmo os movimentos culturais mais radicais como a cultura punk, após alguns anos, são cooptados e

⁸ *Reificação* – conceito marxista que define o ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornam independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida. Significa igualmente a transformação de seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. (Bottomore, 1988).

⁹ *Fetichismo* – Marx nos diz que, na sociedade capitalista, os objetos materiais possuem certas características que lhe são conferidas pelas relações sociais dominantes, mas que aparecem como se lhes pertencessem naturalmente. A analogia é feita com a religião, na qual as pessoas conferem a alguma entidade um poder imaginário. Só que não são propriedades naturais. São sociais. Constituem forças reais, não controladas pelos seres humanos e que, na verdade, exercem controle sobre eles; são as formas de aparência objetivas das relações econômicas que definem o capitalismo. Se essas formas são tomadas como naturais, isto se deve à não visibilidade imediata de seu conteúdo ou essência social, estes só podendo ser revelados pela análise teórica (Bottomore, 1988).

¹⁰ *Singularização* – O termo é utilizado por Guattari para designar os processos disruptores no campo da produção do desejo: trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras possibilidades, outras sensibilidades, outra percepção, etc. Guattari chama a atenção para a importância política de tais processos, entre os quais se situariam os movimentos sociais, as minorias, enfim, os desvios de toda espécie. Outros termos designam os mesmos processos: autonomização, minorização, revolução molecular, etc. (Guattari, 1999).

transformados em produto serializado de consumo em massa. Os piercings que já simbolizaram uma forma de singularização, hoje, são produtos banais vendidos nos corredores de qualquer shopping center ou em sistemas de televendas com entrega a domicílio.

Segundo José Gil, em seu artigo *No pain, no gain – o corpo mutante do bodypiercing* (1997), as modificações corporais trazidas pelo uso do piercing já simbolizaram, assim como as tatuagens ou as escarificações, formas de diferenciação e singularização de grupos periféricos ou excluídos, de modo a demarcar sua identidade, diferenciando-os de outros grupos e da sociedade. Simbolizaram também tentativas de reapropriação do corpo, reintegração num corpo separado, ausente ou distante; autoconfiança, sentimento de auto-proteção e invulnerabilidade; consciência intensa e permanente do corpo; mapas simbólicos de inscrição de sentidos ou de produção de memória; produção de um corpo intensivo que modifica as energias corporais e psíquicas, produção de devires diversos, estranhos, indefiníveis e cheios de intensidades; manifestações violentas de contestação, protesto ou mesmo revolta contra as normas comuns. Porém, o perigo que espreita o uso do piercing é justamente o de aprisionamento em uma estrutura rígida, captada pelas mídias, pelo espetáculo, ou simplesmente pelo olhar mais secreto da subjetividade. Segundo José Gil, “*nas sociedades primitivas, a perfuração do corpo, a tatuagem, a escarificação acompanhavam rituais (de passagem, terapêuticos ou outros): ajudavam a criação de um novo corpo, que se abria e irradiava para a sociedade, a natureza, os homens e os deuses. O perigo, agora, é que os corpos do bodypiercing moderno não irradiem senão para eles próprios, fechando-se em grupos, comprazendo-se apenas da imagem de si. Em vez de um rito planetário de transformação e construção de um novo corpo, teríamos apenas um espetáculo global*” (GIL, 1997:273).

03 - ESTÉTICA, BELEZA e SAÚDE

Neste capítulo, abordaremos a questão da Estética e da produção de sentidos acerca do corpo em sua relação com valores morais, éticos e políticos. Faremos um percurso histórico no qual falaremos das diferentes concepções de Beleza no pensamento ocidental, tendo como referência principal a História da Arte. A perspectiva adotada é a de que Arte, Filosofia e Ciência são três formas distintas de produção de conhecimento que, embora atuem de forma independente, compõem um movimento sincrônico e se entrelaçam na construção do entendimento da realidade. Elas compõem o que Deleuze chama de “as três asas do conhecimento”. São três formas de compreensão do real e produção de sentidos que tangem ao corpo e a Filosofia Estética seria o ponto de encontro de tais sentidos na medida em que ela elabora os conceitos que vão refletir as contradições do que é considerado Belo.

A Estética pode ser entendida de formas distintas que serão abordadas no decorrer deste capítulo, entretanto, em nossa abordagem, ela atua como uma síntese semiológica que permite, por meio da compreensão dos diversos discursos acerca da Beleza, identificar os rastros do diálogo entre outros campos dando-lhes contornos éticos, políticos ou religiosos. Ou seja, a definição do padrão de gosto, a experiência de prazer em contemplar algo, o julgamento do que é, ou de quem é belo, a crítica do gosto, ou as teorias acerca da Beleza do corpo são atravessadas por questões que aparentemente estão em campos distintos, mas que agem diretamente na construção desses padrões e juízos de valor. Desta forma, veremos que a preocupação com a Beleza e os cuidados com o corpo, longe de ser uma questão menor, está presente em toda a história do Ocidente e por meio dessa preocupação podemos ver refletidos os conflitos que estão além do corpo, na ordem social, reproduzindo questões morais, políticas, religiosas, econômicas e/ou culturais, que aparentemente não se referem à beleza do corpo, mas que se fazem presentes na construção dos juízos de valor individuais ou sociais do que é considerado Belo.

3.1 – A Estética e as três asas do conhecimento - A idéia de Beleza jamais foi algo absoluto ou imutável e suas mudanças de padrão na cultura ocidental estão em sincronia com outras mudanças ocorridas em diferentes áreas do conhecimento. Desde o seu nascimento, a Estética associa o belo ao bom e ao verdadeiro, fazendo com que valores morais, éticos e até políticos influenciem no que é considerado belo. Os padrões de aferição da beleza do corpo humano estão inscritos na cultura e são influenciados por fatores que estão além da materialidade do corpo, que é apenas o suporte desses valores, ou seja, Ética, Religião, Política e Cultura criam os parâmetros que dão substância à beleza do corpo.

A construção de sentidos sobre o corpo, pensada por gregos e latinos, está intimamente ligada à sua forma peculiar de pensar que se baseia na racionalidade e na harmonia. O pensamento grego, que concilia observação, crítica e reflexão, constrói um corpo humano, que é “a medida de todas as coisas”, a partir da observação racional e da palavra falada, da linguagem. Essa racionalidade, que se manifesta na fala e que se inspira em uma linguagem matemática, constrói esse arcabouço intelectual e simbólico que vai transformar o corpo em objeto central da Educação e da relação estreita entre Ética e Política. O corpo perfeito, belo, é o que concilia em si a harmonia do cosmos, é o corpo que não obedece à desmesura, pois o excesso leva ao desequilíbrio e se opõe ao ideal de harmonia matemática e disciplina do indivíduo. *“Assim, ter um corpo belo, um corpo são, depende, antes de mais, de uma profunda serenidade em perfeita correspondência com a harmonia do universo (...) Assim um corpo belo resulta, antes de mais, de um equilíbrio interior da paixão e da razão, segundo um domínio de si que sabe respeitar a medida, recusar o excesso, a hybris”* (BRAUNSTEIN & PEPIN, 1999:17).

Desta forma, desde os gregos, a Estética não está ligada apenas ao campo dos sentidos, das sensações corpóreas, ela está intimamente ligada à Ética, na medida em que o que é Belo não pode ser ao mesmo tempo “mal” ou “falso”. Deste modo, a Estética antiga estabelece um diálogo com a Lógica e a Moral. A beleza do corpo não se limita ao visível, ao sensível, ela se curva aos valores e a um modo de pensar que está além do corpo, na racionalidade e busca pela harmonia. Segundo Foucault (2004), entre os gregos, a preocupação estética com o corpo assume uma dimensão bem mais ampla do que a pensada nos dias atuais em nossa sociedade. Para os gregos, cuidar de si é também o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse efetivamente obedecer

ao princípio da racionalidade moral. O cuidado de si mesmo, a *epiméleia heautoû*, é uma questão fundamental na relação entre o sujeito, a verdade e os valores sociais. Posteriormente, este preceito do *cuidado de si* foi sendo esquecido e desqualificado em nome de um outro conceito, “conhece-te a ti mesmo”, *gnôuthi seauton*, que teria entre as suas propriedades, a de conduzir à verdade, e esse encontro com a verdade não aconteceria sem uma transformação ou conversão do sujeito.

A preocupação com o corpo transcende o cuidado individual, se inscreve no interior de um projeto político e pedagógico, torna-se uma função que abarca toda a existência individual em sua relação com a vida social. Presente em diferentes exercícios, práticas filosóficas ou espirituais, o cuidado de si aparece como formas de “ocupar-se consigo mesmo”, “recolher-se em si”, “ter cuidados consigo”, “retirar-se em si mesmo”, “sentir prazer em si mesmo”, “buscar deleite somente em si”, “permanecer na companhia de si mesmo”, “ser amigo de si mesmo”, “estar em si como em uma fortaleza”, “cuidar-se”, “respeitar-se”, etc. (FOUCAULT, 2004). Ocupar-se consigo denota a capacidade de se auto governar para poder agir com relação ao outro, ou então, governar os outros. A purificação é o caminho para a verdade e, para tal, a alma deve estar em sintonia com o corpo.

Para Platão, é preciso ocupar-se com a própria alma, pois o corpo é apenas um instrumento a serviço dela. A alma é um elemento que se serve do corpo, pois o próprio corpo não pode se servir de si, quem articula as ações corporais, instrumentais e a linguagem é a alma. Portanto, ela não é prisioneira do corpo, muito ao contrário. Mas para exercer esse controle e para ocupar-se consigo é preciso se conhecer e aprender a se controlar. Neste sentido, o cuidado de si, os cuidados com o corpo, com as causas de um adoecimento, com os cuidados médicos, com a dieta, com os prazeres ou com a construção do sujeito se confundem, fazendo com que a *dietética*, aliada à *econômica* e à *erótica*, estejam entrelaçadas na constituição do sujeito. Cada uma dessas dimensões atua em seu campo de ação e aponta para os riscos, prazeres e perigos dos *aphrodisia*¹¹. Elas se constituem nos três grandes eixos dos cuidados de si.

¹¹ Os *aphrodisia* são atos, gestos, contatos que proporcionam uma certa forma de prazer. Pertencem ao campo dos cuidados com a moral que, por sua vez, possui quatro tipos de noções que frequentemente estão associadas à reflexão sobre a moral sexual. São eles: os *aphrodisia*, a apreensão do que, no comportamento sexual, era reconhecido como “substância ética”; *chresis*, a apreensão do tipo de sujeição ao qual a prática dos prazeres deveria submeter-se para ser moralmente valorizada; *enkrateia*, domínio que destina a atividade que se deve ter a respeito de si mesmo para constituir-se como sujeito moral; *sophrosine*, a temperança, o domínio

A *econômica* trata dos cuidados com a casa, a propriedade, com as obrigações conjugais e sociais, com a justiça, o cuidado e o respeito com o outro, os deveres privados do pai de família, do marido, do filho, do proprietário ou do senhor de escravos, ou seja, será colocada a questão da relação entre o cuidado de si e a atividade social. A *dietética* trata da dieta, do regime alimentar, dos prazeres não apenas com a comida como também com a bebida ou com os excessos. Já a *erótica* cuida dos apetites, dos jogos amorosos e do controle dos prazeres. Ela propõe uma reflexão acerca das regras de comportamento, dos tipos de atitude com relação aos parceiros e consigo mesmo, julga as maneiras de fazer, os jogos de aproximação e sedução, o status dos parceiros, os códigos a serem respeitados, os atos proibidos e permitidos, as maneiras de ser, de se conduzir, os limites físicos do outro ou de si, analisa a questão da superioridade, enfim, ela avalia os cuidados consigo mesmo e o controle de si. Desta forma, a dietética, a econômica e a erótica tornar-se-ão as formas capitais do cuidado de si e do regime geral da existência do corpo e da alma, constituindo-se nos três grandes eixos dos cuidados de si que podem levar ao conhecimento e ao controle de si.

O corpo está no cruzamento, na interseção entre essas artes de conduzir a existência, fazendo com que pensar a alimentação, os exercícios físicos, a dieta, as relações amorosas, conjugais e sociais, se dêem em um mesmo quadro de referência perpassado pela autoridade, por um código de conduta rigoroso e obrigatório, mas ao mesmo tempo com a liberdade de cada um de estabelecer seus limites, suas medidas e a direção de seus afetos. Essa ética que relaciona as relações complexas entre o amor, a renúncia aos prazeres, o acesso à verdade, conciliando dietética, econômica e erótica, criam um arranjo singular entre a conduta moral, a vida pública e os cuidados com o corpo. Ou seja, a ética e a estética da existência vinculadas à política e ao pensamento da vida social.

Hoje, em seu sentido amplo, a Estética tanto pode ser entendida como estudo descritivo do belo sensível, como criação de critérios para uma análise psicológica (sentimentos e sensações) que os objetos provocam, e ainda como explicações filosóficas do belo, podendo se confundir com a História da Arte.

de si que auxilia a conduta do sujeito moral. Essas noções permitem circunscrever o que estrutura a experiência moral dos prazeres sexuais a partir de sua antologia, sua origem de substância ética; sua deontologia, ou tipo de sujeição; a ascética, o domínio de si; e sua teleologia, o tipo de temperamento, temperança que leva à sabedoria (FOUCAULT. 1984).

Para o senso comum, a Estética está ligada à indústria da beleza, se aproximando da cosmética. Em seu sentido estrito, a Estética atual incorpora o pensamento sociológico, psicológico, histórico, psicanalítico, antropológico e semiológico. Neste sentido, a Estética é um porto para onde convergem e onde se ancoram os sentidos produzidos na cultura. Os valores relativos ao belo, reúnem ao mesmo tempo, numa síntese semiológica, as contradições de cada cultura ou momento histórico. Ou seja, desde a sua origem, a Estética está em permanente diálogo com outras formas de pensamento e o que é considerado belo vai ser atravessado por essas outras formas de pensar, estranhas ao julgamento meramente sensível, sensório.

Da mesma forma, cada período histórico produz suas formas de construir sentidos, de controlar e manipular os corpos, de moldá-los à sua própria face. A concepção de beleza é informada por cada época ou cultura e o corpo reproduz o paradigma estético dominante em sintonia com a especificidade de cada período ou local, adaptando-se de forma exemplar, revelando sua plasticidade e riqueza, fazendo com que, a partir da estética, seja possível reconstruir os rastros de uma civilização, suas formas de comunicação. Em cada momento histórico é possível detectar um padrão estético dominante, uma linguagem própria que expõe as forças em conflito em cada ocasião, e neste sentido, o esteta é aquele que pode decifrar os códigos de cada linguagem, e também perceber nas entrelinhas os fatores que condicionam o que é considerado Belo, a relação entre os diferentes conceitos de beleza e como tais padrões são definidos e assimilados.

As grandes mudanças que o homem impõe ao pensamento parecem protagonizar um desenvolvimento simultâneo, uma espécie de reação em cadeia que se processa na articulação entre ciência, arte e filosofia, alterando conseqüentemente os rumos das organizações culturais, políticas e sociais que, por sua vez, vão atuar na transformação das mentalidades. As transformações que acontecem no mundo da ciência geram modificações na esfera da arte, do pensamento filosófico e vice-versa, por outro lado, às vezes a ciência chega a conclusões já conhecidas pelos outros campos. No entanto, tais mudanças lentamente penetraram no campo da organização da sociedade e essas modificações nem sempre se dão *a posteriori*, elas podem ser simultâneas, traduzindo as diferentes perspectivas da realidade, as formas como o fenômeno se apresenta para nós a partir de ângulos e caminhos diferenciados. Desta forma, o fenômeno estético é atravessado por

essas formas de pensamento que compõem as organizações sociais, culturais e políticas, e atuam de forma difusa, implícita, silenciosa, no pensamento e na percepção da realidade.

A arte e a filosofia não operam a reboque da ciência, elas atuam em um movimento sincrônico onde as influências se alternam, ou pelo menos dialogam entre si, são três caminhos diferentes que levam à construção da realidade. Os três pensamentos se cruzam, se entrelaçam, mas sem síntese nem identificação. A filosofia faz surgir acontecimentos com seus conceitos, a arte cria objetos com suas sensações, a ciência constrói estados de coisas com suas funções. Cada elemento criado sobre um plano apela a outros elementos heterogêneos, que se relacionam com outros planos. O pensamento e a produção de conhecimento podem ser vistos, assim, através de uma "heterogênese", onde os três se confundem ao nascer. Portanto, para se pensar as questões contemporâneas relativas à produção de sentidos sobre o corpo e o papel da Estética nesse processo, devemos articular estes saberes e perceber como se manifestam.

Ao longo da história essa relação entre a Estética e outros campos do conhecimento fazem parte da produção de parâmetros de construção da Beleza, e também, da construção de beleza acerca do corpo humano, da construção de sentidos dados ao corpo, da percepção do próprio corpo e da relação com o Outro. A Estética está presente também na formação dos valores morais, éticos e políticos que, por sua vez, não cessam de impor regras, sanções e normas para o que é belo ou para o que é construído socialmente como tal. Deste modo, é importante perceber as relações entre *as três asas do conhecimento* e as outras instâncias da vida social para compreender essa construção simbólica do corpo.

Não podemos esquecer também que a religião já teve um papel importante para a construção dos valores sociais, tanto na valorização da beleza ascética, espiritualizada ou divinizada, como na condenação da beleza que leva ao pecado, à carne e ao demasiadamente humano. Sendo assim, para ilustrar tais processos de construção de sentidos e a articulação entre esses campos distintos, a seguir, iremos tomar alguns exemplos pontuais ao longo da história de modo a tornar tais conexões mais evidentes. Não se trata aqui de fazer um roteiro linear dessa construção estética em sintonia com os outros campos, trata-se apenas de tentar encontrar, a partir de alguns casos exemplares, uma certa sintonia, ou um diálogo entre essas diferentes dimensões.

Essa perspectiva de análise se dá em sintonia com o que Foucault chamava de uma *história arqueológica*, na medida em que ela privilegia uma análise da produção de conhecimento em seus diversos campos em consonância com os processos históricos na dinâmica própria a cada um deles. Desse modo, o papel da Estética na construção de sentidos sobre do corpo será o fio condutor de nossa narrativa que não se prende a disciplinas científicas específicas, mas transita entre elas, tentando identificar seus critérios de construção de proposições, suas formas singulares de historicidade e a dinâmica própria de cada momento histórico. Desta forma, os sentidos atribuídos ao corpo e à sua beleza não estão ligados a uma Beleza transcendental, a parâmetros que pairam além do humano ou da cultura. Muito pelo contrário, os parâmetros que conferem beleza ao corpo são socialmente construídos, eles são fruto dessa dinâmica e dos conflitos éticos, estéticos, políticos e religiosos de cada cultura ou de mudanças históricas dentro de uma mesma cultura. Mais uma vez, é importante salientar o papel das três asas do conhecimento nesse processo, pois dentro de cada um desses campos de saber há também um reflexo desses conflitos. Ainda buscando auxílio nas teorias de Foucault, das quais iremos tratar mais detalhadamente a seguir, estudar o corpo e os sentidos que o compõem implica em trabalhar numa perspectiva genealógica, buscando as condições de surgimento desses sentidos em cada época, suas relações, suas contradições e especificidades. Os padrões de beleza e os sentidos atribuídos ao corpo são históricos e culturais, não são naturais, são fruto dessa dinâmica, de uma heterogênese que não cessa de produzir sentidos e valores.

3.2 - História, Estética e Beleza – O termo Estética aparece pela primeira vez no século XVIII com Baumgarten que utiliza o termo *aesthetica* em sua obra *Meditations philosophiques*, de 1735, depois em alemão (*die aesthetik*) na obra *Aesthetica* de 1750. “Mas a invenção do nome não significa a invenção da disciplina” (TALON-HUGON, 2005:7), pois, desde os gregos já existiam obras que abordaram o tema da beleza. Desde *Híppias maior*, de Platão, *A poética* de Aristóteles ou a *Enéada, I, 6*, de Plotino o tema já era devidamente tratado. O que Baumgarten faz é inaugurar uma discussão acerca do belo a partir de critérios oriundos do campo da filosofia, dando-lhes um sentido e uma

configuração mais precisa dentro desse campo e inserindo de forma inédita essa discussão no interior das reflexões do seu tempo acerca do belo, do sensível e da Arte (TALON-HUGON, 2005).

Em sua obra *História da Beleza*, de 2004, Humberto Eco afirma que a beleza do corpo humano tanto pode ser captada através dos sentidos como pode ser percebida pelas qualidades da alma, do caráter, do carisma ou das virtudes. Segundo ele, desde as *Memorabilia* de Xenofonte, nos séculos V-IV a.C., a beleza se distingue a partir de três categorias, a Beleza ideal, que representa a natureza através de uma montagem das partes, a Beleza espiritual, que exprime a alma através do olhar, e a beleza útil ou funcional. Mas é com Platão que vão surgir as duas concepções de beleza que vão atravessar os séculos, a Beleza como *harmonia e proporção das partes*, derivada de Pitágoras, e a Beleza como *esplendor*, exposta no *Fedro*, que influenciará o pensamento neo-platônico. Para Platão, a beleza não está no corpo, que é o local de aprisionamento da alma, e nele não se encontra a verdadeira beleza, pois a beleza tem uma existência autônoma, distinta do suporte físico que acidentalmente a exprime. A visão sensível é limitada e insuficiente, sendo a visão intelectual a que permite distinguir a verdadeira beleza que, por sua vez, é acessível a poucos. A beleza então vai ao encontro do plano ideal, a “*Beleza das formas geométricas, baseada na proporção e em uma concepção matemática do universo*” (ECO, 2004: 50).

O belo, o bom e o verdadeiro são três princípios inseparáveis. As coisas sensíveis só são belas, porque nelas está presente a idéia do Belo. A beleza sensível é apenas o primeiro degrau da beleza verdadeira, a beleza das almas, que se apresenta nos atos de conhecimento. Ou seja, a experiência da beleza não é apenas sensível, mas intelectual, e para perceber a beleza sensível é necessário contemplar a idéia do belo a partir de uma espiritualização progressiva, pois a alma que viu as idéias, as reminiscências, busca reencontrá-las nas cópias materiais que habitam o mundo. Estas, porém, são insuficientes. A contemplação de belo sensível busca, então, a contemplação intelectual do inteligível. A beleza não é essencialmente sensível, as coisas sensíveis só são belas quando se aproximam das idéias inteligíveis. A beleza sensível é apenas um pálido reflexo das idéias.

A aparência do corpo é enganadora, assim como são enganadoras as sombras no fundo da caverna, e para se chegar ao conhecimento verdadeiro (*episteme*), é preciso se afastar das opiniões (*doxa*), pois a *doxa* alcança apenas a superfície do corpo, e não o que

ele é em essência. O corpo é apenas o instrumento da alma, é ela que determina a conduta, é nele que se dá o conflito e é nela que se dá a verdadeira vida. E a beleza do corpo não é ditada pelos sentidos, e sim, pela inteligência. *“A verdadeira sabedoria, traduzida pela beleza, residia mais uma vez no equilíbrio da personalidade. A maneira como os gregos percebiam esse equilíbrio transparece na importância que davam ao Eros, cujo sentido de “amor” se estende bem para lá do desejo físico, para incluir, também a paixão intelectual e espiritual”* (BRAUNSTEIN & PEPIN, 1999:25).

Para Heráclito, no entanto, existem opostos que não se conciliam e estão em movimento constante, e a harmonia não se fará eliminando um desses pares, mas justamente equilibrando as tensões existentes que são contínuas. A harmonia não é ausência, mas equilíbrio de contrastes, e a beleza, provavelmente está neste equilíbrio, na harmonização dos opostos que se complementam.

Para os primeiros pitagóricos, a harmonia consistia na busca da perfeição matemática e está além do equilíbrio entre pares opostos como par e ímpar, limitado e ilimitado, direita e esquerda, quadrado ou retângulo, reta ou curva. Essa concepção matemática do mundo herdada do platonismo, que vai ao encontro da ordem e da harmonia divinas, traduz também o equilíbrio entre contrastes. Contudo, nesta oposição de contrários, apenas um traduz a perfeição: o ímpar, a reta e as formas perfeitas são boas, e a manutenção das oposições representa o erro, o mal e a desarmonia. Já os pitagóricos que viveram nos séculos V e IV a.C., provavelmente influenciados por Heráclito, entendem a harmonia não como ausência, mas equilíbrio entre contrastes. *“Nasce assim a idéia de um equilíbrio entre duas entidades opostas que se neutralizam uma à outra, de uma polaridade entre dois aspectos que seriam contraditórios entre si e que se tornam harmônicos precisamente porque se contrapõem e dão origem, se transportados para o plano das relações visuais, a uma simetria”* (ECO, 2004:72).

Na *Enéada*, I, 6, Plotino escreve sobre o belo e retoma alguns temas platônicos, entre eles: a beleza sensível só existe a partir da idéia inteligível do Belo; o belo em si fornece a beleza às coisas; as diferentes belezas se encontram na participação à idéia do belo; um percurso ascendente permite retomar os degraus que levam às formas mais espiritualizadas do belo; o amor possui um papel decisivo nessa ascensão; a beleza está ligada ao inteligível; entre outras. Desta forma, a beleza é pensada através da ascensão, da

purificação, que permitirá o contato com o belo. Plotino insiste na necessidade de se afastar do sensível, pois, para ele, é necessário abandonar a visão dos olhos para não cometer o mesmo erro de Narciso. É necessário ensinar ao “olho da carne” a se abrir ao “olho do espírito”, o olho interior. Mas para se revelar esse olho interior é necessário se purificar, se separar do que não é essencial, ou seja, o corpo, a consciência sensível, as paixões e as especificidades individuais. A alma deve se desviar do corpo, que é constituído de matéria indefinida e obscura (TALON-HUGON, 2005).

A compreensão do corpo e a produção de padrões de beleza reproduzem em cada contexto histórico as concepções de espaço físico (material) e espaço espiritual, que foram a marca da cultura ocidental nos últimos três mil anos, pois herdamos essa dualidade dos gregos antigos e também da cultura cristã (WERTHEIM, 2001). Para os gregos, o homem era uma mistura de *soma* e *pneuma*, corpo e espírito. Na era cristã primitiva, o *pneuma* grego foi integrado ao pensamento judaico e desse amálgama de correntes intelectuais nasce a noção complexa de alma cristã. Na idade média cristã, o belo está inserido numa visão de mundo ordenada por um artista divino. Fundem-se as referências platônicas, os textos bíblicos, as especulações pitagóricas reformuladas na concepção matemático-musical do universo, e o neoplatonismo convida a pensar a Beleza como realidade inteligível, esplendor metafísico, harmonia moral. O Belo, atributo de Deus, é uma perfeição suplementar ao cosmos (TALON-HUGON, 2005).

Segundo Eco, na Idade Média já não há preocupação com a aplicação de uma matemática das proporções na avaliação ou na reprodução do corpo humano. No entanto, a avaliação do corpo se dá a partir do encontro entre a Beleza espiritual, como prodígio da criação, a Beleza moral, a harmonia do cosmos e os critérios pitagóricos-proporcionais, como na simbologia do *homo quadratus*. Nesta teoria, o homem está em relação com uma lógica matemática, e os números, que são o princípio do universo, assumindo significados simbólicos fundados em correspondências numéricas que traduzem correspondências estéticas. Desta forma, “o número quatro torna-se um número axial e resolutório. Quatro são os pontos cardeais, os ventos principais, as fases da lua, as estações do ano, (...) E quatro será, conforme ensinava Vitruvius, o número do homem, pois sua largura de braços abertos corresponderá à sua altura, o que equivale à base e à altura de um quadrado ideal. E quatro será igualmente o número da perfeição moral...” (ECO, 2004:77).

A beleza então concilia uma manifestação divina em sua ordem, proporção e medida, e o cosmo é uma espécie de união contínua feita de consenso recíproco entre as coisas, sustentada por um princípio divino que é a alma. A “*obra de Deus será o kósmos, a ordem de tudo, que se contrapõe ao Caos*” (ECO, 2004:77).

A ascese cristã encontra neste momento um ambiente fértil para produzir um corpo que busca essa elevação ao divino e afastamento das contradições da vida mundana. Para São Tomás de Aquino, a noção de proporção é capital para o reconhecimento da Beleza. As características formais principais são: proporção (consonância), pois deve haver harmonia entre as coisas e equilíbrio entre as partes; integridade (completude), pois as coisas incompletas são feias; clareza, claridade (ou harmonia de cores), pois as coisas que são belas possuem uma beleza que resplandece (TALON-HUGON, 2005).

Segundo Margaret Werthein (2001), na visão medieval do mundo, o universo em sua totalidade estava interligado numa grande hierarquia metafísica, a Grande Cadeia do Ser, que descendia de Deus. Nessa hierarquia, no topo, perto de Deus, estão os seres angélicos, os querubins, serafins, arcanjos, etc. Em seguida, estavam os seres humanos, depois os animais, as plantas e por fim as coisas inanimadas. Desta forma, os homens estão numa escala intermediária entre os seres etéreos e as coisas materiais. O corpo, então, é a dimensão material de uma criatura dotada de alma intelectual, um elo entre os domínios terrestre e celeste.

A descrição do cosmo apresentada por Dante na *Divina Comédia* retrata a maneira harmoniosa como, para os cristãos medievais, o espaço físico do corpo e o espaço imaterial da alma são representados, e formavam um todo integrado. Enquanto a arquitetura do espaço físico do corpo era definida pelo plano geocêntrico dos planetas e das estrelas, a do espaço da alma era definida pela geografia imaterial tríplice do Paraíso, Inferno e Purgatório. Na descrição de Dante, o Inferno é uma fenda dentro da terra, o Purgatório é uma montanha na superfície dela e o Paraíso coincide com as estrelas. Depois da morte, só os verdadeiramente virtuosos, os santos e os mártires estavam destinados a ir direto para o Paraíso. Por outro lado, os cristãos comuns deviam esperar uma forma de punição até a morte. Os valores estéticos, ou seja, o que é considerado bom, belo e/ou verdadeiro, irá reproduzir essa “geografia”, isto é, quanto mais próximo de Deus mais belo e nobre seria considerado, ao passo que quanto mais afastado de Deus, menos participaria da graça

divina. Para os cristãos medievais, havia um entrelaçamento inevitável entre o cosmo físico e o espiritual, o espaço do corpo e o espaço da alma, e o reino espiritual significava para eles a realidade primeira, era acima de tudo por sua bússola espiritual, não por uma física, que eles se orientavam (WERTHEIM, 2001).

Assim como no Inferno e no Purgatório, cada nível da hierarquia estava associado a um pecado particular. No Paraíso, cada esfera celeste está associada a uma das virtudes cardinais cristãs: juntamente com a fé e a esperança, o amor, a prudência, a coragem, a justiça e a moderação. Neste contexto, a beleza se confunde com a elevação espiritual e o mais belo é o mais próximo do divino. Na arte, a Beleza obedece a essa mesma lógica. Não por acaso as catedrais góticas dão uma sensação estética de elevação, de ascensão aos céus, de proximidade com o divino, de entrada em um universo que está além do humano. Uma beleza que transcende o nível material da existência e vai buscar abrigo no espaço celeste.

A maneira cotidiana de olhar o corpo humano e julgar sua beleza reproduz a lógica das coisas celestes, valorizando as partes mais altas, elevadas, como o rosto, o busto e os olhos, que traduzem o artifício divino e manifestam a verdadeira beleza, a mais perfeita, a mais elevada. Segundo Vigarello (2004), o olhar é orientado: submetido a um código de moralidade, no qual as partes altas do corpo, que devem ser vistas, são valorizadas e as partes baixas do corpo cumprem apenas a função de sustentá-las. Para ele, *“uma outra lógica ainda reforça essa visão hierarquizada: a ordem estética é orientada pela ordem cósmica. A beleza do mundo, cujas regiões etéreas representariam a perfeição, são também o modelo de beleza do corpo: o céu cósmico e o céu corporal se correspondem no século XVI* (VIGARELLO, 2004:21).

Nesta visão hierarquizada e moral, a anatomia é orientada verticalmente, indo do mais nobre ao menos nobre, do delicado ao grosseiro, da ascensão ao céu à queda de Adão, da grandeza à indignidade, do céu ao inferno, da cabeça aos pés. Nesta concepção, os olhos exercem um papel decisivo no julgamento da beleza, pois eles são a chama que ilumina, a lanterna que guia, a janela que permite a entrada do divino. É o olhar que permite apreciar suas obras. *“A beleza não pode escapar às velhas hierarquias espirituais estabelecidas entre a terra e o céu, a sombra e a luz, o sagrado e o profano”* (VIGARELLO, 2004:33). Do mesmo modo, os padrões de beleza recusam o artifício, a ilusão, a transgressão do natural, dos cosméticos que iludem o olhar, pois a beleza é um atributo de Deus, e a estética

artificial é obra do diabo. “A beleza não pode ser buscada porque ela é dada por Deus” (VIGARELLO, 2004:34).

A re-introdução na Europa da obra de Aristóteles através dos mundos árabe e bizantino no século XIII possibilitou o retorno da ciência natural à Europa, criando uma tendência que séculos depois daria origem à Ciência Moderna¹². Esse interesse pela observação empírica da realidade já estava presente nas obras de Giotto, que traduz essa passagem de um olhar transcendente, simbólico, ligado às questões divinas, e cria um olhar naturalista, empírico, na tentativa de transmitir a ordem natural vista pelo olho. O órgão de visão do pintor começa a se deslocar do “olho interior” da alma para o “olho físico” do corpo, isto é, os artistas começam a olhar “para fora” e não “para dentro”. Segundo Wertheim, “*muito antes do surgimento da ciência moderna, os pintores desempenharam um papel decisivo no estabelecimento dessa visão essencialmente geométrica do espaço. (...) Embora Giotto, no século XIV, não tivesse uma concepção clara do espaço euclidiano contínuo, ao focalizar a atenção artística na simulação da profundidade, ele e outros mestres do Trecento puseram o Ocidente num novo curso. Sem que o soubessem, seu estilo artístico naturalista ajudou a precipitar uma revolução no pensamento que iria finalmente demolir o notável cosmo dualista medieval, e inseria a humanidade ocidental num novo esquema espacial*” (WERTHEIM, 2001:73).

Muito antes que os homens da ciência aceitassem uma nova visão do espaço, artistas como Leon Batista Alberti e Leonardo da Vinci encontraram maneiras de dar sentido às idéias de um vazio físico dotado de extensão. A criação de um espaço plástico tridimensional a partir da perspectiva, apesar de não ser uma teoria do espaço *per se*, mas apenas uma teoria da representação, vai se revelar crucial para a evolução do conceito moderno de espaço físico que será criado a seguir. A partir da perspectiva, os europeus começam a olhar o espaço físico, o mundo material e a representação do corpo humano de uma maneira nova, e, ao optar por esse caminho, os artistas do renascimento sem o saber, lançaram as bases perceptivas para uma revolução na ciência.

¹² “*Nesse século criativo, vital, Petrus Peregrinus estudou as propriedades dos ímãs e formulou as leis básicas do magnetismo; Robert Grosseteste estudou as propriedades da luz, renunciando o renascimento da óptica geométrica; Alberto Magno estudou as plantas, os minerais e os astros. As obras de Ptolomeu e as obras matemáticas de Euclides tornaram-se, umas e outras, foco de intenso estudo*” (WERTHEIM, 2001).

Já no período anterior ao Renascimento a reflexão matemática vai influenciar os estudos sobre as proporções do corpo humano na produção artística. Em Dürer, as proporções do corpo são baseadas em módulos matemáticos rigorosos, com cálculos precisos, criando-se assim uma nova noção filosófica de proporção que vai influenciar os teóricos do Humanismo e do Renascimento na instituição de uma nova concepção do corpo humano. Na pintura, a harmonia, o equilíbrio e o rigor matemático passam a fazer parte dos parâmetros do que é considerado belo. A realidade é reproduzida com precisão, mas, ao mesmo tempo, obedecendo a um ponto de vista do observador. Os estudos matemáticos atingem a máxima precisão na teoria e na prática renascentista da perspectiva e vão estabelecer um padrão de beleza igualmente informado pelo conhecimento técnico científico. Podemos então supor que a percepção do corpo, da mesma forma, sai do universo do simbólico, ao qual estava ligada no período medieval, e ingressa no universo científico do período moderno. Ou seja, mudam os critérios, os conhecimentos técnicos e científicos, mudam os parâmetros de aferição da beleza e muda a percepção do corpo. A concepção do corpo humano passa a obedecer a essa nova lógica, o corpo humano que Vesálio e Leonardo dissecam e retratam já não é mais o corpo sagrado da religião e da cosmologia medieval, trata-se agora do corpo da ciência.

A ferida narcísica infligida ao Ego da humanidade pela revolução copernicana, o desenvolvimento das ciências físicas e astronômicas, as crises políticas e as revoluções econômicas, o enfraquecimento da igreja, o fim das relações feudais e a descoberta de um novo mundo são fatores que desorientam o homem e o fazem perceber que ele não é mais o centro do universo e nem uma criatura criada à imagem e semelhança de Deus. A crise do antigo sistema e a crise do próprio saber científico em ascensão criaram as condições para o surgimento de um novo padrão estético que desse conta da nova realidade, a beleza mais uma vez se desloca em busca de novos parâmetros. Segundo Eco, *“Paradoxalmente, é o enorme progresso do saber que produz a crise do próprio saber: a busca de uma Beleza cada vez mais complexa se faz acompanhar, por exemplo, pela descoberta de Kepler de que as leis celestes não seguem as simples harmonias clássicas, mas necessitam de complexidades cada vez maiores”* (ECO, 2004:225). Essa complexidade redesenhada por

Copérnico e Kepler¹³ faz da Arte também um território de relações cada vez mais complexas, criando um novo universo de relações e tensões entre o detalhe e a totalidade.

Segundo Talon-Hugon, para Hutcheson, na *Enquête sur L'origine de nos idées de beauté et de vertu* (1725), a percepção é pensada a partir do modelo de explicação empirista de Locke, das qualidades secundárias da percepção. Para ele, a análise da beleza se articula com as sensações: a beleza é um efeito das qualidades percebidas por um “sentido interno”. A diferença entre as qualidades sensíveis é que a beleza é relativa ao mundo interno das idéias. Por outro lado, na obra *De la norme du goût* (1757), Hume percebe que os homens não possuem os mesmos gostos, reconhecem diferentes sentidos e as sensações não obedecem aos mesmos valores. Mas existem acordos, consensos, e não é mais o objeto que ocasionou o sentimento estético, é o sujeito que o afirma. O estatuto do gosto não é mais um critério objetivo de qualidade estética, mas um critério objetivo de capacidade estética. A norma do gosto não deve mais ser buscada nas regras, mas na figura do *expert*, do especialista. É ele quem vai determinar as normas. Hume desloca assim a questão do valor de qualidade dos objetos em nome da competência crítica (TALON-HUGON, 2005).

Na segunda metade do século, a busca do estilo original comporta uma ruptura com os estilos tradicionais, abrindo caminho para uma recusa dos temas e das poses tradicionais, a favor de uma maior liberdade expressiva. Segundo Hume, *As regras do gosto* precisam de mais liberdade dos cânones para se libertar dos hábitos e preconceitos que vêm do exterior, inibindo as qualidades interiores como bom senso e liberdade para afirmação de um gosto próprio, movido pela subjetividade, pela liberdade do sujeito em estabelecer suas próprias regras. Este subjetivismo estético de Hume, afirma que a Beleza não é inerente às coisas, mas se forma na mente do espectador livre de influências externas. Segundo Eco, “A importância dessa descoberta é semelhante àquela do caráter subjetivo das qualidades do corpo (quente, frio, etc.) feita no século XVII no campo da física por Galileu. À subjetividade do gosto corpóreo --- que um alimento tenha sabor doce ou amargo não depende de sua natureza, mas dos órgãos gustativos de quem o experimenta ---

¹³ Kepler explicou o reino celeste como um domínio físico concreto, exatamente como o reino terrestre, e tratou os corpos celestes como corpos materiais concretos que deviam funcionar segundo leis físicas naturais. Ao contrário do que afirmavam os astrônomos ocidentais desde Aristóteles, Kepler descobriu que a trajetória de cada planeta é uma grande elipse que tem o Sol como ponto central. O que propelia os planetas em torno de suas órbitas não era Deus, mas forças físicas inerentes ao sistema cósmico. Para ele, o problema do movimento celeste não era uma questão de Teologia, mas de física (WERTHEIM, 2001).

corresponde a uma análoga subjetividade do gosto espiritual: como não existe um critério de avaliação objetivo e intrínseco às coisas, o mesmo objeto pode parecer belo a meus olhos e feio aos olhos do meu vizinho” (ECO, 2004:246).

Ainda no século XVII, uma dinâmica particular enriquece os critérios de beleza no mundo clássico. Segundo Vigarello, a nascente sociabilidade urbana e as normas da corte acerca da aparência produzem uma nova e complexa ordem para a aparência, impondo novos personagens e modelos estéticos que vão balizar as regras da beleza. O gesto e o comportamento passam a ocupar o lugar central da cena e revelam um mundo interior em construção. O corpo se torna uma matéria passiva guiada por uma alma, ou seja, a beleza se confunde com a expressão da interioridade, dos humores, das intenções, desejos e vontades. A beleza física ganha em profundidade e interioridade. Ela ganha também uma legitimidade nova: a que permite o artifício do embelezamento e a busca de um modelo possível de perfeição. Já no Barroco, cada detalhe particular da obra ou mundo concentra-se e ao mesmo tempo desdobra-se para todo o universo. Segundo Eco, não há uma linha que não guie o olho para um além a ser atingido, não há uma linha que não se carregue de tensão: à Beleza imóvel e inanimada do modelo clássico substitui-se uma Beleza dramaticamente tensa (ECO, 2004). Enquanto a Beleza barroca vai ao encontro do gosto aristocrático, o severo rigor neoclássico vai ao encontro do culto da razão, da disciplina e da calculabilidade, típicas da burguesia ascendente.

A sociedade urbana que surge no final do século XVII supera a tradição e a autoridade dos senhores rurais e os padrões de beleza decorrentes da vida no campo. Uma nova sociabilidade aparece, uma cultura emerge a partir dos meios intelectualizados que começam a ganhar espaço na vida pública, uma beleza mais cotidiana se impõe e o olhar se renova com a urbanidade. *“Os olhares são reorientados e a Estética é renovada”* (VIGARELLO, 2004:60). Uma importante mudança se impõe, pois a imagem do corpo em sintonia com o universo perde terreno, o corpo não está mais sujeito às influências dos astros, essa visão cede lugar a um olhar cartesiano, no qual o mundo não se orquestra mais a partir das ordens celestes e etéreas ou divinas, o corpo agora está sujeito às leis da mecânica que está presente em todas as coisas e em todo o universo. O corpo se racionaliza e se desencanta (VIGARELLO, 2004). O corpo não é mais um reflexo dos astros, mas a

expressão dos movimentos internos que traduzem as emoções, agora submetidas às regras da razão.

O surgimento de múltiplos estratos sociais e de categorias de comerciantes, profissionais liberais, escritores, jornalistas e magistrados amplia a complexidade da vida social e, conseqüentemente, amplia também a variedade e a complexidade do gosto. A estética do século XVIII expande a percepção para além das regras do gosto. Ao lado da razão e da sensibilidade, o sentimento, o gosto e as paixões livram-se da aura de irracionalidade e se colocam em luta contra a ditadura da razão. Kant põe na base da experiência estética o prazer desinteressado que se produz na contemplação da Beleza. Desta forma, belo é aquilo que agrada de maneira desinteressada, sem ser originado por ou remissível a um conceito: o gosto é, por isso, a faculdade de julgar desinteressadamente um objeto mediante um prazer ou um desprazer; o objeto deste prazer é aquilo que definimos como belo. Na *Crítica da faculdade de juízo*, de 1790, Kant afirma que as características do belo são o prazer sem interesse, a finalidade sem escopo, a universalidade sem conceito e a regularidade sem lei (ECO, 2004).

Para Talon-Hugon (2004), Kant estuda a maneira como os fenômenos se dão a perceber. Na *Crítica da faculdade de juízo*, ele examina a questão que atravessa o século, que é: como o julgamento estético, que é subjetivo, pode ter uma validade universal? Para ele, existem duas categorias de julgamento estético, as que analisam a beleza, os julgamentos do gosto, e as que analisam o sublime. A diferença essencial entre elas é que a idéia de beleza repousa sobre formas espaciais e temporais dos objetos, enquanto que o sublime, repousa sobre o ilimitado, em dimensão (matéria) ou potência (dinâmica). Enquanto a beleza é mediada pelas idéias da razão e da moralidade, o sublime é incompreensível, irrepresentável. Desta forma, o julgamento do gosto repousa sobre um sentimento de prazer ou desprazer que é, num certo sentido, puramente subjetivo.

Para Kant, compreender o prazer estético é compreender a beleza. E o prazer estético não é necessariamente agradável, útil ou bom. Não está ligado à satisfação de um prazer ou de um interesse pessoal, intelectual ou moral. Ele é desinteressado, ou seja, estabelecer a existência de um prazer desinteressado é estabelecer a autonomia do valor estético. Dizer que uma coisa é bela e supor que os outros achem a mesma coisa é supor que os outros poderão ter o mesmo prazer. Deste modo, os juízos de valor não são

universais, mas podemos acreditar que podem até ser, eles não podem prever uma reação similar à nossa, mas podem pretender que a reação dos outros deveria ser próxima à nossa (TALON-HUGON, 2005).

Na *Recherche philosophique sur l'origine de nos idées du sublime et du beau* (1757), Edmund Burke afirma que o gosto, como a razão, está ancorado na natureza humana. Os princípios do julgamento do gosto são comuns a todos e a diversidade de opiniões estéticas se explica pela variação de graus de “sensibilidade natural”, ou pela qualidade da atenção dirigida ao objeto. Burke propõe uma lista de caracteres objetivos de beleza, nos quais as qualidades estéticas são ligadas a paixões específicas. São elas: o Belo e o Sublime. O prazer encontrado no belo não é da mesma natureza que o sublime. O Belo está ligado às paixões sociais (amor, sexualidade, amizade, simpatia). O Sublime está ligado às paixões instintivas de conservação de si, pois, ao mesmo tempo em que ele busca o confronto com o perigo, não se trata de um perigo real, mas de uma idéia de perigo. Para Burke, o Sublime é um sentimento de delicioso horror (TALON-HUGON, 2005).

O Romantismo marca o questionamento dessa racionalidade que pretende explicar e controlar tudo e expõe a fragilidade dessa racionalidade trazendo à tona os componentes não racionais da própria racionalidade. Na Alemanha, o movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Paixão) critica o desencantamento do mundo operado pelo Iluminismo, que enfatiza a ciência, o racionalismo, a tecnologia e o progresso. Por sua vez, os românticos alemães preferem exaltar a natureza e o sentimento, valorizam a espiritualidade, as mitologias gregas, germânicas e nórdicas, valorizam a liberdade individual sem limites, o amor impetuoso, ou seja, utiliza-se o sentimento como antídoto à Razão. Para o pensamento grego, a Beleza coincidia com a verdade, porque a verdade produzia a Beleza. Para os românticos, é a Beleza que produz a verdade. E essa verdade não está ligada apenas à paixão, mas também à morte, ao feio, ao grotesco, e os opostos não mais se afastam, eles agora se complementam, o Feio já não é a negação, ele é a outra face do Belo.

A Estética se separa da moral e se aproxima dos aspectos mais inquietantes da vida. A doença, a transgressão, a morte, o tenebroso, o demoníaco e o horrendo se tornam fascinantes, e até mesmo modelos de vida. A Beleza amplia seus domínios. Segundo Eco, com o romantismo “*ganha forma uma verdadeira religião estética, e sob o lema da Arte*

pela Arte impõe-se a idéia de que a Beleza é um valor primário a ser realizado a qualquer custo, a tal ponto que muitos viverão a própria vida como obra de arte” (ECO, 2004:330).

Segundo Vigarello (2004), essa nova concepção de beleza traduz uma atenção mais viva à interioridade. O olhar sobre o corpo é inexoravelmente enriquecido, englobando detalhes estéticos, indícios, palavras e gestos que estão em transformação, criando uma nova Estética que se afasta dos critérios aristocráticos que começam a perder terreno. O olhar acerca do corpo se torna mais pragmático, o modelo físico do aristocrata é subvertido, sua “arrogância” é substituída pela “eficácia” burguesa.

Para Talon-Hugon (2004), a revolução romântica consiste em uma nova maneira de pensar a arte. Ela não é uma atividade produtiva, nem ornamento, nem diversão. Ela é conhecimento. A Arte está investida de uma grande missão, que é resgatar a unidade perdida, tornar o mundo sagrado. Isto significa uma nova maneira de pensar a filosofia e a Arte. Não se trata de um método de investigação racional, um pensamento discursivo e conceitual, mas um tipo de saber intuitivo e absoluto, pura poesia.

Os padrões de beleza e os sentidos atribuídos ao corpo certamente vão acompanhar essa busca por uma beleza que não obedece mais aos cânones clássicos ou presos à racionalidade. A beleza do corpo passa a incorporar o que era considerado feio, grotesco, selvagem ou inquietante. Trata-se de um deslocamento que interfere de forma definitiva nos discursos, nos sentidos e nos corpos. Por outro lado, no século XIX, com o dandismo, temos ao mesmo tempo uma revolta contra a sociedade burguesa e seus valores como a crítica ao culto do dinheiro e da técnica, ou ainda, uma oposição aos preconceitos e costumes correntes. Porém, este discurso não é marginal ou revolucionário, muito pelo contrário, suas aspirações são típicas da aristocracia. Para um dândi, sua vida pública deve ser trabalhada, assim como uma obra de arte¹⁴, deve se tornar um exemplo de Beleza. “*Não é a vida dedicada à arte, mas a arte aplicada à vida: a Vida como Arte” (ECO, 2004:334).*

¹⁴ Este padrão estético pode ser ilustrado pelo texto “O pintor da vida moderna” de Charles Baudelaire, de 1869, no qual ele afirma que “*a idéia que o homem faz do Belo imprime-se em todo o seu vestuário, franze ou estira a sua roupa, arredonda ou enrijece o seu gesto e impregna sutilmente, com o passar do tempo, os traços de seu rosto. O homem acaba por assemelhar-se àquilo que gostaria de ser. (...) O dândi não aspira ao dinheiro como coisa essencial; um crédito ilimitado poderia bastar: de bom grado, deixa essa grosseira paixão aos vulgares mortais. O dandismo não é sequer, como parecem pensar muitas pessoas de pouca reflexão, um amor desmesurado pela indumentária e pela elegância física. Para o perfeito dândi essas coisas são apenas o símbolo da superioridade aristocrática de seu espírito. (...) É uma espécie de culto de si mesmo, que pode sobreviver à busca da felicidade que se encontra em outrem, na mulher, por exemplo,*

Essas construções relativas à Beleza fazem do corpo o receptáculo e ao mesmo tempo o agente da ação. Os sentidos atribuídos ao corpo e os padrões do que é considerado belo vão sofrer influência desses movimentos e produzir reações nos sujeitos que, por sua vez, vão alterar os próprios movimentos. Ou seja, essa dinâmica é estabelecida historicamente e a Estética de certa forma catalisa os processos oriundos de outras áreas, ela é o cadinho onde se molda a percepção do corpo e da sua “beleza”. Como podemos observar, as reflexões acerca do Belo, da beleza do corpo humano e dos sentidos atribuídos ao corpo (materiais ou etéreos), estão sendo elaboradas desde a Grécia, passando pela Antiguidade e Idade Média, se transformando no Renascimento, se tornando mais complexa nos últimos séculos e chegando até os nossos dias sem conclusões definitivas, muito pelo contrário. Trata-se de um saber que é autônomo, mas que possui ramificações em várias áreas do conhecimento, refletindo condições históricas, sociais, religiosas e culturais da existência.

O fenômeno estético não se resume à crítica de arte, pelo contrário, ele incorpora uma infinidade de pontos de vista, oriundos da arte, da filosofia, da ciência, da religião ou do senso comum. Todos esses aspectos se fazem presentes na construção da percepção da beleza e dos sentidos e qualidades atribuídas ao corpo, alguns de forma distante, indireta, às vezes, imperceptível, mas sempre atuando na construção do olhar acerca do corpo, e da mesma maneira que esses domínios marcaram sentidos, formaram discursos, formularam juízos e sanções, da mesma forma, hoje, eles continuam produzindo seus mecanismos de interferência, às vezes de forma mais sutil, sofisticada, às vezes de forma absurdamente tosca.

3.2 - Corpo e beleza no século XX – No século XX, as ligações entre as três asas do conhecimento se tornam ainda mais evidentes. Arte, filosofia e ciência dialogam entre si produzindo os acordes que vão compor a melodia da cultura, seja produzindo estruturas harmônicas, seja produzindo acordes dissonantes. Não que haja uma correspondência direta

que pode sobreviver, inclusive, a tudo que chamamos ilusões. É o prazer de provocar admiração e a satisfação orgulhosa de jamais ficar admirado” (ECO, 2004).

entre esses campos, gerando uma relação de causa e efeito, ao contrário, cada um trabalha dentro de sua especificidade, no entanto, como veremos a seguir, cada vez mais se torna possível pensar uma ligação, mesmo que tênue, entre campos distintos do conhecimento que aparentemente não possuem pontos de contato, mas que possibilitam a construção de novos conceitos artísticos, científicos e filosóficos, além de produzir novos valores éticos e estéticos, que podem vir a interferir nos sentidos atribuídos ao corpo.

Desde o Século XIX, as principais correntes artísticas na pintura vão criar maneiras distintas de pintar o corpo e através desses trabalhos podemos perceber o sincretismo de saberes, percepções e sentidos acerca do corpo. Desde o Romantismo, com Delacroix (1798-1863), Géricault (1791-1824) e Turner (1775-1851), podemos perceber que o corpo é associado a assuntos mitológicos, ligado a assuntos religiosos e ao recente contato com o misticismo oriental, além de estar em relação com a natureza, às vezes vencido pela sua força. No Naturalismo de Corot (1796-1875), Millet (1814-1875) e Rousseau (1812-1867), o corpo passa a ser representado na vida cotidiana e a natureza retratada já não é mais a dos ateliês, as pinturas são feitas nas florestas ou nas vilas ao ar livre. Já no Realismo de Courbet (1819-1877) e Daumier (1808-1879), os assuntos são extraídos da vida cotidiana e do mundo rural com seus trabalhadores empobrecidos, fazendo com que os corpos sejam representados com maior fidelidade ao que eles realmente são.

As vanguardas artísticas do início do século XX estabelecem uma nova concepção plástica do mundo em sintonia com o desenvolvimento técnico-científico e com as questões epistemológicas de seu tempo (ARGAN, 1993). A técnica pictórica, por exemplo, se transforma em um conhecimento cultural da vida moderna, refletindo por sua vez a revolução científica em curso. A pesquisa impressionista, por exemplo, busca uma concepção científica, estabelece um diálogo com a técnica industrial, com a ciência, com a pesquisa estrutural dos engenheiros no campo da construção, com as pesquisas de Chevreul, Rood e Sutton sobre as leis ópticas da visão e principalmente, dos contrastes simultâneos ou das cores complementares. Ou seja, *“Não se pretende fazer uma pintura científica, mas instituir uma ciência da pintura, colocar a pintura como uma ciência em si”* (ARGAN, 1993:82).

A busca por uma nova visualidade, por sua vez, não influi apenas sobre a pintura, mas também sobre a arquitetura na medida em que as novas técnicas industriais

permitem realizar formas totalmente diferentes de toda a morfologia tradicional. A substituição da lenha por carvão na extração, transporte e processamento do ferro permite sua produção industrial e abre o caminho para a estruturação de uma nova ordem metodológica e tecnológica no processo de transformação da arquitetura em urbanismo. Enquanto a pintura inaugura uma nova percepção, uma nova forma de perceber a realidade, a arquitetura inaugura uma nova forma de construção, uma nova forma de intervir e modificar a realidade. Para Argan, *“os dois procedimentos são independentes e não possuem parâmetros formais em comum; no entanto, têm um ponto de convergência porque, assim como o pintor estrutura ou organiza a realidade recebida num espaço perceptivo, os novos arquitetos estruturam e organizam o ambiente da vida num espaço construtivo. Tanto a arquitetura como a pintura, afinal, pretendem transformar a atividade artística de representativa em estruturante”* (ARGAN, 1993:90). A questão visual, portanto, não se resume a inaugurar uma nova forma de ver. Não se trata apenas de perceber renunciando a compreender, mas de perceber e compreender a partir de um novo registro, estruturado e construído a partir de uma nova visualidade.

Segundo Argan (1993), na última década do Século XIX e na primeira década do Século XX, o Modernismo reúne correntes artísticas que se propõem a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista, econômico e tecnológico, da civilização industrial. Entre as principais propostas, podemos citar: renúncia aos modelos e ao estilo clássico; desejo de diminuir a distância entre as artes maiores (arquitetura, pintura e escultura) e as aplicações nos diversos campos da produção econômica (construção civil, decoração, vestuário, etc.), a busca de uma funcionalidade decorativa; a criação de um estilo internacional; desejo de inspirar e redimir o industrialismo. Por isso, mesclam-se nas correntes modernistas, muitas vezes de maneira confusa, motivos materialistas e espiritualistas, técnicos-científicos e alegóricos-poéticos, humanitários e sociais (ARGAN, 1993). Ou seja, as vanguardas artísticas buscam não apenas modernizar ou atualizar, mas revolucionar as modalidades e finalidade da arte, transformar a estrutura social e modificar os modos de vida. Os padrões estéticos e éticos se confundem e absorvem a dinâmica da produção industrial, seja para elogiá-la, seja para criticá-la.

Segundo Umberto Eco, *“no início do século XX os tempos estão maduros para a exaltação futurista da velocidade, e Marinetti chegará a afirmar, depois de um convite a*

matar a luz do luar como inútil velharia poética, que uma máquina de corrida é mais bela que a Nike de Samotrácia” (ECO,2004:394). Cada vez mais, a estética industrial invade a vida cotidiana, fazendo com que forma e função se confundam, ou seja, “*mais bela será a máquina quanto mais capaz for de exibir a própria eficiência*” (ECO, 2004:394). O *design* essencial do objeto, o ideal do *styling*, que faz com que as máquinas recebam detalhes que estão além da sua função, de modo a torná-la esteticamente mais agradável e fascinante¹⁵.

Por outro lado, Gauguin vai em busca de uma inocência perdida pela civilização e vai construir seu trabalho a partir dos corpos semi-nus dos selvagens do Taiti. Segundo Argan, Gauguin não explora o mundo em busca de sensações, e sim, a essência e a origem das sensações. Seu entusiasmo pela natureza e povos de terras distantes não é uma retomada do exotismo romântico. Na Polinésia ou na Martinica, não procura algo novo ou diferente, mas a realidade profunda do próprio ser (ARGAN, 1992). Já no Cubismo de Braque (1882-1963), Léger (1881-1955) e Picasso (1881-1973), o espaço se estrutura em uma multiplicidade de faces que dividem o volume e compõem um novo espaço, multifacetado. O corpo é percebido a partir dessa multiplicidade de ângulos e a idéia principal é não apenas perceber o corpo a partir de diferentes perspectivas, mas principalmente, percebê-lo em sua realidade profunda. No expressionismo, com Kokoschka (1886-1944), Munch (1863-1944) e Egon Schiele (1890-1918), o corpo aparece torturado e deformado pelo mal estar causado pela sociedade moderna. Suas formas retorcidas ou exageradas refletem os conflitos que afloram no inconsciente. No Surrealismo de Dali (1904-1989), Ernst (1891-1976) e Magritte (1898-1967), os mecanismos do pensamento são exacerbados, trazidos à tona, e um dos seus objetivos é questionar a racionalidade da ciência e da vida social. Os corpos são o local onde se materializam os desejos

¹⁵ Segundo Eco, nessa luta entre *design* e *styling* ficou famosa a análise feita por Barthes acerca do primeiro exemplar do Citroën DS. Na obra *Mitologias*, de 1957, Barthes afirma: “*Creio que o automóvel seja hoje o equivalente bastante exato das grandes catedrais góticas: ou seja, uma grande criação de época, apaixonadamente concebida por artistas desconhecidos, consumida em sua imagem, se não em seu uso, por todo um povo que através dela se apropria de um objeto perfeitamente mágico. O novo Citroën cai manifestamente do céu na medida em que se apresenta desde o início como um objeto superlativo. Não devemos esquecer que o objeto é o melhor portador do sobrenatural: nele encontra-se facilmente uma perfeição e ao mesmo tempo uma ausência de origem, um fechamento e um brilhantismo, uma transformação da vida em matéria (a matéria é muito mais mágica que a vida) e, para dizer tudo, um silêncio que pertence à ordem do maravilhoso. A Déesse tem todas as características de um daqueles objetos vindos de outro universo que alimentaram a neomania do século XVIII e aquela da nossa ficção científica: a Déesse é antes de tudo um novo Nautilus*” (Citado por ECO, 2004:398).

inconscientes, pois o inconsciente é a região do indistinto, onde o ser humano não controla a realidade, mas se funde a ela.

Na vida social, a beleza do corpo humano começa a ser trabalhada, construída de modo a atender a demanda da industrialização, o corpo começa a se adequar a essa nova ordem social que preza a forma e a função, afinal, ele é uma peça importante nessa engrenagem. Para Denise Sant'Anna (2001), o surgimento de métodos, técnicas educacionais e modelos de ginástica adequados a cada grupo social atesta uma procura por padrões de desempenho corporal compatíveis com esse novo olhar. Segundo ela, *“a partir do século XVIII a visão da máquina e o entendimento de seus mecanismos internos conquistam uma complexidade até então desconhecida, despertando médicos e educadores para a necessidade de ampliar a autonomia do corpo em relação às possibilidades de “transformá-lo” cotidianamente com a ajuda não apenas da medicina mas, também, da Educação Física”* (SANT'ANNA.2001:107). A construção da vida moderna quer, ao mesmo tempo, criar novas formas de expressão, estruturar a realidade a partir de novos códigos, modernos, dessacralizados e em sintonia com essa nova plástica. Ou seja, uma nova Estética pautada pela dinâmica social. Desta forma, a Arte e a Estética, desde o início do século XX, incorporam entre suas características a constante presença dos objetos industriais de uso cotidiano, a mercantilização da vida e a reificação das coisas. Segundo Eco, *“a redução de todo objeto a mercadoria e o progressivo desaparecimento do valor de uso em um mundo regulado unicamente pelo valor de troca modificam radicalmente a natureza dos objetos cotidianos: o objeto deve ser útil, prático, relativamente econômico, de gosto comum, produzido em série”*. (...) *“A nova Beleza é reprodutível, mas também transitória, e perecível: deve induzir o consumidor à substituição rápida, por consumismo ou desinteresse, para não deter o crescimento exponencial do circuito da produção, distribuição e consumo das mercadorias”* (ECO, 2004:376).

Essa mesma lógica vai se tornar presente na Arte, na produção industrial, nos objetos de uso cotidiano, nas relações humanas e nos usos do corpo¹⁶, ou seja, surge uma

¹⁶ *“Por meio da educação física, o corpo humano tende a ser considerado um organismo que precisa receber uma formação para bem orientar seus gestos, corrigir o que é julgado defeituoso em sua aparência e transformar potências em virtudes. Este trabalho representa uma ação ao mesmo tempo médica e pedagógica, suscitando o desenvolvimento de uma confiança inédita depositada no corpo de cada indivíduo: acredita-se, desde então, que é por meio do corpo que se educará o caráter e, a seguir, que se poderá formar*

Estética ligada ao mercado e o corpo começa a se tornar um objeto dentre outros. A Beleza passa a adotar a serialidade, a massificação e a homogeneização como partes constitutivas do mundo moderno industrial em ascensão e cada vez mais expande essa ótica a outros domínios.

Para Vigarello (2004), o início do século XX assiste a uma mudança radical da silhueta e dos padrões de beleza corporal, principalmente para as mulheres. Entre 1910 e 1920, os corpos se libertam e as formas se alongam, como se as linhas do corpo ganhassem autonomia e acompanhassem a profunda transformação social em curso. A mulher, que agora ingressa no mercado de trabalho, busca uma imagem de movimento e atividade por meio de uma elegância apropriada aos novos tempos de desenvoltura e liberdade. Uma nova mulher emerge das profissões mais ativas e a ilusão de ter conquistado seus direitos faz com que ela passe a valorizar e investir mais no seu corpo. Nos anos 30, a revista *Votre bonheur* convida cada mulher a possuir três maquilagens distintas, uma para o dia e os passeios ao ar livre, outra para o ambiente de trabalho e outra para a noite. A revista *Femina* pretende inventar um novo estilo para essa nova geração de mulheres criando “*a arte de trabalhar para se tornar uma mulher elegante*”, ou então, encontrar uma maneira de “*ficar feliz durante toda a jornada de trabalho*” (VIGARELLO, 2004:196), e para isso há uma série de acessórios diversos como rouges, talcos, cremes, espelhos, perfumes e utensílios diversos que precisam ficar disponíveis a qualquer hora do dia, ao alcance das mãos. A “mulher que trabalha” deve também ser “agradável de se ver”, tanto na chegada quanto na saída do trabalho. A atuação feminina no mundo do trabalho cria novos critérios estéticos e cuidados com o corpo.

A cosmetologia é também rearticulada. A publicidade dos anos 30 destaca a liberdade e a necessidade de se adequar à nova ordem estética que prega a vida ao ar livre, a ginástica e o bronzado. São inúmeros cremes e loções bronzadoras que prometem destacar a cor da pele e a ação dos raios ultravioleta. Segundo Vigarello, “*a melanina é adicionada à superfície do corpo social*” (VIGARELLO, 2004:198). E longe de ser uma simples moda, trata-se de uma revisão pedagógica onde cada um precisaria buscar o embelezamento e o prazer, criando uma nova forma de afirmação do indivíduo moderno

uma nação. É por meio do corpo, de sua educação pela ginástica, por exemplo, que a intimidade de homens e mulheres comuns é atingida e que suas virtudes podem ser fomentadas” (SANT’ANNA, 2001).

fazendo com que a população comece a “cuidar de si”, investir no seu próprio corpo, ter um tempo para si. Segundo Coco Chanel, essa ordem estética “*é o ano 1 da felicidade*” (VIGARELLO, 2004:199).

O corpo feminino começa a ser trabalhado e passa a exibir os signos da cultura física e da atividade esportiva, os músculos se tornam visíveis, elásticos, deixam de ser propriedade exclusiva do universo masculino. Os editoriais das revistas de beleza dos anos 30 destacam “*uma silhueta esbelta e esportiva, com membros finos e músculos sem gordura, e a figura enérgica e livre é hoje a imagem ideal da beleza feminina*” (VIGARELLO, 2004:200). O uso dos *maillots* destaca as formas e transformam os critérios de beleza, ressaltando qualidades e defeitos, fazendo com que a balança passe a fazer parte do cotidiano. O peso é decretado “elemento primordial da beleza feminina” e o excesso de peso jamais deve ser considerado como sintoma de saúde. Ao contrário, ele pode ser perigoso, provocar riscos sanitários e até a mortalidade. A gordura se transforma em inimigo número um da elegância e da felicidade. As medidas corporais tornam-se uma marca de beleza e os concursos de beleza popularizam esse novo padrão estético. Os concursos de *miss* se multiplicam no entre guerras e fazem com que as modelos exibam seus corpos perfeitos popularizando a nova silhueta. O índice de massa corporal, por exemplo, torna-se uma marca dessa nova preocupação fazendo com que os padrões de beleza corporal cada vez mais se ajustem ao novo código¹⁷.

Simultaneamente, o início do século XX é marcado por profundas transformações nos campos da ciência, da Arte e da Filosofia. A crise da racionalidade operada em seu início abre a possibilidade de pensar o espaço e a matéria a partir de novos conceitos. A abertura de uma nova espacialidade (a partir de Einstein) e de uma nova materialidade (a partir da física quântica) abrem espaço para a criação da idéia de dimensões adicionais ou de espaços múltiplos (a partir da geometria não euclideana). Artistas como Malevitch, Duchamp, Mondrian e Kandinsky concebem também uma nova espacialidade. Movimentos como o suprematismo (de Malevich), o construtivismo de Tatlin (1885-1953) e Rodchenko (1891-1956) ou a concepção de espaço hiperdimensional dos cubistas fazem parte desse processo. Nesse período, há uma especulação artística (literária e mística) sobre uma quarta

¹⁷ No entre guerras, o índice de massa corporal das candidatas a Miss América cai de 21,2 em 1921 para 19,5 em 1940. O mesmo acontece no concurso para Miss da França, outros países da Europa ou dos Estados Unidos (Vigarello, 2004). No Brasil, Marta Rocha pagou um alto preço por suas polegadas a mais.

dimensão que estava sendo intuída, e quando a teoria da relatividade incorpora este conceito à realidade física, produz-se uma deliciosa sensação de sincronia. A revelação da quarta dimensão do espaço por Einstein pareceu a muitos entusiastas do hiperespaço uma confirmação do que estava sendo pensado por outros caminhos. E o fio condutor que une a atividade artística e a física relativista era a nova matemática da geometria não euclideana (WERTHEIM, 2001).

A percepção do corpo, agora liberto das amarras da tradição, se libera para receber os novos sentidos produzidos por essa nova estética que privilegia a adequação do uso à função. A utilidade e a performance devem se tornar compatíveis às necessidades da vida moderna, serializada e industrial. Os valores sociais, assim como os parâmetros que moldam o conceito de beleza, começam a ser relativizados assim como se relativizam os conceitos da filosofia e a percepção do mundo físico.

A partir do entre guerras os padrões de beleza e o imaginário acerca do corpo vão sofrer também uma grande influência da nascente indústria do cinema. A “usina de sonhos” hollywoodiana cria temas, universos, heróis, hábitos, valores, difunde uma cultura e cria novas referências. Novos padrões de beleza são estabelecidos, novos produtos cosméticos e novos modismos são criados a partir de um mercado editorial que se expande e leva a novas “tendências” a diferentes lugares do planeta. Segundo Vigarello (2004), a grande originalidade desse novo dispositivo é fantasiar os critérios de beleza existentes. O cinema joga com os corpos, com a luz, com a tela, com os sentidos do espectador, deslocando-o no espaço e no tempo, criando novos gêneros de beleza, modelando os corpos e ajustando-os aos novos estilos. O padrão corporal das estrelas passa a ser buscado, trabalhado e construído arduamente através de exercícios que envolvem disciplina, cultura física e regime. Um imenso sonho social é criado a partir desse novo padrão de beleza. Cria-se uma pedagogia de massa que pretende promover a beleza a partir do próprio público. Ele agora é responsável por seu próprio corpo e por sua própria beleza, ele não pode se negligenciar, pois um anônimo pode se transformar e a partir de seu próprio mérito se tornar admirável. Trata-se de uma estratégia voluntarista, meritocrática e aparentemente democrática que faz com que a beleza dos astros e estrelas seja possível e esteja acessível a todos.

O ascetismo ganha espaço, assim como a obstinação, a tenacidade e a disciplina, que podem transformar o corpo, antes negligenciado, em um modelo de beleza construído

pelo próprio sujeito. A aparência passa a ser submetida a um controle operado pelo próprio sujeito, um exercício da vontade que tem como referência o imaginário sugerido nas telas. O mercado de trabalho cada vez mais burocratizado e hierarquizado também valoriza a aparência e cobra dos sujeitos uma adequação às novas regras. Um mundo de competição no qual a beleza ajuda a conquistar e manter espaços, ao preço de uma eterna vigilância e de uma estrita soberania de si. “*Uma convergência se impõe, aquela que concilia Estética e trabalho*” (VIGARELLO, 2004:218).

Os cuidados com o corpo se transformam em fonte de investimento e preocupação, esculpir a silhueta começa a se tornar um dever, a beleza é submetida a um trabalho de pensamento que busca afirmar a confiança em si. Segundo Vigarello, “*o corpo é uma argila que se molda à vontade da cultura física e aos cuidados da beleza*” (2004:219). A silhueta não se faz mais a partir dos artifícios do século XIX como as cintas, ela se faz agora a partir de um controle rígido sobre o próprio corpo, com exercícios e vontade, de modo a esculpir a própria silhueta. O “triumfo da vontade” se impõe e a ginástica começa a mobilizar a população e produzir um novo homem e uma nova mulher, seja na Alemanha hitlerista com Leni Riefenstahl e suas imagens de corpos musculosos e ordenados, onde o corpo feminino é um agente da demografia, ou então, no universo de sonhos de consumo hollywoodianos, onde reina a vaidade, o vigor e o glamour. A estética física é cada vez mais orientada e moldada pela cultura, pelos valores sociais e pelos sonhos, sejam eles quais forem.

A partir dos anos 30, “*a ciência renova a estética*” (VIGARELLO, 2004). Ela reforça o sentimento de controle acerca da natureza e do corpo, multiplicam-se as imagens de laboratórios, com microscópios e aparelhos cromados, surgem novas substâncias cosméticas, tratamentos revolucionários, vitaminas, enfim, um novo mundo de possibilidades para cuidar dos pêlos, da pele, dos odores e do corpo em geral. Surge também nesse período o principal inimigo do universo feminino: a celulite.

A indústria de cosméticos age contra o envelhecimento com seus cremes vitaminados, produtos à base de hormônios ou partículas radioativas. A perfumaria e a farmácia se confundem, as pesquisas se multiplicam, a química industrial passa a fazer parte do cotidiano desde o mais inocente rouge ou tintura capilar, até os produtos mais sofisticados para o rejuvenescimento ou tratamento clínico.

A cirurgia estética também é reinventada após a Primeira Guerra. Dissimulação de cicatrizes, correção de narinas, seios, controle da anestesia local, suturas cada vez mais sutis, correções de abdômen, enfim, uma série de intervenções que vão dar início ao processo de intervenção cirúrgica no corpo. A publicidade no setor também se expande e as indiscrições acerca das cirurgias das estrelas ajudam a divulgar e banalizar os procedimentos. Segundo Vigarello, as cirurgias inicialmente são vistas como um símbolo de altruísmo, um papel social positivo, uma forma de passar despercebido que ajuda as pessoas a se adequarem ao mundo do trabalho e à vida cotidiana, sem traumas. No ano de 1931, são realizadas 2.500 cirurgias estéticas, contra 3.000 cirurgias realizadas entre 1918 e 1930. Uma cirurgia de correção de nariz custa 4.000 francos, enquanto o salário de uma secretária ou datilógrafa gira em torno de 1.200 francos. Algumas clínicas se instalam em Paris como o Institut Moderne de Médecine, o Institut Keva, a Clínica Colman, todos conciliando as novas cirurgias com os novos conceitos de beleza (VIGARELLO, 2004).

Nos anos 50-60, o hedonismo e o consumo invadem o universo da estética. A beleza se difunde em várias direções, ela se traduz na beleza do povo, dos pobres, das faixas etárias, dos gêneros, de modo que *“o corpo se torna o mais belo objeto de consumo”* (VIGARELLO, 2004:225). Aumenta a presença da sensualidade com os decotes de Gina Lollobrigida e Sophia Loren, o charme e os gestos de Marilyn ou a mistura explosiva de ingredientes de Brigitte Bardot. A erotização toma a Estética de assalto e os padrões de beleza se tornam mais provocantes. Os movimentos da dança e dos ritmos da moda se tornam mais desinibidos, liberam o corpo para gestos e movimentos antes considerados imorais. A independência feminina ganha corpo e surge uma nova visão do desejo feminino e de sua liberdade. Ao mesmo tempo, Brigitte Bardot cria um novo símbolo físico no filme *“E Deus criou a mulher”*, no qual a personagem *age segundo sua consciência*, com *coragem de fazer o que deve ser feito*, de forma livre, falando abertamente acerca da liberação feminina (VIGARELLO, 2004). Desta forma, podemos perceber neste momento, uma convergência de fatores que vão levar a uma transformação dos padrões estéticos, ao conciliar, uma cultura física, com a sensualidade, liberdade, conquista de direitos e o momento cultural que antecede as décadas de 60 e 70. Os padrões estéticos começam cada vez mais a assumir uma feição sensual, liberal, natural e livre do moralismo vigente até

então. O feminismo dos anos 50 e 60, sensível às mudanças e à reivindicação do prazer, também encontra nesse momento um campo fértil para atuar.

No campo da arte, no início da segunda metade do século XX, a arte contemporânea fragmenta o plano pictórico, subverte o conceito tradicional de escultura, desmaterializa a obra, e conseqüentemente, cria uma impossibilidade de absorção institucional, gerando uma tensão entre o artista e o sistema. O artista é agora um propositositor, um sujeito que introduz o precário como um conceito de existência, vivendo o aqui e agora, livre do condicionamento histórico e das amarras do inconsciente. A arte desinstitucionalizada e mesclada à vida deixa de funcionar como lazer dirigido à elite ou signo de distinção social. Simultaneamente, a Estética da contracultura invade a cena e os movimentos hippie ou de contestação à ordem estabelecida produzem uma Beleza radicalmente diferente do padrão vigente, cabelos, roupas e comportamento adotam um novo padrão que concilia rebeldia, desejo de transformação, inconformismo e ruptura com a sociedade de consumo. A contracultura, a pílula anticoncepcional e a liberdade sexual experimentada no início dos anos 60 transformam mais uma vez o olhar sobre o corpo e a construção de sentidos relativos à sua beleza e sexualidade.

A obra de arte não se refere mais ao espaço euclidiano, após a topologia, a obra vai se inserir na lógica da física contemporânea. O acaso passa a fazer parte da concepção e "estrutura" da obra. Esta noção de acaso foi trazida às ciências naturais por intermédio da física quântica, que questiona os princípios da razão suficiente ou da causalidade e do determinismo universal. Podemos mencionar pelo menos três¹⁸ aspectos que fizeram com que o acaso fosse incorporado às ciências naturais e da mesma forma que o seu "ressurgimento" se dava simultaneamente em outras áreas. Podemos identificar este ressurgimento do acaso também no pensamento existencialista de Sartre e na "integridade"

¹⁸ _ Os três aspectos são: 1) O estudo do átomo de hidrogênio revelou que a quantidade de matéria ou massa não permanece constante, mas transforma-se em energia, e esta também não permanece constante. Esta energia não se transforma em coisa alguma, ela simplesmente se perde, desaparece, não se sabe para onde foi, nem o que lhe aconteceu. 2) O "Princípio da incerteza ou de determinação" do físico Heisenberg, que descobre que, ao nível atômico, quando se conhece a posição não se consegue conhecer a velocidade de um corpo, e quando esta é descoberta não se consegue conhecer a posição deste mesmo corpo. Ou seja, há incerteza e indeterminação do fenômeno. 3) A "Teoria da Relatividade", de Albert Einstein (1879-1955), que demonstrou que o "tempo" é a Quarta dimensão do espaço e que, na velocidade da luz, o espaço "encurva-se", "dilata-se", "contraí-se" de tal modo que afeta o tempo. Einstein elabora também a "Teoria geral da relatividade" e diz que a medida da velocidade do movimento, seja este qual for, é a velocidade da luz; que nesta velocidade, toda matéria se transforma em energia, deixando portanto de possuir massa e volume (CHAUÍ, 1999).

do sujeito, trazendo para si o sentido e a possibilidade de condução de seu percurso no mundo. Ou seja, o homem está condenado a ser livre, a escolher o rumo de suas ações construindo seu próprio destino. Ele se torna autor, responsável pela ação, possuindo total responsabilidade por suas escolhas, assumindo uma nova postura ética rumo a um novo sentido existencial. Do mesmo modo, os autores americanos da "Geração Beat"¹⁹, que vai da década de 50 até o início dos anos 70, vão, à sua maneira, enfrentar a mesma questão, incorporando o acaso, estabelecendo com a vida uma relação provisória e efêmera, porém, assumidamente poética. Neles encontramos a mesma busca de liberdade e de procura de um novo sentido existencial que privilegie o direcionamento de seu próprio destino, mesmo sendo ao acaso.

Devemos ressaltar que este é um período de profundas transformações sociais e culturais, cujo poder de questionamento vai balançar os alicerces do campo da arte e até mesmo de outras áreas menos afins às mudanças (como a política e o comportamento). Não podemos esquecer que se trata do período dos movimentos estudantis, o início do movimento hippie e da contra-cultura. Vários setores da sociedade e da cultura vão buscar uma forma de rompimento com os padrões estabelecidos e estabelecer novos critérios de avaliação²⁰.

A desinstitucionalização do campo da arte vai se situar na sociedade como uma crítica à organização da emergente sociedade de consumo e seus valores inerentes, ou seja, a Estética dá uma guinada no sentido da contestação, da busca de liberdade e da expansão dos limites do pensamento. Os padrões de beleza acompanham esse movimento em consonância com essa nova forma de pensar.

¹⁹ Entre os nomes principais do Movimento Beat, podemos citar os escritores e poetas Jack Kerouac (autor de *On the Road* de 1957, *The Dharma Blues* de 1958, *Doctor Sax* de 1959, *Visions of Cody* de 1960, e outros), Lawrence Ferlinghetti (*A Coney Island of my mind* de 1958, *Starting from San Francisco* de 1967, e outros), William Burroughs (*Junky* de 1951, *Naked Lunch* de 1959, *The soft Machine* de 1961 e outros), Neal Cassidy (*The First Thursday* de 1971), J. D. Salinger (autor do clássico *O apanhador do campo de centeio* de 1945).

²⁰ Outros setores culturais mais tradicionais, como, por exemplo, o *Jazz*, vão também sofrer uma grande transformação neste período. Nos anos 60, o chamado *Free Jazz* vai permitir a entrada no campo livre da atonalidade, a dissolução da simetria rítmica, a incorporação de elementos musicais de outras culturas, uma maior intensidade na execução instrumental e a permissão de que o ruído passe a fazer parte do "som musical". No *Free Jazz* da vanguarda nova-iorquina de 1965 se desconhecia e rejeitava mesmo qualquer tipo de esquematização, assim como qualquer tipo de apoio convencional. A linguagem jazzística tinha abandonado a linearidade, bem como qualquer espécie de compromisso formal.

Na psicanálise, é o momento do (re)surgimento das terapias pós e neo-reicheanas. A bioenergética e a psicossomática ganham adeptos em todo o mundo e o corpo passa a ser inserido nessa busca de liberdade e questionamento aos padrões estabelecidos. Na cultura a revolução sexual possibilita uma liberdade sem precedentes na história até então, a pílula anticoncepcional possibilita para a mulher um controle sobre seu corpo que vai reestruturar toda a relação de poder na sociedade. Nas artes plásticas, surgem diversas tendências estéticas voltadas para a atuação do corpo no espaço real através dos *happenings*, das *performances* e do espaço psicodramático.

Na década de 60, surgem várias "correntes" de pensamento que trabalham com o corpo como as terapias pós e neo-reicheanas que, em sua grande maioria, pensam o corpo e a mente como uma unidade e se voltam para áreas específicas do funcionamento físico. Estas práticas terapêuticas em sua maioria trabalham bloqueios, fragmentações ou disfunções do corpo. A bioenergética e as terapias reicheanas lidam com bloqueios corporais; o "método rolfing" reestrutura os desalinhamentos do corpo causados por danos físicos ou outros fatores; o trabalho de Alexander enfoca a utilização do corpo; o método Feldenkrais também lida com o uso e inclui padrões de comportamento mais complexos a fim de restaurar a capacidade e a eficiência físicas; a Hatha Ioga é utilizada como uma disciplina de fortalecimento e purificação do corpo; a conscientização sensorial e o relaxamento dos sentidos torna o sujeito mais consciente do corpo através do toque, enfim, várias são as abordagens sobre este tema. Existem diversas outras práticas terapêuticas similares, algumas de um período anterior à década de 60, e várias outras surgindo em um momento próximo²¹. Não vamos fazer aqui um estudo exaustivo sobre tais técnicas. Nosso interesse é apenas perceber a simultaneidade de algumas destas ações e concepções artísticas que colocam o corpo como o objeto central (FADIMAN & FRAGER, 1976).

Como podemos perceber, existem relações entre os diferentes campos do conhecimento na construção de sentidos acerca do corpo e na formulação de referenciais de beleza de acordo com cada época. Para nós, essa sincronia pode ser percebida, por meio desse conjunto de modos de pensar que visam ampliar as formas de representação da

²¹ Existem ainda outros métodos ligados ao corpo, mais voltados para uma prática no contexto psicoterápico, que abordam estas questões e buscam a "reconstrução do corpo". Entre elas, o "treinamento autógeno de J. H. Schultz", "o relaxamento progressivo de Jacobson" e a "calatonia de P. Sandor".

realidade a partir da referência do corpo, salientando o quanto esse momento histórico está contaminado pelo discurso da "desconstrução" do estabelecido e da "reconstrução" do corpo através de um saber sensorial, contestando o discurso racional e propondo não apenas uma nova racionalidade, mas também uma nova Ética e uma nova Estética para o corpo.

Na passagem da arte moderna para a arte contemporânea, por exemplo, o corpo é valorizado e colocado no centro da cena. A partir dele podemos perceber várias vertentes da arte, da cultura, da ciência, da filosofia e da política dialogando e produzindo uma nova construção de sentidos sobre o corpo que vai marcar os anos seguintes e possibilitar o surgimento da *Body Art* (BATTCOCK, 1975).

Com a *Body Art*, desde a década de 60, o corpo é colocado no centro da discussão, transformando o corpo do artista na própria obra, ou, melhor, em sujeito e objeto de sua arte. Os trabalhos concentravam suas investigações no corpo: exaltando suas qualidades plásticas, medindo sua resistência e sua energia, desvelando seus pudores e suas inibições sexuais, examinando seus mecanismos internos, seu potencial para a perversidade, seus poderes gestuais, criando esculturas vivas, cerimônias litúrgicas, ações andróginas, analisando as relações entre o corpo e o espaço, ou ainda, avaliando a relação com o público. Tais eventos se realizaram a partir do final de década de setenta em países como Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Holanda, Alemanha Ocidental, Japão e alguns países latino-americanos. Este primeiro momento da *bodyart* acontece simultaneamente à Guerra do Vietnã, a descoberta das drogas pela juventude, a pílula anticoncepcional, o movimento hippie, a revolução sexual, o surgimento das terapias psicossomáticas, contracultura, etc. As palavras de ordem são: “mudar a sociedade”, “liberar o corpo” e “mudar a vida”. Neste contexto a relação com o próprio corpo se transforma radicalmente. O corpo passa a ser a arena onde se discutem os problemas do mundo. Desde então, vários artistas contemporâneos passam a utilizar o corpo e explorar, expandir e diversificar seus limites.

Se o corpo nos anos 60 traduzia a verdade do sujeito, sua forma de ser, ele hoje, no início do século XXI, está se transformando em objeto de *design* e campo de experiências do desenvolvimento da tecnologia médica. Alguns artistas atuais, que se autoproclamam pós-humanos, consideram como insuportável o fato de possuir o mesmo corpo de um homem da idade da pedra, e, utilizando tecnologia de ponta, tentam de diferentes formas

transformar de fato o corpo numa máquina. Apresentaremos, então, os trabalhos de três artistas contemporâneos que, de diferentes formas, dão continuidade aos questionamentos surgidos na década de 60, porém, pensando, moldando ou utilizando o corpo a partir das perspectivas que a sociedade coloca hoje, por meio de questões trazidas pelo desenvolvimento da biotecnomedicina que agora começam a despontar e gerar polêmica.

Como podemos perceber, cada época produz seus padrões de beleza de acordo com sua visão de mundo, seus limites, seus paradigmas científicos e suas questões filosóficas, religiosas ou políticas, refletindo sempre as questões de seu tempo. Podemos supor uma certa sincronia entre filosofia, ciência e arte na construção dos padrões de beleza do mundo grego, no ascetismo cristão, no olhar humanista moderno, na racionalidade do Iluminismo, nas revoluções industriais ou nos movimentos da arte moderna e da arte contemporânea. O corpo-máquina de La Metrie só é possível a partir de um determinado desenvolvimento técnico-científico e num ambiente de pensamento no qual ele não apenas faz sentido como também cria os sentidos necessários àquele tempo. Ele não apenas exemplifica, ele é o ponto de encontro de campos distintos do conhecimento que se cruzam na estruturação daquela percepção corporal.

A percepção dessa corporalidade que traduz as delícias e as angústias de cada tempo nos leva a pensar na estruturação do corpo em nossos dias, na construção dos sentidos que são atribuídos a ele, na medida em que estamos em uma sociedade informatizada, virtualizada e midiaticizada onde tudo é transformado em mercadoria e espetáculo. O corpo dissecado de Leonardo já não é o mesmo corpo dissecado e exposto pelo alemão Gunther von Hagens²², transfigurado pela artista plástica francesa Orlan²³ ou reconstruído pelo

²² O Médico e Professor alemão Gunther von Hagens, formado em Medicina na Universidade de Heidelberg, na antiga Alemanha Oriental, tornou-se conhecido mundialmente por suas exposições polêmicas nas quais expõe “trabalhos artísticos” utilizando sua técnica de “plastinação” de corpos. A técnica é requintada ao preservar tecidos de forma perfeita, causando ilusão de vida. Utiliza o vácuo para borrifar um polímero reativo como o silicone de borracha ou o poliéster em material biológico. O tipo de polímero utilizado mantém as propriedades do material em suas características visuais, de flexibilidade ou rigidez, além das características óticas de transparência e/ou opacidade. O resultado final deixa os corpos ou pedaços de corpos em uma forma seca, inodora e durável indefinidamente. Numa performance realizada em Londres, no dia 20 de novembro de 2002, Von Hagens fez uma necrópsia exibida publicamente, na qual o médico examina o corpo de um homem de 72 anos (cuja família havia dado a liberação, de acordo com a vontade do falecido manifestada em vida) diante de uma platéia de 500 pessoas, de jornalistas de vários países com transmissão pela TV através do Channel 4, que conseguiu os direitos de transmissão do evento. A autópsia foi acompanhada por dois assistentes, dois legistas da equipe do médico e dois professores legistas da Scotland Yard – a polícia britânica. A polícia queria saber se os procedimentos de von Hagens implicavam em alguma infração legal. Von Hagens afirmou que tinha a autorização da família do morto e uma base legal para

artista australiano Stelarc²⁴. O corpo-máquina de LaMetrie, que se antecipa a uma concepção de mundo influenciada pela revolução industrial, virou o corpo-produto do século XXI, se transformando em um produto que atende às exigências do mercado e é fruto de uma produção simbólica de uma enorme plasticidade que o transforma de acordo com o desejo do consumidor.

O produto cada vez mais é transformado em um objeto do desejo inserido no universo do consumo. Assim como as calças jeans, os carros e outros objetos de consumo são “customizados”, o corpo também é encaixado numa individualização em série, ou seja, cada vez mais ele atende ao interesse do dono que compra seu kit de personalização numa

conduzir a necrópsia. Segundo ele, “A categoria médica às vezes trata o público com certo desdém e não explica os procedimentos que são feitos”. (FOLHA DE SÃO PAULO/24.11.2002). Durante toda a performance, Von Hagens estava diante do quadro “Aula de Anatomia”, de Rembrandt citado anteriormente. Mais informações no site www.bodyworlds.com

²³ Orlan – A francesa Orlan sempre utilizou o próprio corpo em suas performances, explorando os humores orgânicos, a obscenidade do seu corpo e de seus parceiros, expondo sua intimidade através da publicidade, ou ainda, dividindo sua intimidade diretamente com o público. Suas cirurgias não buscam uma utilização de cunho pessoal, para resolver problemas estéticos, retardar o envelhecimento, modificar sua auto-imagem ou alterar suas relações pessoais, para ela, trata-se de uma busca por experimentar suas possibilidades corporais, utilizar uma “aparência de ocasião”, inserindo em seu próprio rosto citações corporais ligadas à História da Arte (como a Gioconda, Psyché, Diana, Vênus ou Europa). Orlan faz uma colagem de citações buscando não uma adaptação aos critérios estéticos em vigor, mas segundo um critério próprio, arbitrário e pessoal. Segundo ela, “*Meu corpo, é um lugar de debate público onde se colocam as questões cruciais de nossa época*” (ORLAN, 1997). Suas cirurgias são performances que envolvem além da equipe médica toda a produção de uma equipe de filmagem e documentação. A intervenção cirúrgica é um espetáculo transmitido simultaneamente através de sistema de vídeo conferência para diferentes galerias ou museus em Paris, Landres, Toronto, New York, etc. Mais informações no site www.orlan.net/fr

²⁴ O australiano Stelarc opera na fronteira da tecnologia, criando um ser humano “ampliado” nas suas funções e podendo ser “conectado” ou “operado” por outra pessoa por meio de tecnologia informacional. Ele acredita que o corpo humano está obsoleto, e que ele pode e deve ser operado por próteses inteligentes conectadas ao corpo por sistemas informacionais. Para ele, a sinergia Homem-Web permite a teleoperação por outros humanos ou formas de inteligência artificial. O ponto de vista do artista é que a noção de um ser ciborg está por transformar-se em algo fisiologicamente possível, sem se tratar de ficção científica. Para ele, o corpo humano é uma estrutura evolutiva, cuja arquitetura pode e deve ser redesenhada, e a tecnologia é apenas uma das ferramentas neste processo. Tecnologias biocompatíveis e instrumentos que permitam intervenção genética transformam em possibilidade real intervenções não só para propósitos médicos, como para opções de design. Seu mais recente projeto, uma máquina andante de seis pernas, batizada de “exoskeleton”, está sendo desenvolvido juntamente com a Universidade de Nottingham Trent (onde é investigador principal na faculdade de Arte e Design) em parceria com a Universidade de Sussex. Stelarc radicaliza a obsolescência do corpo, expõe sua insignificância frente às tecnologias atuais. Para ele, a estrutura fisiológica do homem determina sua relação com o mundo, e, ao modificar a estrutura humana, pode-se igualmente modificar o mundo. Mais informações no site www.stelarc.va.com.au

linha de montagem pré determinada pelo mercado. Assim como nas imagens publicitárias, o corpo precisa ser belo, se possível perfeito, precisa ser “trabalhado” de acordo com as exigências que a moda impõe e precisa estar permanentemente alegre, feliz e sem a presença da dor, da angústia e do sofrimento, características demasiadamente humanas.

A beleza contemporânea traduz um ideal de beleza construída e manipulada socialmente e a construção da personalidade se dá a partir da imagem, como se ela fosse a fonte principal de referência desse processo, e o corpo torna-se o objeto a ser trabalhado, construído segundo as regras que fazem dele o passaporte para a felicidade. O controle da aparência torna-se a moeda principal nos mercados profissional e sexual, ela amplia a possibilidade de ascensão social, a imagem do corpo cada vez mais é a marca da individualidade, tornando cada vez mais imprecisa a fronteira entre o individual e o coletivo. A consciência corporal é então atravessada por esses fatores estéticos, éticos e políticos que reproduzem a dinâmica da sociedade.

Segundo Hegel, no seu “Curso de Estética” (1997), desde a arte estatuária grega, existe a busca por uma beleza ideal inatingível no plano humano. Tais esculturas simbolizam uma espiritualidade que não pode ser “contaminada” por traços que denunciem a presença da animalidade que há em nós, ou a passagem do tempo. O corpo da estatuária não é real, é forma espiritualizada, é pura idealização, e nele não aparecem as limitações do humano, os rastros da natureza física são retirados. A escultura grega elimina todos os vestígios do humano. Ela não tem rugas que indiquem a passagem do tempo, pêlos que indicam a animalidade, veias que denunciam a passagem do sangue, dentes que lembram nossa gula e a natureza humana. Por outro lado, a redondez dos lábios expressa a saciedade e o repouso, a posição ereta distingue do animal e a harmonia impera, os detalhes que denunciam a animalidade e a finitude são retirados, os detalhes que denotam espiritualidade são valorizados.

Nos dias atuais a busca pela perfeição e juventude eterna continua, sendo que hoje existe uma “indústria da metamorfose” que garante transformar o corpo, modelando-o de acordo com a necessidade da ocasião, geralmente sem muito esforço por parte do cliente. Existem vários tratamentos, medicamentos ou cirurgias que eliminam os traços de animalidade ou finitude: rugas, varizes, sulcos, pêlos, dentes imperfeitos, celulites, flacidez, gorduras localizadas e outras mazelas são coisas do passado, garantem os especialistas.

Parece haver uma busca por um corpo ideal, mais que perfeito, um verdadeiro modelo de beleza grega. Deste modo, o corpo, mais uma vez é o local onde as relações corpo/mente, eu/outro e indivíduo/sociedade vão se defrontar com as questões colocadas pelas discussões relativas à Ética e à Estética.

Ao longo do século XX, a Beleza associada ao consumo se impõe e se fragmenta em tantos pedaços quantos forem possíveis de se comercializar. A característica principal talvez seja justamente a pluralidade de gostos, modelos ou estilos. E a própria crítica ao consumo se transforma em produto e é consumida sem cerimônia. No final do século, a Beleza é cada vez mais plural, cada vez mais ela atende às exigências do mercado, é ele agora que define o que ou quem é belo. Na passagem do século XX para o XXI, o desenvolvimento da biotecnociência interfere no corpo e coloca novas questões Éticas e Estéticas para o campo da saúde. Na Bioética, o corpo está no centro das discussões que tratam da transfusão e doação de órgãos e tecidos; na defesa da autonomia do sujeito com relação ao fim da vida (eutanásia, distanásia, suicídio assistido e cuidados paliativos); no começo da vida (saúde da mulher, da criança, a questão do aborto e as novas tecnologias reprodutivas); na obstinência médica (visando o prolongamento da vida); no uso e testagem de medicamentos e equipamentos em Unidades de Tratamento Intensivo; na regulamentação da pesquisa com seres humanos, e ainda, na polêmica acerca da clonagem. Ou seja, o corpo está no centro da discussão da questão Ética aplicada à prática médica, e diferentes formas de percepção, utilização e meios de transformação do corpo estão sendo difundidos e realizados. Novos sentidos médicos e mundanos estão se criando sobre o corpo, e outros sentidos estão por se fazer. Diante desta realidade torna-se necessária a criação de novos parâmetros éticos que nos ajudem a avaliar e buscar soluções para os problemas que estão sendo postos. A crescente utilização de parâmetros estéticos na construção de sentidos acerca do corpo aponta também para questões que antes não se colocavam e que agora se fazem presentes. Uma nova eugenia começa a despontar e coloca a saúde Pública diante de questões éticas que envolvem a Estética, fazendo com que campos aparentemente distantes venham a se “contaminar”.

Por mais absurdos ou distantes da nossa realidade que os trabalhos artísticos apresentados aqui possam parecer (principalmente para quem não está acostumado a este tipo de produção artística), eles são uma metáfora dos processos de construção da

subjetividade acerca do corpo. A possibilidade de metamorfose corporal é uma realidade. Estes trabalhos artísticos propõem discussões que de certa forma já estão ocorrendo, só que, de forma silenciosa e indiscriminada, como a transformação do corpo em um modelo ideal, impossível de ser atingido, ou a ampliação da capacidade corporal de ação no mundo, criando um ser híbrido, meio homem, meio máquina. Ao elaborar tais metáforas, estes artistas colocam questões que são essenciais para a compreensão dos sentidos dados ao corpo no mundo contemporâneo.

Entre elas:

- Qual o limite para a transformação do corpo?
- Que mecanismos de regulação podem ser criados? Quem criaria tais mecanismos?
- Como avaliar, discutir e regular as transformações que já estão em curso?
- Como a sociedade pode questionar o poder médico e democratizar o acesso às informações relativas à manipulação do corpo?
- Como abrir para a sociedade as discussões acerca dos novos tratamentos, medicamentos e equipamentos que modificam os corpos?
- Como regular a “indústria da metamorfose” corporal?
- Como avaliar o modo como a publicidade e os meios de comunicação tratam de tais questões?
- Como lidar eticamente com tais questões?
- Como não cair em juízo de valor?

Os problemas éticos colocados em questão no campo da medicina hoje são reflexos de uma terapêutica centrada no corpo, na doença e em uma racionalidade que produz um esquecimento acerca da forma como a ciência é construída, privilegiando uma construção mecanicista, amparada numa visão técnico-científica que exclui o sujeito e os seus “sentidos”. A compreensão dos discursos produzidos sobre o corpo hoje não pode prescindir da contribuição que pode ser dada por artistas, estetas, filósofos, sociólogos, médicos, antropólogos, psicólogos e outros profissionais que investigam os diversos aspectos do corpo. Cabe a nós, profissionais de saúde, criarmos uma ponte entre os saberes

sobre o corpo, de modo a ampliar e enriquecer as discussões existentes, captando os novos sentidos que vão sendo criados continuamente.

O paradigma técnico-científico da medicina moderna, em suas versões organicista hospitalar ou clínica, cria uma perspectiva instrumental da vida que não leva em conta os aspectos subjetivos da vida e da consciência, e direcionam a consciência para uma racionalização que exclui a Vida em nome do mercado, da medicalização, da cisão corporeamente e da transformação de qualquer órgão ou sentimento em objeto de consumo. Há uma desvalorização da Vida e uma fragmentação da realidade que conduz ao enfraquecimento do sujeito e à perda de contato com sua energia vital. A energia se transforma em cápsulas que podem ser adquiridas em qualquer supermercado, da mesma forma que a personalidade pode igualmente ser adquirida no shopping ou via internet. No imaginário social, a transformação do corpo é algo cada vez mais banal, tornado natural pelos recursos tecnológicos disponíveis, fazendo com que a percepção da metamorfose corporal seja cada vez mais disseminada pelo senso comum sem levar em consideração todos os fatores, riscos, conflitos do campo, interesses e contradições.

Sabemos que a preocupação com a saúde e a beleza sempre esteve presente na maioria das culturas conhecidas da civilização ocidental. Entretanto, hoje, com a lógica do mercado dominando a vida cotidiana, é praticamente impossível ficar imune às tentações da vaidade e às cobranças sociais por um corpo dentro do padrão estabelecido como ideal, ou pior, mais que perfeito. Dessa forma, pensar os sentidos do corpo significa pensar também como a sociedade está estruturada, pois o corpo é um símbolo da sociedade, a partir dele podemos perceber seus sintomas. Uma sociedade que valoriza a forma, a imagem acima de tudo não poderia produzir um corpo distante dessa forma de pensar. Ética e Estética são partes constitutivas de uma mesma percepção de mundo.

Para se pensar o *campo* da saúde, é preciso também pensar como os sujeitos direcionam seus desejos, como lidam com seus corpos, que sentidos são criados e que valores estão em jogo no cuidar do corpo, o que é valorizado ou desvalorizado socialmente, como os discursos que regulam o corpo são construídos, disseminados, reproduzidos e, em alguns casos, se transformam em um pensamento hegemônico que desvaloriza o próprio corpo. Acreditamos que tal forma de produzir sentidos acerca do corpo, não é neutra ou gratuita. Acreditamos também que ela não é única nem obedece a uma matriz ideológica

apenas direcionada por um único desejo, ideologia ou grupo. Acreditamos que a pluralidade de desejos e ideologias produzem uma enorme gama de sentidos e apropriações do corpo. Dessa forma, nosso desejo é observar essa pluralidade de sentidos, trazê-las à tona, de modo a *compreender*, como os sujeitos criam suas estratégias e (re)produzem sentidos que às vezes são nocivos ao próprio sujeito.

Pensar o corpo, em qualquer época, cultura ou local, significa pensá-lo em sintonia com todos esses fatores expostos neste capítulo. A construção de sentidos relativos ao corpo não é uma prerrogativa dos sujeitos, estando desvinculada da cultura, da estrutura social, da conjuntura política ou de valores éticos, políticos, religiosos ou morais. A produção de sentidos relativos ao corpo, à beleza e aos cuidados com a saúde se dão a partir dessa confluência de fatores, dessa convergência de interesses (às vezes divergentes), dessa profusão de discursos e torna-se difícil apreendê-la e compreendê-la utilizando-se apenas uma disciplina ou campo do saber.

Os saberes, discursos e sentidos produzidos acerca do corpo são atravessados pelos macro-discursos da política, da ética ou estética, como acabamos de ver, mas também se constituem a partir dos micro-discursos presentes em seu campo de atuação, como veremos a seguir.

04 – O CORPO DA CIÊNCIA

Neste capítulo, abordaremos a construção de sentidos acerca do corpo a partir do discurso científico que se moldou com pensamento moderno e se transformou no pensamento hegemônico de alguns setores da área médica. Mais uma vez, ressaltaremos que os sentidos atribuídos ao corpo incorporam questões oriundas de outras áreas da vida social e vão moldar os atuais parâmetros estéticos que influenciam a construção do próprio corpo, da subjetividade e dos cuidados com a saúde. Descreveremos o processo de “estetização da saúde” e sua importância na busca pela “metamorfose corporal”, destacaremos alguns momentos da construção do pensamento científico ao longo da história ocidental, dando destaque ao pensamento que se originou a partir do período moderno. Apresentaremos também os conceitos de *campo* e *habitus*, utilizados por Pierre Bourdieu, que servirão de subsídios para a análise que será feita a seguir.

4.1 - A estetização da saúde - O culto ao corpo, o papel do corpo no meio social e sua importância no processo de construção da identidade na sociedade atual dimensionam novos valores e novos sentidos que atuam na construção de uma nova percepção corporal em curso e apontam para questões éticas que ainda não estão na pauta de discussão dos atores que atuam no *campo*²⁵ da Saúde Pública. A Estética invade ostensivamente o campo da saúde.

Os cuidados com o corpo e com a “aparência” não são mais uma atividade frívola ou inocente, mera vaidade. Eles refletem tanto a produção social de sentidos e as formas de distinção social decorrentes do *habitus*²⁶ do conjunto de atores e agentes da sociedade, como também espelham questões e conflitos oriundos do processo dinâmico dos profissionais do campo da saúde ou da medicina estética que, por sua vez, são influenciados por formas específicas do pensamento científico, e da mesma forma reproduzem um *habitus* de classe.

O desenvolvimento da biotecnociência, o crescimento dos mercados relativos às transformações corporais de natureza estética, a popularização das cirurgias plásticas e os problemas ocorridos neste setor colocam a estetização da saúde (entendida, aqui, como a valorização de parâmetros estéticos como definidores das condições de saúde) e as tentativas de metamorfose corporal (por meio de cirurgias, implantes, próteses, tratamentos,

²⁵ Para Bourdieu, um *Campo* pode ser definido como uma rede, ou um conjunto de relações objetivas entre posições definidas a partir das diferentes posições que os atores (sujeitos, agentes ou instituições) ocupam numa determinada situação (atual ou potencial) na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital). A posse de tal capital proporciona uma posição hierárquica (dominação, subordinação, dependência, homologia etc.) em relação aos outros atores que participam do mesmo jogo. Esse poder hierárquico é ao mesmo tempo estruturado e estruturador das ações, ele define as relações no campo que, por sua vez, é dinâmico e mutável, refletindo a dinâmica das posições e das relações de poder próprias a cada campo.

²⁶ O *habitus* é um conceito central na sociologia de Bourdieu. Ele estrutura a compreensão da sociedade e fornece a articulação entre o individual e o coletivo. Através da socialização são incorporados os *habitus* de classe, que produzem a filiação de classe dos indivíduos reproduzindo ao mesmo tempo a classe enquanto grupo que compartilha os mesmos *habitus*. Segundo este sociólogo, “os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposição duradouros e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expresso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente “reguladores” e “regulares”, sem ser em nada o produto da obediência a regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro” (BOURDIEU, 1994).

medicamentos, práticas esportivas, marcas corporais, etc.) como novas questões de Saúde Pública a serem discutidas e enfrentadas.

A variedade de alterações corporais (corretivas ou estéticas) às quais o corpo está sujeito hoje, a ampliação do mercado ligado ao culto ao corpo e à sua transformação e a valorização de parâmetros estéticos, como definidores das condições de saúde e da concepção do que venha a ser “saudável”, nos colocam diante de diferentes questões na área da saúde que suscitam novas formas de entendimento. Sendo assim, este trabalho pretende contribuir para o debate acerca dos sentidos dados socialmente ao corpo no conjunto da sociedade, da construção dessa nova percepção no campo da medicina, do papel da Estética nesse processo, das motivações e interesses dos atores envolvidos (usuários e profissionais) e das questões éticas decorrentes.

Em nossa sociedade, a construção de sentidos sobre o corpo se dá a partir de estratégias discursivas diversas e por meio de diferentes atores sociais. Mas esses atores (sejam profissionais ou leigos) não apenas representam seus respectivos papéis, eles também são agentes, na medida em que reproduzem, atualizam e interferem na dinâmica das posições do campo. Essa atuação se manifesta de várias formas e interage com o conjunto da sociedade, ao mesmo tempo influenciando e sendo influenciada pelos fluxos de informação e de interesses.

Atuando na produção de sentidos em todos os níveis, desde a ciência de ponta até o senso comum, passando pelos profissionais de saúde, os meios de comunicação de massa, as instituições, o saber científico, as estratégias de divulgação científica, o mercado editorial, a publicidade, os discursos dos especialistas, os cirurgiões plásticos, os nutricionistas, os profissionais da medicina estética, da cosmética, em todos esses momentos, observa-se uma profusão de discursos e sentidos criados que se mesclam à ideologia dominante, se confundem com os valores sociais e morais hegemônicos e colocam o corpo, ao mesmo tempo, como objeto fetiche, meio de ascensão social, máquina produtiva, organismo vital, meio de elevação, êxtase, bem estar, prazer ou fonte da eterna juventude.

Trata-se de uma rede (nem sempre sutil) de discursos, saberes, sentidos, dicas, informações, valores, estratégias e soluções mágicas que atuam na superfície dos corpos, mas se recusam a habitá-los. São utilizados sem reflexão, sem crítica. Fazem com que

discursos oriundos de alguns setores específicos se naturalizem, produzam sentidos e verdades, normatizem a vida, reproduzindo uma racionalidade que distancia o sujeito de seu próprio corpo. São saberes diferenciados, mas que possuem uma razão instrumental em comum que se dissemina na vida cotidiana. Eles revelam também os diferentes *capitais*²⁷ que estruturam e organizam os discursos em um determinado campo e organizam o espaço social. O corpo tornou-se, ele próprio, um capital. Ele é a moeda que move a grande economia do mercado das trocas afetivas, sexuais, conjugais, profissionais e até existenciais. Ele é condição necessária para o alpinismo social, a felicidade e o reconhecimento social.

O corpo ocupa, assim, um lugar de destaque no processo de diferenciação progressiva e hierarquizada da vida social. Ele é uma forma de capital que define e é definido pelo meio social, através dele se produzem novos códigos e se reproduzem antigos códigos de valorização e status. Suas possibilidades estéticas permitem transitar por diferentes posições na hierarquia social, alterando e definindo trajetórias afetivas, pessoais, profissionais ou sociais, criando novos espaços na ordem social, produzindo novas formas de distinção social, pois o corpo trabalhado possui status próprio, como se ele não dependesse da hierarquia, embora na verdade apenas reforce as novas formas de hierarquia.

E esse discurso que se torna oficial é oriundo de uma racionalidade específica, tornando-se hegemônico, onipresente na publicidade e nos meios de comunicação de massa. Ele concilia pedagogia, medicina, ética, estética, moral, economia e demagogia. Ele é apropriado, institucionalizado e reproduzido pelo senso comum como o discurso mais racional, mais coerente e cientificamente comprovado. E é a partir dele que se criam muitos

²⁷ Para Bourdieu o conceito de *capital* não se resume à área econômica e pode se manifestar de quatro formas principais: o *capital econômico*, que é constituído pelo conjunto dos bens econômicos e de propriedade como renda, patrimônio, bens materiais ou controle de recursos; o *capital cultural*, que corresponde ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar, transmitidas pela família ou adquiridos durante a formação profissional, e podem ser identificados através da facilidade de falar em público, da posse de objetos artísticos, da possibilidade de freqüentar determinados locais, do acesso à informações e instituições, etc.; o *capital social*, que se define pelo conjunto de relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo e das articulações que essa rede de relações pode proporcionar (política ou economicamente) e implica em partilhar das mesmas regras de sociabilidade, freqüentar os mesmos lugares, ter convites recíprocos, lazer, gostos e hábitos de consumo em comum, etc.; o *capital simbólico*, que corresponde ao compartilhamento dos mesmos códigos de reconhecimento, boas maneiras, ou padrão de comportamento que confere reconhecimento dentro de um determinado grupo social. O uso desses capitais se articula e se confunde, fazendo com que os sujeitos que possuem tais atributos possam desfrutar de vantagens sociais, status ou acesso efetivo aos mecanismos de poder. Como veremos mais adiante, há também o *capital científico*, que regula a hierarquia entre grupos que compartilham um mesmo espaço acadêmico ou científico e ocupam diferentes posições no campo.

dos valores, sentidos e modos de estabelecer cuidados com o próprio corpo. Contudo, o discurso banalizado dos cuidados com o corpo não nos permite chegar aos sujeitos. Ele permanece na superfície das coisas.

Os dispositivos discursivos ditos competentes agem no imaginário social produzindo gostos, hábitos, sensações, juízos articulados, discursos múltiplos, diagnósticos e terapêuticas que enquadram o corpo numa discursividade técnica, pragmática. Reproduzem um *habitus* de classe, reforçando determinadas formas de ser, sentir, agir e pensar, que vão ser interiorizadas pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência, e funcionando como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão.

Essa interiorização atua não apenas entre os agentes que compartilham dos mesmos códigos, dependendo da posição desses agentes na hierarquia social e de sua posição no campo. Seu discurso se torna o discurso oficial de toda a sociedade. Esse mesmo *habitus* é reproduzido pelos membros de um determinado grupo sem que estes se dêem conta da forma como eles procedem internamente ou ainda da forma como eles podem agir externamente, produzindo sentidos, valores e percepções de mundo entre outros grupos no conjunto da sociedade.

Na medida em que alguns setores da classe médica agem como se sua racionalidade fosse a única e a verdadeira, e a validade de seus princípios considerados corretos, óbvios, naturais, quase instintivos, a própria interiorização dessa forma de pensar vai se disseminar na sociedade da mesma forma, como se fosse óbvia e natural, permitindo agir como se aquela forma de pensar fosse a única ou pelo menos a melhor disponível.

O discurso dos profissionais da área médica funciona como um porta-voz da pesquisa científica, um produto do saber, do conhecimento comprovado cientificamente. Não podemos negar a hegemonia de um certo discurso da mesma maneira que não é possível negar as estratégias discursivas que escapam a essa mesma hegemonia. Porém, percebemos que cada vez mais os sentidos atribuídos ao corpo incorporam questões de outras ordens da vida social que vão se hibridizar na construção da percepção do corpo, da saúde e do que é considerado saudável.

Esse discurso de uma racionalidade médica hegemônica se populariza e se dissolve, tornando-se parte do imaginário social, moldando e influenciando gostos, comportamentos, gerando hábitos “saudáveis” e atuando nos cuidados com o corpo e com a saúde, sendo que

a boa forma, na maioria dos casos, se refere apenas à forma, à imagem, em detrimento do conteúdo, da saúde de fato. Por outro lado, são produzidos discursos que navegam na contracorrente, são críticos, rebeldes, não se encaixam ao padrão hegemônico, trazendo não apenas uma pluralidade de sentidos como também uma hibridização de sentidos, ao misturá-los e reformulá-los.

Entre as preocupações da vida cotidiana hoje estão as preocupações com a beleza, a magreza, a juventude e o vigor. Entre os assuntos principais podemos citar as dietas, as calorias, os alimentos saudáveis, os exercícios para queimar calorias, as combinações alimentares, o valor calórico de cada alimento, o controle do apetite, os alimentos preparados, orgânicos, transgênicos, alimentos com ou sem fibras, digestivos ou pesados, os cuidados com a pele, com o sol, com as rugas, com as marcas de expressão, com os sinais, com as celulites, com a barriga, com os olhos, com os cabelos, com as mãos, os cremes, os produtos, as soluções mágicas, os métodos de emagrecimento, os medicamentos, os distúrbios alimentares, as compulsões, as patologias, a educação alimentar, a anorexia, a bulimia, a obesidade, o controle social da balança, do apetite, do sono, dos exercícios físicos, a preocupação com o envelhecimento, os tratamentos para retardá-lo, o controle do índice de massa corporal, a regulação da alimentação infantil, a criação de uma linha de cosméticos e tratamentos de beleza para esse público, o descuido com o corpo, com a aparência, o controle do corpo por meio de drogas lícitas, enfim, a preocupação excessiva com tudo o que possa vir a interferir na aparência.

São dispositivos discursivos constrangedores que atuam nos gostos, hábitos, sensações, juízos e repetem discursos entrecruzados que criam sentidos sobre o corpo, sobre o que é aceito socialmente como belo, saudável ou recomendável. O belo, o bom, o verdadeiro e o saudável se confundem na hora da balança e do espelho, ali se faz presente a reprodução dos valores hegemônicos. Podemos perceber nas entrelinhas alguns vestígios de uma racionalidade que supostamente teria uma posição neutra, científica.

Não é possível compreender a concepção de saúde e os cuidados com o corpo na sociedade urbana ocidental contemporânea sem dar a devida importância à moda, à sedução, ao narcisismo, ao hedonismo e ao consumo²⁸. O narcisismo valoriza a não

²⁸ Cf. Gilles Lippovetsky. *O império do efêmero*. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 1999. *Os tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarola, 2004. *Luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.

acomodação e fazer dieta, plástica e ficar bonito segundo os padrões é uma imposição dos tempos atuais, fazendo com que algumas pessoas vejam o corpo como um objeto de consumo descartável, com partes destacáveis ou recicláveis. O corpo passa a ter um novo valor ao recusar a submissão ao destino, sendo possível hoje modificar o nariz, a orelha, o rosto ou partes do corpo, permitindo que a mulher (ou o homem) se mantenha jovem e sensual por mais tempo, apesar da tirania que isso pode acarretar. A moda hoje não se restringe à indumentária, ela se inscreve no próprio corpo.

Quem não obedece a tais princípios corre o risco de ser censurado, excluído do mercado sexual ou de trabalho. Quem engorda, não se preocupa em não mostrar os sinais da passagem do tempo ou não cuida da aparência sofre sanções sociais por cometer um delito contra a ordem pública. Nas conversas informais do cotidiano fala-se com muita frequência sobre a alimentação, a aparência ou os cuidados com o corpo, critica-se quem não se adapta, quem não está no padrão, saiu do padrão ou nunca esteve no padrão esperado socialmente. O simples fato de não se preocupar com o padrão definido socialmente e engordar uns quilos a mais é visto como um desvio, como descontrole, desleixo, descuido, impossibilidade de adaptação ou distúrbio emocional.

Tais parâmetros começaram a fazer parte do cotidiano e agora parecem fazer parte da paisagem, se tornaram parte integrante da vida cotidiana, principalmente urbana, mas não exclusivamente urbana. E tais pareceres são cientificamente informados pelos meios de comunicação de massa, pelas revistas especializadas, pelos especialistas midiáticos sempre de plantão para opinar sobre qualquer assunto importante. A “racionalidade científica” divulgada pelos meios de comunicação de massa informa a sociedade e naturaliza o que é construído socialmente, a partir do discurso de uma racionalidade científica instrumental.

Tais reportagens ou pareceres sempre estão embasados em discursos hierarquizados, estreitamente articulados, em torno de uma concepção racionalizada que propõe diagnósticos, terapêuticas, práticas reconhecidas institucionalmente, sempre por meio de profissionais da saúde, das práticas esportivas, da nutrição, de professores, pedagogos, ou qualquer outra autoridade que possua o direito de emitir tais discursos. São conselhos, preceitos, pareceres, observações, advertências, exemplos que remetem a uma mesma discursividade, um mesmo olhar que privilegia a adequação do sujeito às normas vigentes.

Alguns desses discursos atuam como mecanismos coercitivos de controle, de ajuste à norma social vigente, são máquinas de controle que incitam a falar, pensar, sentir e agir de acordo com o discurso competente dos especialistas. Mas os discursos, como sabemos, não são neutros, possuem uma história, têm interesses e estratégias que nem sempre se revelam no primeiro olhar. Como podemos observar, a *estética*, a *erótica* e a *econômica* se confundem desde a Grécia, e nos tempos atuais elas ainda se mesclam, embaladas pelas maquinarias de poder e influenciadas pelo discurso “científico”.

Os pacientes-consumidores tornam-se responsáveis pela administração contínua de sua própria saúde por meio de conhecimentos médicos, psicológicos e farmacêuticos adquiridos através dos meios de comunicação de massa. Os parâmetros estéticos estão cada vez mais presentes nesses processos que confundem medicina estética, publicidade, desinformação, espetáculo e informação “científica” para o senso comum, dando a idéia de uma eficácia que nem sempre é real. Ou seja, Ética, Estética e Saúde Pública também se confundem, e pensar a relação “beleza x saúde” implica em levar em consideração esses fatores que estão aparentemente distantes, mas que acabam interferindo nos cuidados com o corpo, com a preocupação com a beleza e com a saúde.

O crescimento do número de cirurgias plásticas no Brasil e a expansão da indústria da beleza, dos cuidados com o corpo e da metamorfose corporal fazem parte de um processo mais amplo de medicalização, no qual a tecno-racionalidade médica é levada a novas esferas da vida cotidiana. A popularização desses serviços e a banalização desses procedimentos cirúrgicos levam a novas construções de sentidos sobre o corpo colocando-o como um artefato a ser modelado, um corpo de ocasião, que atenda ao interesse do momento.

A busca pela metamorfose corporal²⁹ traduz um investimento narcísico que reflete a relação indivíduo x sociedade. O corpo é o suporte da transformação do sujeito desejan- te,

²⁹ Dentre as possibilidades de metamorfose do corpo disponíveis no mercado podemos citar:

- Cirurgias estéticas – Plásticas faciais diversas, lipoaspiração, lipoescultura, implante de próteses na mama, glúteos, panturrilha, cirurgia plástica dos órgãos genitais, cirurgia das pálpebras (blefaroplastia), transplante capilar, abdominoplastias, mamoplastias, correção de orelhas de abano (otoplastias), cirurgias no nariz (rinoplastias), cirurgias de aumento ou redução do queixo, correção de mamas masculinas (ginecomastia), cirurgia da barriga (dermolipectomia), rejuvenescimento facial (lifting e ritidoplastias), cirurgias para eliminação de papadas, rugas, cicatrizes, marcas, verrugas, sinais, excesso de pele ou

nele são depositadas as expectativas de transformação do Eu em sua relação com o mundo, buscando visibilidade por meio das transformações corporais, adicionando ou, ao contrário, extraindo ou modificando o que não deve ser visto. Este desejo narcísico é fruto de idealizações que nem sempre correspondem à realidade, e, em geral, correspondem a desejos e projeções de sujeitos que não conhecem a verdadeira dimensão desta necessidade de transformação, suas causas reais, nem as conseqüências adversas que podem vir a acontecer.

gordura no pescoço, cirurgias para correção das unhas (ortoniquias), cirurgias odontológicas, isotomias (queima de gorduras localizadas), cirurgias gastro-restritivas, entre outras.

- Utilização de equipamentos para tratamento estético, tais como aparelhos para redução de gorduras localizadas, tratamentos de hidratação e elasticidade da pele, bronzeamento artificial, tratamentos capilares diversos, remoção permanente de pêlos, teleangectasias (retirada de micro vasos), tratamentos para redução de celulites como eletrolipoforese, endermoterapia, iontoforese, corrente russa, termoterapia, mesoterapia e invel (com raio infravermelho longo), quantum (rejuvenescimento facial a laser), peelings, injeção de siloxane (dimetilsiloxane ou silicone líquido injetável), vasculight (equipamento para retirar varizes e microvarizes), indermolaserterapia, skinresurfacing (retirada de pés de galinha), etc.
- Próteses com fins estéticos – Implante de substâncias injetáveis como botox, perlane, restylane (ácido hialurônico), evolution, metacryl ou toxina botulínica, para redução de sulcos, rugas, vincos naso-labiais ou marcas de expressão. Aparelhos odontológicos, próteses faciais, cirurgias bucomaxilofaciais e implantes ósseos.
- Marcas corporais – Tatuagens definitivas ou provisórias, piercings, escarificações, implante de jóias ou pedras preciosas nos dentes ou na pele, modelagem dos dentes, maquiagem definitiva, implante de cílios ou tatuagem nas pálpebras, técnicas de coloração artificial dos dentes, lentes de contato com cores e padrões variados, entre outros.
- Processos de construção do corpo - Aparelhos de ginástica e desenvolvimento de técnicas com propriedades especiais para trabalhar partes específicas do corpo; práticas físicas e esportivas que alteram e ampliam a capacidade corporal; práticas esportivas que testam os limites de resistências do corpo; uso controlado de medicamentos e alimentação; moderadores de apetite, culto ao dietético, ao higiênico, a obsessão com os regimes, com a juventude, elegância, virilidade, e todo o mercado decorrente destas práticas.
- Medicamentos utilizados entre os fisioculturistas - utilização de esteróides anabolizantes androgênicos tais como o Durateston (Testosterona), o Stradon P (Testosterona + Estradiol) e o Deca-durabolim (Nandrolona). Utilização de hormônios femininos como os anovulatórios Uniclo (Algestona e Estradiol) e Premarium. Os fisioculturistas dos bairros pobres utilizam produtos mais baratos, entre eles, os de uso veterinário como: o ADE (vitaminas A, D e E), Potenai (complexo vitamínico à base de vitamina B) e o antiparasitário Ivomec (Ivermectina). Além de vitaminas diversas para aumento de massa muscular (IRIART & ANDRADE, 2002).
- Psicofarmacologia – Medicamentos que eliminam, ocultam ou buscam amenizar sentimentos e sensações que fazem parte da ambivalência ou dos humores humanos tais como: tranqüilizantes, estimulantes, antidepressivos, medicamentos contra a angústia e a depressão, que regulam a emoção, melhoram a presença no mundo, a performance sexual, a percepção sensorial, a memória, modificam o estado de vigiância, controle da fadiga, eliminam o sono, ou, ao contrário, induzem ao sono, causam euforia, sensação de prazer, melhoram a aprendizagem, a capacidade esportiva, performance sexual, ou seja, medicamentos que alteram a química corporal e (alguns) são comercializados independente de prescrição médica.

Já que o corpo traz em si as marcas da sociedade, os sujeitos tentam imprimir nele as marcas que delimitarão o seu lugar na selva de significações sociais da vida cotidiana. Tais sujeitos se inserem na lógica da “sociedade do espetáculo” pensada por Guy Debord (1992), na qual “parecer” é o bem supremo da civilização, acima do “ser” ou do “ter”. Não importa o comportamento que leva a uma vida (ou um corpo) saudável, o que importa é a imagem que se projeta no mundo. E a solução que a indústria da metamorfose apregoa é a de proporcionar uma bela aparência sem o ônus que ela pode trazer. O imediatismo faz com que uma lipoaspiração substitua uma alimentação saudável, um regime ou exercícios físicos regulares sem questionar os hábitos alimentares, o comportamento e a vida sedentária.

A metamorfose do corpo se revela como uma nova face desta transformação da vida cotidiana em algo individualizado, sendo o corpo transformado em objeto descartável de consumo, dando vazão às necessidades e falhas narcísicas do cidadão comum. O vazio da existência é substituído pelo desejo da metamorfose. O corpo se transforma no objeto de consumo mais belo e cultuado. *“A sua redescoberta e onipresença na publicidade, na moda e na cultura de massas – o culto do higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade, feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ele se conectam, o Mito do Prazer que o circunda – tudo hoje testemunha que o corpo se tornou objeto de salvação. Substituiu literalmente a alma, nesta função moral e ideológica”* (BAUDRILLARD, 1981:165).

A estetização da saúde é um processo que cresce aceleradamente e vai ao encontro da medicalização da vida cotidiana. Neste contexto, a indústria da metamorfose corporal ganha espaço, a indústria de medicamentos e equipamentos voltados para o setor idem, e a Estética se torna uma questão a ser discutida nos âmbitos da Saúde Pública e da Bioética. A Estética é uma das principais dimensões da vida humana, e tradicionalmente não é considerada nos meios de produção científica da área da saúde. Entretanto, como veremos a seguir, torna-se necessário incluí-la no âmbito das discussões ou, pelo menos, lembrar de sua importância para a compreensão dos processos de produção de sentidos e significados relativos ao corpo, ao adoecimento e ao que se convencionou chamar de saúde (ou vida saudável).

Como vimos no capítulo anterior, os sentidos atribuídos ao corpo, os valores sociais que constroem tais sentidos, o *habitus* que é reproduzido e os parâmetros estéticos que

atuam nessa construção não acontecem por combustão espontânea. Eles são fruto de discursos, interesses e questões oriundas de outras áreas que aparentemente não estão ligadas às questões de saúde, mas que, no entanto, interferem no campo. Eles revelam a forma como a sociedade está estruturada, os atores, interesses e os conflitos presentes. O campo da saúde está imerso nessa dinâmica social e se constitui também em um ator que produz sentidos e valores estéticos que vão interferir na compreensão da realidade, estruturando e determinando a dinâmica do campo. A estetização da saúde é um exemplo desse novo tipo de questão que se coloca atualmente como área de interesse de usuários, profissionais e teóricos do campo da saúde. A crescente valorização de parâmetros estéticos como definidores de bem estar e condições de saúde, a polissemia de termos como saúde, saudável, estética e beleza, além do hibridismo em práticas que conciliam e confundem esses termos, leva-nos a identificar uma convergência entre áreas de atuação que, há pouco tempo, eram consideradas distintas, mas que hoje se mesclam e ajudam a produzir novos sentidos, novas práticas e novos problemas na área da Saúde Pública.

Os sentidos acerca do corpo reproduzidos pelo senso comum cada vez mais incorporam uma percepção utilitarista e pragmática da vida que coloca o corpo como máquina a ser consertada, objeto obsoleto a ser modificado ou melhorado, ou coisa distante, como se o corpo fosse um “outro” com o qual não houvesse identificação. Uma percepção mecânica das partes sem considerar o todo, reproduzindo um olhar tecnicista que reproduz valores oriundos de uma racionalidade técnica, instrumental, que afirma a obsolescência do corpo e a necessidade de aprimorá-lo, modernizá-lo, adequá-lo às novas exigências. Essa indústria da metamorfose corporal reflete um conjunto de práticas de um segmento da racionalidade científica contemporânea, que é caracterizada como produtora de um tipo de conhecimento especializante, mecanicista, ligado ao mercado, voltado para o desenvolvimento tecnológico e farmacológico, que é politicamente hegemônico e que dissemina uma visão dualista e utilitarista do corpo que vai ao encontro dos seus interesses.

Da mesma forma, tais sentidos modelam o corpo com os valores sociais vigentes, colocando a auto-imagem como geradora de atributos pessoais e coletivos, produzindo diferentes valores, potenciais, possibilidades de colocação nos mercados (profissional ou sexual), alterando a relação com o outro (parceiros, amigos, família, etc) e interferindo no processo natural de envelhecimento. Ou seja, as alterações corporais podem ser vistas

também como formas simbólicas que se materializam no real, maneiras de expressar valores, sentidos e significados culturais que modelam o corpo (no concreto) de acordo com a dimensão simbólica da existência.

As cirurgias estéticas fazem parte desse conjunto de práticas que constroem a imagem do corpo e reproduzem formas de pensar, sentir e agir que o colocam como o ponto de contato principal no diálogo entre o indivíduo e a sociedade. Neste sentido, o simbólico modela o concreto, dá sentido a ele. O corpo é o local do conflito e as cirurgias estéticas são formas de intervenção da cultura que revelam o *controle disciplinar dos corpos*. A ordem social interage com o campo da saúde, ajudando a modelar o corpo de acordo com seus interesses, e, cabe aos sujeitos, entender e utilizar essas estratégias, que tanto podem ser de resistência aos valores estabelecidos como de assimilação desses mesmos valores.

Esses novos sentidos refletem também a crise dos valores humanos --- desvalorizando a solidariedade, a amizade e o respeito ao próximo, e tornando a busca de dinheiro e sucesso a finalidade básica da vida --- acarretando o consumismo (como forma de distinção social), o individualismo (e a compreensão dos sujeitos como unidades pontuais autônomas), o hedonismo (a negação da dor e da angústia) e a negação do real, a impossibilidade de lidar com a *crudeldade da realidade* (ROSSET, 2002).

A dimensão Estética ocupa um lugar central nessa construção de sentidos acerca do corpo e atua junto aos fatores que levam a essa crise de valores, mantendo as questões relativas ao corpo na superficialidade, exacerbando, assim, a impossibilidade de lidar com a realidade sugerida por Clément Rosset. Segundo ele, a recusa do real pode tomar formas muito variadas. Ela pode se manifestar por meio da negação radical, aniquilando o real e o próprio sujeito, como no caso do suicídio. Ela pode se manifestar também pela supressão do real através da loucura, na qual a vida é salva, mas isto se dá ao custo da ruína mental. Há também o recalçamento³⁰ descrito por Freud, no qual subsistem vestígios do real no

³⁰ **Recalçamento.** Para Freud, o recalçamento “é a condição preliminar da formação de um sintoma, mas é também algo de que não conhecemos nenhum análogo. Tomemos um impulso, um processo psíquico dotado de uma tendência a se transformar em ato: sabemos que esse impulso pode ser desviado, rejeitado, condenado. Com isso, a energia de que dispõe lhe é retirada, ele se torna impotente, mas pode persistir na qualidade de lembrança. Todas as decisões de que o impulso é objeto são tomadas sob o controle consciente do eu. As coisas deveriam se passar de outro modo quando o mesmo impulso sofre um recalçamento. Ele conservaria sua energia, mas não deixaria nenhuma lembrança atrás de si; o próprio processo de recalçamento se realizaria fora da consciência do eu” (KAUFMANN, 1996).

inconsciente. Há a forclusão³¹ descrita por Lacan. Existe também a cegueira voluntária proporcionada pelo álcool, pelas drogas, ou pelo arrebatamento das paixões, ou também pelas ideologias, visto que cada uma delas, de formas diferentes, turva a capacidade de visão dos sujeitos.

Mas a atitude mais comum frente à realidade desagradável não subtrai o real, ao contrário, o incorpora e ao mesmo tempo o ignora. Não há uma recusa pura e simples do real, ele não é negado, ele é percebido, mas suas conseqüências são ignoradas, deformadas, não são levadas em consideração e são tornadas inúteis. Para Clément Rosset, *“na ilusão, quer dizer, na forma mais corrente de afastamento do real, não se observa uma recusa de percepção propriamente dita. Nela a coisa não é negada: mas apenas deslocada, colocada em outro lugar”* (ROSSET, 1999:14).

A percepção é cindida em dois aspectos, um teórico, relativo ao que se vê, e outro prático, relativo ao que se faz, de modo que nem sempre esses dois aspectos entrem em concordância e atuem juntos. O que é percebido e entendido não é levado em consideração no momento da ação, ou seja, a percepção é correta, exata, mas as conseqüências dos atos obedecem ao desejo, e este não se deixa aprisionar nas teias da razão. *“Esta é, na verdade, a estrutura fundamental da ilusão: uma arte de perceber com exatidão, mas de ignorar a conseqüência. Assim, o iludido transforma o acontecimento único que percebe em dois acontecimentos que não coincidem, de tal modo que a coisa que percebe é posta em outro lugar, incapaz de se confundir consigo mesma”* (ROSSET, 1999:18).

As máquinas capitalistas produtoras de sentidos e desejos, pensadas por Deleuze e Guattari, fornecem a ilusão de um corpo perfeito que é pura idealização. Entretanto, mesmo conhecendo esta impossibilidade, algumas pessoas consomem toda a sua energia tentando alcançar o que eles mesmos sabem ser inalcançável. Mesmo conhecendo todos os riscos de uma cirurgia plástica, nada impede sua realização, a não ser as condições objetivas, como os valores em questão, algum impedimento de ordem profissional ou conjugal. Nos casos mais radicais, das pessoas que buscam alcançar a imagem ideal a qualquer preço, busca-se a perfeição de um corpo que é pura imagem, inatingível no plano real.

³¹ **Foraclusão.** O termo sugere a idéia de exclusão da realidade e é empregado nas orações completivas governadas por verbos que exprimem o temor, a precaução e o impedimento. No temor, por exemplo, há discordância entre o desejo do sujeito da oração principal e a possibilidade que ele contempla; no impedimento, há discordância entre o fenômeno que deveria se produzir e a força que o impede (KAUFMANN, 1996).

Um simulacro que produz um duplo, uma imagem possível, que vai ao encontro do desejo de ser aceito, e ao mesmo tempo, reproduz os valores sociais que (re)alimentam essas tais máquinas. Ou seja, ao mesmo tempo em que há a percepção desta idealização, e de sua impossibilidade, há a busca desmedida por ela e o “apagamento” das possíveis conseqüências. A duplicação do real é reforçada pela perspectiva dualista que separa e opõe corpo-mente, corpo-espírito, essência e aparência, matéria e idéia, imanência e transcendência. Em sua origem, podemos perceber os mesmo argumentos de outros discursos que apagam o real em proveito da representação. Venera-se a imagem, a forma perfeita, da mesma forma que se venerava o sagrado. Opera-se um deslocamento do real para um outro mundo, feito de formas, idéias e corpos perfeitos. Só que ao invés de lembrar ou rezar, devemos malhar, fazer dieta ou cirurgias plásticas.

Transfere-se para outro lugar a chave que permite decifrar e suportar a realidade imediata, já que o real é cruel, é difícil de enfrentar e é insuficiente para dar conta da situação, para traduzir os sentidos e desejos esperados. A imagem passa então a ser a alternativa, o meio que dá sentido à existência. O duplo, o simulacro, passa a fazer mais sentido que o único, o real com sua crueza, e esta recusa da realidade, *“do único, aliás, é apenas uma das formas mais gerais de recusa da vida”* (ROSSET, 1999:82). A busca pela forma perfeita traduz um narcisismo que se revela nocivo ao sujeito, na medida em que a imagem passa a fazer mais sentido que o próprio sujeito, e este, vive em função daquela. Esta forma de narcisismo não quer amar excessivamente a si mesmo, mas, ao contrário, quer amar o outro, a imagem, o duplo que faz mais sentido que o próprio sujeito. Segundo Clément Rosset, *“o narcisista sofre por não se amar: ele só ama a sua representação”* (ROSSET, 1999:96), assim como Narciso, é para a sua imagem que o sujeito se volta e dedica todo seu esforço no sentido de se aproximar dela, tocá-la, tornar-se pura imagem, tornar-se o seu duplo. Mas ele se esquece que o relato do mito é trágico, representa a vaidade, a auto-admiração, a imagem de um homem que se volta para si mesmo, num gesto de isolamento que leva à solidão e à morte. E talvez essa morte seja até desejada, na medida em que ela também elimina a dor e a aspereza do real. Não me refiro à morte literal, mas a morte em vida do sujeito que se transforma em pura imagem.

Desta forma, a cultura do corpo se torna o valor absoluto e o uso narcísico do corpo se coloca como instrumento a serviço da máquina de produção de sentidos e desejos

sugerida por Guattari. A preocupação excessiva com a imagem, valorizando a beleza, magreza, juventude e vigor, e as estratégias de utilização do corpo para obtenção de dinheiro, status e poder; o imediatismo nos cuidados corporais de modo a colocar as cirurgias estéticas como a solução mágica para chegar à adaptação ao modelo vigente, são exemplos dessa construção maquínica que envolve e aprisiona os sujeitos. Essa produção é essencialmente social, mas é assumida/vista pelos indivíduos em suas existências particulares como manifestação de singularidade, e o que o sujeito percebe como singularização pode ser visto também como “pseudo singularização”, ou seja, adaptação a modelos pré-fabricados de singularidade.

Os modos de perceber, sentir, modelar e cuidar do corpo são influenciados por esse processo de produção de desejos e subjetivação capitalística. Segundo Guattari (1999): “*A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo*” (GUATTARI, 1999:42).

Esta forma maquínica de pensar o corpo, a partir dessa perspectiva utilitarista e mecanicista, não é gratuita, ela é fruto de uma racionalidade científica que se tornou hegemônica e reproduz essa mentalidade. Há uma mistura de saberes e “verdades” oriundas do pensamento científico, de alguns setores da racionalidade médica ocidental, da organização social pautada pelos valores do mercado e do eterno conflito existente entre uma razão técnica, instrumental, e uma razão crítica, mais humanizada.

Essa razão instrumental nasce quando o sujeito do conhecimento toma a decisão de que conhecer é dominar e controlar a natureza e os seres humanos. E a partir daí, várias formas de ilusão são criadas, entre elas a da independência dos fenômenos em relação ao sujeito que investiga, a de que a verdade pode ser compreendida seja como correspondência necessária entre os conceitos e a realidade, seja como coerência interna dos próprios conceitos. Acredita-se que o objeto científico pode ser conhecido em sua estrutura, suas propriedades e suas funções, além de seus modos de permanência ou de transformação; criam-se leis de compreensão dos fenômenos com regularidades e constâncias universais e

necessárias; afastam-se as idéias de acaso, contingência, indeterminação, acreditando-se que o objeto pode ser determinado pelo pensamento ou integralmente cognoscível; crendo-se que a tecnologia pode oferecer à ciência precisão e controle dos resultados, com aplicação prática das suas descobertas; e, principalmente, criando-se a ilusão da neutralidade da ciência.

Esses fatores contribuem para o surgimento de um cientificismo, ou seja, de uma percepção ilusória de fusão entre ciência e técnica, aliada à neutralidade científica, produzindo uma ideologia da ciência e uma mitologia da ciência. Enfatizando a crença no progresso e na evolução dos conhecimentos científicos, essa ideologia seria, um dia, capaz de explicar totalmente a realidade, permitindo manipulá-la tecnicamente, sem limites para a ação humana. A mitologia da ciência faz acreditar que ela teria um poderio ilimitado sobre as coisas e os homens, almejando o lugar tradicionalmente dado à religião, ou seja, um lugar de verdades intemporais, absolutas e inquestionáveis.

Tais fatores compõem o pano de fundo do que definimos como estetização da saúde, permitindo a criação das condições para o crescimento da “indústria da metamorfose” corporal e a diversificação de práticas que levam à aproximação da Estética com outros discursos oriundos da filosofia, arte ou ciência. No entanto, se o pensamento científico ocupa um lugar de destaque nessa produção de sentidos concernentes ao corpo, ele não é um pensamento neutro ou inocente como veremos a seguir.

4.2 – O discurso da ciência – A revolução científica iniciada no século XVI dá início a um processo social e uma concepção de ciência que perdura até hoje. Os princípios que nortearam o surgimento do método científico continuam a produzir verdades e a orientar concepções e teorias científicas que vão se mesclar à vida social chegando até ao senso comum. As relações sociais vão ser orientadas por essa racionalidade científica que tudo explica e resolve com seu discurso “neutro”, racional e independente. Esse modelo de racionalidade se constituiu tendo como modelo as ciências naturais e, *“sendo um modelo global, a nova racionalidade é também um modelo totalitário, na medida em que nega o*

caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (SANTOS, 2004:21).

Tal modelo se constitui a partir de uma lógica matemática que se torna o instrumento privilegiado de análise, assim como a investigação e a representação da própria estrutura da matéria. Sendo assim, conhecer significa quantificar e representar a partir de um modelo construído às vezes arbitrariamente. *“As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade” (SANTOS, 2004:28).*

Desde Descartes, conhecer implica desmembrar, classificar, eliminar o acidental e o aleatório, o que não pode ser medido, dividido, quantificado e organizado dentro de uma lógica própria não pode ser conhecido. Essa concepção, além de possuir uma base matemática, tem como referência um modelo mecanicista, funcional, que reduz tudo o que há no universo a relações mecânicas de causa e efeito. Esse método propicia a formulação de leis gerais que poderiam explicar e controlar a natureza e a vida, as regularidades observadas permitiriam estabelecer as leis que fundamentariam o comportamento de todos os fenômenos, naturais ou sociais. *“Daí que o prestígio de Newton e das leis simples a que reduzia toda a complexidade da ordem cósmica tenham convertido a ciência moderna no modelo da racionalidade hegemônica que pouco a pouco se transbordou do estudo da natureza para o estudo da sociedade” (SANTOS, 2004:32).*

Mas este paradigma que nasce com Descartes e Newton já não dá mais conta de explicar a realidade em sua totalidade e complexidade. A hipótese de causalidade implícita nesse paradigma já não é mais suficiente, nem necessária, para dar conta das incertezas do real. Desde Kant, já sabemos que o real é incognoscível e, desde Heisenberg e Bohr, já aprendemos que não é possível conhecer o real sem interferir nele, sem o alterar, e o próprio objeto do conhecimento se faz de acordo com o processo de conhecimento, eles não são neutros, nem o objeto nem o processo, muito menos o sujeito. O que conhecemos do real se dá a partir da intervenção que operamos nele, a partir das condições de observação, dos critérios de análise ou da seleção do objeto. O olhar do observador vai interferir decisivamente no processo.

A crise desse paradigma dominante se faz sentir a partir de vários ângulos³², o modelo de causalidade, finalidade e relação mecânica já não dá mais conta de conhecer a natureza e, menos ainda, a vida social. Simultaneamente, junto com a crise da ciência no século XX se dá a percepção de que a autonomia da ciência, sua neutralidade e sua desvinculação dos problemas que afetam a vida social, não são fatores irrelevantes, externos, alheios à realidade e desvinculados dos interesses e conflitos das questões políticas e econômicas.

No entanto, o processo de industrialização da ciência e de mercantilização da medicina refletem, cada um a seu modo, os compromissos desses campos com os centros de decisão do poder econômico, social e político, que cada vez mais vão influenciar, interferir, intermediar, direcionar e definir as “prioridades” do pensamento científico³³. Bourdieu (2004) afirma que o campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. Mas essa independência é sempre relativa, o grau de autonomia ou heteronomia de um campo se dá de acordo com a sua capacidade de negociação com o mundo exterior e peso político ou econômico na hora da decisão.

O campo científico é um campo de forças e, como tal, a dinâmica e a importância social de seus atores influenciam no que ele pode ou não fazer. É a posição que eles ocupam na estrutura social que determina ou orienta suas tomadas de posição. A

³² Para Boaventura de Souza Santos, este questionamento “faz parte de um movimento convergente, pujante, sobretudo a partir da última década, que atravessa as várias ciências da natureza e até as ciências sociais, um movimento de vocação transdisciplinar que Jantsch designa por paradigma da auto-organização e que tem aflorações, entre outras, na teoria de Prigogine, na sinérgica de Haken, no conceito de hiperciclo e na teoria da vida da Eigen, no conceito de autopoiesis de Maturana e Varela, na teoria das catástrofes de Thom, na teoria da evolução de Jantsch, na teoria da ordem implicada de David Bohm ou na teoria da matriz-S de Geoffrey Chew e na filosofia do “bootstrap” que lhe subjaz. Esse movimento científico e as demais inovações teóricas que atrás defini como outras tantas condições teóricas da crise do paradigma dominante têm vindo a proporcionar uma profunda reflexão epistemológica sobre o conhecimento científico, uma reflexão de tal modo rica e diversificada que, melhor do que qualquer outra circunstância, caracteriza exemplarmente a situação intelectual do tempo presente” (SANTOS, 2004:48-50).

³³ “A ciência e a tecnologia têm vindo a revelar-se as duas faces de um processo histórico em que os interesses militares e os interesses econômicos vão convergindo quase à indistinção. No domínio da organização do trabalho científico, a industrialização da ciência produziu dois efeitos principais. Por um lado, a comunidade científica estratificou-se, as relações de poder entre cientistas tornaram-se mais autoritárias e desiguais e a esmagadora maioria dos cientistas foi submetida a um processo de proletarianização no interior dos laboratórios e dos centros de investigação. Por outro lado, a investigação capital-intensiva (assente em instrumentos caros e raros) tornou-se impossível o livre acesso ao equipamento, o que contribuiu para o aprofundamento do fosso, em termos de desenvolvimento científico e tecnológico, entre os países centrais e os países periféricos” (SANTOS, 2004:57).

estruturação interna do campo pode ser determinada pela distribuição do capital científico dentro do campo, mas ela também sofre influência dos fatores externos. Segundo Bourdieu, os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço (BOURDIEU, 2003). Desta forma, a racionalidade científica está impregnada das questões existentes nas suas bases sociais, ela sofre os efeitos políticos e econômicos de sua inserção na vida social, interage com eles.

A racionalidade moderna não se caracteriza por seu caráter contemplativo, pelo contrário, trata-se de um saber que propõe uma intervenção na natureza com a intenção de dominá-la, transformá-la, agir sobre ela. Seus conceitos e pressupostos reproduzem uma concepção de mundo mecanicista, dualista, quantitativista e ordenador. Ou seja, é um tipo de conhecimento que, ao interferir, modela, constrói a realidade, organiza segundo seus interesses, seus pressupostos e seus métodos, ele age no social embora isso nem sempre fique explícito.

Sendo assim, a medicina, que tem como objeto principal de estudo as relações entre a doença e a sociedade, é uma construtora de sentidos médicos, científicos e sociais. Seu campo de atuação não se restringe ao domínio asséptico da ciência pura, ela extrapola e dissemina o seu saber para muito além de sua especialidade. *“Desta forma, a razão médica moderna expõe, na ordem da racionalidade científica, objetos de discursos que são de fato sociais. Tematiza, portanto, o social. É disciplina do social, disciplinadora de relações que são quase sempre sociais. As relações dos indivíduos e dos grupos sociais com seu corpo, seu sofrer, seu adoecer, sua morte, e com o corpo, o sofrimento, o adoecimento e a morte dos outros são relações sociais”* (LUZ, 2004:31). Para Madel Luz, a medicina e a sociologia se confundem, pois ela atua em territórios que seriam estudados pela sociologia, ou pela antropologia, sendo que, enquanto a sociologia atua na macroestrutura, nas relações sociais, a medicina atua na microestrutura, no indivíduo. A medicina age não apenas no seu campo específico, mas irradia conceitos, verdades, parâmetros e sentidos por todo o corpo social, seus conceitos interferem na regulação de vários aspectos da vida social, seu discurso vira norma.

A medicina não apenas participa da vida social e das forças produtivas, como também modela a própria vida social, fornece o modelo de percepção e construção de

sentidos, valores, hábitos e processos cognitivos. “Naturaliza” o que é eminentemente social. Segundo Madel Luz, em sua obra “Natural, racional, social – razão médica e racionalidade científica moderna”, o termo natureza é ambíguo e é apropriado de diversas formas, incorporando simultaneamente exterioridade, independência ou objetividade, dependendo da perspectiva e do emprego que se queira dar ao termo. O que é considerado natural vai ser reconduzido à ordem da razão. Ela é quem vai determinar esse novo conceito de natureza, mas não se trata de uma razão qualquer, trata-se da racionalidade científica que, como acabamos de ver, possui critérios próprios e rígidos para estabelecer e controlar a “natureza”.

Essa racionalidade possui “ordens de sentido” que produzirão verdades específicas, disciplinas científicas e conhecimentos sofisticados que nortearão o senso comum e formularão processos cognitivos que vão dar sentido à realidade, em qualquer instância, seja ela científica ou não. Ela funcionará como espinha dorsal da estrutura simbólica e cognitiva da vida social, ela é quem dirá o que é correto ou não, coerente ou não, “natural” ou não, ou seja, essa racionalidade dirá o que pode ser considerado verdadeiro, coerente e confiável. E o que ficar fora dela corre o risco de ser desqualificado, pois ela é a voz da verdade. Ou seja, o que é considerado natural, racional ou social se confunde e se funde numa argamassa que, em última análise, vai ser modelada pela mão da razão, melhor dizendo, da razão ancorada na ciência e nas suas verdades.

A racionalidade moderna, que é a origem de todo esse processo, se constitui principalmente como uma estrutura de explicação, uma forma específica de compreensão da realidade, de explicação do ordenamento do mundo que regula os princípios, os valores, os corações e as mentalidades. Segundo Madel, *“a ciência moderna é mais que uma forma de desvendamento do mundo. Ela é, sobretudo, uma forma de “ordenação” do mundo. Trata-se, é verdade, também de decodificações de significados, mas principalmente de atribuição de ordens de sentidos, através da prática sistemática de um conjunto de operações, a serem seguidos na ordem lógica e na prática dos gestos, e que constituem o método... (...) Em outras palavras: é um regime específico de produção de enunciados de verdade, no qual as regras da produção são mais importantes em última instância que sua “veracidade” enquanto tal”* (LUZ, 2004:59).

A percepção do corpo humano como uma máquina é construída a partir dessa lógica, que abarca a “natureza” com seus conceitos, próprios da racionalidade científica, e naturaliza seu discurso no seio da vida social. Trata-se de uma cosmovisão que produz sentidos, cria realidades e transforma essas realidades em verdade única e indiscutível. E essa visão que nasce com o pensamento moderno ainda faz eco nos dias atuais, nos quais os meios de comunicação de massa difundem as verdades científicas e o que é “cientificamente” comprovado perpetuando essa visão mecanicista, dualista e quantitativista da sua origem. Embora hoje, século XXI, alguns setores da própria ciência estejam revendo seus pressupostos, muita informação ainda circula vinculando esse paradigma moderno, principalmente entre o público leigo, para o qual as verdades da ciência ainda são indiscutíveis.

Para o senso comum, a matéria que constitui o corpo e o pensamento que lhe dá suporte ainda é concebida nessa perspectiva dualista e mecanicista do pensamento moderno. O corpo geralmente é visto como uma máquina que pode ser reciclada, aperfeiçoada ou “modernizada”. O conhecimento científico que é divulgado e popularizado reforça esse modelo e se impõe como o “discurso verdadeiro”, sem revelar suas ambigüidades, seus conflitos e seus limites. A “indústria da metamorfose” citada anteriormente possui “base científica”.

As metáforas mecanicistas da racionalidade moderna reaparecem hoje travestidas de tecnologia informacional e o “corpo-máquina” de La Metrie volta à cena, sendo que agora ele é um híbrido de tecnologia computadorizada, carne e chips, matéria e megabytes de memória. Apesar de todo o desenvolvimento da ciência e de toda a crise vivida por ela desde o início do século XX, a concepção mecanicista, dualista e reducionista da ciência clássica ainda teima em se manter ativa e agora pensa em construir um corpo que não ceda às limitações impostas pelo tempo ou pela matéria. O mito do corpo como máquina que obedece ao nosso comando ainda teima em persistir.

O corpo não precisa mais ser obediente e fiel à natureza, ele pode se tornar mais “natural” do que o que a própria natureza concebeu. A tecnologia desenvolvida pela racionalidade científica e os valores e sentidos produzidos no mundo social agora constroem um corpo que nem a mãe natureza foi capaz de fazer. A Indústria da Estética vai dizer (de forma racional, científica) como tornar o seu corpo mais que perfeito, melhor que

o projeto natural, obedecendo ao que se espera no mundo social. A indústria da metamorfose corporal descrita anteriormente possui a tecnologia adequada a cada situação, corpo ou bolso. Ela propõe uma transformação total da forma sem perceber, ou melhor, se esquecendo das ambigüidades e limites do sujeito. O discurso dualista, mecânico e maquinico da ciência vai ao encontro do desejo de transformação do sujeito, desde que não haja enfrentamento, desde de que ele não entre em confronto com a crueldade do real descrita por Clément Rosset.

O movimento civilizatório, que marcou as disciplinas sociais, desde a segunda metade do século XVII até o início do século XX, produziu discursos e práticas que se atualizam e metamorfoseiam em novas práticas e sentidos, mas ainda mantém seu caráter de ordenação das relações sociais e de construção dos sujeitos segundo uma lógica própria de uma ordem racional moralizante e disciplinadora da mentalidade capitalista. Essa racionalidade que transforma tudo em valor monetário, mensurável, pragmático e utilitário vai virar de ponta cabeça mesmo os valores morais mais tradicionais. O corpo, por sua vez, não precisa mais ser dócil e moralmente comportado, ele pode até ser imoral, desde que seja belo e magro, construído a partir de uma dieta e de uma vida “natural” e, quando necessário, a tecnologia pode dar uma força à natureza, melhorar o que ela não foi capaz de realizar.

A sensualidade, que já foi inimiga da razão científica natural e da razão da moralidade cristã, religiosa ou laica, e poderia levar ao erro e à decrepitude, hoje é vista como aliada preferencial do mercado, componente essencial na ordenação da vida social. Os sentimentos, as paixões, os desejos, os sentidos atribuídos ao corpo levam em consideração o componente sensual e a conseqüente ampliação de possibilidades no mercado profissional ou sexual, fazendo com que, o que antes era visto socialmente como abominável, hoje seja visto como aceitável, desde que ajude a conseguir seu objetivo de ascensão social, otimize as possibilidades de sucesso econômico e aceitação social. A moral se torna mais flexível, os valores éticos idem, a estética também se adapta e oferece novos parâmetros, no corpo se incorporam os novos sentidos e a “saúde” se adapta.

Sabemos que essa corrente do pensamento moderno (que valoriza o dualismo e o mecanicismo) não é unanimidade, apesar de ser hegemônica, e que outras correntes se colocam em posições antagônicas dentro do campo científico. Mas sabemos também que o

capital científico³⁴ é uma espécie particular do capital simbólico que se pauta na relação entre conhecimento e/ou reconhecimento atribuído pelo conjunto de atores, sejam eles pares, concorrentes ou pessoas que podem influir decisivamente em cada campo, e que essa racionalidade científica hegemônica sempre atuou para manter o controle da situação, nem que para isso tivesse que desmoralizar ou desqualificar o pensamento e a construção metodológica ou epistemológica dos seus concorrentes.

Esse pensamento hegemônico nasce com a racionalidade científica moderna e teve no pensamento naturalista do Positivismo seu modelo de construção de conhecimento e seu *modus operandi*. Neste modelo, a sociedade é vista como “*um grande organismo vivo, fruto de uma evolução do inferior para o superior, do simples para o complexo. Evolucionismo, mecanicismo e organicismo unem-se para conferir à racionalidade moderna seus traços constitutivos no século XIX, século da industrialização, da grande revolução científica dos laboratórios, e da multiplicação das disciplinas e instituições sociais*” (LUZ, 2004:116). Ou seja, a medicina ocidental se constitui no bojo deste pensamento, que concilia dualismo e mecanicismo, e todo o seu conhecimento científico tem como base principal as disciplinas naturais, pois são elas que “*oferecem à medicina moderna os elementos teórico-conceituais e os métodos de observação que, juntos aos da anatomia, da patologia e da cirurgia, constituirão o núcleo predominante de saber médico como disciplina das doenças, e a clínica como anatomoclínica, isto é, como prática de localização e eliminação das doenças*” (LUZ, 2004:129).

Desta forma, desde o surgimento das ciências modernas, a observação, a descrição e classificação somadas à busca de “causas eficientes” das doenças no corpo humano constituem o objeto fundamental de conhecimento da medicina moderna. A saúde gradativamente passará a ser vista não como afirmação da vida, mas como ausência de uma patologia, ao invés de colocar o foco na vida, na saúde, coloca-se o foco na doença. Através de suas teorias, conceitos, procedimentos e mecanismos de intervenção, a medicina vai ocupar um lugar de destaque na produção de sentidos acerca do corpo e na regulação e normatização da vida *social*. E ao produzir um discurso *natural* sobre uma realidade social, a medicina impõe uma forma específica do pensamento *racional*, a forma que lhe convém,

³⁴ Cf. Pierre Bourdieu, *Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

pois sabemos que os discursos não são neutros e eles traduzem estratégias de saber/poder que reforçam sua posição no campo. Neste contexto, os sentidos atribuídos ao corpo, à saúde, à doença e ao que se considera saudável vão sofrer influência e passar pelo crivo dessa racionalidade.

4.3 – As racionalidades médicas - Em sua linha de pesquisa “Racionalidades Médicas e Práticas em Saúde”, Madel Luz (2003) compara sistemas médicos complexos (medicina homeopática, medicina tradicional chinesa, medicina ayurvédica, biomedicina) quanto a paradigmas terapêuticos; compara práticas e representações de terapeutas e pacientes, buscando verificar a existência de mais de uma racionalidade médica atuando na cultura atual; compara também as diferentes práticas coletivas em saúde, terapêuticas ou não, para apreender racionalidades específicas, analisando sentidos e significados atribuídos às práticas desenvolvidas pela sociedade civil. Segundo ela, “*essas racionalidades coexistem de fato em nossa cultura, às vezes de maneira conflituosa, às vezes de maneira pacífica e mais ou menos integrada, freqüentemente de modo híbrido ou sincrético, tanto em termos teóricos como empíricos, isto é, justapondo ou integrando numa “colagem” prática aspectos conceituais de distintas racionalidades*” (LUZ, 2003:88).

Algumas práticas e sentidos relativos ao corpo ganham espaço e permitem a aproximação de valores sociais e éticos relativos ao corpo, à estética e saúde, possibilitando o surgimento de movimentos que visam modelar o corpo, adequando-o às normas sociais (através do culto ao corpo, fitness, cirurgias estéticas, prática de esportes radicais, modelagem do corpo, etc). Por outro lado, há também um conjunto de representações que valorizam a idéia de equilíbrio e/ou harmonia corpo/espírito (praticantes de yoga, tai-chi, medicinas alternativas, naturismo, meditação, hidromassagem, alongamento, biodança, dança de salão, etc.). Interessante notar que essas diferentes representações de corpo/espírito, saúde/doença, indivíduo/pessoa não são necessariamente partilhadas por grupos distintos, antagônicos, muito pelo contrário, é possível encontrar num mesmo espaço essa diversidade de “produtos” sendo oferecidos simultaneamente. Academias e clínicas de estética podem oferecer produtos diferenciados para o mesmo cliente. Uma

mesma pessoa pode fazer uma aula de ioga, tai-chi ou alongamento depois de fazer musculação, enquanto espera uma massagem integrativa (circulação com drenagem linfática) ou uma sessão de acupuntura para reduzir celulites, enquanto se prepara para fazer uma lipoaspiração ou uma prótese nos seios.

A saúde passa, então, a ser um guarda-chuva simbólico no qual tudo cabe, ter saúde não se restringe a evitar as doenças, a “preservar-se”, a “não correr riscos”, a permanecer na normalidade médica. Ter saúde passa a ser igualmente cuidar da forma, do peso, da aparência (da pele, das rugas, dos cabelos brancos), da alimentação, da dieta ou do cuidado com as calorias, da manutenção da beleza e da juventude. *“É a estética, mais que a racionalidade médica e seus modelos (normalidade/patologia, ou vitalidade/energia), o critério sociocultural de enquadramento dos sujeitos para determinar se realmente são “saudáveis”, ou se precisam exercer alguma atividade de saúde, através do estabelecimento de padrões rígidos de forma física”* (LUZ, 2003:104). As relações de trabalho também são influenciadas por essa perspectiva, a empregabilidade passa a ser diretamente ligada à aparência física. A preocupação com a estética passa a ser não apenas uma forma de manter a aparência ou a saúde, mas também uma forma de distinção social, garantia da manutenção do seu lugar no mercado de trabalho, no “mercado de trocas” sexual ou até mesmo como forma de conquistar a mobilidade social.

A estetização da saúde e da vida cotidiana permite o crescimento de diversas atividades comerciais ligadas às indústrias da estética, da cosmética³⁵ e da metamorfose, para atender a uma demanda crescente, oferecendo serviços, medicamentos, equipamentos, profissionais (qualificados ou não), financiamentos, seguros, atividades físicas (esportivas ou recreativas), publicidade na grande imprensa, revistas especializadas, spa's e hotéis especializados em tratamento estético, ou seja, os interesses comerciais desse setor não devem ser menosprezados³⁶.

³⁵ Segundo Sheila Lobato, diretora da Lobato Merlin Editores, no Brasil, a indústria de cosméticos emprega 2,2 milhões de pessoas, o dobro do número empregado em 1994 e aumentou 74,5% seu faturamento líquido entre 1997 e 2000. Existem cerca de 1.200 empresas atuando no mercado de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos, sendo 14 de grande porte, com faturamento líquido acima de R\$ 100 milhões ao ano. A taxa de empregos no setor cresce à taxa anual de 10,6%, acumulando 102,3% de 1994 a 2001. As exportações de 1997 a 2001 saltaram de US\$ 78,6 milhões para US\$ 146,7 milhões. No acumulado de 1997 a 2001 o PIB cresceu 10,4% e o setor de cosméticos cresceu 56%. O faturamento líquido saltou de R\$ 5,5 bilhões, em 1997, para R\$ 9,6 bilhões em 2002. Fonte : JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO: 13 de Outubro de 2003. Pág. A3

³⁶ Segundo matéria de Talita Figueiredo, na pesquisa “O impacto socioeconômico da Beleza. 1995 - 2005”, da Universidade Federal Fluminense, o total de profissionais ocupados em higiene pessoal no Brasil é de

O senso comum, informado pela grande imprensa e por revistas “especializadas”, naturaliza e banaliza as cirurgias estéticas e acredita que o estágio atual de desenvolvimento tecnológico permite de fato uma modelagem completa do corpo por meio de procedimentos cirúrgicos simples, rápidos, seguros e sem traumas posteriores. Reportagens que abordam o tema tendem a reforçar essa percepção. O risco cirúrgico inerente a essas situações como infecção hospitalar ou problemas decorrentes da anestesia são ignorados ou banalizados.

Na perspectiva dos possíveis usuários dos serviços estéticos, a chegada de novas práticas apontam para a emergência de modos de pensar, sentir e agir, que vão interferir diretamente na forma como os sujeitos percebem a saúde e o corpo, ou montam estratégias de produção de uma “vida saudável”, de um corpo “aceitável” ou “desejável”. A preocupação em manter o corpo jovem, magro e viril é uma preocupação constante e permite o surgimento dessa multiplicidade de agenciamentos de subjetivação.

Para Guattari (1999), a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social, e é aí, no social, que o corpo vai se tornar um objeto a se moldar de acordo com um modelo ideal. O caráter pragmático de alguns setores da sociedade atual induz um número crescente de pessoas a buscar uma solução rápida para resolver a demanda por um corpo ideal. A modificação dos hábitos alimentares, o investimento em exercícios físicos e as mudanças comportamentais são sempre uma barreira, um investimento a longo prazo que não combina com o imediatismo dominante. Fazer uma cirurgia que resolve todos os problemas de imediato parece ser um caminho muito mais atraente.

Atualmente, na medicina estética, os conceitos de beleza, saúde, corpo saudável e corpo belo vão ganhar outros contornos, outros sentidos, o discurso acerca do corpo “perfeito” vai trazer à tona essa estratégia de uma racionalidade que atua na construção de um olhar que constrói cientificamente, modela, torna o corpo “naturalmente” belo. A doença agora é construída, ela é uma projeção, uma imagem idealizada que não se confirma, uma construção fantasmática que gera dismorfia. O que é considerado normal ou patológico muda de eixo.

Enquanto, a partir do século XIX, a concepção de organismo é fundamental no estabelecimento das categorias de normal e patológico como fundamentos da medicina clínica, hoje, com a estetização da saúde, a concepção clássica de organismo é obsoleta e já não dá todas as respostas e o que é considerado normal ou patológico refere-se muito mais a uma imagem idealizada do que a uma patologia inscrita no organismo, ou seja, a doença se alimenta de imagens, de desejos, de expectativas de se adequar à normalidade definida no mundo social. A natureza pode ser alterada para que a cultura faça o seu trabalho através de técnicas, procedimentos e modos de pensar estritamente racionais, comprovados cientificamente.

4.3 – Os sentidos do corpo mais que perfeito - As exigências da vida contemporânea têm gerado uma insatisfação crescente com relação ao corpo. São inúmeros os medicamentos que regulam o humor e a química corporal, fazendo do corpo um campo de testes de produtos químicos que regulam a relação afetiva das pessoas com o mundo, que, mesmo sem estar doente, tomam remédios para dormir, para ficar acordados, ficar em forma, tornar-se enérgico, melhorar a memória, o rendimento, a performance sexual, suprimir o estresse, a ansiedade, regular a depressão, aumentar a capacidade muscular, controlar a fome, a tristeza ou a alegria. Ou seja, o corpo, com sua configuração atual, não corresponde às expectativas e exigências da vida, tornando-se necessário o uso destas próteses químicas para torná-lo uma máquina confiável³⁷. O corpo é pensado como uma matéria indiferente, o simples suporte material para o sujeito, um objeto à disposição que pode ser melhorado de acordo com as expectativas do seu dono, e com isso, atender às exigências do mundo social. E a biotecnociência estaria disponível para operar a transformação.

Da mesma forma, o design corporal nem sempre corresponde às expectativas dos sujeitos. As cirurgias plásticas, as próteses estéticas e mecânicas, os processos de construção do corpo, as marcas corporais e o transexualismo moldam o corpo de acordo com o desejo de seus donos. Não há limite para a metamorfose corporal e aquele corpo,

³⁷ Cf. David LeBreton. *L'Adieu au corps*. Paris: Métailié, 1999.

antigo e precário, passa a ser objeto de investimento, re-criação, re-significação. O corpo é o molde que se adapta às significações sociais, ele passa a encarnar os significados do mundo, reproduz seus símbolos e marcas de distinção e identidade³⁸, criando signos que tanto funcionam como linguagem de revolta como de adaptação às regras, que tanto questionam quanto reforçam os valores do mundo ocidental.

A anatomia deixou de ser algo definitivo e passou a ser provisória, de acordo com a moda da ocasião. O corpo passa a ser um esboço, um rascunho a ser aperfeiçoado de acordo com o desejo e o bolso do cliente. Esta pretensão à perfeição também fica nítida no crescimento acelerado da tecnologia que tenta controlar os processos de fecundação *in vitro*, da gravidez fora do útero e de processos de inseminação artificial. O mito do filho perfeito, planejado com a ajuda da medicina e com selo de garantia morfogênética, fabricado fora do corpo, à margem da sexualidade e fora de qualquer relação com o outro é também um dos sintomas da obsolescência do corpo, ou da tentativa de ampliar seus limites. O corpo da mulher se torna o laboratório onde se produz não apenas a tecnologia reprodutiva de ponta, mas também, uma nova antropologia, o corpo passa a ser um detalhe biológico tecnicamente controlável. Laboratório onde se redesenha a condição humana, a sexualidade, a procriação, o corpo, a infância, a filiação, a genealogia, a maternidade, a paternidade, o casal, a ligação social e até mesmo a velhice e a morte (LE BRETON, 1999).

No mundo virtual, o corpo viaja entre mega bytes e conhece outras pessoas sem corpo físico, pura virtualidade. A carne perecível do corpo passa a ser um peso que atrapalha e necessita de cuidados como alimentar, cuidar, manter e, além disso, não correspondendo às idealizações estéticas de seu dono. Desse modo, a comunicação sem corpo e sem rosto da rede favorece as identidades múltiplas, a fragmentação do sujeito engajado numa série de encontros virtuais em relação aos quais ele adota nomes, personalidades, idade, sexo ou profissão diferentes, escolhidos conforme as circunstâncias e o provável interesse do interlocutor. Os meios de comunicação virtuais substituem o contato corporal e o elo social por meio de conversações frágeis e efêmeras com interlocutores sem corpo. As fronteiras entre o virtual e o real se tornam difusas, conseqüentemente, a relação com o próprio corpo pode se tornar confusa, a carne deixa de

³⁸ Cf. David LeBreton. *Signes d'indétité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Métailié, 2002.

fazer sentido, cria-se um corpo que é pura subjetivação, produção fantasmática objetificada, materializada, pura imanência do desejo.

No final do século XIX, uma das questões apontadas pela nascente psicologia era a problemática da histeria, que se caracterizava por sintomas de ordem somática, tais como nevralgias, anestésias e paralisias, convulsões, vômitos, etc. Os sintomas histéricos seriam a expressão simbólica de um conflito cujas raízes estariam na história do sujeito. Os sintomas corporais seriam efeitos de processos psíquicos que, de certa forma, podem traduzir o conflito indivíduo x sociedade daquela época. No final do século XX, em nossa sociedade, o culto ao corpo, a obsessão com a forma física e com as dietas, a dismorfia corporal, os distúrbios alimentares (bulimia, anorexia e obesidade), os processos de construção do corpo (por meio de práticas esportivas, medicamentos, próteses, etc), a percepção dos limites do corpo e as tentativas de ampliá-lo, a paixão pelos esportes radicais³⁹ e a possibilidade de metamorfosear o corpo por meio de cirurgias plásticas (corretivas ou estéticas), próteses ou marcas identitárias estão na ordem do dia. São os sintomas do nosso tempo e apontam para uma nova identidade corporal a ser construída.

O desenvolvimento acelerado da biotecnociência, a produção de sentidos no mundo contemporâneo e as transformações nas lógicas sociais estão alterando o estatuto do corpo, tornando possível ou tentando fazer crer que é possível, operar a metamorfose do corpo de forma rápida e indolor. Narcisismo, hedonismo, individualismo e consumo estão entre os fatores propulsores de tais transformações, cujas conseqüências começam a delinear um quadro preocupante para a Saúde Pública. Alguns setores da classe média são seduzidos por promessas de uma beleza idealizada que pode vir a se tornar imediata, geralmente sem muito esforço por parte do cliente, em suaves prestações mensais. As inúmeras possibilidades de transformação corporal disponíveis hoje no mercado e acessíveis a um grande público redefinem a relação com o corpo, a identidade pessoal, a ordem moral, cultural e jurídica, além de apresentar novos padrões Éticos e Estéticos para a sociedade. As transfusões, transplantes de órgãos, as técnicas de fecundação artificial e a engenharia genética se popularizam e criam a expectativa de que o desenvolvimento da ciência permita uma maior intervenção no corpo. Por outro lado, aumenta também o risco de mercantilização do corpo, contrabando de órgãos, órgãos comprados, crianças raptadas para

³⁹ Cf. David LeBreton. *Passions du risque*. Paris: Métailié, 2001.

retirada de parte de seus corpos, problemas policiais relativos à venda de sangue ou comercialização de recém nascidos para adoção, ou seja, o desenvolvimento da ciência trouxe também novas questões (médicas e jurídicas) para pensar os novos sentidos do corpo⁴⁰. Essa pseudo democratização da tecnologia que permite operar a metamorfose corporal leva a conclusões precipitadas de que o processo é simples, rápido, fácil e com riscos cada vez menores. O vazio da existência, as questões emocionais e os distúrbios psíquicos são ignorados em nome da possibilidade de transformação imediata da imagem do corpo, tornando-o um produto mais aceitável no meio social de acordo com os padrões ditados pelo modismo da ocasião, esquecendo-se de que as transformações no “esquema corporal” (como o definido por Schilder), na “imagem corporal” (como a definida por Dolto) ou no processo de construção da identidade ou percepção corporal (sugeridas por Andrieu, Anzieu, Winnicot ou Lacan) implicam em alterações profundas no inconsciente com uma extensão e uma probabilidade imensurável de produzir danos.

A imagem do corpo carrega a encarnação simbólica do sujeito desejante com suas histórias, sensações erógenas arcaicas e sua memória inconsciente relacional. Alterá-la significa correr o risco de criar-se uma cisão no sujeito ou criar uma insatisfação às vezes desnecessária. Além da possibilidade de ocorrer um erro médico, pode acontecer de que, mesmo a metamorfose sendo bem sucedida, o sujeito entre em um processo de negação do próprio corpo, de sua “imagem corporal” que certamente afetará sua saúde mental e seu bem estar. O investimento libidinal em um corpo idealizado pode se tornar um tiro que sai pela culatra, criando ou agravando um quadro psíquico que, caso o sujeito não esteja emocionalmente maduro ou seguro, pode trazer sérios inconvenientes.

A sociedade, por sua vez, busca adequar os corpos aos padrões estéticos estabelecidos, não mais pela coerção e sim pela sedução, revelando uma verdadeira ditadura da beleza, da magreza e da juventude. O controle sobre o corpo exercido pela sociedade vai “ao encontro” dos interesses do mercado (moda, mídia, publicidade, etc) e da indústria da metamorfose (cirurgias, tratamentos, equipamentos e medicamentos com fins estéticos) criando novos sentidos e necessidades para os “consumidores”. Por outro lado, pode ir “de encontro” às questões psíquicas dos sujeitos, caso suas metamorfoses sejam mal

⁴⁰ Cf. Giovanni Berlinguer e Volnei Garrafa. *O mercado humano. Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

sucedidas, gerando transtornos nem sempre aparentes, já que os corpos não são dóceis e escapam em parte às estratégias de dominação. Desta forma, às vezes, a afirmação da vontade própria e legítima dos sujeitos pode também levar à criação de corpos hipocondríacos, paranóicos, esquizos, catatônicos, drogados, masoquistas, costurados, vitrificados, etc (DELEUZE, 1996).

As exigências crescentes da vida contemporânea colocam o corpo como um objeto obsoleto que necessita de próteses mecânicas, químicas, e farmacológicas para “dar conta do recado”. O corpo não é mais sagrado, ele pode ser profanado, alterado, modificado, ampliado, reduzido ou substituído em partes, “trabalhado” nas academias, reconfigurado e reproduzido artificialmente. Assim como no mundo virtual, cada vez mais o corpo real vai sendo transformado em pura objetivação mercadológica, produção fantasmática objetificada, pura imanência do desejo.

Não devemos aqui fazer juízos de valor nem negar os benefícios advindos das cirurgias plásticas (tanto corretivas quanto estéticas). Mas cabe a nós, profissionais de saúde, chamar a atenção para a forma banalizada como tais cirurgias têm sido divulgadas e propor uma discussão que leve em conta os aspectos positivos e negativos da questão, de modo a tornar claro para a sociedade não apenas os benefícios (como tem sido feito até agora), mas também os riscos possíveis, as implicações emocionais, as conseqüências indesejadas, as seqüelas, enfim, uma escolha consciente que implica em ônus e em bônus.

O desenvolvimento de novas técnicas e equipamentos, o crescimento da concorrência nesse setor, a diminuição dos valores cobrados, a migração de médicos oriundos de outras especialidades que passaram a atuar neste campo, o surgimento de linhas de crédito, as facilidades oferecidas por esse mercado, o surgimento de mercado editorial especializado, a forma como a grande imprensa trata a questão e a preocupação crescente com a forma física e o culto ao corpo fizeram com que o acesso a esses serviços fosse ampliado significativamente. Um estrato da população que, até pouco mais de uma década atrás, não cogitava fazer uma cirurgia estética, hoje não só tem acesso a esse tipo de serviço como também vê na utilização desses serviços um símbolo de status, distinção e ascensão social.

As cirurgias plásticas (estéticas ou corretivas) fazem parte desse grande aparato que dá suporte à estetização da saúde e ao crescimento das modalidades de transformações

corporais. No decorrer de nosso trabalho, foi possível perceber algumas questões que se mostraram relevantes no primeiro momento de “chegada ao campo”. São elas:

1. o crescimento do mercado publicitário da estética e da cosmética, com a oferta de novos produtos, serviços, equipamentos e facilidades de crédito;
2. o aumento da concorrência entre profissionais (cirurgiões plásticos) que já atuavam no setor levando alguns profissionais a atuar de forma mais agressiva comercialmente;
3. o crescimento da demanda e possibilidades de acesso (via financiamentos, pagamentos facilitados no cartão ou cheque pré-datado).
4. uma nova eugenia que se utiliza de argumentos estéticos e/ou de saúde e impõe um padrão corporal a ser buscado. Estar acima do peso passa a ser crime, sujeito às sanções sociais vigentes. A cirurgia passa a ser vista como solução “simples e rápida”;
5. Novas técnicas e procedimentos cirúrgicos indiretos (como a cirurgia de redução de estômago) e seus desdobramentos;
6. As cirurgias plásticas vistas como filão de mercado profissional, gerando uma procura maior pelo setor por parte dos recém-formados e migração de profissionais anteriormente ligados a outras áreas;
7. A invasão do setor por especialistas de outras áreas (como o otorrino que faz rinoplastia, o ginecologista que faz uma abdominoplastia ou o oftalmologista que faz uma correção nas pálpebras);
8. O crescimento do número de clínicas especializadas em estética que criam novas alternativas, solucionando, retardando, ou fazendo as pacientes desistirem das cirurgias;
9. O crescimento da dismorfia (ou dismorfobia) corporal, dos casos de bulimia, anorexia, obesidade ou outras doenças ligadas à imagem corporal;
10. A mudança no enfoque relativo à obesidade, a mudança no padrão de referência do Índice de Massa Corporal, o crescimento das cirurgias corretivas pós-cirurgia de redução de estômago ou regimes radicais;
11. O tratamento dado pela mídia, transformando a cirurgia em símbolo de status e forma de distinção social;

12. A banalização desse procedimento cirúrgico sugerida por revistas especializadas;
13. A questão da projeção profissional, tendo em vista que alguns profissionais utilizam as cirurgias (e resultados) como forma de projeção social;
14. A publicização de resultados, fazendo quadros comparativos do “antes e depois”, o que é proibido pelos Conselhos Regionais de Medicina;
15. O escamoteamento de problemas ocorridos durante as cirurgias, inclusive com falecimentos;
16. O crescimento do número de denúncias e processos de erro médico no setor;
17. O surgimento e crescimento do mercado editorial especializado no setor;
18. O surgimento e crescimento de atividades financeiras ligadas ao setor, como financiamentos, seguros e promoções;
19. O crescimento do número de clínicas de estética que conciliam tratamentos da medicina tradicional, medicina alternativa e medicinas orientais, promovendo a hibridização e sincretismo das práticas médicas utilizadas no setor;
20. A fronteira indefinida entre cirurgia estética e corretiva;
21. O papel do setor público e sua relação com o setor privado, na medida em que o Estado paga uma cirurgia corretiva fruto de um erro médico oriundo do setor privado;
22. Os problemas relativos às próteses e testes de moldagem no implante de silicone nos seios;
23. O uso de produtos estéticos que, comercializados livremente no Brasil, têm comercialização proibida ou restrita em outros países;
24. As questões jurídicas relativas às cirurgias (a polêmica entre atividade fim ou atividade meio).

Ou seja, as implicações dessa forma de “pensar a saúde”, por meio da estética e, principalmente, utilizando-se de processos cirúrgicos, são inúmeras.

4.5 - O corpo, seus sentidos e o discurso na medicina estética – Como já salientado, o discurso é um acontecimento sócio-histórico no qual a sociedade se revela, expondo suas ambigüidades, suas contradições, seus interditos, seus valores, conflitos e interesses presentes em cada campo de práticas. Sabemos que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem história e sem ideologia. Por meio do discurso dos atores do campo da medicina estética, podemos observar a compreensão que tanto profissionais quanto usuários fazem de questões como a dualidade corpo x mente. A percepção do corpo enquanto máquina a ser consertada, objeto a ser modificado ou melhorado, ou coisa distante, como se o corpo fosse um “outro” com o qual não houvesse identificação, uma percepção mecânica das partes sem considerar o todo, reproduzindo um olhar tecnicista, que reproduz valores oriundos do discurso médico hegemônico, reafirmando a obsolescência do corpo e a necessidade de aprimorá-lo, modernizá-lo, adequá-lo às novas exigências. Este olhar mecanicista privilegia uma perspectiva técnico-científica, amparada pela lógica do mercado, em detrimento a uma atitude crítica diante do mundo.

Observamos também a compreensão de como os valores, sentidos e significados culturais modelam o corpo de acordo com a dimensão simbólica da existência. Percebendo a auto-imagem como geradora de atributos pessoais e sociais e a cirurgia produzindo diferentes performances, potenciais, possibilidades de colocação no mercado de trabalho e/ou no mercado sexual, mudanças na relação com o outro (parceiro(s), amigos(as), família, etc.), resgate da jovialidade, ou seja, percebendo como os valores sociais são assimilados e inscritos no corpo.

Todo discurso está inserido em um processo discursivo mais amplo, contínuo, em relação a outros discursos realizados, imaginados ou possíveis. Desta forma, a partir dos enunciados disponíveis no site da SBCP, podemos delinear a imagem que o cirurgião plástico tem do paciente (e vice-versa), da situação do mercado, do papel das equipes de cirurgia, das instituições onde são realizadas as operações, das pessoas que já fizeram cirurgias, da publicidade acerca do tema, dos sentidos produzidos sobre o tema, dos valores implícitos, enfim, dos sentidos e das relações entre os sujeitos em questão. É importante também ressaltar o papel do imaginário social acerca das cirurgias plásticas, as formas de distinção que elas suscitam, tanto para profissionais quanto para usuários, e ainda, salientar a questão do poder da fala, da importância do que é dito, por quem é dito, etc. O que nos

interessa investigar é como esses discursos relativos à medicina estética se constituem, como eles atuam, que regras os caracterizam, que relações são estabelecidas, os tipos de enunciados que são utilizados, o uso dos conceitos e teorias, as estratégias discursivas que constituem a fala, como essa fala dispersa se configura em um discurso sistemático, organizado, voltado para um mesmo fim.

Para compreender o discurso médico acerca da estética ou dos sentidos do corpo não se deve ficar apenas no discurso médico, se fechar em um único circuito, pois esse discurso é constituído pelos discursos vizinhos, paralelos, concomitantes. Os acontecimentos discursivos são influenciados pelos acontecimentos não discursivos como a cultura, a política, a moral, a ética, a arte, a filosofia, a ciência, a ideologia, enfim, instâncias aparentemente independentes que se encontram de alguma forma e trocam influências para a formação dos padrões de beleza, dos sentidos acerca do corpo e do olhar médico que vai interferir no corpo.

Desta forma, podemos perceber o percurso dos discursos e identificar suas posições éticas e políticas. Não se trata de tomar uma enunciação deslocada no tempo e no espaço, e sim, de identificar a materialidade constitutiva do enunciado a partir de uma perspectiva institucional, não apenas uma fala emitida isoladamente, mas um conjunto de enunciados que formam um discurso que traduz uma tomada de posição institucional, que diferencia certos sujeitos de fala dos outros sujeitos do campo. Nosso ponto de apoio é a análise arqueológica de Foucault, que vê os discursos como conjunto de regras que se relacionam e criam um ambiente próprio, com uma espessura e materialidade, adquiridas na prática e no posicionamento assumido no seu campo de ação.

Segundo Machado, as análises arqueológicas de Foucault o levam a perceber a doença como uma categoria construída a partir do discurso médico, e é na ordem do discurso que ela é elaborada, concebida e tornada real. Segundo ele, *“trata-se da inauguração de um conhecimento que se tornou científico quando a medicina se transformou em uma ciência empírica. Sua característica fundamental é ser baseada na observação, na percepção que, a instituindo como ciência empírica, possibilita que rejeite a atitude predominantemente teórica, sistemática, filosófica própria do seu passado”* (MACHADO, 1981:97).

A questão que se coloca é que a partir da medicina moderna, em oposição à medicina clássica, a questão da linguagem ocupa um lugar central na construção do conhecimento médico, e através dele, surge um novo direcionamento, criam-se tendências, direciona-se o olhar. A medicina ultrapassa o estágio de uma linguagem carregada de metáforas e sinais exteriores ao corpo e torna-se conceitual, quantitativa, precisa, rigorosa e descritiva. *“O que muda é que ela diz de outro modo e vê um outro mundo; o que muda é a relação entre aquilo de que se fala e aquele que fala; o que muda é a própria noção de conhecimento”* (MACHADO, 1981:98).

Marca a passagem de um espaço superficial, de metáforas e imagens, para um espaço objetivo, real, profundo. Mais explicitamente, a passagem de um espaço de configuração da doença, considerada como espécie nosográfica, para um espaço de localização da doença, o espaço corpóreo individual (MACHADO, 1981). O que muda, portanto, é que o discurso médico não se refere mais às mesmas coisas e nem utiliza a mesma linguagem da concepção anterior. No momento do nascimento da clínica, é possível perceber o deslocamento da linguagem, do reconhecimento da doença, da localização da patologia. Mudam a percepção da doença, o olhar do médico, os parâmetros de avaliação, os critérios de escolha, os padrões de referência, enfim toda a estratégia de “construção da doença”. Segundo Machado, em sua obra *História da Loucura*, Foucault afirma que a medicina clássica é uma medicina classificatória que se elabora, tomando como modelo a história natural, organizando o mundo de forma sistemática e hierarquizada de gêneros e espécies. *“A doença se define por sua estrutura visível, se mostra inteiramente a um olhar que percorre seu ser de superfície. Esta verdade totalmente dada na aparência são os sintomas. Guiando-se pelos sintomas, considerados como ser da doença, a medicina pode identificar a essência de cada doença e situá-la em um quadro nosográfico de parentescos mórbidos: definir uma doença é enumerar seus sintomas. Segundo a terminologia da época, a medicina clássica, olhar de superfície, é um conhecimento histórico por oposição a um conhecimento filosófico”* (MACHADO, 1981:99).

Desta forma, cada vez mais a construção do conhecimento acerca da doença deve abstrair do doente. Ele passa a ser um detalhe que interfere no percurso da doença e não necessariamente existe coincidência entre a doença e o corpo do doente. *“Se a doença é uma essência nosológica e se o papel do conhecimento médico é a fixação de seu lugar na*

ordem ideal das espécies, a consideração do doente só pode introduzir um elemento contingente, accidental, opaco, exterior com relação à doença tomada como pura essência” (MACHADO, 1981:100). Ou seja, a medicina clássica é uma medicina das espécies patológicas, e toma a doença como uma essência primeira a ser estudada e identificada, independentemente do corpo do doente. A doença deve ser analisada em gênero e espécie a partir de analogias com o já conhecido, e a utilidade do doente se faz no sentido de exemplificar as doenças, que não são conhecidas a partir do organismo doente, o corpo do indivíduo doente é apenas um exemplo pedagógico da manifestação da doença.

Por outro lado, na clínica, o saber se funda na percepção do corpo doente. A partir dela, o olhar que observa é produtor de conhecimento. Enquanto a doença no início do século XVIII é uma realidade inacessível, e dela se conhece apenas o sintoma a partir das metáforas ou alusões, na clínica, o sintoma é complexificado e a doença deixa de ser algo incognoscível e se constitui em um conjunto de sintomas capazes de ser percebidos pelo olhar, os fenômenos patológicos passam a se distinguir, criam corporalidade, materialidade. O sintoma deixa de ser apenas significado e torna-se significante. Ou seja, ele é tomado em sua totalidade, visto que a doença nada mais é do que uma coleção de sintomas.

A medicina clínica abole a distinção existente entre doença, signo e sintoma. A doença passa a ser conhecida a partir de sua manifestação visível, e o sintoma é a materialização da essência da doença, a partir dele recria-se o percurso e dimensiona-se a doença, possibilitando o estabelecimento do prognóstico, do diagnóstico e da *anamnese*. Descobre-se então que os signos e os sintomas são o espaço da clínica, um campo ao mesmo tempo da percepção e da linguagem, na medida em que o próprio real obedece ao modelo da linguagem. Na clínica, ser visto e ser falado se comunicam de imediato na verdade manifesta da doença. Só existe doença no elemento visível e, conseqüentemente, enunciável. A clínica é um olhar que seria, ao mesmo tempo, e por isso mesmo, linguagem (MACHADO,1981). Assim, a percepção inaugurada com a clínica está intrinsecamente ligada à percepção e à linguagem, não existindo uma diferença fundamental entre ver e dizer. Ao contrário da medicina clássica, classificatória, na qual o ver estava totalmente subordinado ao dizer.

Já nos dias atuais parece haver uma espécie de inversão, um retrocesso. Ironicamente a medicina estética atual parece retornar aos parâmetros da medicina clássica que percebia a doença independente do doente. Enquanto a medicina que surgiu na clínica penetra no volume corpóreo em busca de uma lesão orgânica, hoje, a medicina estética escapa do volume corpóreo e suas ambigüidades e vai instaurar no corpo uma patologia que está fora dele, na ordem do social.

Uma reportagem publicada em 07 de Outubro de 2001 na Revista de Domingo, do *Jornal do Brasil*, uma mesma pessoa realiza consultas junto a 10 cirurgiões plásticos diferentes e encontra 10 diagnósticos diferentes. Como entender isso? Qual é a ordem do Real? Existe um problema real? Qual a cirurgia necessária? Como se constrói esse olhar que torna o corpo doente, com um defeito que precisa ser corrigido, “consertado”? Como afirmar que ali há ou não a necessidade de uma cirurgia que precisa ser realizada para “consertar a natureza”? Na clínica, a doença se localiza no corpo, a lesão explica os sintomas, o espaço da doença é o próprio espaço do organismo, a doença se manifesta nele, torna-se visível a partir dele. Doença e corpo se confundem, são indissociáveis. Mas na medicina estética, como identificar uma “doença” que não está no corpo? O que caracteriza este doente? Como transformar um desejo, às vezes irreal, em patologia? Como identificar uma patologia no território da subjetividade, que obedece a um inconsciente inacessível? Como relacionar signo e sintoma?

Em *O Nascimento da clínica*, aprendemos com Foucault que é no deslocamento da doença considerada como essência nosográfica para a doença identificada com o organismo doente que se dá a passagem de um tipo de medicina para outra. Como, então, entender uma medicina que inverte essa operação? Como delimitar o espaço da doença e o espaço do organismo quando a “doença” não existe? Ou quando existe a partir de um padrão estético que é sempre mutável. Como estabelecer uma conexão entre as palavras e as coisas? Como pensar a distância entre o que é dito e o que é silenciado?

A medicina estética opera um deslocamento na medida em que inscreve na superfície corpórea um “problema” que existia apenas na imaginação. A linguagem transforma o invisível em visível, estrutura-se como conhecimento que transcende o corpo para transformá-lo em corpo ideal. Trata-se de uma ruptura com a medicina tradicional,

cujo modelo é o da clínica, que localiza no corpo o seu campo de ação, nele e a partir dele. Essa medicina, ao contrário, se inscreve na superfície do corpo a partir de critérios subjetivos que estão fora dele, adota padrões estéticos que habitam a órbita da cultura, no território impreciso e inconstante da moda. E a ferramenta que orienta essa passagem e faz a ponte entre médicos e pacientes, é o território igualmente impreciso da linguagem. A medicina estética torna visível, a partir desse conjunto de virtualidades, de imagens fabricadas e de desejos inconscientes, uma insatisfação que transcende o corpo, que, como diria o senso comum, está na alma. A insatisfação com o próprio corpo e o desejo de transformá-lo se dá num outro corpo que não é o biológico, em um corpo sem órgãos que é puro desejo e/ou insatisfação. Sendo assim, coloca-se uma questão: A medicina estética é medicina? Pois quanto mais ela se apropria do saber médico mais ela se aproxima dos salões de beleza.

Uma das questões fundamentais que Foucault aborda em *O Nascimento da Clínica* é a relação entre percepção e linguagem, que atuam como níveis conjugados, entre as maneiras de ver e dizer, e assim, estruturar o percebido. Na medicina clássica, classificatória, o ver estava associado ao dizer. O fundamental neste tipo de conhecimento médico estava na linguagem e a visão passava a ser secundária. Com o nascimento da clínica, não há mais uma linguagem anterior à visão, percepção e linguagem devem estar rigorosamente articulados, olhar e linguagem se confundem. Na medicina estética, esta operação se inverte, pois a linguagem volta a ter primazia sobre a visão. A construção do problema a ser enfrentado, da cirurgia a ser realizada, se dá no campo impreciso da linguagem, da percepção do médico e/ou do paciente, sendo que muitas vezes o paciente constrói o seu “diagnóstico” e procura um profissional para operacionalizar o seu desejo. O acordo se dá por meio da linguagem e de uma percepção que é subjetiva, plástica, maleável, e pode não apenas assumir muitas formas como também permitir interpretações das mais diversas. A linguagem não é algo estático, com uma relação direta entre emissor e receptor. Os sentidos possíveis são muitos e o espaço da fala é dúbio, permite confundir o que se vê, o que se diz e o que se quer dizer. Entender as expectativas do outro e falar exatamente o que o outro precisaria ouvir é uma tarefa difícil. As expectativas, reais ou não, nunca podem ser expressas em sua totalidade, pois a linguagem é limitada para expressar, apreender e/ou discutir acerca do que se espera do cirurgião ou do “doente”. Uma

articulação rigorosa, uma percepção precisa dos sentidos do que é dito, sabemos que é uma tarefa bastante difícil, já que as expectativas são diferentes e os padrões estéticos também, da mesma forma que as percepções e a capacidade de expressão e compreensão do que é dito. As manifestações da linguagem nem sempre estão em sintonia umas com as outras e o que é dito nem sempre é entendido da mesma forma. Na medicina estética a complexidade e a obscuridade da fala são geralmente ignoradas.

Os parâmetros de Beleza, do que é reconhecido socialmente como belo, a imagem do próprio corpo, a construção da identidade a partir da imagem do corpo, os valores e sentidos atribuídos ao corpo constituem um território impreciso que recebe influências das mais diversas de toda uma rede discursiva que atua no social e envolve os sujeitos. Tal rede de sentidos e valores institui o que é valorizado socialmente e o que foge aos padrões dominantes passa a ser visto como inadequado, imperfeito ou no mínimo problemático. E a construção de sentidos acerca do corpo não é necessariamente a mesma entre profissionais e usuários, nem sempre eles falam a mesma linguagem ou constroem os mesmos sentidos.

O “conhecimento da doença” se dá a partir de um conjunto de parâmetros subjetivos da ordem da cultura, a doença não possui nosografia, uma história de inscrição no corpo, ela não é algo visível ou reconhecível, não é uma patologia real, inscrita na ordem da matéria. A doença pode ser construída subjetivamente, mas o diagnóstico, a cirurgia, o pós-operatório, as conseqüências e, principalmente, os honorários, são estabelecidos a partir de critérios objetivos. No território dos honorários, não cabem subjetividades.

A medicina estética utiliza de forma diferenciada a relação entre doença, signo e sintoma, pois a doença é algo construído artificialmente no âmbito da cultura, ela não está no corpo, mas se inscreve nele, começa a fazer parte dele. A “eficácia simbólica” atua e, uma vez sendo dito que aquele formato de nariz é feio ou que aquele seio não é belo, se essa opinião vai ao encontro da insatisfação existente, dificilmente o nariz ou o seio voltam a ser vistos como normais. A questão, então, não está no corpo, mas na construção de sentidos que está na ordem da cultura e que é apropriada pelos discursos da publicidade, dos meios de comunicação de massa ou dos profissionais e instituições ligadas à medicina estética. Tais discursos atuam no senso comum e possuem uma eficácia simbólica bastante precisa, fazendo com que tais “defeitos” se inscrevam no corpo de fato.

O senso comum, informado também pelos especialistas e pelas revistas especializadas, constrói um ideal de beleza que é reforçado, valorizado pelo discurso médico do setor, que reproduz um padrão estético hegemônico que nada tem de “natural” ou espontâneo. A beleza é tratada como algo natural quando na verdade ela é uma construção social, não havendo beleza “natural” que não passe pela cultura. Ela é o filtro que permite construir tais padrões “naturais” através das relações sociais e refletem em tais parâmetros seus conflitos e sua dinâmica. É uma racionalidade médica, apoiada no discurso da ciência, que vai falar acerca da beleza natural, uma racionalidade instrumental, apoiada na técnica, que vai definir os critérios acerca do que é belo, natural e valorizado socialmente. Essa razão instrumental desloca a questão e coloca tais critérios e parâmetros sob o seu domínio, opera a partir dos seus critérios, e a beleza “natural” passa a ser construída artificialmente. Por sua vez, os meios de comunicação de massa e a indústria de consumo ligada às metamorfoses corporais atuam sem crítica, limitações ou aprofundamento de questões que consideramos importantes. Pensar de forma crítica nem sempre é agradável, não seduz e não vende, o espetacular vende muito mais. Por outro lado, como pensar essas questões, no âmbito da saúde pública, com um mínimo de responsabilidade, seriedade e cuidado com os usuários, sem cair em juízos de valor?

Numa estratégia inicial, o *biopoder* se ocupa da sexualidade. É ela que precisa ser domada, controlada, colocada a serviço dos mecanismos de poder. Hoje, podemos pensar estratégia semelhante atuando no campo da Estética, transformando o corpo em produto, em máquina serial, e da mesma forma que Foucault falava da necessidade de utilizar a discursividade para controlar e intervir na sexualidade, hoje, da mesma forma, a Estética se encontra nesse lugar privilegiado de assunto do dia. Nunca se falou tanto em dieta, alimentos saudáveis, recomendáveis, alimentação (in)adequada, controle de calorias, índice de massa corporal, obesidade, anorexia, bulimia, dismorfia, ou seja, técnicas disciplinares, procedimentos reguladores que incluem até as crianças no mundo dos cosméticos, produtos e tratamentos de beleza, controle alimentar, etc.

Hoje, a preocupação estética é introduzida cada vez mais cedo no universo infantil ou adolescente por meio dos produtos da indústria da moda, da indústria de cosméticos, medicamentos, dietas e culto ao corpo; o componente estético passa a ocupar um lugar de destaque na vida de homens e mulheres, gerando preocupações, angústias e um controle

rígido acerca da imagem do corpo e da adequação dessa imagem às normas sociais. Da mesma forma que o controle rígido sobre a sexualidade tempos atrás produzia histeria e mal estar, hoje, agindo por caminhos e estratégias diferentes, a medicina estética comporta uma série de saberes, práticas e formações discursivas que trabalham de forma a “atualizar” o biopoder, inscrevê-lo nas questões atuais. A doença e o doente não estão mais inscritos na ordem da doença tradicional. A doença passa a ser uma construção imagética traduzida em linguagem, fazendo com que a construção de uma imagem ideal se dê a partir de parâmetros que estão além do corpo, na ordem social.

Os valores e os sentidos acerca do corpo constroem um corpo ideal, mas um corpo onde a doença não está inscrita no seu interior, na sua materialidade, ela agora vem de fora, do âmbito da cultura e se inscreve no próprio corpo, vem do exterior e “cola” no corpo, é incorporada pelo sujeito que passa a perceber o seu corpo como doente, inadequado, insuficiente. O crescimento do mercado de cirurgias plásticas, da medicina estética, da indústria de cosméticos e da preocupação com os parâmetros estéticos colocados como referência para a “saúde” nos leva a acreditar que tal expansão não está sendo acompanhada de uma discussão acerca do significado real desse crescimento. Em função disso, nosso trabalho investiga os princípios que organizam este discurso, analisando os enunciados de modo a identificar essa construção de sentidos e a formação dessa racionalidade que coloca o corpo como objeto descartável, modificável e reciclável. Uma racionalidade que nem sempre respeita o sujeito.

5 – O DISCURSO EM QUESTÃO

Nos capítulos anteriores, ressaltamos alguns pontos da trajetória da construção dos sentidos atribuídos ao corpo a partir de três perspectivas diferentes de modo a contemplar as três asas do conhecimento sugeridas por Deleuze, a Arte (presente na discussão relativa à Estética), a Filosofia (presente na discussão metafísica acerca da dualidade corpo-mente) e a Ciência (presente nas questões relativas à construção da racionalidade científica ocidental). Neste capítulo, analisaremos os enunciados veiculados no *site* da SBCP, no intuito de analisar nas linhas e entrelinhas desse discurso alguns sentidos acerca do corpo que são produzidos hoje e apreender como tais discursos atualizam a memória descrita nos capítulos anteriores.

Ao ressaltarmos esses aspectos históricos, não queremos estabelecer uma linha contínua e progressiva de desenvolvimento desses temas, ao contrário, estamos tentando trazer à tona algumas questões presentes em cada processo, a fim de salientar a multiplicidade de questões envolvidas, a complexidade de cada perspectiva abordada, trazendo à luz alguns dados dos discursos relativos ao corpo que permitirão resgatar elementos para a constituição do interdiscurso, compreendido como a memória discursiva que fundamenta as representações dos sujeitos que tomam lugar neste campo. Não se trata de criar percursos únicos, verdadeiros, progressivos e lineares para esses processos, mas de compreender que embora todos esses discursos proferidos no passado traduzam as questões e tensões de cada época, eles ainda reverberam nos discursos atuais e podem ser reapropriados, transformados, ignorados ou valorizados de acordo com as especificidades do acontecimento atual. Sendo assim, neste capítulo, pretendemos analisar os enunciados contidos no *site* e relacionar o que foi referido nos capítulos anteriores com o discurso atual, de forma a explicitar a constituição desse interdiscurso. Faremos, então, uma síntese do que foi trabalhado até aqui, a partir de elementos das três asas do conhecimento, tornando visíveis, ao mesmo tempo, alguns conceitos produzidos no passado e que ainda permanecem no presente, e o esquecimento de outros conceitos que foram “apagados” da memória discursiva, de modo a perceber como eles ainda se mesclam e se mimetizam nos discursos atuais e na produção de sentidos acerca do corpo em nossa sociedade.

5.1 - O campo, o discurso e o papel da Sociedade Brasileira de Cirurgiões Plásticos

Os discursos se constituem a partir de um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço. Através delas podemos identificar os conflitos no campo das idéias em cada época. Como já salientamos, ao analisarmos os discursos e os sentidos atribuídos ao corpo produzidos no passado e confrontá-los com os atuais, podemos criar uma visão dinâmica das questões que estão colocadas e observar que, de certa forma, alguns sentidos produzidos no passado, elaborados a partir de outras circunstâncias e conflitos, se atualizam e fazem parte do interdiscurso, ou seja, da memória discursiva que faz com que o que foi dito no passado seja repetido e ganhe significação em nossas palavras atuais.

Os sentidos produzidos no passado não necessariamente caem no esquecimento ou em desuso, ao contrário, eles podem estar presentes mesmo que de forma indireta, implícita, muitas vezes dissimulada. Da mesma maneira, os discursos proferidos em outros campos (econômico, social, religioso, político, artístico, etc.) igualmente interferem, produzindo sentidos que aparentemente estão distantes, sem conexão direta, mas que no entanto, reforçam ou enfraquecem discursos e sentidos atuais.

Na acepção de Bourdieu (1994), a memória do campo é assimilada e repetida quase que automaticamente através do *habitus*, que é um *sistema de disposições duradouras adquiridas pelo indivíduo durante o processo de socialização*. Ele nos fornece os esquemas de percepção e apreciação, as estruturas cognitivas e avaliadoras, os modos de compreensão e reprodução do mundo social, organizando as condições objetivas de existência em princípios de ação, percepção e reflexão quase que inconscientes. Os comportamentos e valores aprendidos são considerados óbvios, naturais, reproduzindo as regras sem reflexão. Contudo, segundo Bourdieu, o *habitus* funciona simultaneamente como mecanismo de conservação da ordem social e como mecanismo de invenção, de mudança. Ele é “*um produto da história, é um sistema de disposição aberto, que está incessantemente diante de experiências novas e, logo, incessantemente afetado por elas. É duradouro, mas não é imutável*” (BOURDIEU, 1994:108).

Na perspectiva da filosofia, da mesma forma, o conhecimento ou produção de conceitos e discursos acerca do corpo também age como fator simultaneamente de

manutenção de um determinado conjunto de idéias ou, ao contrário, introduzindo idéias que levam à transformação. Discursos, sentidos ou conceitos podem ser (re)apropriados, sendo (re)utilizados na forma que convém ao presente momento. Para Gilles Deleuze, “*a filosofia é devir, não história; ela é coexistência de planos, não sucessão de sistemas*” (DELEUZE, 1992:78), e os conceitos e os sentidos produzidos acerca do corpo, igualmente, não são construídos a partir de uma trajetória única e linear, mas por justaposição de planos, fazendo com que se “resgate” na memória aquilo que convém e com que se condene ao esquecimento aquilo que pode gerar algum ruído. Os conceitos, assim como os discursos ou os sentidos acerca do corpo, não são imutáveis, eles se metamorfoseiam de acordo com as demandas da ocasião.

O discurso se constitui a partir de reformulações, exclusões, transformações ou interditos, pois, assim como as palavras, o discurso não pode circular livremente, sem compromissos. Com Foucault (2005), aprendemos que a *interdição* é uma das principais características do discurso, não sendo possível dizer tudo, nem falar em qualquer circunstância, nem sobre qualquer coisa, nem de qualquer modo. Para ele, “*o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos nos apoderar*” (FOUCAULT, 2005:10). O discurso não se limita a ser *meio*, ele passa a ser um *fim*, e a partir da relação que se estabelece com ele podemos perceber os mecanismos de controle, coerção e exclusão.

Aprendemos também que no discurso há a *separação* e a *rejeição*, que identifica quem pode falar, quem está autorizado, ou quem determina o que pode ser dito, e de que forma pode ser dito. Deste modo, a fala está intrinsecamente ligada àquele que a pronuncia, o que é dito não somente é de sua responsabilidade como também ganha peso, respeitabilidade, de acordo com aquele que fala, com a posição de quem fala, ou da instituição que fala através dos sujeitos que a representam. Para Foucault, essa autoridade do discurso tem relação direta com quem toma a palavra. Segundo ele, “*quem fala? Quem, no conjunto de todos os indivíduos falantes, tem a autoridade de exercer esta espécie de linguagem? (...) A fala médica não pode vir de qualquer um, seu valor, sua eficácia, seus próprios poderes terapêuticos e, de forma geral, sua existência como fala médica não são*

dissociáveis do personagem estatutariamente definido que tem o direito de articulá-la” (FOUCAULT, 2005: 68).

Mas não se trata apenas de definir o que é certo ou errado na fala, quem pode ou não falar, trata-se de definir quem tem o domínio da verdade, quem possui o discurso que neutraliza ou ultrapassa todos os outros discursos. Trata-se de uma *vontade de verdade*⁴¹ que “*tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção*” (FOUCAULT, 2005:18). E no caso do discurso que iremos tratar, podemos perceber o quanto essa *vontade de verdade* exclui todos aqueles discursos que não compartilham da mesma matriz científicista, instrumental, racionalista e mecanicista.

A *ordem do discurso* faz com que qualquer coisa que venha a ser dita seja pensada, esquadrihada, modificada e construída de modo a tentar dizer a palavra certa, o argumento certo, a palavra que convém, o discurso que funcione e que não traga problemas, e para isso, as estratégias se rearticulam, (re)utilizando conceitos, idéias ou sentidos proferidos no passado, mas que possam se “atualizar” no discurso atual. Da mesma forma, os *comentários* que aderem ao discurso, ampliam seu campo de ação, revelam novas estratégias, retomam, transformam e atualizam os discursos sem alterá-los em sua essência. O discurso é sempre atualizado sem alterar seu “núcleo duro”, suas verdades primeiras. É sempre mais do mesmo, variações sobre o mesmo tema, fazendo com que a fala científica se metamorfoseie em argumentações que remetem sempre às mesmas questões, a partir da mesma abordagem, construída a partir da mesma perspectiva, e obviamente, chegando às mesmas respostas.

O autor do discurso, como sujeito autorizado a falar, desenvolve sua argumentação, a fim de que ela soe como indiscutível, já que se apóia simultaneamente na “mudança” e na tradição. Esse autor, que possui a capacidade técnica e científica que lhe dá o monopólio da autoridade no campo, tem condições de impor aos outros participantes do campo as regras e

⁴¹ A *Vontade de verdade* é um conceito que tem origem no pensamento nietzscheano e fala de uma crítica à ciência, que tem como um dos seus principais postulados a crença na possibilidade de se alcançar uma verdade única que ultrapasse todas as outras. Nietzsche percebe a relação intrínseca entre a ciência e a moral, e de ambas com a metafísica, e a condição de possibilidade da ciência é, em última instância, a fé em um valor metafísico da verdade. Segundo Machado, “*a vontade de verdade*” é uma crença – crença na superioridade da verdade – e é nela que a ciência se funda. Não há ciência sem o postulado, sem a hipótese metafísica de que o verdadeiro é superior ao falso, de que a verdade tem mais valor de que a aparência, a ilusão” (MACHADO, 1984:89). E essa crença do ideal ascético da ciência criada pelo platonismo remete então à mesma crença que instituiu que “Deus é a verdade” ou que a verdade é divina, e ambas são fundadas nessa mesma ilusão.

a forma de acesso não só às regras como também à possibilidade da fala, pois “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2005:36). Ou seja, nem todos os participantes têm acesso ao discurso e muito menos ao poder de proferir discursos, nem todas as regiões do discurso estão disponíveis, nem todas as informações estão acessíveis, e apenas alguns eleitos possuem a chave do cofre.

No caso do site da SBCP, a tentativa de delimitar o território é explícita, ela aparece em vários momentos. Na fala a seguir⁴², podemos observar como se dá essa relação e como a instituição cria para si um espaço político, uma hierarquia dentro do campo, de maneira a definir papéis e autorizar (ou não) quem possui o direito à fala:

“A imagem da Cirurgia Plástica é hoje muito boa, devido à qualidade dos cirurgiões brasileiros que se apresentam com excelente formação em um dos serviços credenciados pela SBCP. Entretanto, não se pode ignorar o fato de que existem em atividade, pessoas com formação profissional fora dos padrões recomendados pela nossa sociedade, e que vem divulgando na mídia, serviços e técnicas em desacordo com aquilo que se ensina e se divulga nos eventos científicos da SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA, único órgão autorizado a emitir o Título de Especialista em Cirurgia Plástica, através de convênio com a ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA e CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA.

A nossa entidade tem procurado nos últimos anos, oferecer subsídios à população, no sentido de identificar, através de telefone e internet, dados sobre a filiação ou não de seu médico de escolha. Procuramos destacar também, a trajetória do cirurgião membro da SBCP, com destaque para os anos necessários para sua formação, dentro dos quadros da nossa sociedade, além da necessidade de ser membro da mesma, para que possa freqüentar os cursos, jornadas e congressos por ela patrocinados.

Somente os profissionais credenciados pela SBCP possuem a qualificação exigida para atuar no campo. Ela não apenas qualifica os profissionais como também delimita quem pode falar, quando e como. Somente seus afiliados possuem o **discurso verdadeiro.**

É preciso passar pelo *ritual* de qualificação, se submeter às regras do jogo para poder participar. Segundo Foucault, “o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam; define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites do seu valor de coerção” (FOUCAULT, 2005:39).

⁴² Em todos os quadros abaixo, optamos por colocar no campo à esquerda citações do corpus, formado a partir de trechos extraídos do site da SBCP; e à direita, nossos comentários e análises.

“A nossa entidade tem procurado nos últimos anos, oferecer subsídios à população, no sentido de identificar, através de telefone e internet, dados sobre a filiação ou não de seu médico de escolha. Procuramos destacar também, a trajetória do cirurgião membro da SBCP, com destaque para os anos necessários para sua formação, dentro dos quadros da nossa sociedade, além da necessidade de ser membro da mesma, para que possa freqüentar os cursos, jornadas e congressos por ela patrocinados. Assim, este novo enfoque do “Selo de Qualificação” tem direção certa ao privilégio de ser membro da SBCP, e pretende mostrar a todos que nos solicitarem, a importância de estar filiado a nossa sociedade.”

Mesmo entre os profissionais da SBCP existe uma hierarquia, fazendo com que diferentes níveis de qualificação e tempo de pertencimento à entidade permita a utilização de selos diferenciados.

Indo de Associado –
Especialista até
Titular –
Especialista.

“Veja abaixo, o layout dos selos e a qualificação que ele confere ao seu médico”.



A SBCP, que possui o monopólio do discurso, cria então seu “selo de garantia” que atesta a competência científica, a habilidade técnica, a capacidade de decidir, julgar e agir de acordo com o que ela considera correto e “verdadeiro”. Somente os profissionais que participam da sua *doutrina* estão habilitados a proferir discursos verdadeiros, eles possuem

a autoridade e o reconhecimento do campo. Através de seus enunciados, podemos observar as estratégias que podem reforçar (voluntariamente ou não) os processos de **legitimação**, adequando a identidade psico-social do sujeito à sua posição no campo (e ao uso correto do poder relativo à sua posição), de **credibilidade**, onde o Dizer e o Fazer se ajustam, ressaltando a competência do locutor (principalmente no que diz respeito ao domínio e à adequação da linguagem), e finalmente, as estratégias de **captação**, que visam seduzir ou persuadir o interlocutor.

“A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) é uma das maiores associações mundiais da especialidade. Fundada em 1948, é o órgão oficial da Associação Médica Brasileira e Conselho Federal de Medicina a conferir o Título de Especialista em Cirurgia Plástica.

Legitimação

A missão da SBCP é incentivar o avanço na qualidade dos atendimentos oferecidos aos pacientes, através da promoção de altos padrões de treinamento, ética, exercício profissional e pesquisa científica em Cirurgia Plástica. Além da formação e educação continuada oferecida aos seus membros a SBCP busca uma integração com a comunidade através de comunicações na mídia, site da internet e telefone de contato, visando proporcionar educação pública no que se refere aos assuntos da especialidade.

Credibilidade

Apenas os membros da SBCP podem utilizar esta logomarca que expressa um símbolo de excelência em Cirurgia Plástica que você deverá procurar quando for escolher o seu cirurgião”.

Captação

É a partir dessa autoridade que se criam normas acerca do que se fala, de quem possui a competência para falar, criam-se as regras de exclusão e os mecanismos de rejeição quando um sujeito foge às regras estabelecidas, ou seja, *“a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros”* (FOUCAULT, 2005: 43). Cria-se assim uma apropriação social dos discursos na qual os indivíduos que falam estão habilitados a ter acesso a qualquer tipo de discurso, a proferir discursos, a se apropriar deles e desfrutar dos poderes que eles trazem consigo. Da mesma forma, através da doutrina, o discurso segue seu curso a partir e apesar dos sujeitos que o reproduzem, ele ganha vida própria, ele se transforma em uma verdade que se cristaliza e reverbera em domínios que escapam ao primeiro olhar, independente dos sujeitos, mas através deles. No enunciado a seguir, podemos verificar como essa valorização da doutrina se manifesta:

“PORQUE OS MEMBROS DA SBCP TEM QUALIFICAÇÃO ESPECIAL?”

A legislação permite que qualquer médico realize procedimentos em cirurgia plástica, embora só possa entitular-se Especialista se passar pelo treinamento e provas indicadas pela Sociedade Brasileira da especialidade. Desta forma você poderá se defrontar com profissionais que, embora legalmente amparados, não tiveram uma formação adequada para a realização dos procedimentos com segurança e eficiência.

Ao escolher um membro da SBCP você tem a certeza de que seu cirurgião, além de graduado por uma escola médica reconhecida, freqüentou dois anos de residência em Cirurgia Geral, e mais três anos em Cirurgia Plástica. Além disso, foi aprovado em concursos com exames orais, escritos e curriculares para chegar a atingir as Categorias de Sócios da SBCP, sendo ainda chamado ao cumprimento de um rigoroso código de ética e à participação em jornadas e congressos para atualização profissional. Não deixe de exigir tais qualificações na hora de escolher o seu médico”.

Mais uma vez as **estratégias de legitimação, credibilidade e captação** são utilizadas de modo a definir as posições no campo e captar clientes.

O discurso científico de um agente participante de um determinado campo não resulta apenas de um desejo de produção, divulgação ou “atualização” de um saber. Esse discurso necessariamente se articula em torno dos conflitos, das tensões e da dinâmica existente no interior do meio científico no qual ele está inserido. Com Bourdieu (2004), aprendemos também que o campo científico é o lugar de uma concorrência violenta onde o que está em jogo é o monopólio da autoridade científica, o poder de definir, falar e agir legitimamente, de determinar quem possui a capacidade técnica ou a competência científica para opinar, decidir e determinar legitimamente, ou seja, quem pode mandar no campo de maneira autorizada e com autoridade.

A questão da **autoridade** se manifesta como uma forma de dissimular o que é dito pessoalmente invocando um ausente que se faz presente e mostra sua força. O valor da autoridade está em ocultar-se atrás de um terceiro de modo a sugerir o que pensa sem necessitar responsabilizar-se por isso. Trata-se de um falar ambíguo no qual o locutor se define ao mesmo tempo como autoridade e como representante de uma autoridade que não está ali. O discurso da ciência traz implícito o peso da tradição construída a partir da ciência ocidental moderna e sua aura de confiabilidade e compromisso com a verdade. Sendo que, conforme visto anteriormente, esse discurso “verdadeiro” não apenas é discutível como também não é hegemônico.

Os discursos possuem possibilidades infinitas de leituras. Tais enunciados são polissêmicos, e essa polissemia se traduz não apenas ao perceber a propriedade que as palavras possuem de, numa mesma época, representar várias idéias diferentes, mas também, de se reorganizar e se hibridizar com palavras proferidas em outros discursos (de outros campos) e em outras épocas, remetendo a outros sentidos que aparentemente não estão presentes naquele momento. Esses sentidos podem ser (re)apropriados, (re)organizados, (re)singularizados, assumindo formas sequer lembradas ou imaginadas no momento da sua produção. Tais discursos podem resgatar (do passado) sentidos perdidos no interdiscurso, produzir novos sentidos na dinâmica atual e possibilitar a emergência de novos sentidos para o corpo no futuro. Esses discursos interagem com os *sistemas simbólicos* vigentes e agem como instrumentos de produção de conhecimento e de comunicação, sendo simultaneamente *estruturados* pela dinâmica da sociedade e *estruturantes*, na medida em que eles também criam realidades, ou pelo menos interferem nessa criação. Na concepção ocidental de corpo, e na relação que se estabeleceu deste com a mente, podemos perceber ecos do discurso platônico, cartesiano, ou ainda, resquícios do corpo-máquina de LaMettrie.

Para Bourdieu, o poder simbólico é um poder que atua na construção da realidade, tendendo a estabelecer uma ordem gnoseológica própria, atuando na integração social e na reprodução da ordem social. Segundo ele, “*é enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação*” (BOURDIEU, 1989:11). Não há neutralidade possível, na medida em que as tensões do campo revelam os conflitos ideológicos que garantem a hegemonia, a estratificação e a hierarquização do campo, tornando legítima a ordem estabelecida, a dissimulação, as contradições e a demarcação de posições. Desta forma, “*o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a submeter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras*” (BOURDIEU, 1989:15).

Esse discurso, que é estruturado ao mesmo tempo em que estrutura, realiza um trabalho de dissimulação e transfiguração da realidade, fazendo com que seu efeito ideológico se disperse, aparecendo como natural, criando sistemas de classificação e

estruturas mentais ajustadas às estruturas sociais, totalmente imersas e mimetizadas sob a aparência de relações de sentido absolutamente banais, normais e corriqueiras⁴³.

No processo de estetização da saúde descrito anteriormente, a Estética é dissimulada, transfigurada e adaptada às normas vigentes, reproduzindo a lógica da estrutura social, fazendo com que um ideal específico de beleza se torne o ideal de beleza de toda a sociedade, aparecendo como um processo “natural”, e não como social ou cultural. E a eficácia da dominação é justamente a de não aparecer como tal. Os valores e os sentidos atribuídos ao corpo são então transformados em visão de mundo, reconhecida por todos como forma ideal, banal, ignorada como arbitrária.

O discurso científico que dá sustentação aos enunciados do site também está naturalizado na cultura, mas ele é construído no âmbito social e cultural, conforme vimos com Madel Luz. Desta forma, no presente capítulo, ao analisarmos os discursos contidos no site da SBCP, poderemos identificar as relações existentes entre a instituição, os

⁴³ Os instrumentos simbólicos podem ser organizados da seguinte forma:

Estruturas estruturantes	Estruturas estruturadas	Instrumentos de dominação
Instrumentos de conhecimento e de construção do mundo objetivo	Meios de comunicação (língua, cultura, discursos, normas de conduta, valores, sentidos, etc.).	Poder. Divisão do trabalho. Ciência
Formas simbólicas	Objetos simbólicos	Ideologias / Razão instrumental
Estruturas subjetivas (<i>modus operandi</i>)	Estruturas objetivas (<i>modus operandi</i>)	Corpos de especialistas em concorrência pelo monopólio da produção cultural legítima. Conflitos do campo. Disputa por espaço.
Pensamento ocidental baseado na Razão. Ciência como sinônimo de Verdade.	Discurso da ciência moderna. Cientificismo. Especialização do saber.	Corpo tratado como objeto.
Significação: objetividade como concordância dos sujeitos (consenso)	Significação: sentido objetivo como produto da comunicação.	Publicidade, meios de comunicação de massa, valores e sentidos apropriados e reproduzidos pelo senso comum.
Ideal de Beleza. Dualidade ou dualismo corporeamente. Concepção mecânica do corpo.	Padrões culturais de beleza. Concepção de corpo, mente, alma, saúde. Cuidados com a saúde. Racionalidade médica ocidental. Corpo máquina de Descartes.	Indústria da metamorfose, utilitarismo, pragmatismo, narcisismo, consumismo. Ditadura da beleza, magreza, juventude e vigor. Mito da neutralidade científica e do discurso competente.

Fonte: Adaptação da tabela “Sobre o poder simbólico – Instrumentos simbólicos” (BOURDIEU, 1989:16).

profissionais que a compõem, a clientela e os conflitos do campo, e ainda, a percepção de corpo que foi construída ao longo da história e que constitui a forma como a sociedade produz e reproduz sentidos acerca dele. Tais discursos estão inseridos em um campo determinado de tensões que revelam, em sua dinâmica, a forma como tais agentes se posicionam com relação à sociedade, ao campo da Saúde Pública, da medicina, do conhecimento científico, como se definem nas relações inter e intra-categoria, na relação com a clientela e com a dinâmica do mercado, revelando assim os papéis assumidos e as posições adotadas.

Nas entrelinhas dos enunciados contidos no *site*, podemos perceber a elaboração de um discurso ao mesmo tempo estruturado por uma racionalidade médica específica e estruturador da realidade, construindo sentidos, valores, modos de ver, pensar, sentir e agir. Esse discurso reflete todo o conjunto de tensões ideológicas presentes no campo e se revela como um microcosmo da luta simbólica entre os profissionais que atuam no processo, anteriormente descrito, de estetização da saúde. Através do discurso contido no *site*, podemos identificar as estratégias que, segundo Bourdieu (1987), não correspondem nem a um programa inconsciente, mecanicamente determinado, nem ao produto de uma intenção racional e consciente, mas que estão em sintonia com os discursos que estruturam o campo, o sujeito e a sociedade, conforme pode ser visto a seguir:

“Cada um de nós tem a sua “auto-imagem”, uma percepção de como nós aparentamos para os outros. As pessoas que estiverem felizes com sua auto-imagem terão uma melhor probabilidade de serem auto confiantes, mais produtivas no trabalho e nas atividades sociais, além de se sentirem mais confortáveis e seguras nos relacionamentos em geral. O contrário é verdadeiro para as pessoas que não estão satisfeitas com algum aspecto se sua aparência”.

“A Cirurgia Plástica estimula e promove uma auto- imagem forte e positiva. Mesmo pequenas alterações exteriores podem levar a grandes transformações no interior das pessoas, permitindo que toda a sua autoconfiança venha à tona”.

O sujeito constrói sua identidade e se **estrutura** a partir da “auto-imagem”, é ela que vai determinar sua atuação social, mas ao mesmo tempo ela é **estruturada** pela ordem social. A CP promove uma auto-imagem forte e positiva, mas **esquece** de dizer que é a **Ideologia** que constrói a necessidade dessa auto-imagem.

“Aqui estão algumas considerações básicas para que você possa melhor compreender os aspectos psicológicos envolvidos numa Cirurgia Plástica. Não pretendemos esgotar o assunto e responder a todas as questões, uma vez que existem fatores individuais a serem considerados. Seu cirurgião poderá indicar-lhe o caminho com relação às dúvidas que ainda permanecerem após esta leitura.”

Os aspectos psicológicos são ignorados ou tratados de forma banal, de modo a não confrontar o possível cliente com a **“crueldade do real”**.

Neste enunciado, extraído do primeiro parágrafo da página de apresentação do Guia Informativo da SBCP, podemos perceber como a “auto-imagem” é naturalizada como se fosse construída individualmente, independente do âmbito social ou da cultura, como se o sujeito tivesse acesso a todas as informações e tivesse consciência de seus atos, independente da Ideologia ou do Inconsciente. Desta forma, o que pode significar “estar feliz com a sua auto-imagem”? Seria estar adaptado às regras do jogo? Ajustado ao controle disciplinar dos corpos? Seria manter os corpos dóceis? Reproduzir o comportamento esperado socialmente?

Nessa perspectiva, estar “autoconfiante” ou “mais produtivo no trabalho e nas atividades sociais” é o que importa. O pragmatismo, a funcionalidade e a produtividade são vistos como os valores principais da existência. O “parecer” se torna mais importante que o “ser”, ou pior, o “parecer” ocupa o lugar do Ser, a existência se dá apenas em função da imagem. Da mesma forma, “se sentir mais confortáveis e seguras nos relacionamentos em geral” passa a ser consequência direta da imagem que se projeta para si e para o mundo, como se apenas a imagem fosse suficiente para nos dar esse conforto e segurança, como se a cirurgia pudesse proporcionar “uma auto-imagem forte e positiva” independente dos outros fatores ideológicos ou inconscientes, sem levar em consideração a crueldade do real sugerida por Rosset. E as pessoas que não compartilham desse modelo construído socialmente ou que não estão satisfeitas com algum aspecto de sua aparência teriam menos possibilidade de serem autoconfiantes, seriam improdutivas no trabalho, inadequadas às atividades sociais e não se sentiriam confortáveis e seguras nos relacionamentos em geral. E a solução mágica apresentada é a cirurgia plástica, que “estimula e promove uma auto-imagem forte e segura”. Assim como um problema emocional pode ser resolvido de forma simples, “basta uma ida ao shopping”, uma auto-imagem frágil e insegura pode ser

resolvida de forma igualmente simples, “basta fazer uma lipo”. A felicidade está no consumo.

Ao afirmar que “pequenas alterações exteriores podem levar a grandes alterações no interior das pessoas, permitindo que toda sua autoconfiança venha à tona”, há uma visível simplificação do processo de construção da identidade e uma desvalorização do movimento contrário, como se pequenas alterações interiores não pudessem desencadear grandes mudanças exteriores, o que nos parece igualmente razoável. E a cirurgia plástica é apresentada como a solução mágica “*que proporciona alterações importantes e permanentes*”, como se ela bastasse por si, como se os problemas relativos à autoconfiança se resumissem à questão da imagem.

Dada a dinâmica do campo, sua estratificação e hierarquia, os agentes se posicionam e, ao mesmo tempo, classificam e são classificados, traçam estratégias de ação segundo as estruturas mentais pelas quais eles apreendem sua posição e a posição do outro, determinando a ordem estabelecida e reforçando (ou questionando) a hegemonia. A estratégia discursiva reflete, assim, o *habitus*, o sistema de disposições que está incorporado à percepção dos agentes em um certo campo e que atua na interiorização das regras que compõem um determinado jogo social. A estratégia é, então, o “*produto do senso prático, como senso do jogo, de um jogo social em particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando-se das atividades sociais*” (BOURDIEU, 1987:79). Desta forma, os agentes, ao mesmo tempo em que estruturam, estão sendo estruturados pela dinâmica desse jogo social, a partir das regras desse campo específico.

No caso da SBCP, essas estratégias discursivas se mesclam e se alternam. Por um lado, tentam persuadir o cliente da qualidade de seu produto ou serviço (estratégia de captação), da seriedade e da competência na execução e da garantia de que ele está diante da pessoa ou instituição que reúne os atributos indispensáveis para atendê-lo (estratégia de credibilidade) e, por outro lado, delimitam o espaço ao se colocar como o mais qualificado, pois é quem qualifica os profissionais do campo (estratégia de legitimação), enviando um recado explícito para o público interno, ou seja, os outros profissionais que ainda não fizeram a qualificação.

Além disso, ao se metamorfosear em senso comum para criar uma linguagem mais acessível à clientela (utilizando a linguagem da publicidade ou uma abordagem

“educativa”), os enunciados evidenciam o funcionamento da instituição, seu posicionamento frente às outras instituições do campo, os conflitos do campo, a forma como a SBCP vê os(as) clientes potenciais⁴⁴, como os profissionais da SBCP percebem os clientes, os clientes que reclamam, os profissionais que não são filiados à instituição, os sentidos atribuídos ao corpo, à relação corpo-mente, aos critérios de apreciação da beleza, ao que é considerado socialmente belo, às questões relativas ao inconsciente e aos aspectos subjetivos, emocionais ou culturais envolvidos no processo da cirurgia, ou seja, através dos enunciados contidos no *site* podemos perceber os vestígios da construção discursiva que orienta e a racionalidade que lhe dá sustentação.

“O termo "Plastica" vem do Grego "Plastikos" que significa moldar, dar forma... É isso o que a Cirurgia Plástica procura - dar nova forma aos tecidos. A especialidade que é única, abrange uma ampla gama de procedimentos que visam a reparação de defeitos e imperfeições congênitos ou adquiridos, melhorando as funções e a aparência do corpo humano.

Seja qual for o tipo de cirurgia plástica que você esteja procurando, um dos fatores mais importantes para o seu sucesso está na escolha do seu cirurgião. Como encontrar um profissional qualificado, com boa formação e experiência em Cirurgia Plástica? Este informativo poderá colaborar para uma escolha consciente. Ele foi elaborado pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, uma entidade oficial filiada à Associação Médica Brasileira, que se destina a promover o desenvolvimento da especialidade através do estímulo à pesquisa e educação, oferecendo um alto padrão ético e científico aos profissionais associados”.

Primeiro Passo: Levantamento de Nomes

*Para encontrar o seu cirurgião, a primeira etapa é elaborar uma lista de bons candidatos. **O Brasil é hoje uma das melhores escolas do mundo em Cirurgia Plástica e existem profissionais qualificados não apenas em grandes centros, mas também espalhados pelo interior dos diversos estados. Como encontrá-los? São várias as fontes possíveis, portanto procure utiliza-las com sabedoria:***

***Amigos.** Se você conhece alguém que já foi submetido a um procedimento igual ou semelhante àquele que você está procurando, converse com ele e tome algumas informações.*

***Médicos.** Seu médico de família ou mesmo conhecido poderá recomendar-lhe um cirurgião plástico.*

***Enfermeiros.** Da mesma forma, se você conhece alguém da área de enfermagem ou outro setor hospitalar que tenha tido contato com cirurgias plásticas, você provavelmente poderá colher informações úteis.*

***Hospitais e Planos de Saúde.** Você poderá ainda se reportar a instituições de saúde bem conceituadas em sua região e solicitar os nomes dos profissionais por eles credenciados.*

Os enunciados revelam as estratégias discursivas em suas tentativas **de definir a hierarquia e a autoridade no campo.**

Nos argumentos utilizados para a escolha do cirurgião, podemos perceber **a ação da instituição na defesa de seu espaço e na legitimação do seu discurso.**

Tais estratégias revelam quem pode falar, quem autoriza a fala e determina como identificar o discurso verdadeiro, **como encontrá-lo.**

⁴⁴ Nos enunciados do site, os usuários são caracterizados ora como pacientes, ora como clientes. Em entrevistas com cirurgiões plásticos, percebi que alguns se referem ao usuários dos serviços como “o doente”.

Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. O Diretório de Membros da SBCP é uma excelente fonte de nomes. Através da internet você poderá realizar a pesquisa por nomes ou por cidades, encontrando cirurgiões e conhecendo suas categorias de filiação na Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Diretórios Especiais.

Uma outra possibilidade é utilizar publicações oficiais conhecidas como "Guia de Especialidades", que eventualmente são editados e disponibilizado por conselhos de classe e associações de médicos em nível nacional, estadual e regional.

Propaganda Paga. Você poderá encontrar muitos nomes de médicos nas páginas amarelas, jornais, revistas e outras formas de divulgação na mídia. Tenha sempre em mente que tais inserções são orientadas pelo próprio cirurgião, e por si só, não necessariamente qualificam o profissional.

Segundo Passo: Verificação das Credenciais

Quando estiver de posse de uma lista com alguns médicos, você poderá começar a checar as suas credenciais. Muito embora boas referências curriculares não sejam garantia para o sucesso de uma intervenção, elas com certeza aumentam e muito a porcentagem de sucesso do profissional.

Abaixo estão listadas as informações relevantes que você deverá obter através das diversas fontes já citadas, além é claro do próprio consultório ou clínica de cada cirurgião.

Formação. Mais importante do que a faculdade de medicina é o tipo de formação específica em Cirurgia Plástica que o seu candidato a cirurgião tenha cursado.

Ele completou o programa oficial de algum serviço credenciado para ensino da especialidade? Quantos anos de treinamento intensivo em todas as áreas da cirurgia plástica este programa incluiu? Embora muitos profissionais concentrem a sua clínica em alguns tipos de procedimentos mais realizados, a formação eclética e uma visão ampla da especialidade conferem melhores habilidades ao profissional, seja qual for sua área preferencial de atuação.

Título de Especialista. Muitas pessoas utilizam o termo "**Especialista**", mas você sabe exatamente o que ele significa e quais os caminhos para um médico ser assim considerado?

A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica é o órgão oficial da Associação Médica Brasileira responsável pelo processo da formação de especialistas no Brasil. Quando você escolhe um cirurgião membro da SBCP, pode ter a certeza de que ele é graduado por uma faculdade de medicina reconhecida e completou no mínimo mais cinco anos de residência médica regular, sendo dois em Cirurgia Geral e três em Cirurgia Plástica

Desta forma, o cirurgião estará classificado como Membro Aspirante e reúne condições e pré-requisitos para então prestar a prova para obtenção do **Título de Especialista**, expedido pela entidade e que envolve exames escritos e orais, além de avaliação curricular. Somente a partir daí, se aprovado, o médico é considerado um **Especialista em Cirurgia Plástica**, passando a ocupar a categoria de Membro Associado.

Após um intervalo mínimo de dois anos, o cirurgião pode ainda se submeter ao concurso para Membro Titular da SBCP, que constitui a categoria mais elevada da entidade e envolve a apresentação de trabalho científico para uma banca examinadora com uma rigorosa avaliação curricular do candidato.

Não deixe de certificar-se se os nomes de sua lista se enquadram nestes conceitos.

Os enunciados tentam persuadir o cliente da seriedade e da competência na execução e da garantia de que ele está diante da pessoa ou instituição que reúne os atributos indispensáveis para atendê-lo (**estratégia de credibilidade**).

Delimita o espaço e define as posições no campo ao se colocar como a Instituição mais qualificada, pois é quem qualifica os profissionais do campo (**estratégia de legitimação**), enviando um recado explícito para o público interno, ou seja, os outros profissionais que ainda não fizeram a qualificação.

Reforça sua credibilidade frente ao cliente. Assegura a qualidade do seu produto ou serviço (**estratégia de captação**), e por outro lado, informa detalhadamente como encontrar e identificar os profissionais ligados à SBCP.

Credenciamento Hospitalar. *Mesmo que sua cirurgia seja realizada em clínica ou hospital próprio do cirurgião, é importante que você se certifique de que ele está credenciado para tal procedimento em algum outro hospital de boa reputação. Isso significa que ele foi aprovado pelas normas regimentais do corpo clínico daquela instituição. Ligue para os hospitais e informe-se.*

Experiência. *Embora não exista um número "mágico" (de tempo ou de procedimentos) que defina "experiência", você deverá se sentir confiante com o fato de seu cirurgião estar bem familiarizado e atualizado com o procedimento em que você está interessado. Você poderá indagar aos cirurgiões da sua lista se eles realizam este procedimento com muita frequência ou esporadicamente.*

Sociedades Profissionais. *Os médicos podem fazer parte de muitas sociedades profissionais de maior ou menor importância, mas lembre-se de que a SBCP é a única a conferir o **Título de Especialista**. Se um cirurgião referir ser membro de alguma sociedade em particular, tome nota do nome e telefone para se informar de quais são os requisitos para esta filiação. Algumas destas sociedades mantêm vínculo científico com a SBCP dentro dos princípios éticos necessários, e corroboram para uma educação continuada dos especialistas em áreas específicas através de publicações, simpósios e congressos.*

Com isso ela assegura o monopólio do discurso, o domínio do campo, reforça sua autoridade, seu poder simbólico, e ainda, cria uma reserva de mercado para seus afiliados.

A preocupação com a concorrência é uma constante, a **necessidade definir os espaços e a hierarquia do campo** aparece a todo instante. E sempre com o argumento de **oferecer um atendimento “cientificamente correto”**, dentro dos “padrões éticos” definidos pela instituição.

5.1. Resgatando a memória – Os discursos acerca do corpo ou dos padrões de beleza já chegam até nós carregados de sentidos que não são por nós construídos, mas que significam em nós e para nós. Somos afetados por essa memória e não temos o controle de como ela nos afeta, da mesma maneira que somos atravessados pelo inconsciente e pela ideologia, sem sequer saber como ambos nos influenciam. Em nossa concepção atual de corpo, trazemos, muitas vezes sem saber, rastros da concepção dualista do corpo pensada por Platão, que dissocia o corpo (material) da alma (espiritual); por Plotino, para quem a alma possui a capacidade de contemplar a verdade e escapar da prisão do corpo; por Agostinho, que vê o corpo como corruptível, ao contrário da alma, pois o espírito é forte e a alma é fraca; por Descartes, que estabelece alguns traços do dualismo e do mecanicismo da racionalidade moderna; por LaMettrie, que ataca o dualismo metafísico de Descartes; ou por outro lado, por Espinosa, para quem corpo e mente formam uma unidade com duas

substâncias, corpo e mente se fundindo nos acontecimentos corporais e psíquicos, nas ações e nas paixões. Essas concepções ajudam a moldar o pensamento atual acerca do corpo e, mesmo esquecidas, elas constituem a base sobre a qual se construíram as formas de pensar, sentir e compreender o corpo no Ocidente, e é a partir delas que são criados os discursos e os sentidos acerca do corpo.

Da mesma forma, nossa concepção de beleza traz consigo vestígios da religião que, por um lado, valorizava a beleza ascética, espiritualizada ou divinizada, e por outro, condenava a beleza associada ao pecado, à carne e ao prazer; nossa concepção sobre o belo traz também vestígios platônicos, pois para ele a beleza não estava no corpo, que é o local de aprisionamento da alma, e esta sim, possuía a capacidade de contemplar a idéia do belo; trazemos ainda vestígios da noção de proporção de São Tomás de Aquino, para quem as coisas belas estão próximas ao divino e afastadas das coisas mundanas, e a beleza se traduz em proporção, harmonia, equilíbrio entre as partes, integridade ou clareza, “pois as coisas que são belas resplandecem”. Essas idéias de beleza associadas ao pecado, ao prazer, ao espírito, à pureza ou à castidade, à noção de proporção, exotismo ou romantismo ainda reverberam nos discursos atuais. Os sentidos atribuídos ao corpo, os parâmetros de beleza ou os cuidados com o corpo ainda carregam essa memória, mesmo que ela não seja evidente.

A construção de sentidos acerca da beleza do corpo reproduz, assim, em cada contexto histórico, concepções dominantes das dimensões físicas e espirituais que marcaram a cultura ocidental. A maneira cotidiana de olhar o corpo vai ser influenciada por essa lógica e essa hierarquia que opõe carne e espírito, e a beleza se confunde com a elevação espiritual, quanto mais próximo do divino maior e mais “pura” é a beleza. Da mesma forma, no Renascimento, a reflexão matemática vai influenciar os estudos sobre as proporções do corpo humano e a beleza, deixa de ser algo apenas espiritualizado e passa a ser algo da ordem do humano. A beleza sai do universo ascético cristão e entra no universo científico. No século XVIII, a beleza passa a se constituir pelas normas do gosto que regulam a capacidade estética de julgar, a beleza passa a ser julgada pelas sensações que provoca, os padrões de beleza agora buscam o original. No Romantismo, a beleza amplia seus domínios e passa a englobar sua negação, o feio, o grotesco e a morte se associam à

beleza, que agora é dominada pela paixão. A Estética se afasta da moral e a beleza é quem vai produzir a verdade.

Essas questões estéticas que aparentemente ficaram perdidas na memória com o Cristianismo, o Renascimento ou o Romantismo, ou ainda outros movimentos artísticos que sequer conhecemos, permanecem na memória discursiva da sociedade e são elas que constituem, em parte, o interdiscurso atual. Aparentemente perdidos, mas sendo atualizados e (re)adaptados às novas circunstâncias e discursividades, tais sentidos continuam se fazendo ouvir, eles não desapareceram completamente. Desse modo, somos afetados por informações e sentidos que estão na língua e na história e que se disseminam a partir de um complexo processo que envolve mecanismos distintos de construção da realidade como identificações, repetições, argumentações, subjetivações, etc. Tais processos, ao mesmo tempo em que comunicam e disseminam, distorcem e ocultam informações, (re)produzindo sentidos ou criando novos sentidos, a partir de outros, que são apropriados conforme as relações entre os sujeitos.

Não queremos aqui refazer esse percurso (o que seria impossível), nem identificar todos os sentidos possíveis para os enunciados em questão ou apresentar um discurso “verdadeiro” acerca do que está sendo dito, apresentando uma verdade oculta atrás dos enunciados. Trata-se de compreender que sentidos podem estar presentes nos discursos atuais, “escutar” outros sentidos possíveis e problematizar o que está sendo dito, de modo a trazer à tona questões que estão sendo esquecidas ou que não estão sendo analisadas com a devida atenção. Mais uma vez, não se trata de trazer respostas, mas de colocar novas perguntas para o campo e fazer com que todos os atores envolvidos, sejam eles profissionais, usuários dos serviços ou o público leigo, tenham mais subsídios para analisar suas decisões e posições. Tais sentidos não são apenas mensagens a serem decodificadas, eles são produzidos a partir de condições específicas e seus vestígios não são escolhidos ou ignorados ao acaso, são pistas que permitem perceber a relação entre sujeitos, discursos, instituições, lugares ou épocas distintas com sua exterioridade, suas condições de produção e suas estratégias discursivas.

Uma mesma questão acerca do corpo não se coloca exatamente da mesma forma para Platão ou Demócrito, Descartes ou Espinosa, Kant ou Nietzsche, ou para os dualistas e monistas contemporâneos, embora seja possível perceber alguns vestígios dos discursos de

uns nas falas dos outros. E é essa memória que faz com que os discursos se atualizem, se metamorfoseiem e se (re)atualizem sem cessar, e essa atualização leva sempre em consideração as circunstâncias da enunciação em seu contexto imediato, em relação com o contexto sócio-histórico e ideológico. Ao resgatar um conceito ou um discurso que convém, atualizam-se conceitos e criam-se novos sentidos a partir de uma base que já existia com outro propósito, mas os propósitos também são reinterpretados ao longo da história. Para Deleuze, *“cada conceito remete a outros conceitos, não somente na história, mas em seu devir ou suas conexões presentes. (...) Os conceitos vão, pois, ao infinito e, sendo criados, jamais são criados do nada”* (DELEUZE, 1992:31).

O corpo muda de status a partir da ordem da história, dos saberes que orientam os discursos. Enquanto o mundo ocidental foi dominado pela moral cristã, o corpo foi associado à carne, ao pecado, à animalidade e à culpa original, o corpo estava intrinsecamente ligado ao demoníaco. Com a chegada do humanismo no Renascimento, ligado ao capitalismo nascente e à revolução científica, o corpo passa a ser entendido a partir dos princípios da razão. O corpo se torna humano, mas começa a ser dissecado como um mecanismo. No período das revoluções industriais, o corpo é pensado como uma máquina entre outras máquinas. As mesmas explicações mecânicas ou termodinâmicas que regem a produção e circulação de mercadorias se aplicam ao seu entendimento. As metáforas dos motores servem para elucidar o funcionamento dos corpos. A educação física e o pensamento higienista também pensam o corpo a partir da lógica fordista de produção e às necessidades do mercado. O corpo é trabalhado em série, em uma escala industrial, e vai ser orientado para a serialização. Os corpos são moldados para serem dóceis, controlados e aptos para o trabalho e a procriação.

As *epistemes* que comandam o mundo da produção vão também produzir sentidos acerca do corpo. Elas vão atuar nas instituições médicas, jurídicas, culturais e científicas, a fim de oferecer sentidos e normas para o controle disciplinar dos corpos, criando sentidos que serão interiorizados, reproduzidos e aperfeiçoados, adaptando o corpo às necessidades da racionalidade que comanda o mercado. O corpo, hoje, assim como nos períodos descritos acima, é influenciado pelos princípios que regem essa racionalidade, que articulam as práticas e as estruturas do saber de cada época, e que, nos dias atuais, se

pautam pela lógica do mercado, do espetáculo, do fetiche da mercadoria, da obsolescência acelerada dos produtos e da virtualização da vida.

A forma atual de pensar a dualidade corpo-mente não é escolhida ao acaso. Como vimos no primeiro capítulo, existem inúmeras maneiras de abordar essa questão e, mesmo que o senso comum não perceba, o pensamento que hoje é hegemônico e aceito socialmente como verdadeiro foi construído a partir de escolhas, omissões, conflitos, dissimulações e imposições. Ele não foi eleito espontaneamente longe de dúvidas, conflitos ou contestações, ao contrário, pelo que podemos perceber, essa é uma questão ainda em aberto que é tratada como resolvida, definida e inquestionável, mas que na verdade implica em inúmeras dúvidas e conflitos. E todo o questionamento, passado ou atual, fica em suspenso e o pensamento que vale é o hegemônico, é ele que determina o discurso verdadeiro. Contudo, como vimos no capítulo anterior, o pensamento moderno, apesar de ser hegemônico não é uma unanimidade no campo.

O fato de não ativar uma determinada memória, ignorá-la, ou eleger apenas alguns de seus aspectos também aponta para uma opção que não é neutra, pois esse *esquecimento* não é gratuito. Ao assumir o padrão de beleza como algo desvinculado da história, da sociedade ou da cultura, tratando-a como algo “natural”, desvinculado do cultural ou do social, o discurso dominante já demonstra uma opção clara pela construção de um determinado sentido dentre outros. Tratar a beleza como algo natural, tratar o corpo como algo mecânico, sem subjetividade, perceber o corpo como um objeto que deve ser cuidado para se adaptar melhor às necessidades do mercado ou da “vida cotidiana” revela uma opção por uma concepção de beleza que atende ao mercado e à lógica dominante na sociedade, que não apenas não é a única lógica disponível, nem a única possível, como também pode não ser a melhor. Ao esquecer toda a discussão do passado acerca da dualidade ou do dualismo corpo-mente e optar por uma racionalidade que coloca o corpo como um objeto sem história, sem memória, preso a uma razão instrumental que o direciona para o afastamento de sua interioridade, o pensamento dominante revela também as escolhas ideológicas realizadas pela racionalidade científica.

Podemos, então, considerar a memória como parte fundamental do discurso, e a partir da relação estabelecida com ela, podemos perceber que escolhas foram feitas, que aspectos foram privilegiados, que omissões ou mutações ocorreram nos discursos de modo

a ajustá-lo a cada condição determinada. Desta forma, a memória, no que se constitui, expõe os rastros de sua trajetória discursiva, disponibilizando dizeres que afetam o modo como o sujeito cria significados hoje, a partir de uma base construída no passado, a partir de um outro contexto, outra situação discursiva.

Como foi possível perceber no capítulo que se refere à Estética, que trata dos diferentes modos de percepção do corpo humano nos últimos séculos, e principalmente, dos parâmetros estéticos e dos padrões de beleza a partir do século XIX até os dias atuais, o corpo (e os critérios que afirmam sua beleza) é moldado a partir de questões e interesses que estão fora do sujeito, na ordem do social, pois é o meio social quem vai dizer a partir de quando e como os corpos devem ser trabalhados, é na cultura que vão se cristalizar os padrões de uma beleza “natural”. A partir da segunda revolução industrial, ficam claras as formas como os parâmetros sociais interferem na construção de sentidos acerca do corpo.

Esses valores e sentidos são tornados óbvios, quase naturais, quase instintivos, apagando o fato de que eles foram interiorizados, reproduzindo uma ordem social específica. O *habitus*, que está na base da reprodução da ordem social e funciona como princípio inconsciente de ação, percepção e reflexão, reforça no plano sociológico a mesma estratégia de ação que o interdiscurso produz no plano lingüístico. Ambos atuam a partir da memória.

Os sujeitos não necessariamente conhecem todos os sentidos do que está sendo dito, nem todos os efeitos de sentido que estão ali presentes, nem o que foi dito no passado, nem as relações que o discurso pode estabelecer no presente, pois os sujeitos não têm acesso a todos os significados do que é dito, e só uma parte do dizível é compreensível para o próprio sujeito, ele mesmo desconhece todos os sentidos de suas palavras. Pois o que é dito hoje só faz sentido quando adere a algo já dito e reconhecido como verdadeiro.

No interdiscurso fala uma voz sem nome, perdida na memória, mas que reverbera nos discursos atuais e lhe dá sustentação e coerência. Dessa forma, o discurso da dualidade corpo-mente originado em Platão ou o discurso do corpo como máquina de Descartes se transformam, passam por inúmeras mutações, questionamentos e atualizações, e chega aos dias atuais como um discurso verdadeiro, coerente, apoiado nos sentidos que ficaram apagados na memória, mas que foram eleitos como verdadeiros por um ramo específico da ciência construída a partir da Idade Moderna, como vimos no capítulo anterior.

Apagam-se as referências oriundas de outros campos como o econômico, político ou religioso, que atuam na produção de sentidos sobre o corpo e passam despercebidos, como se fossem discursos independentes que não poderiam estabelecer relações entre si. Assim como os sentidos acerca do corpo no início do século XX são influenciados pelos saberes higienistas, pela disciplina dos corpos, pela laicização da educação, pela nascente industrialização e urbanização ou pelas revoluções científicas ou das vanguardas estéticas, podemos supor que hoje, da mesma forma, outros discursos oriundos da economia, do pensamento neoliberal, da mercantilização das relações, da monetarização da vida, da valorização comercial da espiritualidade, das novas tecnologias de informação ou do desenvolvimento da tecnobiociência, atravessam os sentidos que são produzidos sobre o corpo ou os cuidados com a saúde, produzindo novas formas de pensar, sentir, agir.

Todo discurso se faz na tensão entre o mesmo e o diferente, entre algo que se mantém na memória e algo que se renova e assume novos sentidos. No mesmo discurso há uma memória do já dito e uma mudança que aponta para as novas formulações e sentidos, são duas forças que trabalham juntas, mas em direções diferentes permitindo que os sujeitos e os sentidos se manifestem. Ambas nos permitem perceber a incompletude como uma condição fundadora da linguagem, fazendo com que nem os sujeitos, nem os sentidos, nem os discursos se apresentem prontamente, integralmente, prontos e acabados.

Sujeitos e discursos estão sempre se refazendo nesse jogo complexo entre o simbólico e a história, de forma que sujeitos e sentidos, ao mesmo tempo em que estão em um processo permanente de mudança, ao mesmo tempo reproduzem processos de significação que estão sedimentados no passado. Ao mesmo tempo em que apontam para um futuro no qual as intervenções médicas realizarão todos os desejos de transformação, ao mesmo tempo constroem esse discurso apoiado em uma racionalidade moderna que teima em se manter, apesar de apontar sinais de fadiga.

A racionalidade da indústria da metamorfose é uma racionalidade que aponta para o futuro, mas acerta em Descartes. Desta forma, os sentidos e os discursos que se apresentam como novidade nem sempre o são. Dependem de como são afetados por esse jogo entre a novidade que se apresenta e as velhas fórmulas que se atualizam. De certa forma, o corpo híbrido de Stelarc é uma versão *high tech* de Descartes ou LaMettrie, e o corpo exposto de VonHagens é uma atualização midiática da obra de Vesálio.

5.2. A Ideologia, as formações imaginárias e os limites da linguagem - Nesse jogo entre o velho e o novo se revela o confronto entre o simbólico e o político, pois todo discurso é proferido a partir de uma posição, uma situação de fala que permite ou não, autoriza ou não, o sujeito que fala. Neste sentido, todo dizer é ideologicamente marcado, sujeito e discurso se confundem, se fundem e materializam suas opções ideológicas. Não há discurso sem sujeito, fora da língua, do simbólico ou da ideologia.

Os enunciados apresentados no *site* necessariamente traduzem esse jogo simbólico e político e a partir deles podemos perceber uma racionalidade científica instrumental se manifestando, que esquece o sujeito e sua subjetividade e afirma um saber que coloca o corpo como um objeto a ser manipulado de acordo com as exigências da vida cotidiana, fazendo com que *“as pessoas que estiverem felizes com sua auto-imagem terão uma melhor probabilidade de serem auto confiantes, mais produtivas no trabalho e nas atividades sociais”*, ou seja, é tudo muito simples, basta seguir as regras do jogo, se adaptar ao modelo social vigente e manter a felicidade para se tornar mais “produtivo”. A Ideologia se faz presente nos mínimos detalhes e reproduz a dimensão maquínica de subjetivação sugerida por Guattari. A subjetividade é assumida e vivida no plano individual sem se dar conta da sua construção que é cultural e social.

As condições de produção dos discursos refletem, assim, o jogo de relações entre os demais discursos, fazendo com que um discurso aponte para outros que o sustentam, para os outros que os contestam e para as novas formulações que vão atuar nos dizeres futuros. Eles fazem parte de um processo amplo e contínuo que articula discursos passados, realizados, imaginados, concretizados ou possíveis. Essa relação de forças traduz as posições dos sujeitos na hierarquia do campo, seu espaço, sua capacidade e seu poder de fogo, pois o lugar de onde ele fala pode produzir sentidos diferentes e ter ressonâncias diferenciadas.

Uma fala pode possuir autoridade ou não dependendo de quem fala, do lugar do qual fala, do momento em que fala e das condições em que ela acontece. As mesmas palavras significam diferentemente no site da SBCP ou no site de uma revista “especializada”, elas possuem um poder, uma autoridade e uma respeitabilidade diferentes,

portanto, a fala de um determinado agente possui uma respeitabilidade que o outro não possui. O que a torna mais qualificada e ao mesmo tempo mais polêmica.

Os enunciados que compõem o discurso exposto no site se constituem de um conjunto de falas aparentemente dispersas, com uma origem indefinida, mas formam um mesmo sistema lógico de valores, compondo uma mesma formação discursiva e reproduzindo um conjunto de tipos normativos de enunciação, formas singulares de organização de conceitos e de elaboração de quadros temáticos e teóricos. Esses enunciados buscam uma regularidade, uma ordem, correspondendo a uma mesma estratégia de apresentação que viabiliza suas condições de existência e de relação com outros discursos. Tais enunciados são proferidos por indivíduos, mas não são indivíduos isolados que o proferem, mas uma condição de fala, um lugar ocupado por esses indivíduos que poderia ser ocupado por outros indivíduos, realizando a mesma performance verbal, desde que tudo esteja em sintonia com o *habitus* e a dinâmica do *campo*.

Os discursos revelam, assim, as relações de força dentro do campo e remetem às formações imaginárias que os sustentam. Tais relações produzem imagens dos sujeitos assim como do objeto do discurso, da conjuntura sociohistórica e da dinâmica do processo. Temos, então, imagens que os interlocutores fazem de si e do outro, de suas posições no campo, da dinâmica do campo e das possibilidades futuras. Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições, de tal modo que a fala de um jornalista ou de um cirurgião plástico sejam diferentes, da mesma forma que um cirurgião plástico de dentro ou fora da SBCP possuam também imagens diferentes de si, do outro, de sua fala, do lugar de onde fala, da fala do outro e do lugar de onde o outro fala. Desta forma, as condições de produção dos discursos estão presentes nos processos de identificação dos sujeitos trabalhados nos discursos, as identidades resultando dessas diferentes percepções que habitam o imaginário do campo.

A partir dessas formações imaginárias podemos observar que imagem o cirurgião plástico faz de seus pacientes, dos amigos dos pacientes, dos familiares dos pacientes, dos outros cirurgiões, de outros profissionais de outras categorias, que imagem os cirurgiões fazem de si, que imagens eles supõem que os pacientes fazem dele, da instituição a que ele pertence, dos outros profissionais, da mídia “especializada”, da mídia em geral, que imagem é construída pelos meios de comunicação de massa, qual a imagem diante das

outras especialidades médicas, qual a imagem que os pacientes fazem da SBCP, dos membros, participantes e diretores da SBCP, dos profissionais não vinculados à SBCP, enfim, são imagens que definem posições e condições de fala e autoridade.

Em diversos momentos, ao simular as perguntas que os pacientes devem fazer na hora da consulta, uma questão que se repete é a de como proceder em relação às críticas, às insatisfações ou à ansiedade característica do momento, e a resposta invariavelmente é “*converse com o seu cirurgião, e somente com ele*”, ou “*tire suas dúvidas com o seu cirurgião plástico, e somente com ele, as suas eventuais dúvidas*”, ou ainda:

Lidando com a Depressão Pós –Operatória

Logo depois de uma cirurgia, a maioria dos pacientes experimenta transitoriamente, alguma sensação de desânimo ou tristeza.

Buscando a Ajuda Adequada

É essencial que você tenha o apoio físico e emocional de pessoas no período pós-operatório. Por mais independente que alguém possa parecer, vai precisar de algum suporte após uma cirurgia. Lembre-se de que nas primeiras semanas você poderá se sentir deprimida pelo desconforto, inchaços e áreas arroxeadas.

Saiba escolher a companhia adequada que seja realmente um suporte. Procure educadamente declinar da oferta de ajuda de pessoas muito críticas e negativistas, além daquelas que não se sentem à vontade com o aspecto edemaciado ao qual temporariamente você estará submetido.

Lidando com as Críticas

*Tenha também em mente que não são incomuns comentários do tipo “eu preferia como você era antes” ou “você não precisava ter feito a cirurgia”. Tais comentários podem ter diversas motivações, muitas vezes até inconscientes, mas podem determinar um stress adicional ao seu período de recuperação. As críticas de amigos e familiares devem ser encaradas como algo natural de quem está vendo a situação de fora. Também não espere receber elogios – geralmente as pessoas são mais generosas na crítica do que nos elogios. **Tenha sempre em mente que você fez a cirurgia pra você mesmo e não para satisfazer outras preferências.** Procure apoio nas pessoas de sua maior afetividade e no seu cirurgião para contornar essas dificuldades. Concentre-se nos seus objetivos e nos motivos que o levaram a procurar a cirurgia plástica.*

Os aspectos psicológicos são em geral minimizados, as críticas externas tratadas como algo descabido, sem sentido.

A companhia adequada é aquela que reforça a escolha pela cirurgia e nunca alguém que pense, analise, avalie os benefícios reais, os custos, os riscos, enfim, qualquer possibilidade de reflexão deve ser evitada.

Como se a cirurgia fosse feita apenas “para você mesma”, independentemente do mundo externo. Como se não existisse alteridade.

O realismo é citado como se a “imagem” fosse o real, como se o que se passa no fundo da caverna fosse a representação da própria realidade. Como se os pacientes tivessem acesso às suas reais motivações e sempre tivessem a capacidade de falar sobre as suas motivações com desenvoltura, honestidade e compreensão total de todo o processo.

SOU UM CANDIDATO IDEAL PARA UMA CIRURGIA PLÁSTICA ?

A Cirurgia Plástica poderá lhe oferecer resultados muito satisfatórios com benefícios evidentes, entretanto ela não se aplica indiscriminadamente a qualquer pessoa. Se você está pensando em submeter-se a um procedimento, analise os seguintes pontos:

Procure entender as limitações bem como os benefícios da Cirurgia Plástica. Nenhuma cirurgia pode atingir a perfeição, e não há garantias de que os resultados serão exatamente como você imagina.

- Seja realista em suas expectativas. A Cirurgia Plástica pode remodelar o seu corpo e não necessariamente a sua vida. Embora os resultados possam frequentemente melhorar a sua auto-estima, eles não deverão resolver problemas conjugais, emocionais ou mesmo profissionais.

- Procure agendar a sua cirurgia quando estiver emocionalmente estável, fora de períodos de stress acentuado.

- Esteja preparado para suportar algum desconforto após a cirurgia, bem como a possibilidade de cicatrizes e outras intercorrências.

- Entenda que como qualquer outra atividade cirúrgica, os procedimentos envolvem algum tipo de risco.

- Saiba que a Cirurgia Plástica não está indicada para pessoas com alterações psicóticas comportamentais, depressão clínica, doenças mentais, usuários de drogas e alcoólatras.

- Pacientes com menos de 18 anos de idade necessitam de autorização dos pais para cirurgia, e uma avaliação especial para definir a maturidade física e mental necessárias para determinados tipos de procedimentos.

O resultado é sempre satisfatório, os benefícios evidentes e as cirurgias sempre corresponderão às expectativas. As insatisfações e os riscos são sempre minimizados. Como é possível criar expectativas “realistas”, se dificilmente os próprios pacientes conhecem verdadeiramente suas motivações e/ou expectativas?

A palavra dor é evitada. Ao invés de lidar com a dor (qualquer que seja sua origem), deve-se estar preparada para sentir apenas “algum desconforto”.

O resgate da “auto-estima” é sempre evocada como solução ou motivação para o procedimento cirúrgico, sem levar em consideração as ambigüidades e incoerências de qualquer sujeito. As expectativas são tratadas sempre como algo possível de ser vislumbrado a olho nu, como se “formar uma expectativa realista” fosse algo natural, simples e disponível para qualquer mortal em qualquer circunstância ou em qualquer momento da vida. Sendo assim:

COMO FORMAR UMA EXPECTATIVA REALISTA?

Uma adequada consulta médica é sem dúvida um bom começo. Durante este encontro inicial você deverá discutir os seus objetivos com o seu cirurgião. Após o exame clínico ele poderá lhe aconselhar pelo procedimento mais indicado para atingir as suas necessidades.

Os enunciados evidenciam aspectos objetivos do procedimento cirúrgico deixando de lado as questões

O seu cirurgião deverá:

- **Responder clara e integralmente a todas as suas perguntas**
- Identificar a sua reação às suas recomendações
- Oferecer alternativas, quando apropriadas, sem pressioná-lo a considerar procedimentos desnecessários.
- **Receber naturalmente perguntas quanto a sua formação profissional, experiência, honorários e formas de pagamento.**
- Apresentar claramente os riscos envolvidos e possíveis complicações.
- Dar informações sobre o procedimento que você deseja
- **Deixar a decisão final para você.**

Você também deverá se preocupar com o local onde sua cirurgia será realizada. Pergunte sobre os equipamentos disponíveis e as condições de segurança. Certifique-se de que o local é fiscalizado pelos órgãos de vigilância sanitária e licenciado para a realização do procedimento em questão.

QUESTÕES IMPORTANTES DURANTE A CONSULTA

Aqui estão algumas perguntas que você deve fazer ao seu cirurgião:

- **Possui o Título de Especialista pela SBCP/AMB ?**
- É credenciado em algum hospital como Cirurgião Plástico? Quais?
- Quantos procedimentos deste tipo já realizou?
- **Onde e como a cirurgia será realizada?**
- O local é inspecionado e licenciado pelos órgãos de vigilância sanitária?
- Quais são os riscos envolvidos?
- Qual o tempo para a recuperação, e a que tipo de limitações estarei submetido durante este tempo?
- Precisaré afastar-me do trabalho? Por quanto tempo?
- **Quais são e como são cobrados os honorários médico-hospitalares? Existe cobertura pelo meu plano de saúde?**

subjetivas. **Quais seriam então as necessidades?**

Questões práticas como local da cirurgia, equipamentos, condições de segurança, formação profissional, licença para realizar o procedimento, honorários e formas de pagamento.

Esses aspectos compõem uma expectativa realista? Mais uma vez os aspectos objetivos, instrumentais, determinam que questões são consideradas importantes. Os aspectos subjetivos são esquecidos. O sujeito é ignorado. Mas as condições de pagamento não.

Não podemos, então, menosprezar a força que tais imagens possuem na construção dos discursos de todos os atores envolvidos em um mesmo campo, pois o imaginário necessariamente faz parte desse jogo que articula a linguagem, o simbólico e o ideológico. Entretanto, eles não se articulam espontaneamente, não são obra do acaso, são construções sociais que obedecem aos modos de organização da sociedade em sua hierarquia e distribuição de poder. Os sentidos não estão nas palavras, eles traduzem essa dinâmica social que opõe atores, agentes, posições, instituições, interesses e estratégias.

As palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas⁴⁵ em que se inscrevem, o que nos permite compreender seu processo de produção de sentidos, sua relação com a ideologia, perceber as regularidades no funcionamento do discurso, a dinâmica do campo, a distribuição de poder de acordo com cada posição (de acordo com a conjuntura sócio-histórica), determinando o que pode ser dito, o que deve ser dito, por quem pode ser dito e de que forma pode ser dito.

As formações discursivas representam, assim, através dos enunciados toda a sua filiação ideológica, pois os sentidos são sempre decorrentes dessa filiação, não havendo sentido gratuito, fora dessa relação, na medida em que tudo o que dizemos está em relação com outros discursos do campo. E isso não está nas palavras em si, mas na relação que elas estabelecem entre si em função dessa dinâmica, os enunciados revelam então esse jogo entre as relações do campo, suas tensões, sua memória, suas imagens, seus conflitos e sua ideologia, expondo as posições, as articulações e os conflitos do campo.

Deste modo, os sentidos não estão predeterminados na língua, eles não existem *a priori*, eles são construídos *a posteriori*, na dinâmica dos atores no campo e dependem das formações discursivas, das formações imaginárias, da memória, dos esquecimentos, das contradições, das configurações e das mudanças nas relações de poder. Portanto, os sentidos não são estáticos, são dinâmicos, são fluidos e se adaptam a novas apropriações e configurações, podendo ser (re)utilizados em diferentes perspectivas. Imagens são apropriadas, articuladas ou sugeridas de modo a dar credibilidade, estabilidade, ou, ao contrário, desautorizar ou desestabilizar a fala do outro.

Palavras iguais podem vir a ter significados completamente diferentes na medida em que elas pertencem a formações discursivas diferentes. A palavra “cirurgia” não necessariamente possui o mesmo significado para um anestesista, um jornalista, um cirurgião plástico, um paciente ou um familiar de um paciente. Os usos se dão em condições de produção diferentes, a partir de expectativas diferentes, com níveis de conhecimento acerca do diferenciados. Dependendo das condições de produção, da situação do sujeito, de sua posição no campo, sua memória e seus interesses, uma mesma palavra

⁴⁵ Para Foucault (2005), o conceito de *formação discursiva* diz respeito a conjuntos de enunciados movidos por um mesmo sistema de regras, historicamente determinadas.

pode remeter a diferentes sentidos ou perspectivas. As características que definem os candidatos “ideais” ou os candidatos “inapropriados” para a cirurgia revelam essa distância:

Candidato Ideal para Cirurgia

Se você está pensando em submeter-se a uma plástica, deve ser honesto com você mesmo! Porque exatamente você quer fazer a cirurgia? Quais são seus objetivos quais as expectativas quanto aos resultados?

Existem duas categorias de bons candidatos à cirurgia. A primeira inclui pessoas com uma auto-estima positiva que estão incomodadas com algum aspecto físico e desejam corrigi-lo ou melhorá-lo. Após a cirurgia estes pacientes sentem-se bem com os resultados e mantém uma imagem positiva a seu respeito. A segunda categoria é formada por pacientes com defeitos físicos ou desarranjos estéticos que ao longo do tempo foram diminuindo a sua auto-estima. Estes pacientes podem se ajustar um pouco mais lentamente no pós-operatório, uma vez que a recuperação da auto-imagem leva um certo tempo. Entretanto, após este período normal de adaptação a auto-estima via de regra sai bastante fortalecida.

É importante lembrar que a Cirurgia Plástica pode promover mudanças físicas e da auto-estima. Se você estiver procurando a cirurgia com a esperança de promover mudanças em outra pessoa que não você, corre grande risco de se decepcionar. É possível que seus amigos e as pessoas que você ama respondam positivamente a modificação de sua aparência e auto-confiança, entretanto entenda e aceite que a cirurgia não causará mudanças significativas em pessoas outras que não você mesmo.

Candidato Inapropriado para Cirurgia

Nem todas as pessoas exibem o perfil ideal para uma cirurgia plástica, mesmo que existam indicações físicas absolutas para este ou aquele procedimento. A experiência do cirurgião poderá identificar pacientes problemáticos durante a consulta inicial, e em algumas situações ele poderá até mesmo declinar-se em operá-los.

Outras vezes, uma avaliação psicológica profissional poderá ser importante para que se detecte as verdadeiras motivações do paciente, por vezes oculta pelo inconsciente. Embora possa parecer desnecessária a primeira vista, esta indicação pode em muitos casos evitar cirurgias mal indicadas e ainda frustrações no período pós-operatório.

Embora hajam exceções, pessoas que poderão se beneficiar de um aconselhamento psicológico pré-operatório incluem:

Como é possível o candidato saber quais são as suas reais motivações ou expectativas, ser honesto com ele mesmo e com o cirurgião e ainda saber exatamente porque ele quer fazer a cirurgia? É possível que o candidato não seja a pessoa mais indicada para responder a tais questões. O inconsciente é ignorado, como se ele não existisse.

O outro também é sempre ignorado, como se não existisse alteridade. Como se essa questão não tivesse importância, fosse apenas um acessório. Como é possível identificar os pacientes problemáticos emocionalmente em apenas uma consulta de alguns minutos? Qual o papel do profissional que faz a avaliação psicológica desse paciente? Reduzir os riscos para o paciente ou para o cirurgião? O que é

Pacientes em Crise, como nas situações de divórcio, morte do cônjuge ou a perda do emprego. Estes pacientes podem eventualmente estar procurando atingir objetivos que transcendem o escopo de um procedimento cirúrgico. Embora possam se beneficiar pela melhoria da auto-estima, tais situações não se resolvem apenas pela mudança da aparência e isso precisa ficar muito claramente estabelecido para o candidato à cirurgia.

Pacientes com expectativas fantasiosas, como aqueles que insistem em ficar com o nariz daquele artista, esperando adquirir o seu estilo; pacientes que pretendem retornar ao seu estado perfeito após graves acidentes, ou ainda aqueles que querem re-encontrar a juventude de décadas passadas.

Eternos insatisfeitos, como os pacientes que procuram compulsivamente um cirurgião após o outro, buscando as respostas que querem ouvir. Geralmente essas pessoas buscam a cura de um problema que não é físico, pelo menos não primariamente.

Pacientes obcecados com mínimos defeitos, normalmente projetam na resolução destes, a cura para todos os seus males. Pessoas perfeccionistas podem ser bons candidatos para uma cirurgia, desde que tenham a maturidade e consciência de que os resultados podem não se enquadrar exatamente com o seu detalhismo.

Pacientes com desequilíbrios mentais, que apresentam comportamento paranóico ou depressivo, podem também ser candidatos inapropriados a uma cirurgia plástica. Nestes casos só se indicará o procedimento em conjunto com o psiquiatra, uma vez que se defina que as expectativas do paciente não estão relacionadas com a patologia.

um paciente problemático? Aquele que pode ficar insatisfeito e mover um processo? Se os pacientes em crise após separações ou crises conjugais, os pacientes com expectativas fantasiosas, os pacientes que são eternos insatisfeitos com os seus corpos ou com a sua imagem social, os pacientes compulsivos pela aquisição de um corpo perfeito, os pacientes obcecados com os mínimos defeitos ou os pacientes perfeccionistas fossem evitados, os cirurgiões plásticos ficariam sem clientela.

Como o paciente pode definir o que é “maturidade” ou “consciência”?

Como definir um desequilíbrio dessa ordem em uma consulta profissional com fins comerciais?

Ao escolher determinada fala, atribuir a ela um determinado sentido e perceber através dela outros sentidos possíveis, estamos lidando com interpretações que definem

posições ideológicas. O sentido é fruto de uma relação entre o sujeito e a história, linguagem e mundo, o simbólico e o “real”, sabendo que qualquer tentativa de definir um desses termos já define um mundo de possibilidades, teorias e conceitos, sendo impossível uma posição neutra, fora de qualquer discussão ideológica. Como foi dito anteriormente, não há discurso fora da língua, do sujeito, da ideologia, sem relação com o inconsciente e sem referência a uma memória. E tanto no discurso quanto em sua interpretação todos esses fatores estão articulados.

Nossa interpretação, da mesma forma, é regulada por suas possibilidades, suas condições, suas determinações e sua posição ideológica no campo. Ela não é mero gesto de decodificação, de apreensão de sentido, neutra e deslocada da dinâmica do processo social. Ela também possui sua memória constitutiva, podendo atribuir, estabilizar, reforçar ou deslocar sentidos, introduzindo a possibilidade de definir papéis e posições ideológicas que antes se encontravam dispersas, dissimuladas ou ocultas. A interpretação simultaneamente expõe e se expõe, mas com isso traz à superfície os conflitos que estavam aparentemente submersos ou inexistentes. Ela deve expor a ideologia que aparece como relação necessária entre os sujeitos, pois, ao produzir, identificar e analisar sentidos necessariamente toma-se uma posição. E como não há uma relação direta entre sentido, mundo, linguagem, e pensamento, e o que é dito não possui uma única possibilidade de interpretação, a maneira como se constitui a realidade vai revelar as formações imaginárias de cada fala.

Sabemos que nem os sujeitos, nem os discursos são transparentes e acessíveis, eles se constituem a partir de processos próprios, atravessados pela linguagem e pela história sob o imaginário de cada um. Ao agir, o sujeito produz sentidos e é atravessado pelos sentidos presentes na história e na língua. Por outro lado, o sujeito não tem consciência de tudo o que diz. Ao ser atravessado pelo imaginário, pela ideologia ou pelo inconsciente, o sujeito só tem acesso à parte do que diz.

Existe, assim, um lugar do qual o sujeito fala que não é acessível a ele, uma posição que ele ocupa para poder dizer o que diz, ser sujeito daquilo que diz, e o modo como o sujeito ocupa esse lugar, como ele assume essa posição, indica uma filiação a uma identidade relativa às outras no mesmo campo. Sendo assim, há um esquecimento dessa posição, pois é só quando o sujeito passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito, quando ele fala “automaticamente”, sua fala se revela impregnada de uma memória de que

ele sequer se dá conta, e assim, através do sujeito falam as instituições, as racionalidades médicas, a lógica do mercado ou a sua corporação. As falas dos cirurgiões plásticos que estão disponíveis no site permitem perceber esse jogo múltiplo onde falam ao mesmo tempo os sujeitos, a instituição que eles representam e toda a memória da racionalidade médica ocidental, com toda a sua formação tecnicista e mecanicista que nasce com as ciências modernas.

O enunciado presente da fala do Editor do “Anais do XLIº Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica, Dr. Jorge Bins Ely, na página do Editorial do Presidente da SBCP – Regional SC e Editor do “Anais” revela a forma como os cirurgiões vêm sua atividade.

Segundo ele:

Nossa especialidade é tão pujante que muitas vezes confundimos corpo e alma, ela é muito mais que cirurgia, é psiquiatria cirúrgica, cirurgia psiquiátrica, máquina de ilusões, oficina de fantasias, armazém da juventude, FÁBRICA DE SONHOS.

Na verdade não somos vendilhões de ilusões e fantasias nem juventude e sonhos, somos cirurgiões plásticos, técnicos super especializados com limitações bem conhecidas, à serviço do ser humano, somos laicos, éticos enfim seres humanos.

As palavras *máquina, oficina, armazém e/ou fábrica* não são gratuitas, são metáforas que revelam um modo estruturado e estruturante de pensamento.

Um simples enunciado que afirma ser a cirurgia plástica uma “*máquina de ilusões, oficina de fantasia, armazém da fantasia, fábrica de sonhos*” revela toda a racionalidade instrumental que a sustenta. A percepção mecânica e instrumental que coloca o corpo em uma linha de montagem fica evidente, o dualismo que separa corpo e alma fica explícito, a falta de cuidado com as questões subjetivas e os aspectos psicológicos da mesma forma são banalizados como “psiquiatria cirúrgica ou cirurgia psiquiátrica”, o sujeito é reduzido a uma coisa, um objeto a ser moldado na mão desse artesão, desse modesto demiurgo, que é, enfim, apenas um humilde ser humano “super” especializado. O corpo é visto como uma máquina que precisa ir a uma oficina para sofrer os reparos necessários, para poder sair da fábrica e ser aceito no mercado. E de preferência, que não haja reclamação, devolução ou consulta ao Procon.

Os sonhos são “fabricados” e vendidos como fantasias possíveis de serem adquiridas no mercado, o único problema é que alguns pacientes não percebem que se trata apenas de retórica e a confundem com a possibilidade de fabricar seus sonhos na realidade.

A publicidade e as revistas especializadas criam uma imagem distorcida das cirurgias, banalizando procedimentos cirúrgicos, minimizando riscos, promovendo o imediatismo, coisificando o corpo e prometendo melhorias nem sempre possíveis. Os equívocos relativos às expectativas irreais que são sistematicamente propagadas pela mídia especializada contam com a omissão e o silêncio da SBCP, na medida em que ela também é beneficiária do crescimento do mercado. No que diz respeito aos abusos cometidos o silêncio da categoria e dos Conselhos de Ética é revelador.

Essa é uma questão polêmica. Se a cirurgia plástica é uma “fabrica de sonhos”, uma “oficina de fantasia” ou um “armazém da juventude”, o cirurgião se compromete a entregar ao consumidor o produto adquirido. Afinal, ele é o técnico super especializado que pode tornar realidade o sonho almejado. Ao vender sonhos, os cirurgiões se comprometem em atingir seus objetivos e a cirurgia que deveria ser uma atividade “meio” passa a se configurar como uma atividade “fim”⁴⁶. E o consumidor, que não possui todas as informações necessárias ao adquirir seu produto ou serviço e é influenciado por uma propaganda fantasiosa, compra o produto acreditando que obterá o resultado desejado.

Mas o que queremos salientar é que essa fala que promete atender à “máquina de ilusões” ou a “oficina de sonhos” não é uma fala qualquer, de um leigo ou de um jornalista em uma revista de divulgação científica ou de apelo popular. Trata-se do Editorial do Presidente da SBCP por meio do Editor dos Anais dos últimos Congressos brasileiros de cirurgia plástica na página que apresenta os trabalhos científicos da entidade. Não se trata de uma fala desinteressada, neutra, sem responsabilidade ou autoridade no campo, ao

⁴⁶ No campo jurídico, a medicina plástica (incluída a dentária) desenvolve-se sob dois aspectos distintos: reparadora ou simplesmente estética. Na cirurgia eminentemente reparadora, o contrato é comum (apenas de meios). Na cirurgia estética (e por isso voluntária), o contrato é duplo: de meios e de resultados, concomitantemente. Ao aceitar realizar uma cirurgia que pode ser considerada desnecessária, o médico assume o risco pelo resultado. Segundo o Supremo Tribunal de Justiça: “*O profissional que se propõe a realizar cirurgia, visando melhorar a aparência física do paciente, assume o compromisso de que, no mínimo, não lhe resultarão danos estéticos, cabendo ao cirurgião a avaliação dos riscos. Responderá por tais danos, salvo culpa do paciente ou a intervenção do fator imprevisível, o que lhe cabe provar* (Ag.Rg.Ag.n.37.060-RS, Rel. Ministro Eduardo Ribeiro). RT 767, p.111-125. Ou ainda, “*No procedimento cirúrgico estético, em que o médico lida com o paciente saudável que apenas deseja melhorar sua aparência física e, conseqüentemente, sentir-se psicologicamente melhor, estabelece-se uma obrigação de resultado que impõe ao profissional da medicina, em casos de insucesso da cirurgia plástica, presunção de culpa, competindo-lhe ilidi-la com a inversão do ônus da prova, de modo a livrá-lo da responsabilidade contratual pelos danos causados ao paciente em razão do ato cirúrgico*” (R.n.81.101-PR, Rel. Ministro Waldemar Zveiter). RT 767, p.11-125. Fonte: SEBASTIÃO, Jurandir. Responsabilidade médica: civil, criminal e ética – comentários, referências ao direito positivo aplicável, à doutrina e à jurisprudência. Belo Horizonte: Del Rey, 2003. Páginas 100-101. 3º Edição, revista e atualizada.

contrário, trata-se de uma das falas mais qualificadas no setor. A de quem escolhe, organiza e divulga os trabalhos científicos de toda a categoria.

Esse esquecimento e esse automatismo da fala revelam que esse sujeito é ao mesmo tempo livre e submisso. Livre para falar o que quiser e submisso a uma memória, uma posição e uma situação que ele não conhece inteiramente. Essa é a base do assujeitamento, pois sem se dar conta o sujeito repete um discurso que está muito além dele. A submissão da racionalidade contemporânea, seja ela médica, educacional, cultural ou social, às regras do mercado, impõe a todos nós, modos de pensar, sentir e agir que traduzem esse “espírito do capitalismo”.

A ilusão de que tudo pode ser dito, falado, esclarecido pode gerar equívocos nas falas tanto de usuários como de profissionais, pois a fala de um e de outro estão limitadas às suas memórias discursivas, às suas expectativas e às suas perspectivas. A possibilidade de realizar uma cirurgia se coloca de um lado como “realização pessoal” e de outro lado como comercialização de um produto, são perspectivas diferentes que levam a percepções diferentes do que é dito. De um lado, um profissional que pode ser experiente ou não, escrupuloso ou não, atento às questões subjetivas do paciente ou não. E do outro lado um paciente que tanto pode ser equilibrado ou compulsivo. Mas como reconhecer essas características em uma entrevista de alguns minutos? Ou seja, ambos podem cair em armadilhas, profissionais e usuários.

As palavras são polissêmicas e os discursos idem, nada assegura que o que é dito é entendido com o mesmo sentido de quem proferiu a sentença, ainda mais quando acontece uma assimetria nas condições de fala, no acesso às informações, nos interesses e no nível social, cultural ou de escolaridade. Ao se falar em cirurgias plásticas, nos procedimentos cirúrgicos, riscos e cuidados, nem sempre os dois sujeitos envolvidos na questão falam a mesma língua, pois eles partem de um domínio diferente dos termos técnicos e do conhecimento específico que está envolvido na questão. Além disso, mesmo que as condições culturais, sociais, econômicas e de acesso à escolaridade sejam próximas, nada garante que mesmo assim a comunicação seja perfeita.

Essa dificuldade gerada pela limitação da linguagem se coloca em qualquer relação pessoal ou profissional, no entanto, no caso das cirurgias plásticas, é a partir da linguagem que se constrói todo o processo de atendimento, percepção do “problema”, as

possibilidades de resolução e, principalmente, a intervenção cirúrgica. Desta forma como estabelecer uma comunicação onde de fato os interlocutores compreendam o que está sendo dito? É possível uma compreensão integral, uma conversa honesta, onde tudo o que é dito é perfeitamente compreendido e honestamente respondido pelo outro?

Sendo assim:

A Consulta

*Durante a consulta inicial, seu cirurgião pedirá que você defina como se sente em relação a sua aparência e como você gostaria de se sentir. **Honestidade nesta hora é fundamental. É preciso que você se dispa de cuidados e preconceitos, falando absolutamente o que flui de sua alma, relatando como gostaria de parecer. Ao final da consulta você deverá estar tranquilo e seguro de que seu cirurgião e você próprio se compreenderam mutuamente.***

Da mesma forma, não é interessante ficar enfatizando um ponto funcional se a sua verdadeira motivação é estética. Muitas vezes isso acontece para se pressionar uma autorização do procedimento pelo plano de saúde. Lembre-se de que, se o cirurgião não conhecer bem os seus objetivos, os resultados finais poderão ser frustrantes e insatisfatórios.

É possível ser totalmente honesto numa consulta de alguns minutos, **falar absolutamente tudo**, sem receios, constrangimentos, **compreendendo tudo e se fazendo compreender integralmente**, e ainda, ficar absolutamente tranquilo de que paciente e cirurgião se entenderam mutuamente?

É possível acreditar em honestidade numa hora dessas?

A cliente⁴⁷ chega ao consultório idealizando um procedimento do qual ela nem sempre possui a dimensão do problema, tanto na sua constituição como nos seus desdobramentos futuros. Ela nem sempre conhece os fatores reais que a levaram à cirurgia, que motivações inconscientes, que necessidades de aceitação ou qual a relação com o Outro, ou até que ponto aquele desejo é fruto apenas de uma idealização elaborada a partir de uma imagem, um modelo de perfeição construído socialmente, e por outro lado, ela

⁴⁷ Nos textos do site a referência à clientela feminina é uma constante. Os textos sempre se referem a “uma cliente” e nunca a “um cliente”, mesmo sabendo do enorme crescimento no atendimento ao público masculino, e que as dúvidas, os desejos, as inquietações, as idealizações, as inseguranças e o desconhecimento das reais questões envolvidas existem para ambos. O modelo social de perfeição se aplica a ambos, embora seja muito mais cruel com as mulheres. A cobrança social pela beleza, magreza e juventude é muito mais evidente no universo feminino. Nesse aspecto, a sociedade costuma ser muito mais condescendente com os homens do que com as mulheres.

também pode desconhecer os riscos cirúrgicos aos quais ela poderá ficar exposta, os limites da cirurgia, do cirurgião, do seu próprio corpo, a dimensão real das questões envolvidas, a extensão do pós-operatório, as dores (físicas ou não) e as instabilidades emocionais que o processo pode gerar.

E pensar que tudo isso vai ser conversado e “esclarecido” em uma entrevista de alguns minutos onde os sujeitos envolvidos partem de lugares de fala e memórias discursivas diferentes, e que, além disso, sabemos que a linguagem não é transparente, que os sentidos não são conteúdos possíveis de serem totalmente esclarecidos, que a ideologia e o inconsciente interferem no que é dito, que não temos controle acerca dos sentidos que nós mesmos construímos e, principalmente, quando sabemos que nem sempre sabemos o que estamos falando. Os procedimentos são sempre banalizados, simplificados ao máximo, tornados corriqueiros, e quem ousar refletir e pensar de outra forma é considerado negativista ou está agindo “inconscientemente”.

Finalmente, A Consulta

Se você já reduziu a sua lista para dois ou três cirurgiões, deverá agora visita-los para uma consulta inicial. Assim você poderá comparar suas personalidades, opiniões e condutas, honorários e a maneira como eles vão lhe responder às suas perguntas e explicar os riscos envolvidos. Saiba que você provavelmente terá de pagar por estas consultas, escolhendo ou não aquele profissional - vale a pena conferir mais de uma opinião!

Não sinta-se acanhado em emitir dúvidas mesmo que sejam sobre temas triviais ou que possam parecer muito pessoais. Levar tópicos importantes anotados pode ser uma boa maneira de não esquecer as suas dúvidas.

Aqui estão algumas dicas do que buscar em sua consulta inicial:

- O médico deverá responder completamente a todas as suas dúvidas, numa linguagem que você possa compreender.

- Ele/ela deverá perguntar sobre as suas expectativas, discuti-las com voce e considerar as suas reações quanto as recomendações dadas.

- Ele/ela deverá oferecer alternativas, quando apropriadas, sem pressionar voce a realizar procedimentos desnecessários.

- Ele/ela deverá receber com naturalidade perguntas sobre sua formação, qualificações profissionais, experiência, honorários e formas de pagamento.

Como um leigo pode comparar personalidades, opiniões e condutas a partir de uma consulta de alguns minutos?

Como funciona essa lógica contábil que afirma serem necessárias apenas duas ou três consultas?

Como equacionar a questão da linguagem?

É possível dialogar honestamente acerca das expectativas, se os interesses são distintos?

- Ele/ela deverá deixar bem claro não apenas os riscos envolvidos com a cirurgia mas também as possíveis intercorrências e complicações. Se o cirurgião utilizar fotografias de outros pacientes ou simulações em computador para ilustrar resultados possíveis, é preciso que fique bem claro que elas não significam garantia de que o seu resultado será o mesmo.

- Ele/ela deverá propiciar um ambiente aberto de informações onde a decisão final seja sempre sua.

Agora é Hora de Decidir

Se você levantou o nome do seu cirurgião através de fontes boas e confiáveis, checou adequadamente suas credenciais, está satisfeito a sua consulta inicial, e tem expectativas realistas e equilibradas sobre o procedimento, existem chances muito boas de você sentir-se feliz e realizado com sua Cirurgia Plástica.

As questões principais se resumem à formação (na SBCP), qualificação, experiência, honorários e forma de pagamento?

Ouvindo apenas a você mesma...
É tudo muito simples e seguro.
 Basta checar as credenciais junto à SBCP, criar expectativas “realistas e equilibradas”, pagar a cirurgia e se sentir feliz e realizada.
 Como na compra de um simples objeto de consumo.

Como se pode observar, os silêncios e os esquecimentos são uma característica marcante no discurso encontrado no *site*. Ao ocultar, omitir ou esquecer as limitações da fala ou as outras questões envolvidas no processo, revela-se a forma como o discurso se articula. Essa incompletude da fala, que é uma característica do sujeito, dos sentidos e da linguagem possui ainda outras características. Essas possibilidades variadas de construção e apropriação dos discursos e, principalmente, essa forma de produção de sentidos elaborada a partir da ideologia (influenciada pelos meios de comunicação, mídia e publicidade) e do inconsciente (revelando desejos de aceitação, relação com o Outro, pulsões de vida ou morte, etc.) é justamente a base sobre a qual se sustenta e se edifica a relação médico-paciente no campo das cirurgias estéticas.

A medicina apresentada por Foucault no *Nascimento da Clínica* revela um deslocamento na linguagem médica, ao fazer a passagem de uma perspectiva que privilegia a linguagem para uma perspectiva que privilegia o olhar, ao invés de se investigar através

do discurso do doente, passa-se à investigação pela localização e identificação da doença, ao invés de se perguntar “o que você tem?” passa-se a perguntar “onde está doendo?”⁴⁸. Na medicina estética, a pergunta passa a ser “o que você quer mudar no seu corpo?”, e quem vai informar é o próprio paciente, em alguns casos, é ele quem diagnostica o seu problema. Mas como estabelecer uma comunicação eficaz, se os atores envolvidos não possuem consciência dos significados da sua própria fala? Qual seria então o papel da medicina, ou mais especificamente, da medicina estética, na medida em que ela atende ao desejo de um paciente que sequer conhece suas reais motivações, constrói sua identidade a partir de uma imagem idealizada, a partir de referências sociais que ele também desconhece, elaborando todo seu discurso a partir de uma linguagem igualmente limitada?

Ao analisar essa descontinuidade da clínica, percebemos que ela estabelece uma relação íntima com a formação de um saber e um poder típicos da sociedade moderna. O pensamento médico, como foi visto no capítulo anterior, vai reproduzir esse estatuto epistemológico. Podemos apreender as estratégias e relações desse discurso a partir das forças que atuam em sua produção. Uma outra descontinuidade na relação entre a linguagem e o olhar, uma outra relação com as forças que atuam na produção dos saberes pode também ser pensada a partir das cirurgias estéticas, na medida em que é o “dizer” que vai direcionar o olhar e esse olhar vai também ser influenciado pelos sentidos construídos socialmente, tendo o mercado como pano de fundo.

Sabemos que uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito, sua inscrição na cultura, na ideologia, das relações inconscientes e de sua formação discursiva. Como então construir um conjunto de saberes e estabelecer um diagnóstico correto a partir de imagens idealizadas, limitações e equívocos? Em nossa perspectiva, a questão que se coloca é: como analisar esse discurso sem fazer juízo de valor, sem prejulgar ou colocar os interesses (legítimos) de profissionais e usuários em situação constrangedora?

⁴⁸ Segundo Foucault, “*esta estrutura em que se articulam o espaço, a linguagem e a morte – que se chama em suma o método da anátomia clínica – constitui a condição histórica de uma medicina que se dá e que recebemos como positiva (...)* A doença se desprende da metafísica, do mal com quem, há séculos, estava aparentada, e encontra na visibilidade da morte a forma plena em que seu conteúdo aparece em termos positivos. Pensada com relação à natureza, a doença era o negativo interminável cujas causas, formas e manifestações só se ofereciam de viés e sobre um fundo sempre recuado; percebida com relação à morte, a doença se torna exaustivamente legível, aberta sem resíduos à dissecação soberana da linguagem e do olhar. Foi quando a morte se integrou epistemologicamente à experiência médica que a doença pôde se desprender da contra-natureza e tomar corpo no corpo das indivíduos” (FOUCAULT, 1980: 227).

Nosso interesse é contemplar (teorizar) e expor (descrever) esse processo, de modo a contribuir para a discussão das questões que se revelam pertinentes para os participantes (profissionais de saúde, usuários e outros atores envolvidos) e para o conjunto da sociedade. Sabendo também que nosso discurso também não é neutro, fora da história, do simbólico, deslocado da memória, isento de questões ideológicas ou inconscientes. Apesar disso, buscamos uma posição deslocada que nos permita contemplar o processo de produção de sentidos, suas condições de produção, a fim de *compreender* os vários lados da questão. Sabemos também que os discursos são uma fonte inesgotável de sentidos e que não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo a partir do qual se pode delimitar, recortar e analisar estados diferentes. Qual seria então o “caminho correto”?

SIGA O CAMINHO CORRETO

Submeter-se a uma cirurgia plástica é um passo importante e você tomou a decisão correta em contactar a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Em seu quadro associativo, a SBCP reúne especialistas titulados e que receberam uma extensa formação profissional através de um dos mais rigorosos programas de treinamento médico de especialidades.

Aqui você deverá encontrar dicas importantes para atingir os seus objetivos com toda segurança e confiabilidade, através de informações e conhecimentos que deverão guiar os seus passos na escolha do médico e procedimentos possíveis.

Para quem busca uma informação correta e os especialistas com a melhor formação profissional sem dúvida devem procurar a SBCP. No entanto, **será que é possível atingir os objetivos com “toda segurança e confiabilidade”?** Será que tudo está sendo dito?

A seguir, vamos analisar o que não está sendo dito, que apagamentos e que silêncios ficam dissimulados.

5.3. Os silêncios da Ideologia – Os enunciados apresentados no site se mostram como a origem de um determinado discurso científico acerca da beleza quando, na verdade, eles se inscrevem numa tradição social, cultural e científica que atualiza e repete um “já dito”. Mas esse apagamento não é voluntário, nem é um “defeito” ou fruto de má fé, pois é necessário

para que a linguagem funcione, faça sentido e os sujeitos possam se constituir como tal. A própria dinâmica social repete automaticamente sua memória, reproduzindo o *habitus*.

A ideologia, por sua vez, opera por inversão, isto é, coloca o efeito no lugar das causas e transforma essas últimas em efeitos, fabricando idéias e falsas causalidades. Ela opera também através do imaginário social, recolhendo imagens diretas e imediatas da experiência social, transformando-as num conjunto coerente, lógico e sistemático que vai instituir normas, regras de conduta e comportamento. Ela produz um tecido de imagens que explicam toda a realidade e prescrevem como a sociedade deve pensar sentir e agir.

Os sentidos atribuídos ao corpo passam necessariamente por esse filtro ideológico e se apresentam para o senso comum como um conjunto de verdades avalizadas pela ciência que, por sua vez, também cria um discurso próprio aos seus interesses. Uma terceira forma pela qual a ideologia opera é através do silêncio, pois nem tudo pode ser dito, porque, se tudo fosse dito, a fala perderia coerência, se tornaria contraditória e perderia seu crédito. A ideologia oculta suas verdadeiras intenções e se deixa revelar naquilo que lhe convém, fazendo com que os discursos se direcionem para um dos sentidos possíveis, evidenciando alguns, ocultando outros, operando por metáforas para “ocultar a dor”. A coerência e a unidade do discurso estão em relação direta com o que é silenciado, e esses discursos estão na base da constituição dos sujeitos, são esses silêncios que definem a posição e a situação do sujeito no mundo. Os sentidos são construídos na história.

Ao analisar os enunciados contidos no site, entramos em contato com esses silenciamentos que a ideologia opera. Percebemos não apenas o que foi dito, mas também o que não foi dito, o que deveria ter sido dito e não foi, o que foi dito, mas poderia ter sido dito de outra forma, etc. Esse não dizer se manifesta de maneiras diferentes como os conteúdos implícitos, os pressupostos e os subentendidos.

Talvez sem perceber, na construção do site da SBCP, os responsáveis pela produção dos textos utilizam uma linguagem típica de um material de publicidade ou de venda de produtos e serviços. Diferente de outros sites na área médica, que fazem uma opção por uma linguagem e uma abordagem mais sóbria, que não necessariamente induz à compra de um serviço, o site da SBCP tem como uma de suas características mais evidentes justamente a comercialização dos serviços. O que deveria ser um local informativo ou uma referência isenta para o público leigo se transforma em um stand de vendas.

A presença de anúncios de fabricantes de produtos, inclusive com anúncio de produtos que tiveram a comercialização proibida em outros países, revela o caráter mercantil e pouco cuidadoso com seus clientes em potencial e com toda a sociedade⁴⁹. Pois o que é dito no *site* não é dito por um profissional qualquer em uma posição qualquer no campo. O que é dito no *site* está sendo dito pela autoridade máxima no assunto, está sendo dito justamente pelo guardião da seriedade do setor, ou seja, é uma fala autorizada e com autoridade, é a entidade máxima do campo.

Ao apresentar os produtos veiculados no *site*, tais anunciantes ganham credibilidade e se tornam confiáveis por extensão, apenas pelo fato de estarem presentes ali. A presença desses anúncios na maioria das páginas do site e a omissão dessa informação (o caso Inamed, por exemplo) para o grande público não é obra do acaso, esse apagamento se dá em função de interesses que são omitidos, silenciados, ocultados para não criar ruídos na comunicação. Esse silêncio representa a forma como a questão é tratada, ou seja, se é interessante comercialmente, por que não utilizar os anúncios? O consumidor não precisa saber desses detalhes...

Outro tipo de silenciamento freqüentemente observado no site é aquele em que não se diz o que poderia ou deveria ser dito numa determinada situação. Como, por exemplo, apresentar o número de processos decorrentes por erro médico, ou movidos por pacientes que foram submetidos a riscos sem saber, ou a condições inapropriadas para realizar um determinado procedimento, apresentar depoimentos de pacientes que não foram bem sucedidos em suas cirurgias, ou ainda, apresentar o número de óbitos, acidentes ou casos graves ocorridos durante cada tipo de cirurgia. As cirurgias plásticas estão cada vez mais

⁴⁹ Em Abril de 2005, em Washington, uma comissão de especialistas da FDA (agência norte americana que regula o setor de alimentos e medicamentos) recomendou que se volte a permitir a comercialização de implante de silicone nos seios, prática que estava proibida desde 1992. Os implantes de silicone foram proibidos no mercado americano depois que várias mulheres entraram na justiça por sofrer doenças auto-imunes, após o vazamento das substâncias. Os cientistas da FDA negaram autorização para a comercialização para o implante da Inamed Corp. Em Setembro de 2005, a FDA autorizou a empresa Inamed Corp. a comercializar suas próteses de silicone (com algumas restrições). A última recomendação vai contra a recomendação de um grupo de especialistas independentes, que não recomendou as próteses da Inamed Corp. Fontes: Jornal Folha de São Paulo - folhaonline (www.folha.com.br); Jornal O Estado de São Paulo - Agência Estado (www.estadão.com.br); Jornal O Globo (www.oglobo.globo.br) ; Idec – Associação de consumidores do Brasil (www.idec.org.br); Universo On line (www.noticias.uol.com.br).

presentes nos processos por erro médico, mas isso não vem ao caso, isso deve ser silenciado...

Um silêncio esclarecedor observável nos textos dos anais da SBCP se refere à ausência de artigos acerca dos aspectos subjetivos que acompanham as cirurgias plásticas. Entre centenas de artigos disponíveis no *site*, não foram encontrados artigos que tratassem de questões psicológicas, inconscientes, culturais ou sociais relativas às cirurgias plásticas. Foram buscadas inúmeras palavras chave⁵⁰ que pudessem apontar para tais assuntos presentes nos títulos dos artigos e nada foi encontrado nos anos de 2001, 2002, 2003, 2004 e 2005. A ausência de pesquisas nessa área, o silêncio do campo acerca dessas questões revelam o grau de importância que é dado a elas. O silêncio acerca dos aspectos subjetivos envolvidos nas cirurgias expõe o tipo de racionalidade que está presente, a perspectiva adotada acerca do corpo, do sujeito, dos aspectos psicológicos envolvidos, a reflexão dos profissionais acerca dessas questões e a maneira como tais profissionais produzem sentidos e reproduzem valores acerca do corpo, da beleza, da identidade ou do papel da imagem na nossa sociedade. É um silêncio eloqüente.

A questão do tipo de texto adotado é relevante na medida em que revela a posição institucional e a estratégia de comunicação adotada. Um texto pode se apresentar como um discurso (a)político, educativo, informativo, de divulgação científica ou material publicitário para comercialização de produtos e serviços. Ou então, um pouco de cada, pois a indefinição é uma opção. Um texto também revela uma estratégia de ação que possa contemplar cada uma dessas falas, sendo que algumas são utilizadas para reforçar outras. Porém, como é comum acontecer nos textos “educativos e informativos”, o discurso educativo costuma ser utilizado para outro fim, menos nobre, certamente voltado para a comercialização dos serviços, o que é válido, mas não necessariamente nobre.

Fatores extradiscursivos também produzem sentidos e devem ser analisados, pois se o órgão principal que regula a qualificação profissional e determina quem deve ou não atuar

⁵⁰ As palavras-chave utilizadas para busca foram: sujeito, subjetividade, aspectos emocionais, aspectos subjetivos, aspectos psicológicos, aspectos comportamentais, aspectos culturais, comportamento, cultura, inconsciente, consciência, imagem, consumo, narcisismo, idealização, idealização da imagem, imagem idealizada, auto-imagem, auto-estima, expectativas, ansiedade, expectativas irreais, expectativas fantasiosas, fantasia, idealização, projeção, ideal do Eu, Eu ideal, falsas expectativas, fatores sociais, padrão cultural, cultura, beleza, belo, natureza, natural, cultural, social, identidade, singularidade, construção da identidade, padrão de beleza, critérios de beleza, padrão estético, satisfação, insatisfação, imagem social, pessoa, auto-afirmação, etc. Não foram encontrados trabalhos em cujos títulos constassem tais palavras chave.

no campo, que é a autoridade máxima para definir as questões no campo, se esse órgão inclui material publicitário nas páginas mais importantes e de maior acesso em seu site, ele está não apenas ajudando a comercializar tais produtos como também dando um certificado de garantia para tais produtos. Quando o principal agente de um determinado campo passa uma informação, esta assume um caráter de verdade inquestionável para o público leigo. O consumidor que encontrasse o anúncio de um determinado produto na página do Procon certamente construiria uma imagem de confiabilidade desse produto, passaria a vê-lo como o melhor produto disponível, daria a ele o mesmo crédito que ele dá à instituição que o veicula. E se a instituição é o órgão que fiscaliza e comanda o setor, não há o que questionar, o consumidor se sente garantido, respaldado pela instituição.

O anunciante certamente investiu bastante para adquirir esse espaço publicitário com a confiabilidade que a instituição lhe confere, nada é gratuito, contudo, um site que se diz educativo deveria ser mais cuidadoso com tais anúncios, pois a instituição possui um papel público de responsabilidade e deveria zelar por sua própria imagem. O silêncio acerca do papel da instituição diante da sociedade e a forma como ela utiliza seu espaço publicitário também é revelador. O caráter educativo do site pode ser questionado na medida em que as informações são tendenciosas e a publicidade onipresente.

Os enunciados do site eventualmente também assumem versões contraditórias, em que uma fala anula uma outra fala colocada imediatamente anterior ou posterior ao que foi dito, gerando então uma dissociação no sentido, que fica suspenso pela refutação. Ao afirmar que algo “é impossível” e logo a seguir afirmar que é impossível “desde que” as condições sejam determinadas, abre-se espaço para a polifonia, fazendo com que o enunciado se preste a sentidos diferentes. Essa tática discursiva de negar e afirmar logo em seguida está a serviço do mascaramento de possíveis futuros conflitos:

O PÓS-OPERATÓRIO DESTA CIRÚRGICA É DOLOROSO?

R: Geralmente NÃO. Este pós-operatório é bastante confortável, desde que você obedeça às instruções médicas, principalmente no que tange à movimentação dos braços, nos primeiros dias. Eventualmente poderá ocorrer manifestação dolorosa, que facilmente cederá com os analgésicos receitados pelo seu médico. Evite a auto-medicação.

Nas respostas aparece a afirmação “**geralmente não**”, seguida de “**eventualmente**” e “**desde que**” o cliente obedeça às instruções. Como é possível afirmar que a dor “facilmente cederá”?

P: HÁ PERIGO NESTA OPERAÇÃO?

R: *Raramente a cirurgia plástica de aumento mamário determina sérias complicações. Isto se deve ao fato de se preparar convenientemente cada paciente, além de ponderarmos sobre a conveniência ou não da utilização das próteses de silicone, assim como sobre suas eventuais complicações.*

Da mesma forma:

P: O PÓS-OPERATÓRIO DA CIRURGIA MAMÁRIA É DOLOROSO?

R: *Geralmente não, desde que você obedeça às instruções médicas, principalmente no que tange à movimentação dos braços nos primeiros dias.*

P: HÁ PERIGO NESTA OPERAÇÃO?

R: *Raramente a cirurgia plástica mamária sofre complicações sérias. Isto se deve ao fato de se preparar convenientemente cada paciente, além de ponderarmos sobre a conveniência de associação desta cirurgia, simultaneamente a outras. O perigo não é maior ou menor que viajar de avião, automóvel, ou atravessar uma via pública.*

Ou ainda:

P: HÁ PERIGO NESTA OPERAÇÃO (Otoplastia)?

R: *O perigo não é maior ou menor que aquele de se viajar de automóvel, avião ou mesmo o simples atravessar de uma rua. São riscos do cotidiano, os quais estamos acostumados a enfrentar.*

P: HÁ DOR NO PÓS-OPERATÓRIO?

R: *Certo incômodo poderá ocorrer no pós-operatório. Quando houver esta intercorrência, poderemos combatê-la com analgésicos comuns.*

Afirmar que **raramente acarreta sérias complicações** significa também que **algumas complicações** podem ocorrer.

E se ocorrerem deve-se ao fato de o paciente não ter sido “preparado convenientemente”?

A negação se manifesta de forma implícita ou explícita. A retificação em geral ameniza o procedimento cirúrgico, omite a dor e culpabiliza o cliente, caso esta aconteça.

Atravessar uma rua oferece risco cirúrgico?

A negação é substituída por uma metáfora ou uma resposta evasiva. A sentença “não” é excluída e o risco minimizado, de modo a não assustar o cliente potencial. A resposta não é afirmativa nem negativa, ela sempre desvia a atenção e minimiza a dor.

P: A RINOPLASTIA É CONSIDERADA COMO SENDO UMA CIRURGIA “PEQUENA” ou “MÉDIA” ? E AS COMPLICAÇÕES?

R: Raramente a Rinoplasia determina sérias complicações. Entretanto, sendo um procedimento cirúrgico, ocasionalmente poderão ocorrer imprevistos na evolução. Felizmente, esses eventuais imprevistos são passíveis de correções posteriores, mediante revisões cirúrgicas, em pró do resultado planejado.

**“Raramente”
acontece.
“Entretanto...”
“ocasionalmente...”
“Felizmente são
imprevistos
passíveis de
correções
posteriores”**

A enunciação não se constitui de discursos aleatórios ou sem sentido, sem a dimensão do lugar que ocupa ou de seu significado, mas de um dispositivo fundamental na construção de sentidos e na construção de imagens dos sujeitos que falam através das instituições ou vice-versa. Elas atestam as condições de produção dos discursos e dos sentidos e o que alimenta o discurso e lhe dá condições de dizer o que diz não necessariamente é algo vindo do próprio discurso, mas da posição do sujeito que proferiu o discurso se encontra no campo científico.

Essa prática discursiva da qual falava Foucault, evidencia a regulação dos lugares institucionais passíveis de serem ocupados por um sujeito de enunciação, através do sujeito que fala, fala também a instituição, e o tom da fala utilizada pelo sujeito é o tom que a instituição quer dar àquele discurso específico. Desta forma, a noção de “prática discursiva” integra essas duas instâncias, a formação discursiva e a comunidade discursiva, isto é, a instituição ou o conjunto de instituições que compõem o campo no interior do qual são produzidos os textos que traduzem aquela formação discursiva. Mas ela não se restringe aos participantes da instituição, ela se estende ao conjunto de instituições que gravitam na mesma órbita.

Os discursos se estabelecem em relação com o exterior, eles vão ao encontro daquilo que imaginam ser o desejo de seu público. Eles são produzidos de acordo com a identidade que se quer construir, com a imagem que se quer criar no mundo exterior e com o modo como se quer estabelecer as relações. Mesmo não desempenhando um papel explícito, essa produção de imagens está sempre presente na formulação do discurso que, por sua vez, é pensado, elaborado, construído, de forma a estabelecer uma ponte com o seu

público. Assim como no lançamento de uma marca no mercado, há uma estratégia adotada, mas ao produzir uma imagem não se pode ter controle sobre que outras imagens podem ser geradas a partir dela, assim, ao produzir os textos do site, há um interesse em construir uma determinada imagem, sem que se possa, contudo, prever a profusão de imagens que daí possam decorrer, gerando percepções diferenciadas tanto para o público interno quanto para o público externo.

Trata-se de imagens sobre as quais a instituição não tem controle e que deixam transparecer as imagens que a SBCP faz dos seus clientes; a imagem que a SBCP faz dos seus profissionais associados; a imagem que ela faz dos médicos não associados; a imagem que os Conselhos de Ética fazem da SBCP; a imagem que a SBCP possui no campo da saúde; a imagem que os Cirurgiões plásticos possuem no campo da saúde; a imagem que a SBCP pensa que cria para si junto à sociedade; a imagem que a SBCP possui junto à sociedade; a imagem que a SBCP faz das questões emocionais, inconscientes, subjetivas; a imagem que a SBCP faz dos profissionais da área Psi que lidam com essas questões; a imagem que a SBCP possui junto a esses profissionais. Entre outras...

Se a cirurgia plástica é cirurgia psiquiátrica, se ela atua no “resgate da auto-estima”, se ela atua junto aos aspectos inconscientes do sujeito, ela deveria dialogar com as áreas das Ciências Humanas que possuem um saber acumulado a esse respeito, mas pelo visto isto não acontece. As questões relativas às Ciências Humanas são ignoradas nos trabalhos apresentados em seus encontros científicos. As questões relativas ao sujeito, à construção do ideal de beleza, à construção da identidade e da singularidade, as questões inconscientes que acompanham esse processo, os aspectos subjetivos presentes na escolha do profissional que vai fazer a cirurgia, na tomada de decisão de fazer uma cirurgia, os aspectos conjunturais presentes nessa escolha, os aspectos socioeconômicos e socioculturais presentes no processo, o perfil ou a mudança do perfil de seus clientes, enfim, uma série de fatores são esquecidos e não são abordados em seus trabalhos.

Como visto acima, entre os trabalhos apresentados nos Anais dos Congressos, não há sequer um trabalho que leve em consideração o sujeito que está fazendo a cirurgia. O sujeito, pelo visto, não deve ser um fator importante e essas questões, certamente, não devem ser relevantes para o sucesso da cirurgia e para o crescimento desse mercado. Parece que o sujeito é tratado apenas como consumidor e, desde que ele possa pagar pelos serviços

prestados e, principalmente, desde que ele não questione a eficácia da cirurgia na Justiça, esses aspectos são considerados menores.

Entretanto, como pensar a beleza, como trabalhar com a imagem do corpo sem levar em consideração as condições em que esses padrões são criados? Como separar as questões éticas e estéticas? Como pensar a beleza e interferir no corpo sem levar em consideração os aspectos psicológicos? Como ignorar o inconsciente? Como pensar o afastamento da medicina estética da própria medicina? Como pensar as cirurgias plásticas nesse contexto de mercantilização da medicina? Como pensar as cirurgias plásticas sem cair em juízos de valor? Quais os desdobramentos possíveis desse processo de metamorfose do corpo? Que conseqüências a estetização da saúde pode trazer para a Saúde Pública? Qual o papel dos cirurgiões plásticos nesse processo? Existe uma reflexão crítica acerca de sua própria atuação? Qual a responsabilidade desses profissionais diante do quadro atual? Como tratar dessas questões de forma isenta e eticamente responsável?

As instâncias responsáveis pela regulamentação do setor, como os Conselhos Regionais de Medicina, tentam criar normas para regulamentar e fiscalizar o uso de sites médicos. A resolução CREMESP nº 97, de 20 de Fevereiro de 2001, por exemplo, dispõe sobre a idealização, criação, manutenção e atuação profissional em domínios, sites, páginas ou portais sobre medicina e saúde na Internet. Nessa “resolução” o Conselho afirma que:

Resolução CREMESP nº 97, de 20 de Fevereiro de 2001	
<p>(...) Considerando a necessidade de organizar e regulamentar a fiscalização da prática da medicina, em qualquer de suas formas, meios, especialidades e locais de trabalho;</p> <p>Considerando que não existe legislação específica para regulamentar o uso da internet ou o comércio eletrônico no Brasil, o que torna necessário o incentivo à auto-regulação do setor para o estabelecimento de padrões mínimos de qualidade, segurança e confiabilidade dos sites de Medicina e Saúde</p> <p>RESOLVE:</p> <p>ARTIGO 01: O usuário da Internet, na busca de informações, serviços ou produtos de saúde on-line, tem o direito de exigir das organizações e indivíduos responsáveis pelos sites:</p> <p>1) Transparência; 2) Honestidade; 3) Qualidade; 4) Consentimento livre e esclarecido; 5) Privacidade; 6) Ética médica; 7) Responsabilidade e procedência</p>	<p>O papel do CREMESP é de definir os princípios éticos que nortearão os sites de Medicina e Saúde, visando disciplinar o setor e combater os abusos, a fim de que eles não sejam utilizados apenas como estratégia de comercialização de produtos e serviços e mercantilização da Medicina.</p>

<p>MANUAL DE PRINCÍPIOS ÉTICOS PARA SITES DE MEDICINA E SAÚDE NA INTERNET</p> <p><i>O CREMESP define a seguir princípios éticos norteadores de uma política de auto-regulamentação e critérios de conduta dos sites de Saúde e Medicina na Internet.</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1) TRANSPARÊNCIA – Deve ser transparente e pública toda informação que possa interferir na compreensão das mensagens veiculadas ou no consumo dos serviços e produtos oferecidos pelos sites com conteúdo de Saúde e Medicina. 2) HONESTIDADE – Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender os produtos. A verdade deve ser apresentada sem que haja interesses ocultos 3) QUALIDADE – A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada. Da mesma forma, produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza. Dicas e aconselhamentos em Saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica. Os sites com objetivo educativo ou científico devem garantir autonomia e independência de sua política editorial e de suas práticas, sem vínculo ou interferência de eventuais patrocinadores. 	<p>Analisando os três primeiros princípios éticos, podemos perceber que há uma preocupação com a qualidade e a transparência das informações, com a compreensão das mensagens, com a finalidade do site, se ele é um espaço “educativo” ou “publicitário” e com interesses comerciais em jogo.</p> <p>Vale a pena ressaltar que essa preocupação é relativa a qualquer site de Saúde e Medicina na Internet. Essa exigência cabe a qualquer Instituição, organização ou indivíduo.</p> <p>Oficial ou não.</p>
---	---

Apesar da orientação do CREMESP no sentido de definir os princípios éticos norteadores ser bastante clara e afirmar que “Deve estar claro o propósito do site, se é apenas educativo, ou se tem fins comerciais na venda de espaço publicitário, produtos, serviços, atenção médica personalizada, assessoria ou aconselhamento”, ao analisarmos a “Cartilha da SBCP para a confecção de sites em cirurgia plástica” podemos perceber o peso que é dado ao interesse comercial e o papel “educativo” do site:

CARTILHA DA SBCP PARA A CONFECÇÃO DE SITES EM CIRURGIA PLÁSTICA	
Flávio Henrique Mendes Cirurgião plástico e Webmaster da SBCP	
<p>INTRODUÇÃO.</p> <p>A Internet vem revolucionando a sociedade moderna e esta nova realidade não deve ser ignorada por qualquer que seja a atividade profissional. Segundo dados divulgados pela agência <u>Harris Interactive</u>, é impactante o número de médicos que passam a utilizar a rede como ferramenta de trabalho, seja para a aquisição e troca de conhecimentos, ou ainda para estabelecer algum tipo de relacionamento profissional com seus clientes. Da mesma forma, estima-se que a cada mês, mais de 250 milhões de pessoas em todo mundo utilizem a Internet para buscar informações sobre saúde.</p>	
<p>PORQUE DEVO TER UM SITE NA INTERNET?</p> <p>Abaixo estão relacionados alguns dos motivos pelos quais torna-se interessante ter a sua página na Internet.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Para ser encontrado(a) por clientes em potencial. Assim como a lista telefônica no passado, a Internet é hoje uma importante fonte de consulta para as pessoas que anseiam por serviços diversos. No Brasil são 14,3 milhões de internautas (Nielsen/NetRatings – Setembro de 2003) e o mercado está rapidamente adquirindo o hábito de pesquisar opções pela web, procurando as melhores características de localização, facilidades e perfil profissional também nos serviços médicos. Um site poderá oferecer do que um telefone e endereço, informações que reflitam uma idéia ilustrada e objetiva da sua atuação médica. 2) Para viabilizar a primeira visita do seu cliente. Também para aqueles pacientes que vieram indicados por outros, um site deverá ser o seu moderno cartão de apresentação, proporcionando uma primeira visita, antes mesmo do contato pessoal. Segundo Suler (1996), a Internet é um espaço psicológico, que favorece a exploração pessoal e grupal de emoções e identidades, capaz de criar novos comportamentos, propiciando inclusive o desenvolvimento de maior confiança entre as pessoas. Assim, imagens das instalações físicas, fotografias e informações curriculares da equipe médica e textos informativos sobre cirurgia plástica, vão estabelecer um contato inicial que poderá tornar a consulta mais agradável e menos estressante para o paciente. 3) Para estabelecer um canal de comunicação com seu cliente. É cada vez maior a utilização da Internet como ferramenta de interação entre médicos e pacientes. A chamada telemedicina, ainda traz uma grande polêmica no que se refere à prescrição on-line, prontuário eletrônico e monitoramento remoto de patologias. Essas ações ainda são incipientes em nosso meio e carecem, de regulamentação 	<p>Ou seja, a finalidade do site deve ser, em primeiro lugar, a de “ser encontrado pelo seu cliente em potencial”; em segundo lugar, a finalidade de “viabilizar a primeira visita do seu cliente”; em terceiro lugar, a de “estabelecer um canal de comunicação com o seu cliente”, e em quarto lugar, a de “cuidar da concorrência”.</p> <p>O conteúdo “educativo”, “informativo”, “científico” é devidamente esquecido.</p>

<p>ético-científica, após um amplo debate a ser mediado pelas entidades responsáveis pelo exercício da medicina no Brasil. De qualquer forma, sem o intuito de substituir a relação pessoal entre médicos e pacientes, um site na Internet pode oferecer mais uma possibilidade de comunicação ágil e eficiente entre as partes, através de mensagens de correio eletrônico e outros protocolos de transferência de dados.</p> <p>4) Para divulgar informações éticas e corretas sobre cirurgia plástica. Na mesma proporção em que a Internet democratiza o acesso à informação, ela também abre espaço para o aparecimento de sites inapropriados, onde os interesses financeiros atropelam os preceitos éticos e científicos que pretendemos resguardar na medicina. Assim, torna-se necessário que tenhamos um número cada vez maior de sites éticos no universo da cirurgia plástica, falando a mesma linguagem e estabelecendo uma consciência coletiva na população, daquilo que é correto e verdadeiro na nossa especialidade. As ferramentas de interatividade da informática devem ser nossas aliadas na educação e orientação dos nossos pacientes. A SBCP tem um papel fundamental nesse processo, como entidade certificadora de profissionais com formação técnica e conduta ética, que são garantidos pela força de seu estatuto. Assim, todo sócio deve ter a honra e o privilégio de ter o seu site “linkado” ao site da SBCP.</p>	<p>Apesar das propostas serem sempre “educativas” e criadas com o intuito de divulgação de “informações científicas”, o que se percebe nas linhas e nas entrelinhas é que os interesses comerciais prevalecem.</p> <p>Se o principal agente do campo ignora alguns princípios básicos do Conselho que o regula, quem então vai orientar o usuário? A quem recorrer?</p>
---	---

A questão ética é sempre trazida à cena como forma de definir as regras do jogo e as posições do campo. É a “questão ética” que vai determinar quem pode ou não divulgar as informações “educativas e científicas” para os seus clientes em potencial.

O discurso acerca da estética e a produção de sentidos acerca do corpo e dos padrões de beleza que o acompanham não têm sua origem nem seu encerramento nos profissionais desse campo. Eles não são ponto de partida nem ponto de chegada, mas são um elo importante nessa cadeia, um nó pelo qual passam vários fios dessa rede. A construção desses discursos e dos sentidos que aí se originam estão imersos na dinâmica social e passam pelos meios de comunicação de massa, pela publicidade, pela socialização, pelo *habitus* de classe presente nos diversos estratos sociais, pela cultura, pelo senso comum. A vaidade e a preocupação com a beleza revela vários traços dessa construção, seja no plano social, por meio das formas de reconhecimento e distinção social, seja no plano individual, nas motivações que deflagram nossos afetos e paixões. A beleza não passa despercebida, mas a construção social da beleza também não.

A entrada no simbólico nos coloca diante dos sentidos das palavras, dos conflitos da política, das artimanhas da razão e das paixões demasiado humanas. A vaidade, os cuidados com o corpo, os afetos ou as paixões são temas considerados menores por alguns setores da ciência. A aparente superficialidade do mundo da moda, do consumo, dos cuidados com o corpo, da vaidade ou da estética nos revela que não há neutralidade ou superficialidade. Ao contrário, os signos aparentemente banais do cotidiano traduzem toda uma forma de pensar, sentir e agir que são adquiridas na socialização, reproduzida pelo *habitus*, e demonstram, de maneira clara como a sociedade se organiza, se reproduz e produz sentidos, criando hierarquias e distribuindo poder. A beleza, a vaidade e o poder sempre andaram de mãos dadas. Os sentidos produzidos acerca do corpo trazem em si essa mistura de elementos. Eles não estão soltos no tempo ou no espaço, eles são produzidos segundo a lógica dominante no meio social e refletem as diferentes culturas nas quais estão imersos, produzindo valores e reproduzindo uma memória que sequer é lembrada como tal. Tanto o presente quanto o futuro são vistos como algo que não possui relação com o passado, os sentidos acerca do corpo são produzidos como se só existisse o presente, sem se dar conta da memória que o atravessa e sem se dar conta dos “desdobramentos” possíveis no futuro. Desdobramentos que são imprevisíveis, dada a lógica hegemônica atual que trata o corpo, a beleza e o sujeito como simples objetos descartáveis de consumo.

Nosso interesse não é de apresentar soluções prontas e acabadas para as questões colocadas aqui, pois sequer sabemos se tais soluções são possíveis. Porém, cabe a nós levantar os problemas, trazê-los à tona, discuti-los, e talvez, quem sabe, a partir dessa discussão possam surgir algumas idéias.

6 – AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das principais questões abordadas em nosso trabalho é a dissociação corporeamente, ou seja, a forma como a civilização ocidental privilegia uma concepção dualista do corpo em detrimento de uma visão monista, alternando concepções que afirmam a dualidade, a complementaridade entre opostos, ou o dualismo, a separação radical, mas sempre operando a partir dessa dissociação. Essa separação foi construída historicamente e, hoje, com o desenvolvimento da biotecnologia, com o processo de espetacularização da sociedade, a mercantilização da Vida e a construção da identidade a partir de imagens instituídas socialmente, esse processo tende a se radicalizar.

A indústria da metamorfose dos corpos e o processo de estetização da saúde, como já descrito, reforçam essa dissociação que leva o sujeito a se afastar do próprio corpo, separando-o da mente ou do espírito, criando uma percepção que hiper-valoriza, por um lado, o sensório, os prazeres dos sentidos, e por outro, uma imagem do corpo idealizada no âmbito social, desvalorizando a interioridade, os sentimentos, e valorizando excessivamente a exterioridade, a aparência. Essa percepção maquínica do corpo reforça o sofrimento e a dor, na medida em que o sujeito sofre por não ter o corpo idealizado e sofre por não se amar, pois ele ama uma imagem que só existe fora dele, inacessível a ele. Ou seja, o narcisismo, o hedonismo e o consumo ditam as regras da beleza, da aparência, dos cuidados com o corpo e com a saúde, embalados por um discurso “cientificamente comprovado” que coloca o corpo como objeto a ser transformado, esculpido de acordo com a moda da ocasião.

Por outro lado, a concepção de corpo, criada a partir da teoria da complexidade ou da física quântica, começa a criar uma nova percepção do corpo⁵¹ na qual a matéria

⁵¹ O corpo é visto como um composto de matéria e energia que se renova integralmente a cada 14 meses. Segundo Oliveira, “*Em nosso próprio corpo, a cada catorze meses, todos os átomos são trocados (exceto os dos dentes e dos ossos, que demoram um pouco mais), (...) Como tudo mais, somos feitos de fluxos de átomos que torvelinham, se enovelam e se coordenam, e esse emaranhado exhibe uma duração própria em outra*

orgânica e a mente são dimensões diferentes de uma mesma coisa, ou como diria Espinosa, *duas substâncias que constituem o mesmo ser*, com o corpo e o pensamento atuando juntos na construção do indivíduo e da realidade. Para essa concepção, o corpo e a mente constroem a existência a partir de outros parâmetros que não se apóiam mais no pensamento mecanicista ou dualista do pensamento moderno. Nesta outra representação, aquela imagem do corpo-máquina não se sustenta. No entanto, os discursos que afirmam a dualidade, longe de serem abandonados, adquirem novas formas, se atualizam, reaparecem com nova roupagem e são reinventados de acordo com as condições e com as necessidades de cada circunstância. E são esses discursos que criam a base de sustentação de alguns dos sentidos atuais que são criados acerca do corpo.

Em seu texto, *Biontes, bióides e borgues*, o físico Luís Alberto Oliveira (2003) utiliza os conceitos de *dobra*, *labirinto* e *problema* para traçar um quadro futuro das questões relativas ao corpo na perspectiva da teoria da complexidade, vislumbrando um horizonte no qual o corpo poderá se metamorfosear em um híbrido de matéria e tecnologia. Esses conceitos são retirados de obras distintas, a saber: o conceito de *dobra* é retirado do livro *A dobra – Leibniz e o barroco*, de Gilles Deleuze, o conceito de *labirinto* é extraído de Jorge Luís Borges, e o de *problema*, de comentários em aula e também da Tese de Doutorado do Professor Cláudio Ulpiano (1998)⁵².

Segundo Oliveira, *dobra*, vêm do latim *plica*, que também está na raiz de *plexo*. O complexo e o complicado é aquilo que está junto, dobrado, envolto em si mesmo. Do mesmo modo que implicar é dobrar, conectar, explicar é desdobrar, dissociar, e o que caracteriza a dobra é o ato de colocar junto o que estava separado, ou seja, dobrar é reaproximar o que já estava presente. Ao se dobrar uma superfície, regiões que antes estavam separadas são postas em contato, daí surge uma nova dimensão, uma terceira dimensão, criada a partir de elementos que estavam separados. A dobra induz a existência de uma outra superfície, não vista, mas intuída, por detrás da superfície aparente. Desta forma, a inclusão de um novo registro, de um novo dado pode alterar todo o sistema, abrindo possibilidades outras onde só havia potência.

escala, mas esse concerto de fluxos não cessa de ser atravessado, adquirindo e perdendo átomos todo o tempo” (OLIVEIRA, 2003: 161-162).

⁵² *O pensamento de Deleuze ou A grande aventura do espírito*. Tese de Doutorado. Campinas:Unicamp, 1998.

Da mesma forma, a idéia de *labirinto* sugere um conjunto de futuros indeterminados e as escolhas realizadas nos colocam diante de diferentes questões, ações e possibilidades. A cada escolha, um acaso aponta para uma matriz de futuros possíveis, cada opção definida leva a um caminho que leva a outras escolhas, outros acasos, outros (des)caminhos, da mesma forma que as escolhas podem levar também ao fim do caminho. O terceiro conceito que o autor cita, e que chama de *problema*, também se inscreve nessa mesma lógica, de caminhos que se colocam para além das escolhas imediatas. Para ele, o pensamento ocidental optou pela lógica do *enigma* em detrimento da idéia de *problema*. Um *problema* difere de um *enigma*, na medida em que um enigma traduz uma falta que precisa ser preenchida, uma questão que espera uma solução, uma peça que falta para finalizar o encaixe perfeito. Assim como no *Édipo*, a palavra que falta preenche o saber-poder, restaura a ordem, e a nossa tradição está presa a essa forma de pensar que reduz a noção do problema ao paradigma do enigma, que supõe uma palavra, uma resposta que vai restaurar a unidade perdida, uma peça que falta para completar o quebra-cabeça.

O problema, ao contrário, não busca restaurar a ordem perdida, e sim, instaurar novos parâmetros para a discussão, levantar novas questões, vislumbrar outras possibilidades e encaminhamentos⁵³. Desta forma, para o campo da complexidade, “*o que nos interessa é não a solução, e sim a constituição de um problema, não a restauração de uma unidade perdida, e sim a aparição de uma nova unidade ali onde só havia dispersão e disparidade. Neste sentido, o problema é constituído não para ser resolvido, mas para ser problema*” (ULPIANO Apud OLIVEIRA,1998). Sendo assim, a compreensão das novas e

⁵³ Em seu livro *A dobra: Leibniz e o barroco*, Deleuze (1991) cita o exemplo da passagem da arte medieval para a arte renascentista, na qual a introdução de um novo dado (o volume na pintura) faz com que os corpos representados ganhem uma outra dimensão que é introduzida com a perspectiva e com a profundidade. Cria-se assim um novo espaço geométrico, com a ilusão da tridimensionalidade, que é o espaço plástico renascentista. Nessa passagem do bi para o tridimensional, essa nova percepção produz uma *demora* para que o olhar penetre na cena. Essa nova *duração* introduz então o tempo como uma dimensão que estava oculta, mas que é acrescentada. Os acontecimentos deixam de ser simbólicos e passam a traduzir uma percepção racionalizada, matematizada, mecanicizada, humanizada, ou seja, sai do âmbito do teológico e desce para o território do humano, do racional e do científico. Entre o homem medieval, e sua cosmologia teo e geocêntrica, e o homem do renascimento, informado pela técnica, pelo humanismo, contemporâneo das grandes navegações, pós-Copérnico, Galileu e Leonardo, há uma distância radical, são dois mundos sacudidos por uma revolução científica. A geometrização do espaço, e a dobra que o espaço permite para a introdução do tempo, leva a uma nova percepção do tempo e do mundo. Não se trata apenas de uma nova ordem pictórica do mundo, mas de uma mudança radical na forma de ver o mundo. Esse novo espaço, informado pelo tempo, possibilitou também uma nova percepção para o homem e para a humanidade que, desde então, nunca mais foi a mesma.

complexas corporalidades é composta por labirintos que se dobram e desdobram inesgotavelmente, propondo problemas. E a produção de subjetividade acerca do corpo será sempre *complicada, labiríntica e problemática*.

A apropriação que Oliveira faz deste conceito remete à construção de um campo de possibilidades que não está explícita no momento do desdobramento, mas que já estava implícita nele como possibilidade. O contato entre elementos que estavam separados permite a criação de novas relações que ultrapassam as finalidades e funções dos antigos elementos. São criadas novas formas de pensar, novas dimensões, possibilidades de expressão ou ação. A dobra, portanto, cria uma nova relação dentro-fora; uma nova topologia: quando o contato se realiza, isso equivale ao estabelecimento de ligações até então não concretizadas, apenas potenciais, entre os componentes dispersos originais (OLIVEIRA, 2003).

Em nosso trabalho, a questão da dobra se coloca de duas formas, uma relativa ao indivíduo e a outra à sociedade. Com relação à sociedade, os desdobramentos das tecnologias relativas às transformações corporais poderão nos levar a lugares inimagináveis (positiva ou negativamente), na medida em que novas relações e possibilidades de pensamento e ação podem surgir, novas implicações e complicações éticas vão ser criadas, e não há garantias de que tais ações serão benéficas aos sujeitos. No que diz respeito aos indivíduos, as dobras, interiores e exteriores, podem também levar a novos lugares e à criação de novas corporalidades e novas subjetividades que, por sua vez, colocam novos *problemas*. A percepção do corpo e os sentidos atribuídos a ele refletem essas duas dimensões. De um lado, o sujeito com seus desejos, construindo sua identidade e se lançando no mundo “de corpo e alma”. De outro lado, o mundo social, com suas instituições, produzindo sentidos “cientificamente corretos” para o corpo, criando padrões de beleza que tanto podem libertar como assujeitar, criando referências estéticas que vão nortear a construção das identidades, interferindo nas formas individuais de individualização e singularização.

A questão que se coloca é que nos dois sentidos, tanto no que diz respeito aos indivíduos, quanto no que diz respeito à sociedade, a discussão acerca dos *desdobramentos* que estão se delineando não estão sendo pensadas e discutidas no âmbito da Saúde Pública. Tais questões só agora, timidamente, começam a ser encaradas como um problema a ser

enfrentado. Dada a gravidade das questões sanitárias do país, que de fato não são poucos nem pequenos, a construção instrumental de sentidos acerca do corpo, a estetização da saúde e o crescimento da indústria da metamorfose corporal se transformam em questões menores, como se fossem casos isolados, frutos da vaidade individual, e conseqüentemente, tratados com um certo preconceito pelos profissionais da área da saúde e pela inteligência do campo. O agenciamento maquínico que aprisiona alguns indivíduos no universo do narcisismo e consumo, que os leva ao afastamento de uma percepção mais profunda e integrada de seu próprio corpo, e que institui na sociedade uma forma utilitarista e mecânica com a própria vida, fazem parte de uma mesma formação discursiva que atua no campo da ciência e compete pela hegemonia neste campo.

Os *desdobramentos* que essa ordem subjetiva instrumental pode causar não estão sendo devidamente discutidos pelos profissionais do campo da Saúde Pública. Afinal, beleza é assunto de mulher, pura futilidade... Mas como disse Pierre Bourdieu, “*o cume da arte, em ciências sociais, está sem dúvida em ser-se capaz de pôr em jogo “coisas teóricas” muito importantes a respeito de objetos ditos “empíricos” muito precisos, freqüentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios*” (BOURDIEU:1989:20). Segundo ele, os sociólogos tendem a crer que a importância social e política do objeto de estudo se dá de acordo com a proximidade do tema com as questões do Estado, sem se dar conta da violência simbólica presente em outros temas considerados menores. Para ele, “*o sociólogo poderia tornar sua a fórmula de Flaubert: “pintar bem o medíocre”...*” (idem:20). Ou seja, é preciso perceber que a aparência, a beleza, a subjetividade, a cultura, os valores sociais e os sentidos que são fabricados cotidianamente interferem na forma como os sujeitos constroem a identidade, cuidam do corpo e da saúde. E a forma como isso acontece pode colocar diferentes problemas para o campo da Saúde Pública, pois os cuidados com o corpo, a vaidade e a saúde estão se transformando em uma coisa só.

Como foi visto no decorrer do trabalho, a construção de sentidos acerca do corpo e dos cuidados com a saúde sofre influências das mais diversas e os parâmetros da beleza, muito mais do que uma simples construção cultural espontânea, são um amálgama onde se (re)encontram diversos discursos, conceitos e interesses que traduzem os conflitos oriundos de diferentes campos do pensamento. Tais sentidos trazem em suas trajetórias os rastros das

teorias, racionalidades ou conceitos que compõem a memória do campo e continuam reverberando nos discursos atuais, sendo utilizadas hoje para manter o que Deleuze e Guattari chamam de *produção maquínica de subjetividade*. Os sentidos do corpo são construídos a partir dessa polifonia de discursos, conceitos, teorias que compõem o meio social, e, da mesma forma, reproduzem o capitalismo com todas as suas estratégias de sedução, produção de sentidos, desejos, papéis, corporalidades e padrões estéticos variados, produzindo comportamentos que tanto podem levar à singularidade e libertação, como podem levar à repetição “espontânea” dos padrões e à submissão (o que costuma ocorrer com mais frequência). E a (re)produção dessa subjetividade instrumental fica explícita e pode ser identificada facilmente quando observamos os cuidados com o corpo, com a saúde e com a beleza. Mesmo assim, as cirurgias plásticas não são devidamente discutidas no âmbito da Saúde Pública, este talvez seja o primeiro trabalho com esse tema nesta instituição.

Mas ainda há uma perspectiva não abordada, e que precisa ser discutida, que é a questão das metamorfoses do corpo e suas implicações com a Vida. Mas não se trata apenas do aspecto biológico da vida, ou dos “estilos de vida” que determinam as formas de *distinção social*, ou de aspectos religiosos ou morais que orientam os sujeitos em suas formas de atuação no mundo, ou ainda, do conceito mecanicista de vida surgido com Descartes, que vai ser aprisionado por uma racionalidade limitadora. Trata-se da Vida como força vital, como o *élan vital* pensado por Bergson, que vai além das formas racionalizadas de compreensão e organização do mundo social e da matéria. Em um sentido mais amplo, a Vida, para Bergson, extrapola a dimensão material, individual ou relativa ao meio social, ela não se limita às verdades da razão, à racionalidade médica, aos aspectos biológicos, sociais ou morais. Ela cobre uma gama imensa de manifestações não mensuráveis, que não cabem na perspectiva dualista, mecanicista ou limitadora da razão, principalmente da racionalidade médica ocidental moderna, e está muito mais próxima da idéia de Vida pensada pelas teorias Vitalistas, que tentam compreender o corpo a partir de uma perspectiva menos limitada.

Enquanto o mecanicismo cartesiano limita a Vida às suas características físico-químicas da matéria corpórea e pressupõe um evolucionismo⁵⁴ linear e progressivo, o vitalismo considera que essa organização não é suficiente para explicar o fenômeno e que a Vida depende de um princípio que está além da matéria, como no *élan vital* de Bergson. Para ele, a Vida é uma consciência criadora, uma inteligência que extrai de si mesma tudo o que produz, um impulso vital que permeia todas as etapas da evolução e percorre todos os seres. A evolução da Vida parte então desse impulso inicial que determinou a função clorofílica na planta e, o sistema sensorio-motor no animal. Ela conduz a vida a atos cada vez mais elaborados e eficazes para a continuidade do processo. O aparecimento do homem não introduz nenhuma solução de continuidade, ao contrário, o homem é apenas o herdeiro desse impulso vital.

A evolução da vida é um processo que reúne inúmeras possibilidades, dentre elas, umas se realizam, outras se modificam ou ficam pelo caminho, outras sequer seguem adiante. Contudo, o caminho é feito pelo somatório desses destroços, de possibilidades que se viabilizam, ou se modificam ou deixam de existir. A evolução não é apenas um movimento para frente; em muitos casos, observa-se um marcar passo, e mais freqüentemente ainda um desvio ou um regresso (BERGSON, 1971). Nesta perspectiva, somos frutos desse percurso e o somatório de escolhas feitas nos *labirintos* pelos quais passamos. Desta forma, a evolução é o resultado de um processo que se estende no tempo e leva consigo todo seu passado na memória, mas sem chegar a uma finalidade pré-determinada e sem a certeza de um final feliz.

Para Bergson, a vida é força de invenção, capacidade criadora e transformadora, uma forma de fazer um aprofundamento cada vez mais completo em nós mesmos, pois a evolução é imprevisível e incessante criação a partir de um impulso vital. Segundo ele, se a evolução tivesse se deparado com acidentes diferentes no seu caminho, se, em tais

⁵⁴ **Evolucionismo** – “A crença de que a realidade é um processo único, contínuo e necessariamente progressista está nas entrelinhas de doutrinas filosóficas díspares e influenciou poderosamente a postura de certas pesquisas históricas, sociológicas, morais, etc. Esta crença, porém, não é corroborada por nada, e no único domínio em que a teoria de evolução é corroborada por provas de fato, o biológico, a evolução perdeu justamente os caracteres que os filósofos mais demonstraram apreciar: unidade, continuidade, necessidade e progresso. Nenhum desses caracteres é aceito hoje no contexto da evolução biológica. Portanto, a hipótese de que a realidade constitui um processo integrado por esses caracteres não é confirmada pelos conhecimentos científicos e deve ser considerada simples hipótese metafísica, não é possível de verificação, ainda que indireta. No entanto, essa hipótese continua a gozar de certo prestígio junto a cientistas e filósofos” (Abbagnano, 1999).

circunstâncias, a corrente da vida tivesse sido dividida de outra maneira, teríamos sido, no físico e no moral, bastante diferentes daquilo que somos. Por essas diversas razões, seria um erro considerar a humanidade, tal como a temos sob nossos olhos, pré-formada no movimento evolutivo (BERGSON, 1971). Ou seja, uma evolução diferente poderia ter conduzido a uma humanidade diferente, e da mesma forma, uma alteração introduzida hoje pode alterar a continuidade do processo, até inviabilizá-lo. Sendo assim, a imprevisibilidade e seus desdobramentos são inerentes ao processo. Mas o que pode alterar esse desenvolvimento, essa criatividade e essa evolução é justamente o desenvolvimento prodigioso da técnica, que faz do homem seu escravo, que coisifica e reifica a vida, que torna sonhos, desejos e corpos em mercadorias, tornando a Vida algo mecânico, maquínico, aprisionado em um modo de vida que só atua na superfície e não se aproxima da interioridade.

O processo atual desencadeado pela indústria da metamorfose corporal pode desencadear justamente esse lado mais perverso e estéril dos seres humanos, transformando-os em objetos recicláveis, adaptáveis à moda da ocasião, corpos que são pura forma sem conteúdo, matéria sem espírito, músculos sem pensamento. E a Vida pode se transformar em algo cada vez mais desprovido de sentido, de sentimento, de afeto. Só matéria transformada em imagem sem memória, sem história e sem sentido. A inteligência e a intuição são turvadas, apropriadas por uma racionalidade que ignora o corpo e o espírito, a matéria e a memória, deslocando-se para um impulso que está além do corpo, numa imagem construída socialmente.

Nossa preocupação se manifesta, assim, numa via dupla: uma relativa ao sujeito e outra relativa à sociedade. No que diz respeito ao sujeito, percebe-se que cada vez mais há um afastamento da Vida (no sentido bergsoniano) e da interioridade, e um deslocamento para a superfície das coisas, como se as questões interiores fossem descartadas em nome de uma exterioridade e de uma superficialidade que se manifestam nas relações, na construção da identidade a partir da imagem, na ausência de reflexão, no imediatismo que despreza o passado, as emoções, os sentimentos dolorosos, os afetos, ou seja, tudo o que aproxima o sujeito dele mesmo. Ao contrário, parece haver um afastamento contínuo do sujeito de suas questões fundamentais e um deslocamento para o mundo exterior, onde “a imagem é tudo”. No que diz respeito à vida social, são imprevisíveis os “desdobramentos” que essa

racionalidade mecanicista, dualista e quantitativista nascida com a ciência moderna pode desencadear. Essa razão instrumental que privilegia a máquina e o mercado em detrimento dos sujeitos tende a gerar formas de pensamento e racionalidades cada vez mais distanciadoras e problemáticas. O afastamento do homem dele mesmo e sua apropriação por essa lógica científica pode gerar problemas que sequer ousamos imaginar.

No que diz respeito aos novos sentidos atribuídos ao corpo, eles são fruto dessa conjugação de fatores descritos ao longo deste trabalho, mas ao apontar para esse “problema”, ao identificá-lo, estamos dando um primeiro passo para encontrar uma solução para ele, ou pelo menos torná-lo visível, para tentar entendê-lo, e quem sabe, decifrá-lo.

Segundo Bergson, *“tal como o mais pequeno grão de poeira é solidário de nosso sistema solar inteiro, e é arrastado com ele nesse movimento indiviso de descida que é a própria materialidade, assim também todos os seres organizados, do mais humilde ao mais elevado, desde as primeiras origens da vida até ao tempo no qual nos achamos, e assim em todos os lugares como em todos os tempos, não fazem mais que tornar sensível aos olhos um único impulso, inverso do movimento da matéria e, em si mesmo irreduzível. Todos os seres vivos estão ligados, e todos cedem ao mesmo formidável impulso. O animal tem a planta como ponto de apoio, o homem cavalga na animalidade, e a humanidade inteira, no espaço e no tempo, é um imenso exército que galopa ao lado de cada um de nós, à frente e atrás de nós, numa arremetida capaz de vencer todas as resistências e de atravessar todos os obstáculos, talvez até a morte”* (BERGSON, 1971:267).

O desenvolvimento da biotecnociência, a popularização das tecnologias disponíveis, as inúmeras formas de intervenção no corpo hoje, seja por meio da genômica, ou da fecundação *in vitro*, das novas técnicas de inseminação, na clonagem ou na hibridização de nano tecnologias informacionais no corpo aliadas as tecnologias para prolongamento e o controle do fim da vida nos coloca hoje diante de novos problemas. Os desdobramentos das tecnologias relativas às transformações corporais poderão nos levar a lugares inimagináveis (positiva ou negativamente), novas implicações e complicações éticas vão ser criadas, e não há garantias de que tais ações serão benéficas aos sujeitos. A evolução pensada por Darwin sofre uma interferência externa, oriunda da técnica, que pode alterar definitivamente o estatuto do humano e pode também levar a novos lugares e à criação de novos sentidos

acerca do corpo, colocando novos *problemas*. Resta saber se teremos tempo e condições de criar novas soluções.

Não pretendemos também estabelecer juízos de valor acerca das cirurgias plásticas para definir o que é certo ou errado, positivo ou negativo. Sabemos que as cirurgias podem ser benéficas ou maléficas, podem gerar positividade ou negatividade de acordo com o uso que se faz delas. A questão não está nas cirurgias em si, a questão reside no uso que se faz da técnica, da racionalidade científica, dos usos da tecnologia e da “contaminação” de alguns setores da medicina pela lógica estreita do mercado. Nossa posição não é contrária à técnica, pois não podemos negar os inúmeros benefícios trazidos por ela. Ou seja, não somos adeptos da tecnofobia, mas também não somos adeptos da tecnolatria. Sabemos que esses opostos levados ao extremo levam a diferentes complicações e que a vida, seja individual ou coletiva, possui possibilidades infinitas de **desdobramentos**.

A vida é multiplicidade e jogo, acaso e incerteza, não havendo possibilidade de se pensar a identidade ou a realidade como algo imutável, fixo, eterno e permanente. A vida é plural, ela é constituída a partir de uma pluralidade de energias e forças que atuam em todos os sentidos, dentro de um jogo no qual existem forças que podem aumentar a potência da vida, torná-la mais alegre, potente, saudável, e por outro lado, existem também forças que podem entristecer, diminuir a potência da vida, torná-la mais fraca e doente. Cada força, portanto, possui uma vontade de querer dominar sua oponente, colocá-la sob seu domínio, revelando nesse jogo de forças uma tensão permanente que pressupõe destruição e criação, e tanto o indivíduo quanto o mundo não escapam desse processo dinâmico, ambos estão imersos nessa luta⁵⁵. Esse jogo de forças ativas e reativas atravessa o corpo (DELEUZE, 2001). Elas estão presentes nele e se fazem presentes através das nossas emoções, sentimentos, desejos e valores, sendo o corpo o palco dessa multiplicidade.

Essas forças ativas e reativas tanto produzem qualidades como intensidades. Tanto podem exprimir uma vontade de aniquilamento, de hostilidade à vida, como podem exprimir o oposto, a expansão da força vital e o aperfeiçoamento da vida. Mas o ideal apolíneo do corpo perfeito, a imagem construída artificialmente pela ideologia é reproduzida como se fosse a única possível, a melhor, a mais justa e mais correta, sem se

⁵⁵ Deleuze utiliza esses dois conceitos de “activo” e “reactivo”, cuja origem está no pensamento de Espinosa, no capítulo II do livro *Nietzsche e a Filosofia*.

dar conta de que tais valores levam justamente à anulação da vida. O discurso que nega o lado trágico da vida e evidencia apenas seu lado luminoso, ressaltando uma beleza eterna, sem rugas, sem pêlos e sem humanidade, um discurso que teima em não aceitar a passagem do tempo e nega a dor, a tristeza e o sofrimento, e afirma apenas beleza sem pensamento, a alegria sem contato com a realidade ou o hedonismo a qualquer preço, é um discurso que oculta a verdade, pois a vida não é feita apenas de alegria, prazer e felicidade. Negar o lado trágico da vida é negar a própria vida. Não perceber o caráter ideológico desse discurso que prega a felicidade sem contra-indicações e se deixa levar por essa racionalidade instrumental, que modifica o corpo de acordo com a moda da ocasião, pode não ser uma boa alternativa. Não perceber os problemas que se colocam a partir dessa perspectiva e não pensar os desdobramentos que podem advir dessa postura é, da mesma forma, negar a vida, colocar em risco a Vida, em seu sentido mais amplo.

A apropriação que tem sido feita da estética por alguns setores da área da saúde, o discurso instrumental e cientificista que a justifica, a ausência de compromisso com a ética, a manipulação ideológica, a estratégia política de conquista de espaço no campo, a submissão à lógica do mercado, a mercantilização da saúde e o crescimento sem controle da indústria da metamorfose corporal trazem à tona a forma como os discursos são construídos, suas estratégias de poder, sua forma utilitária de pensar e seu estilo pragmático de agir. Essa ausência de compromisso com os indivíduos, com a construção de uma identidade que valorize a Vida e com a “evolução” e conservação da espécie está em sintonia com o mesmo pensamento que desrespeita sistematicamente a qualidade de vida no planeta. Da mesma maneira que há alguns anos atrás pensava-se que os recursos naturais seriam infinitos e que a civilização ocidental seguia numa via progressiva e linear, hoje, ao contrário, sabemos que os recursos são finitos e que, mantidas as condições atuais, a Vida pode não ter futuro (BOFF, 2005). A metamorfose do corpo, da mesma forma, se for mantida essa lógica mecânica e mercantil, pode levar a labirintos e escolhas que podem criar problemas de difícil solução.

Ou seja, pensar a beleza e os cuidados com o corpo significa pensar também em outras dimensões que estão ocultas ou esquecidas. A questão, longe de ser superficial, é vital. Ao analisar a construção de sentidos acerca do corpo e a concepção de estética que está presente na racionalidade médica que orienta os profissionais da SBCP, o que poderia

ser um mero exercício acadêmico, entramos em contato com um universo de questões éticas e políticas que, longe de serem superficiais, revelam o quanto a sociedade está imersa nessa forma de pensar mecânica, utilitarista e empobrecedora da vida. Por trás de uma questão aparentemente frívola, mera vaidade feminina, pode-se perceber a dinâmica do pensamento científico, os mecanismos de poder, os conflitos do campo, as estratégias de sedução do capitalismo e a relação sempre tensa entre indivíduo e sociedade. Como afirmamos no início do trabalho, Ética, Estética, Política e Saúde Pública se confundem, se mesclam e se misturam, apontando para novos problemas e novos desdobramentos.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ANDRIEU, Bernard. *L'Homme Naturel*. La fin promise des sciences humaines. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1999.
- _____. *La nouvelle philosophie du corps*. Paris: Érès, 2002.
- _____. *Les plaisirs de la chair – une philosophie politique du corps*. Paris: Le Temps des Cerises, 1998.
- _____. *Le corps dispersé*. Une histoire du corps au XX^e siècle. Paris: L'Harmattan, 1993.
- ANZIEU, Didier. *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do psicólogo, 1989.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.
- BARBARAS, Renaud. “A alma e o cérebro” In: NOVAES, Adauto (Org.) *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. Organizado por Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BARNES, Jonathan. *Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BASTOS, Liana Albernaz de Mello. *Corpo e Subjetividade na medicina: impasses e paradoxos*. Tese de Doutorado defendida no Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- _____. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- _____. *Para uma economia política do signo*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. (1939) São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Ópera Mundi, 1971.
- BERLIGUER, Giovanni e GARRAFA, Volnei. *O mercado humano – Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

- BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- BORNHEIM, Gerd. A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction*. Critique sociale de jugement. Paris: Minit, 1979.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *Ce que parler veut dire*. L'économie des échanges linguistiques. Paris: Fayard, 1982.
- _____. *Raisons pratiques*. Sur la théorie de l'action. Paris: Éditions de Seuil, 1994.
- _____. *Livre-troca*. Diálogos entre Ciência e Arte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.
- _____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BRAUNSTEIN, Florence & PÉPIN, Jean François. *O lugar do corpo na cultura ocidental*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- BROHM, Jean-Marie. *Corps et politique*. Paris: Delarge, 1975.
- BROWN, Peter. *Corpo e sociedade*. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BRUM, José Thomaz. *O pessimismo e suas vontades – Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *Nietzsche – As artes do intelecto*. Porto Alegre: LPM, 1986.
- BUNGE, Mario. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CAPISANO, Helládio F. “Imagem corporal” in: *Psicossomática Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. “Paixão, ação e liberdade em Espinosa”. São Paulo: Folha de São Paulo. Caderno Mais. 20 de Agosto de 2000.
- _____. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de. *Tratado das sensações*. In: Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Abril, 1979.
- COTTINGHAM, John. *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

- CORBIN, Alain. “L’emprise de la religion” In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- _____. “La rencontre des corps”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- _____. “Douleurs, souffrances et misères du corps”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- COURTINE, Jean-Jacques. “Le miroir de l’âme”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- _____. “Le corps inhumain”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes*. Emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *O mistério da Consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DEBORD, Guy. *La société du spectacle*. Paris: Gallimard, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. *Espinosa – Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. *Nietzsche e a Filosofia*. Porto-Portugal: Rés Editora, 2001^a.
- _____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *A filosofia crítica de Kant*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- _____. *A dobra*. Leibniz e o barroco. Campinas: Papyrus, 1991.
- _____. *Empirismo e subjetividade*. Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: 2001b.
- DELEUZE, Gilles e Félix Guattari. *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996. (Volumes 1, 2, 3 e 4)
- _____. *O anti-Édipo*. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

- DESCARTES, René. *As paixões da alma*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. *Discurso do método*. In: Col. Pensadores. São Paulo: Abril, 1983.
- DOLTO, Françoise. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ECO, Humberto. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- EDMONDS, Alexander. “No universo da beleza: notas de campo sobre a cirurgia plástica no Rio de Janeiro”. In: GOLDENBERG, Miriam. *Nu e Vestido*. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. São Paulo: Record, 2002.
- FADIMAN, James & FREGER, Robert. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 1979.
- FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- _____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- _____. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- _____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- _____. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996 (12^o edição em 2005).
- _____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Landy, 2005.
- FREUD, Sigmund. *O ego e o Id*. Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. “O mal – estar na civilização”. Col. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1978.
- FRIAS, Ivan. *Doença do corpo, doença da alma*. Medicina e Filosofia na Grécia Clássica. São Paulo: Loyola, 2004. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RIO, 2004.
- GARRAFA, Volnei. “Bioética e manipulação da vida”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

- GÉLIS, Jacques. “Le corps, l’Église et le sacré”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- GIL, José. “No pain, no gain. O corpo mutante do *bodypiercing*”. In: Cadernos de Subjetividade – Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Volume 05. Número 02. São Paulo: EDUC, 1997.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos Emblemas Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- GOLDENBERG, Míriam. *Nu e Vestido – Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. *De perto ninguém é normal*. Estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose – um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- _____. *O inconsciente maquínico*. Ensaio de esquizo-análise. Campinas: Papirus, 1988.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Sueli. *Micropolítica – Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Curso de Estética: o sistema das artes*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HUISMAN, Denis. *Dicionário de obras filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Dicionário dos Filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- IRIART, J.A.B. & ANDRADE, T.M. “Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisioculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil”. In: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro: Fiocruz, volume 18, número 05, Setembro / Outubro, 2002.
- JEUDY, Henry-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. São Paulo: Edusp, 1979.
- LACAN, Jacques. *Écrits I*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- LaMETRIE, Julien Ofroy de. *L'homme Machine*. Paris: Éditions Denoël/Gonthier, 1981.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LE BRETON, David. *La sociologie du corps*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- _____. *L' adieu au corps*. Paris: Metailié, 1999.
- _____. "O fim do corpo". Caderno Idéias – Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 17 de Março de 2001.
- _____. "Adeus ao corpo". In: NOVAES, Adauto (Org.) *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.
- _____. *Antropologie du corps et modernité*. Paris: PUF, 1990.
- _____. *La chair à vif. Usages médicaux et mondains du corps humain*. Paris: Metailié, 1993.
- _____. *Signes d'identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Metailié, 2002.
- _____. *Passions du risque*. Paris: Metailié, 1991.
- LECOURT, Dominique. *Dictionnaire de la pensée médicale*. Paris: PUF, 2004.
- LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. *Une histoire du corps au Moyen Âge*. Paris: Éditions Liana Levi, 2003.
- LÉVINE, Eva & TOUBOUL, Patricia. *Le corps*. Paris: Flamarion, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Cia da Letras, 1989.
- _____. "Beleza para todos". Entrevista concedida a Silvia Rogar. Revista Veja. Edição 1770. Ano 35, nº38. São Paulo: Editora Abril, 25 de Setembro de 2002.
- _____. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarola, 2004.
- _____. *Luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005
- LOBATO, Sheila. "O poder da beleza". Folha de São Paulo, 13 de Outubro de 2003.
- LUZ, Madel. *Novos saberes e práticas na saúde coletiva*. Estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo: Hucitec, 2003.

- _____. *Natural, Racional, Social*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- _____. “Uma introdução às contribuições da epistemologia contemporânea para a medicina”. Rio de Janeiro: Cadernos Saúde e Sociedade Coletiva, 2002.
- LUCRÉCIO. “*Da natureza*”. In: *O epicurismo*. Rio de Janeiro: Vozes. Sem data.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- _____. *Ciência e Saber: a trajetória de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- _____. *Deleuze e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da Tragédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Zaratustra, tragédia nietzscheana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- MAMMI, Lorenzo. O espírito na carne: o cristianismo e o corpo. In: NOVAES, Adauto (Org.) *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- MANDRESSI, Rafael. “Dissections et anatomie”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- MATTHEWS-GRIECO, Sara F. “Corps et sexualité dans l’Europe d’Ancien Regime”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- MAUSS, Marcel. *Les techniques du corps*. Paris: PUF, 1950.
- _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. “O olho e o espírito”. Col. “Os pensadores”. São Paulo: Abril, 1975
- MIELI, Paola. *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.
- MONDIM, Battista. *Introdução à Filosofia*. Problemas – Sistemas – Autores – Obras. São Paulo: Paulinas, 1980.
- MONTEIRO, A.C. Espelho espelho meu...: percepção corporal e caracterização nosográfica no Transtorno Dismórfico Corporal. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública em Agosto de 2003. Rio de Janeiro: ENSP, 2003.

- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gerard Lebrun. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1983.
- _____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NOVAES, Adauto. *A ciência no corpo*. In: NOVAES, Adauto (Org). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.
- OLIVEIRA, Luís Alberto. “Biontes, bióides e borgues”. In: NOVAES, Adauto (Org.) *O homem-máquina. A ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ONFRAY, Michel. *A arte de ter prazer. Por um materialismo hedonista*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *A razão gulosa: filosofia do gosto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.
- _____. *A escultura de si: a moral estética*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- _____. *O ventre dos filósofos: crítica da razão dietética*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação – Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Análise de discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.
- PELLEGRIN, Nicole. “Corps du commun, usages communs du corps”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- PITANGUY, Ivo. “Aspectos filosóficos e psicossociais da cirurgia plástica”. In: *Psicossomática Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PORTER, Roy. “História do corpo”. In: BURKE, Peter. *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2001.
- _____. *Das tripas coração. Uma breve história da medicina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- PORTER, Roy & VIGARELLO, Georges. “Corps, santé et maladies”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

- REALE, Giovanni. *Corpo, Alma e Saúde: O conceito de homem de Homero a Platão*. São Paulo: Paulus, 2002.
- RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na História*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- _____. *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.
- ROGER, J. “Lamarck et la biologie”, [1981], “Pour une histoire des sciences à part entière.” In: ANDRIEU, Bernard. *L’Homme Naturel*. La fin promise des sciences humaines. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1999.
- ROSSET, Clément. *O princípio de crueldade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- _____. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: LP&M, 1999.
- ROUDINESCO, Elizabeth, PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.
- RUSSEL, Bertrand. *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- SABINO, Cesar. “Anabolizantes: drogas de Apolo”. In: GOLDENBERG, Miriam. *Nu e Vestido*. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. São Paulo: Record, 2002.
- SANT’ANNA, Denise. *Corpos de passagem*. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____. “Educação Física e História”. In: *Educação Física e Ciências Humanas*. Organizado por Yara Maria de Carvalho. São Paulo: Hucitec, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SCIACCA, Michele Federico. *História da Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1962. (3 vol.)
- SEARLE, John R. *Mente, linguagem e sociedade: filosofia do mundo real*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SEBASTIÃO, Jurandir. *Responsabilidade Médica, Civil, Criminal e Ética*. Comentários, referências ao direito positivo aplicável, à doutrina e à jurisprudência. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.
- SEGAL, Hanna. *Introducción a la obra de Melanie Klein*. Buenos Aires: Paidós, 1996.
- SHILDER, Paul. *A imagem do corpo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico*. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- SILVA, Ana Márcia. *Corpo, Ciência e Mercado*. Reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.
- SUDO, Nara. “Diga-me quanto pesas e te direi quanto vales. Um estudo sobre representações do gordo em revistas contemporâneas”. Dissertação apresentada no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- TALON-HUGON, Carole. *L'esthétique*. Paris: PUF, 2004.
- ULPIANO, Cláudio. O pensamento de Deleuze ou A grande aventura do espírito. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 1998.
- VIGARELLO, Georges. *Histoire de la beauté – Le corps et l'art d'embellir de la Renaissance à nos jours*. Paris: Éditions du Seuil, 2004.
- _____. “Le corps du roi”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- _____. “S'exercer, jouer”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- _____. “Higiène du corps et travail des apparences”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- VIGARELLO, Georges & HOLT, Richard. Le corps travaillé. Gymnastes et sportifs au XIXe siècle. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *Histoire du Corps*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- VILAÇA, Nízia & GÓES, Fred. *Que corpo é esse? Novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- _____. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- WEBER, Max. “A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais”. In: COHN, Gabriel (Org). *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1989.
- WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

WINOGRAD, Monah. “Natureza e expressão: o problema do corpo em Freud”. In: Cadernos de Subjetividade – Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Volume 05. Número 02. São Paulo: EDUC, 1997.

WINNICOTT, D.W. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Ciências Médicas, 1994.